



## **Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**

Filiada à Associação Psicanalítica Internacional desde 1963 e  
à Associação Brasileira de Psicanálise

### **Presidente**

Paulo Fonseca

### **Secretário**

Gerson Isac Berlim

### **Secretário Científico**

Antônio Carlos J. Pires

### **Tesoureiro**

Raul Hartke

### **Conselheiros**

Carlos Gari Faria  
Isaac Pechansky

### **Diretor do Instituto**

Luiz Carlos Mabilde

### **Secretário do Instituto**

Ruggero Levy



ISSN 1413-4438

# Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802-A

90010-210 - Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 224-3340

Volume VIII - Nº 1 - Abril - 2001

## Editor

José Carlos Calich

## Co-Editora

Jussara S. Dal Zot

## Conselho Consultivo

Carlos Gari Faria - SPPA • Carmen Médici de Steiner - APU • Elias Mallet da Rocha Barros - SBPSP • Elizabeth T. de Bianchedi - APdeBA • Joel Nogueira - SPPA • Jorge L. Ahumada - APdeBA • Juan Francisco Jordán Moore - APCh • Julio Moreno - APdeBA • Leopold Nosek - SBPSP • Maria Olympia de A. F. França - SBPSP • Mauro Gus - SPPA • Ney Couto Marinho - SBPRJ • Norberto C. Marucco - APA • Paulo Fonseca - SPPA • Plínio Montagna - SBPSP • Raquel Zak de Goldstein - APA • Ricardo Bernardi - APU • Virgínia Ungar - APdeBA

## Conselho Editorial

Alfrio Torres Dantas Junior - SPR • Arnaldo Chuster - SPRJ • Bruno Salésio da Silva Francisco - SPPel • Carlos Edson Duarte - SPRJ • Cláudio Laks Eizirik - SPPA • David Epelbaum Zimerman - SPPA • Flávio Rotta Corrêa - SPPA • Germano Vollmer Filho - SPPA • Isaac Pechansky - SPPA • Juarez Guedes Cruz - SPPA • Luiz Carlos Mabilde - SPPA • Marlene Silveira Araújo - SPPA • Nilde J. Parada Franch - SBPSP • Paulo Fernando B. Soares - SPPA • Raul Hartke - SPPA • Roaldo Naumann Machado - SPPA • Roberto Gomes - SPPA • Roosevelt Moises S. Cassorla - SBPSP • Ruggero Levy - SPPA

## Comissão de Redação

Anette Blaya Luz • Carmem Emília Keidann • César Luís de Souza Brito • Luisa Maria R. Amaral • Magali Fischer • Patrícia Fabrício Lago • Paulo Henrique Favalli • Paulo Oscar Teitelbaum • Viviane S. Mondrzak

## Secretária Executiva

Irma Angela Manassero

## Revisão

Clotilde Favalli

## Capa

Quanta Design

## Composição

Luiz Cezar F. de Lima

## Impressão

Gráfica Editora Pallotti



**Figura da capa:** Trabalho gráfico da Quanta Design e Produções, utilizando escultura de Waldomiro Motta: Cabeça estilizada, em mármore, ano 2000, da série exposta na Galeria Arte & Fato. O escultor é natural de Caçapava do Sul e há mais de 20 anos trabalha em pedra, ferro e madeira. Coleção particular. Autorizada utilização da imagem pelo autor e proprietário da obra.

R 454

Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre /  
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. VIII, nº 1 (abr., 2001)  
– Porto Alegre: SPPA, 2001, –

Quadrimestral

ISSN 1413-4438

1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

CDU: 159.964.2 (05)  
616.89.072.87 (05)

CDU: 616.891.7

Bibliotecária Responsável: Mônica Nodari Borges  
CRB/10 - 900





Vol. VIII - Nº 1 - Abril/2001 – HOMENAGEM A PAULO MARTINS MACHADO

## **S U M Á R I O**

### **HOMENAGEM A PAULO MARTINS MACHADO**

Minhas lembranças sobre Paulo Martins Machado  
**Luiz Carlos Mabilde / 5**

### **EDITORIAL**

**José Carlos Calich / 11**

### **PALAVRA DO PRESIDENTE**

**Paulo Fonseca / 13**

### **ARTIGOS**

Reparação: para além do instinto de morte

**Paulo Martins Machado / 17**

*Do Rei Édipo a Antígone: a evolução dos valores humanos*

**Paulo Martins Machado / 37**

Alguns comentários sobre a teoria e a técnica da psicanálise a partir da vida e obra de Miguel de Cervantes

**Juarez Guedes Cruz, Alda Dorneles de Oliveira, Tula Bisol Brum, Nina Rosa**

**Furtado, Luisa Maria Rizzo Amaral, Rosane Schermann Poziomczyk / 49**

Que inconsciente?

(Versão revisada)

**Antonio Imbasciati / 65**

### **SEÇÃO ESPECIAL: BION COMENTADO – PARTE 3**

Um seminário realizado em Paris, em 10 de julho de 1978

**Wilfred R. Bion / 91**

Comentários sobre a conferência de Bion em Paris

**Arnaldo Chuster / 103**

### **MATERIAL CLÍNICO**

Questões de identidade na psicoterapia de um adolescente adotivo de origem racial mista

**Margaret Rustin / 109**

Comentário sobre o material clínico de Margaret Rustin

**Marlene Silveira Araujo / 127**

### **CINEMA E PSICANÁLISE**

Deus e o Diabo na terra dos astros: a psicanálise e os psicanalistas no cinema americano

**Paulo Fonseca / 135**

### **ENTREVISTA**

**Rómulo Lander / 161**



Atenção montador  
a página 4 é branca

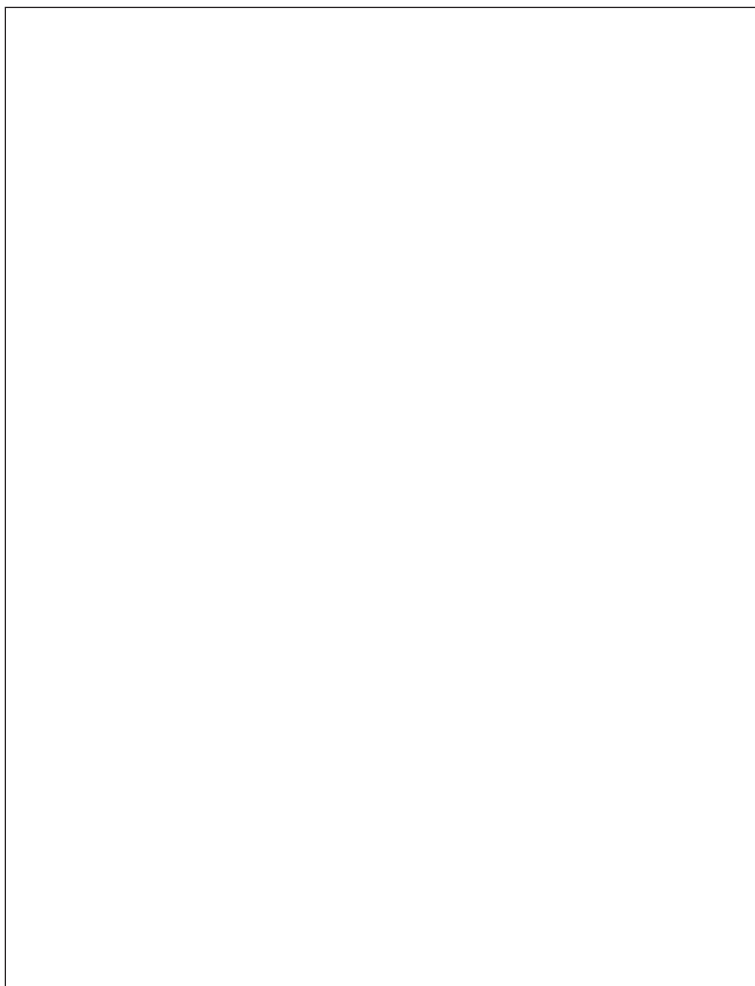




# Homenagem a Paulo Martins Machado

---





Paulo Martins Machado: 29/10/1930 – 24/01/2001





## Minhas lembranças sobre Paulo Martins Machado\*

Todas as minhas lembranças sobre o Paulo são tão vívidas que não parecem ter iniciado há tanto tempo atrás. Dez, quinze, vinte anos, elas começam e não param mais. Na verdade, elas são como a própria vida e como o próprio Paulo era: dinâmico, denso e entusiasmado. Daí me acompanharem com essa intensidade.

Nossa empatia, eu diria, foi instantânea e causada pelo fato que tínhamos marcantes coisas em comum e em nossas preferências sobre o que, em realidade, é importante nesta vida, isto é: tudo. Já nossa amizade nasceu e cresceu por mais dois fatos que se somam ao primeiro. Por um lado, apesar de nossa diferença de idade, quiseram as circunstâncias institucionais, da nossa querida Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), colocar-nos frente a frente, em decisivos momentos de nossas respectivas carreiras como psicanalistas, com incrível regularidade. Por outro lado, o andar dos anos só fez aumentar a admiração, o respeito e o afeto recíprocos.

Lá por 1977, eu já o conhecia de nome, pois o Paulo era um psiquiatra afamado e com várias inserções no meio, tais como sócio fundador do Centro de Estudos Luis Guedes, ativo participante da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, entre outras. Também já o conhecia, desde então, por suas participações nas reuniões científicas da SPPA, às quintas-feiras. E, em 1980, eis que surge o Paulo, em minha sala de seminários, no quarto ano da minha formação, para, junto com o Germano Vollmer Filho, que era o professor titular, ministrar a cadeira Psicologia do Ego, em sua debutante condição de Instrutor de Ensino. A disciplina era e segue sendo difícil de ser aprendida e, em especial, de ser ensinada, mas os dois conseguiram o impossível: nos ensinaram. O Paulo impressionou-me vivamente por sua seriedade, descrição, postura, dedicação, vivacidade e por uma inteligência de fato arguta, desafiadora e destemida. A minha sensação – a qual persistiu em inquietante e prazerosa observação por todos esses anos – era que pensar para ele era algo de natureza heróica, épica, quase dilacerante e que, por causa disso, não podia ser em vão, ainda que absolutamente necessário. Mostrou-me isso em inúmeras ocasiões, sendo uma delas através do seu trabalho sobre reparações, de 1985, com o qual obteve o título de membro efetivo da nossa Sociedade e sobre o qual, em mais de uma oportunidade, eu referi considerar o melhor trabalho da categoria.

\* Este texto, originalmente escrito para a *Revista de Psicanálise da SPPA*, foi cedido pelo autor para publicação no *Jornal do Centro de Estudos Luis Guedes*, instituição da qual o Dr. Paulo Martins Machado foi sócio fundador.







Luiz Carlos Mabilde

O Paulo era também para nós um padrão ético e normativo. Uma prova constante disso era o fato de que, ante qualquer dúvida estatutária ou do regulamento, os nossos olhos se voltavam para ele com a mesma rapidez com que ele nos respondia. Foi também o primeiro coordenador do nosso Comitê de Ética e quem produziu o seu primeiro documento, o qual será a base para, junto com o Código Mínimo da IPA, erigir o nosso código definitivo. Outro fato de idêntica natureza, de 1987, é um dos aspectos que tem a ver com outra história que nos envolve, nos defronta e, eu diria, determina nossa nascente amizade. Por eu ter sido o primeiro candidato da assim chamada “nova” geração a apresentar o trabalho para a obtenção dos títulos de psicanalista e de membro associado da SPPA e o Paulo o último da “velha” geração que os obteve, coube a ele fazer o comentário crítico e introdutório, em assembléia geral da Sociedade, à apreciação do meu trabalho. O Paulo não só o fez como o fez ao seu estilo, isto é, “era para não sobrar pedra sobre pedra”. Porém, antes desse dia, insistiu com os colegas em me dar uma cópia das suas críticas, no que foi impedido sob a alegação de que tal procedimento estava fora das regras. Conclusão, apesar de não conhecer o teor da suas inteligentes, profundas e detalhadas observações, respondi-as, “com tanta coragem e consistência”(sic), que conquistei a sua admiração. Dias depois, disse-me ele: – “É, na verdade, começaste a tua réplica com cinco pedras na mão” ... “Sim,” complementei eu, “com as mesmas que tu me jogaste.” Rimos muito e, desde então, nos tornamos amigos.

O que eu mais gostava no Paulo era a sua coragem, a qual sempre me pareceu própria de quem tinha o seu talento e a sua retidão. Escrevia muito bem e, é claro, também era conhecido por mim o seu notável talento musical. Pude constatá-lo mais de perto, em sua própria casa, em 1988, onde, junto com a Amanda, sua esposa, e filhos, na condição de Presidente da Sociedade, ofereceu uma recepção a uma nossa convidada, a Janine C. Smirgel. Lá estavam o Roberto Pinto Ribeiro, o Isaac Pechansky (seus diletos amigos), entre muitos outros, e a noite transcorria muito agradável. De repente, o Paulo me chamou para junto do piano e começou a tocar e a cantar um tango com tamanha naturalidade e habilidade que encantou a todos e tornou a noite ainda mais luminosa. Não sei se por modéstia ou timidez, terminada a canção, tratou de encerrar a sua exibição, tal como se dissesse para os meus curiosos olhos: – “Vê, é assim, tocar (e cantar) é como analisar, basta sentir e pôr em marcha o que se tem de fazer; ah!, e tem hora para terminar” ... Assim era ele, decidido, e até quando ficava brabo era, além de decidido, valente e decente. Aliás, em 1989, foi o Presidente que determinou o acesso dos psicólogos à formação analítica na SPPA.

O ano de 1990 trouxe outro fato que estreitou a nossa relação: ele foi eleito Diretor do Instituto e me convidou para ser o Secretário do mesmo. Foram dois anos de muita troca, aprendizado e de confiança recíprocas. Eu gostava da sua atitude ao





dirigir as reuniões da Comissão de Ensino, refletida no senso de responsabilidade que demonstrava e pelo formal respeito dedicado a cada colega e a cada opinião. Mais tarde, quando eu mesmo fui o Presidente e, principalmente, o Diretor do Instituto, além de outros exemplos, como o do Romualdo Romanowsky, lembrava-me sempre da postura do Paulo como uma espécie de guia central para executar aquela difícil função.

Nos últimos anos de sua vida, ele estava com uma motivação e uma participação renovadas dentro da Sociedade. Foi Conselheiro da Diretoria, no sentido amplo da palavra, isto é, tanto no específico posto, na gestão do Carlos Gari Faria, quanto fora dele, pois era sempre procurado por todos nós, que ocupávamos cargos na estrutura, para ouvirmos as suas opiniões. Interessava-se cada vez mais pelo ensino e pelos problemas da educação psicanalítica, razões pelas quais, uma vez mais, a vida na SPPA nos colocou frente a frente, lado a lado, seja na Subcomissão de Docência do Instituto, seja em conversas privadas muito úteis, construtivas e com o inequívoco sabor que a sua inteligência me proporcionava ao discutirmos os variados pontos sobre assunto tão complexo. Vinha dirigindo com muito entusiasmo um seminário optativo sobre a obra de Donald Meltzer, para o qual tinha novas e interessantes idéias, assim como colaborou diretamente comigo e com o Instituto na elaboração conjunta dos seus respectivos relatórios oficiais, para os dois últimos importantes eventos internacionais envolvendo o nosso Instituto. Para um deles, brindou-nos ainda com a idéia para o seu título, o qual, notem, tem a sua digna e inspirada marca estilística: “Prometeu e o destino do didata”.

Amando a Amanda, a sua família, os seus amigos, a música e a psicanálise, o Paulo dedicou-se a sua vida e foi por ela retribuído, motivos pelos quais gostava de viver e nós gostávamos de vê-lo em atividade. Como disseram o Paulo Fonseca, o nosso Presidente, ao conduzirmos o Paulo para o seu descanso final, e o Cláudio Eizirik, na primeira reunião da Comissão de Ensino sem o Paulo, nós todos vamos sentir a sua falta, pois a sua presença era sempre uma referência para todos nós.

Era isso, meu querido Paulo Martins Machado, finalizo com o teu nome completo, pois era assim que tu gostavas, nós não estamos tão tristes, só estamos com saudades, com muitas saudades...

Muito obrigado pelo tango, pelo Prometeu, por tudo o que era teu e que tu nos deste, por tanto tempo, com absoluta capacidade e sinceridade.

Muito obrigado pelo teu constante estímulo e pelo teu abraço, eles ficarão para sempre em meu coração.

**Luiz Carlos Mabilde**

Março/2001





Atenção montador  
a página **10** é branca





# Editorial

A idéia de homenagearmos Paulo Martins Machado foi muito anterior a qualquer conhecimento sobre a doença que lamentavelmente levou a seu falecimento. Tínhamos a intenção de homenageá-lo como um dos didatas mais antigos de nossa Sociedade, professor de todos que compomos a Comissão de Redação da *Revista*, exemplo de seriedade, integridade pessoal e profissional. Pedimos ao Paulo que escrevesse uma “atualização” de seu trabalho para membro efetivo da Sociedade – um tema que lhe era caro, a Reparação – e propusemos que essas “novas idéias” fossem comentadas por dois colegas de outras Sociedades, com vistas a enriquecê-lo com o debate. Paulo prontamente acolheu a idéia e disse-nos que, de fato, tinha muitas “novas idéias” que gostaria de divulgar. Entregou-nos rapidamente a primeira versão de seu artigo, como quem de fato já viesse trabalhando sobre o que escrevera.

Chegamos a enviar o material para os colegas que fariam os comentários. Mas, nas longas idas e vindas que um material percorre antes de ser publicado, fomos literalmente surpreendidos pela notícia da sua morte. Decidimos, então, modificar nossa idéia inicial, não publicar os comentários e dedicarmos este número ao Paulo. Todavia novamente fomos surpreendidos, desta vez favoravelmente, com a notícia de que ele havia nos enviado um outro trabalho: “Do Rei Édipo a Antígone: a evolução dos valores humanos”, escrito logo depois que soubera de sua doença. Portanto, estamos publicando os dois textos em sua primeira versão, ou seja, ambos não revisados na forma definitiva pelo Paulo. Algumas idéias apresentam-se inconclusas e outras, talvez, precisassem de uma formulação melhor. Não houve tempo para isso.

Paulo Machado foi um dos criadores desta *Revista*. Foi o idealizador e Editor dos “Arquivos da SPPA”, que precederam esta publicação, e desde seu início fez parte do Conselho Consultivo. Sempre muito ativo dentro de nossa Sociedade, nela desempenhou todas as funções técnicas e administrativas. Algo de sua participação e de sua pessoa estão expressos por Luiz Carlos Mabilde em “Lembranças sobre Paulo Martins Machado”, que precedem este Editorial, e por Paulo Fonseca na “Palavra do Presidente”. Este número-homenagem representa, pois, nossa tentativa de elaboração de uma perda dolorosa para todos, do professor, do colega, do amigo, do modelo que representava.

Mas outros textos, ainda, compõem este número. Assim, temos um excelente artigo de um dos grupos de estudo em andamento na SPPA coordenado pelo colega Juarez Guedes Cruz, intitulado “Alguns comentários sobre a teoria e a técnica da psicanálise a partir da vida e da obra de Miguel de Cervantes”, que trata, de forma





José Carlos Calich

absorvente, da relação entre a escuta psicanalítica, a narrativa e a literatura, a criatividade e o pensamento onírico.

O trabalho “Que inconsciente?”, de Antonio Imbasciati, comparece republicado em uma nova versão, uma vez que a anterior (vol. VII, nº. 1, abril de 2000) teve problemas na revisão da tradução. A presente versão contou com o auxílio de uma tradução feita pela colega Sônia Langlands, do Rio de Janeiro, a quem agradecemos a gentileza e disponibilidade. As duas versões foram integradas e novamente revisadas pelo colega Ruggero Levy.

A parte 3 da Seção “Bion Comentado”, traz, desta feita, uma conferência inédita em português e, em inglês, divulgada na *Internet*, no *site* da Sociedade Britânica, ainda não publicada em livros ou revistas. Essa conferência, Wilfred Bion a proferiu como parte de um seminário realizado em Paris no dia 10 de julho de 1978, tendo sido indicada pelo colega Arnaldo Chuster, de nossa Comissão Editorial, para que a publicássemos. É ele quem escreve, nessa seção, os comentários sobre a conferência. A Sra. Francesca Bion, gentilmente autorizou-nos e estimulou a publicação. Nossos agradecimentos a ambos.

O material clínico enviado por Margaret Rustin, de Londres, é rico e detalhado, permitindo a discussão de temas polêmicos como identidade, adoção e integração racial, além das questões técnicas do atendimento psicanalítico desses pacientes. Essas questões são abordadas com propriedade pela colega Marlene S. Araújo em um instigante comentário que se segue à apresentação do caso.

Na Seção “Cinema e Psicanálise”, Paulo Fonseca nos apresenta um aprofundado e culto ensaio sobre psicanálise e psicanalistas no cinema americano.

Finalizamos com uma entrevista agradável, interessante e incitante, daquele que é um dos poucos membros da IPA, na América do Sul, com uma sólida formação lacaniana e que consegue com facilidade didática e profundidade comparar aspectos dessa teoria com as de outros autores psicanalíticos mais conhecidos em nossas formações.

Nossos agradecimentos ao colega Paulo Oscar Teitelbaum pela colaboração nos ensaios fotográficos que antecederam a confecção da capa deste volume.

Boa leitura a todos.

**José Carlos Calich**  
Editor





# Palavra do Presidente

Nossa Sociedade segue viva e forte, com atividades múltiplas e projetos importantes e cada um por si seria adequado para estas minhas palavras, frente aos acontecimentos que marcaram os primeiros meses do ano.

Mas escolho aqui uma outra vertente, que inicia falando de perdas mas que nelas não irá ficar. E passo a referir-me ao período atual, em que a psicanálise e as sociedades psicanalíticas se constituem em alvo de ataques, tanto externos, como o que propõem de forma simplista uma titulação psicanalítica banalizada, mediante projetos políticos que reconheçam cursos de inexistente qualificação, quanto internos que, quando ocorrem, são mais dolorosos por serem mais próximos.

Ambos representam perdas, mas longe estão de serem comparáveis às que resultam do falecimento de um colega querido como o Paulo Martins Machado, um dos mais conceituados didatas de nossa Casa e a quem o presente número da *Revista* homenageia. Forçoso é reconhecer que tal perda faz parte do ciclo da vida e entender que ele, como um colega tão representativo, passou a integrar um outro patamar da Sociedade, incorporando-se ao seu acervo mais valioso. Mais do que isso, passou a compor a sua essência, ampliando o núcleo irradiador dos modelos construtivos que utilizamos como balizamentos referenciais.

O curioso e irônico é que tais perdas são lamentadas para sempre, enquanto as outras podem até vir a se configurar em ganhos, na medida em que se constituam em estímulos para uma congregação e privilegiem a defesa de princípios comuns maiores. Tais momentos, quando ocorrem, são gratificantes exatamente por lembrarem que não estamos sós e, ao contrário, bem acompanhados e que, portanto, vale a pena! Pois tais manifestações significam uma reafirmação daqueles princípios que norteiam as trajetórias individuais e as do grupo e permitem a confluência dos nomes e fatos e lembranças e propósitos que exemplificam historicamente o nosso ofício e caracterizam, o mais das vezes, nosso convívio.

Nesse ponto bifurcam-se as possibilidades para a seqüência destas minhas palavras. De um lado, seguir sublinhando os valores fundamentais que justificam e têm justificado o nosso encontro. Nesses termos, então, seguir falando do reconhecimento aos exemplos dos que nos antecederam e que, como luzes nítidas, têm apontado para rumos e posicionamentos também nítidos, raramente os mais amenos. E que têm ensinado para sermos compassivos, compreensivos e serenos, mas também firmes no que diz respeito à defesa de princípios que consideramos basilares. E como Presidente, então falar da confiança nos rumos do futuro e nas medidas pensadas,





Paulo Fonseca

---

integradas e integradoras que são e seguirão sendo tomadas como posicionamentos partilhados e conseqüentes com determinação.

A outra possibilidade, complementar, é a de dizer que, em horas como essas, nos sentimos todos próximos desse mundo de bons objetos e de bons afetos que povoam o acervo histórico, técnico e ético de nossa Sociedade, a que me referi há pouco. E reiterar que indubitavelmente dele agora faz parte o Paulo Martins Machado, por direito adquirido, construído e mantido ao longo de toda a sua trajetória pessoal e profissional de tão fecundo convívio societário.

Mas nessa segunda possibilidade, confesso que, independente das verdades que ela afirma e das quais não recuo, ao assim formular minhas palavras, estou de certa forma também buscando atenuar essa dor incômoda e sofrida pela falta do amigo que se foi, embora sabendo que ele conosco segue presente, por toda a vida.

**Paulo Fonseca**  
Presidente





# Artigos

---







Atenção montador  
a página **16** é branca





# Reparação: para além do instinto de morte

Paulo Martins Machado\*, Porto Alegre

*O ato de matar é tão antigo quanto a existência da vida. Considerou-se, para muitos pesquisadores, o ato de matar para viver uma lei natural e portanto eminentemente moral, quando se mantém nos limites da natureza. Torna-se antinatural quando matador e vítima pertencem à mesma espécie.*

*O tema do conceito kleiniano de “reparação” obriga a uma reflexão sobre a agressão inata no ser humano e, conseqüentemente, sobre a teoria dos dois instintos de Freud, formulada em 1920 no seu Além do Princípio do Prazer. Ambos os pontos de vista que servem de base para a especulação de Freud – a teoria econômica, tal qual ele formulou, e o instinto de autodestruição – foram quase unanimemente rejeitados.*

*Somente M. Klein e sua escola aceitaram o instinto de morte, assim mesmo com certa reserva.*

*O tema da reparação foi tratado num trabalho por mim escrito em 1985 e diz respeito à reparação dos objetos e suas decorrências. Saliento nesse trabalho a postulação de existirem duas formas de reparação: a fantasia reparatória e a reparação propriamente dita ou verdadeira.*

*O estabelecimento do superego foi um acontecimento transcendental na raça humana. Ele estabeleceu a existência do sentimento de culpa. A reparação é um corolário obrigatório do sentimento de culpa. A reparação é acionada pela culpabilidade.*

*A reparação não necessita da hipótese do instinto de morte para viger. Pelo contrário. Parece incongruente com ele. Epistemologicamente, a reparação necessita apenas do conceito de agressividade inata.*

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, falecido em 24/01/2001.



Paulo Martins Machado

*Saliento no trabalho de Freud de 1920 o que considero contribuições “ao lado” do tema principal, dentre elas o carácter reconstrutivo da repetição traumática.*

*Critico, como inaceitáveis, as duas idéias que sustentam o conceito de instinto de morte, quais sejam, a auto-eliminação com fim último da vida, bem como o argumento de que o suicida comprova a tese da existência de um anseio instintivo de se autodestruir.*

*Depois de comentar os exageros da teoria do narcisismo secundário como responsável pelo culto do objeto em detrimento do self, postulo que a reparação é o próprio instinto de vida, no seu aspecto evolutivo. A morte não é a antítese da vida; ela é uma conseqüência do ciclo vital. Portanto, a morte não é sinônimo de querer morrer.*

*A reparação dos objetos internos é pré-condição imperativa para a construção e manutenção do self, esta a finalidade da vida.*

*O impulso a assassinar o objeto foi confundido com a auto-eliminação, dada a fusão self-objeto nesse tempo recuado. Talvez seja graças ao estabelecimento da posição depressiva e a sua solução, via reparação, que o estrago feito no sujeito pela mortificação seja controlável até certo ponto.*

*A vida pode ser um experimento do espírito curioso  
– não uma obrigação, nem uma fatalidade, nem um  
engano! (Nietzsche)*

Matar para viver é lei férrea, que domina o mundo dos seres vivos; é uma lei natural e portanto eminentemente moral, quando se mantém nos limites da natureza... Todos os indivíduos das espécies superiores matam os de espécie inferior para com eles se nutrirem e então o ato de matar é plenamente natural e moral; os animais vivem de plantas... os animais superiores vivem de animais inferiores, o homem vive de animais e plantas e, para viver melhor, ele mata. Mas o ato de matar torna-se antinatural, quando matador e vítima pertencem à mesma espécie, “*quando uccisore ed ucciso appartengono alla stessa specie*” (Ferri, 1925, p.8).

O “estado de necessidade” introduz uma variável inquietante nessa lei moral e natural. Ela diz que se pode matar, desde que seja para defender necessidades naturais. “*Caracteriza-se o estado de necessidade*”, observa Galdino Siqueira, “*pelo conflito de interesses lícitos, cada um dos quais somente pode ser conservado à cus-*





*ta do outro, situação que pode resultar de forças naturais ou de ato humano. Pressupõe, pois, a situação de perigo atual, que somente pode ser removida pela lesão de interesses lícitos de outrem*” (Machado, 1975, p.11-12). Aqui, toda a semelhança do estado de necessidade com a legítima defesa. No entanto, na legítima defesa – prossegue a citação – “*a diferença está no conflito entre interesses lícitos de um lado e ilícitos do outro*”.

Realmente, o que há de mais comum do que o faltoso (ou “criminoso”, se se quiser) dar um monte de explicações, de justificativas para o seu ato? Temos até a tese social para os crimes – tese sustentada nos dias de hoje. Há quem veja nas carências sociais, no estado de miserabilidade, uma motivação importante e justificada para a criminalidade. Aliás, não estamos inventando nada de novo. É a postulação de Victor Hugo na saga de Jean Valjean.

Uma reflexão sobre o conceito kleiniano de “reparação” obriga a tratar da agressão inata do ser humano e, conseqüentemente, da teoria de Freud dos dois instintos: o instinto de vida, Eros, e o instinto de morte.

Freud assentou o seu trabalho de 1920 em dois pilares básicos: o seu ponto de vista econômico e o que ele chamou de princípio do prazer. Não vou me estender na explanação desses tópicos por demais conhecidos. Basta dizer que o ponto de vista econômico afirma que o aparelho mental quer livrar-se de um excesso de tensão ou de um acréscimo de cargas. Tudo o que o aparelho mental aspira é a um certo limiar estável em que as energias não sejam excessivas.

O princípio do prazer, articulado com o ponto de vista econômico, afirma que o sujeito aspira a livrar-se do desprazer e buscar o prazer. Há uma correlação entre o nível de “tensão” do aparelho mental e a sensação de prazer. Sobre esse ponto Freud não pode se decidir: sua expectativa de que o prazer coincidisse com uma baixa tensão tornou-se, para ele, insustentável.

Demandaria um trabalho redundante e em nada enriquecedor revisar toda a enorme literatura psicanalítica de autores que fizeram importantes reparos ou rejeitaram de todo o ponto de vista econômico. Para só citar alguns nomes, estão entre eles Bernard Apfelbaum (1965), Willy Baranger (1968) e tantos outros. A assim chamada teoria “hidráulica” de Freud foi duramente criticada. Outros autores, como Donald Meltzer (1967), postulam a existência de uma economia baseada na oscilação entre as posições esquizo-paranóide → ← depressiva.

Da mesma forma, a especulação sobre a existência de um “instinto de morte” é quase unanimemente rejeitada. Somente Melanie Klein abrigou-a. Otto Fenichel, Heinz Hartmann, Donald Winnicott, Ronald Fairbairn, para citar apenas os expoentes de correntes importantes, rejeitaram-na.

Em nosso meio, Romualdo Romanovski(1981), centrando sua investigação





Paulo Martins Machado

nos fenômenos repetitivos, postula conclusões numa linha diferente da minha. Mas, além de pôr em dúvida a idéia freudiana de um instinto de morte para explicá-los, atribui ao ego a produção, ou pelo menos, a manutenção, do fenômeno repetitivo. Romanovski não deixa de salientar a busca da “integração” como um dos objetivos da repetição.

O conceito kleiniano de reparação diz com a reparação do objeto, especialmente do objeto primário, o peito. Irei resumir, neste trabalho, os dados que desenvolvi no meu trabalho sobre reparação, apresentado à SPPA (Machado, 1985). Pretendo, contudo, atualizar minhas opiniões sobre o tema, o que implicará numa crítica ao conceito de instinto de morte, de Freud. Penso que no próprio corpo das idéias de M. Klein existe um dado, originário de Karl Abraham, que vem ao encontro da minha argumentação a favor de um ponto de vista “evolutivo”, ou seja, que leva em conta a evolução ontogenética. Essa formulação de Abraham vincula a reparação à genitalidade. O ponto de vista evolutivo contradiz o instinto de morte. A morte é uma consequência evolutiva e não uma finalidade instintiva.

O tema da reparação foi tratado, no meu trabalho de 1985, sob dois aspectos: um que se refere às suas formas, outro que diz respeito às relações entre o fenômeno da reparação e a cura analítica<sup>1</sup>.

O problema das formas de reparação tem a ver com a questão dos níveis de funcionamento mental. A descoberta feita por Freud de que as fantasias podiam causar efeitos mentais tão significativos como se fossem acontecimentos reais, objetivamente falando, estabeleceu esses dois níveis: o da fantasia e o da realidade. Para a realidade psíquica, a fantasia – ou seja, o imaginário, não-real objetivamente falando – é o real. Contudo, a realidade objetiva pesa para o desenvolvimento do sujeito. Viver apenas no mundo da fantasia torna a vida impossível. A realidade objetiva – contraposta nesse sentido à fantasia – é decisiva para o desenvolvimento do sujeito, tanto quanto a fantasia. De fato, o desenvolvimento necessita de uma integração de ambas as formas ou expressões da vida mental.

As formas de reparação vão depender de estarem vinculadas a cada um desses níveis, fantástico e realístico ou, mais corretamente, predominantemente fantástico e predominantemente realístico.

1. No trabalho de 1985, “Reparação: Mecanismo e Formas, Estudo Psicanalítico”, abordei sucessivamente o conceito de reparação, reparação e função simbólica, reparação e os dois níveis de funcionamento mental, algumas modalidades de fantasias reparatórias, reparação e função defensiva, reparação verdadeira e seus efeitos e Reparação, *Insight* e sublimação. Para não estender demasiadamente o texto desse trabalho, fiz um resumo o mais condensado possível das principais idéias expostas, suprimindo muitos desses tópicos mencionados. Além disso, deixei de mencionar as referências bibliográficas para não confundir o leitor com as referências bibliográficas do atual trabalho. Também não foram mencionados os exemplos clínicos. O leitor interessado poderá sanar essas lacunas no trabalho de 1985.





A introdução dos conceitos de posições esquizo-paranóide e depressiva permitiu duas linhas de desenvolvimento teórico nesse sentido. Em primeiro lugar, estabeleceu conceitos que levaram a compreender melhor a organização mental. Por outro lado, firmou o conceito de reparação, estabelecendo-o como conexão entre o nível realístico e o mundo externo e interno, através do ego, o que permite o enriquecimento do sujeito.

Não é simples e linear a equivalência entre os níveis fantástico e realístico e as posições kleinianas. Se a posição esquizo-paranóide é francamente dominada pelo nível fantástico, a posição depressiva não é totalmente dominada pelo nível realístico. É necessário, aqui, distinguir-se *instalação da posição depressiva e superação (saída) da posição depressiva*. São dois momentos diferentes no que respeita aos efeitos produzidos pela reparação, porque o peso da realidade objetiva é diverso em cada um dos momentos. Isto se deve ao fato de que a instalação da posição depressiva se faz à custa de mecanismos esquizo-paranóides. Na instalação da posição depressiva, a reparação toma em consideração alguns elementos da realidade objetiva – interna e externa –, mas os manipula magicamente, onipotentemente. A superação da posição depressiva acompanha-se do predomínio crescente do nível realístico, quando então a realidade objetiva – interna e externa – é mais fortemente considerada e a reparação manipula os dados mais realisticamente.

“Posição”, em Melanie Klein, é um conceito estrutural, o que pressupõe relações de objeto, internas e externas, organizadas em função de uma modalidade de ansiedade. É a modalidade de ansiedade vigente o fator central na estruturação da posição.

Defini “estrutura”, seguindo alguns autores, como um centro psíquico de organização relativamente estável, com funções específicas. Contrastam-se, assim, com as macroestruturas, id, ego e superego.

O aparecimento da ansiedade depressiva constitui um acontecimento momentoso na vida mental. Pelas condições do seu aparecimento, ela obriga o sujeito à utilização de mecanismos arcaicos preexistentes, com a finalidade de dominar o novo perigo. Os dois níveis de funcionamento mental, portanto, – se se pudesse esquematizar –, são o das estruturas esquizo-paranóides e depressivas “primeiro momento” (nível fantástico) e o das estruturas depressivas “segundo momento” (nível realístico).

O conceito de “nível” ou “plano” é aqui utilizado segundo o sentido que lhe empresta Freud, quando procura caracterizar configurações psicológicas organizadas em “camadas”, numa estratificação da mente comparável aos estratos arqueológicos. Tem, pois, uma conotação francamente evolutiva. Significa que o nível das





Paulo Martins Machado

estruturas de tipo esquizo-paranóide é mais primitivo que o das estruturas de tipo depressivo. Além disso, há a tendência ascendente através da qual as estruturas esquizo-paranóides se transformam em estruturas de tipo depressivo. Nessa tendência, a reparação desempenha um papel central. Não significa isso, contudo, que essa transformação se dê em bloco. O mais comum é que ela seja gradual e que parte das estruturas do tipo esquizo-paranóide e/ou as de tipo depressivo “primeiro momento” não alcancem o nível das estruturas reparadas – tipo depressivo “segundo momento” – ou levem tempo para fazê-lo.

Esses dois níveis têm que ver com a questão da formação simbólica. Dependendo do nível, ela assume formas e funções diferentes, determinadas pelos efeitos diversos que o impulso à reparação gera em cada um dos dois níveis. São descritas na literatura mundial, como se verá adiante, as seguintes formas de reparação: verdadeira, maníaca, obsessiva e o propiciamento. A maníaca, a obsessiva e o propiciamento estão incluídas num grupo denominado por vezes de “falsa” reparação. Também se descreve uma reparação “fracassada”. O trabalho aqui apresentado pretende sustentar o ponto de vista de que todas essas formas de reparação constituem “fantasias de reparação”<sup>2</sup>, denominação que acentua a existência, em sua organização, de mecanismos mágicos, onipotentes, originários das estruturas esquizo-paranóides, para, desse modo, diferenciá-las da reparação propriamente dita ou verdadeira, em que os mecanismos postos em ação se originam em estruturas de tipo depressivo “segundo momento”. Não obstante a diferença existente entre as duas formas de reparação, procura-se demonstrar a continuidade genética entre ambas as formas, inserindo-se as fantasias de reparação na posição de precursoras da reparação verdadeira ou propriamente dita. É a intensidade do sentimento de culpa que vai decidir se uma fantasia reparatória evoluirá ou não. A culpabilidade avassaladora impede o *self* de utilizar seus recursos internos ou externos exitosamente para evoluir, mantendo o sujeito estagnado. A regressão ou fixação em níveis primitivos, portanto, é o seu corolário obrigatório.

A reparação verdadeira tem repercussões transcendentais na vida mental. Não se trata simplesmente de “voltar a amar”, ou ser grato a um objeto que foi violentamente odiado, muito embora a importância decisiva desses sentimentos. As repercussões da reparação verdadeira só podem ser apreendidas em toda a sua amplitude se forem correlacionadas com os dados da metapsicologia.

No resumo e conclusões desse trabalho, digo o seguinte: a história do conceito kleiniano de reparação parte de uma concepção pulsional para, integrando-se na noção das posições, enriquecer-se com uma dimensão estrutural.

2. Tanto no seu *Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos*, de 1935, quanto em seu *On Identification*, de 1955, M. Klein refere-se às “fantasias de reparação” (fantasias reparatórias).





A atividade mental está distribuída em dois níveis, o fantástico e o realístico. Na teoria das posições, esses dois níveis correspondem, o primeiro, à posição esquizo-paranóide mais a instalação da posição depressiva, enquanto o segundo, o realístico, corresponde à superação (“saída”) da posição depressiva. Esses dois níveis são estabelecidos pelo funcionamento das estruturas fantásticas e estruturas de tipo realístico, respectivamente. O fenômeno da reparação comparece nos dois níveis. Embora o mecanismo do seu surgimento seja o mesmo em ambos – ele é acionado pelo sentimento de culpa –, os efeitos são diferentes em cada um deles. No nível das estruturas fantásticas, o impulso à reparação produz fantasias de reparação, precursoras genéticas da reparação verdadeira, essa adstrita ao nível das estruturas de tipo depressivo (nível de superação da posição depressiva).

Essa distribuição do fenômeno da reparação permite caracterizar as formas maníaca e obsessiva de reparação e o propiciamento - as chamadas formas “falsas” de reparação – e a “fracassada”, como pertencentes ao nível fantástico. A este nível pertencem igualmente todas as práticas propiciatórias destinadas a proteger, onipotentemente, por esses meios, pessoas e coisas, bem como os rituais de morte e ressurreição.

Essas fantasias reparatórias não constituem “tentativas de reparação”. A denominação “tentativas de reparação” é inadequada porque, na realidade psíquica, uma fantasia de reparação pode ser tão completa e exitosa quanto uma reparação verdadeira. É possível distinguir-se, no material clínico, as “fantasias de tentativas de reparação” das “fantasias exitosas de reparação”. Nos sonhos, muitas vezes, essa diferença é expressa com muita clareza. A interpretação analítica deve atentar para essas nuances e detalhes.

Também denominá-las de “falsas” não traduz toda a verdade da realidade psíquica. Em contraposição, o termo “fracassado” é mais adequado, muito embora acarretando um eventual risco contratransferencial, que poderia conduzir a um sentimento negativo na apreciação desse tipo de material.

Conectada com as duas formas de reparação – fantástica e verdadeira – está a questão da formação simbólica. Dependendo do nível em que se forma o impulso reparatório, têm-se a equação simbólica ou os símbolos totalmente desenvolvidos. A formação simbólica no nível das estruturas fantásticas – gerando a equação simbólica – atesta o funcionamento, nesse nível, da ansiedade depressiva, bloqueada pela ansiedade persecutória.

Assim como as fantasias reparatórias são precursoras da reparação verdadeira, assim também a equação simbólica é precursora do símbolo totalmente desenvolvido, mostrando um *continuum* entre uma e outro na sua composição.

A reparação verdadeira, levando à reinstalação do objeto total bom no *self*, é







conceituada como o fundamento metapsicológico da cura analítica.

As estruturas reparadas, ou seja, as que se formam da superação da posição depressiva, têm uma tripla função: funcionam como um dique contra as eventuais estruturas esquizo-paranóides vigentes, inibindo-as ou contendo-as; contribuem para a transformação das estruturas esquizo-paranóides em estruturas reparadas, estabelecem um intercâmbio enriquecedor do *self* com o mundo externo. Constata-se clinicamente que a transformação das estruturas esquizo-paranóides em estruturas reparadas não se produz em bloco, mas gradual e um tanto “isoladamente”. Este fato compõe a figura de um *self* em mosaico. Como a reparação verdadeira, responsável pelo surgimento das estruturas reparadas, só existe em função dum *quantum* não excessivo de culpa, a tripla função das estruturas reparadas, acima mencionada, só pode virar na presença de um superego benigno.

É possível que a posição central que as estruturas reparadas ocupam em relação às modificações metapsicológicas aludidas deva-se ao fato de que a reinstalação do objeto total bom no *self* estabelece a continuidade genética com o primitivo “objeto bom” e que, através deste, contraia profundas relações com os níveis mais arcaicos da personalidade.

O fenômeno da reparação verdadeira, mercê da assimilação – uma verdadeira amálgama entre o objeto e o *self* – responde pela questão, levantada na literatura, relativa à reparação do *self*. Amalgamado com o *self*, o objeto total bom reparado proporciona a reparação do próprio *self*, conforme postulações implícitas em Melanie Klein.

A teoria da reparação não é uma teoria alternativa de cura<sup>3</sup>. Pelo contrário. Como teoria do ego, ela complementa a teoria da evolução instintiva. O giro estrutural que sofreu a teoria da reparação não repudia o pulsional; dá-lhe nova dimensão e força, ajudando a compreender melhor o complexo problema do desenvolvimento ontogênico. Eminentemente criativos, os impulsos genitais, quando integrados pelas estruturas reparadas, dão novo ímpeto aos fenômenos reparatórios<sup>4</sup>.

O fenômeno da reparação verdadeira não pode ser estimulado nem forçado intencionalmente pelo trabalho analítico. Ele resulta do alívio das ansiedades paranóide e depressiva, alívio que, nos casos afortunados, conduz às modificações metapsicológicas compreendidas na cura, brotando espontaneamente como decorrência do trabalho analítico. Como é a dissolução das dissociações do *self* e a dos objetos (ou sua atenuação) que fazem surgir a culpa e a reparação (quando aquela não for excessiva), *insight* e fenômeno da reparação têm conexões importantes.

3. A reparação dos vínculos self/objeto deve obrigatoriamente abordar as relações de objeto hipócritas, desleais e maledicentes.

4. O atual trabalho discute precipuamente esta questão.





As fantasias de reparação estão no material analítico e podem ser abordadas diretamente através da interpretação. É possível, em alguns casos, encontrar no material referente à reparação verdadeira as raízes esquizo-paranóides dela. Como precursoras da reparação verdadeira, o trabalho analítico sobre elas está plenamente justificado, pois de sua evolução depende, também, o futuro da reorganização mental propiciada pelo trabalho analítico.

A reparação tem que ver, portanto, estritamente com o conceito de ansiedade depressiva. Ela é um corolário obrigatório do sentimento de culpa. É a culpabilidade que aciona, de maneira irrecorrível, o impulso a reparar.

Linhas atrás, eu afirmei que a reparação verdadeira ou propriamente dita tem repercussões transcendentais na vida mental. Com toda a probabilidade, essa transcendência tem a ver com a articulação da reparação com o evoluir da vida, como se dirá adiante.

O conceito de reparação não necessita da hipótese do instinto de morte para vigor. Até pelo contrário. O conceito de reparação parece incongruente com o conceito de instinto de morte. Epistemologicamente, a reparação necessita apenas do conceito de agressividade inata.

Em toda a sua obra, Freud jamais afastou-se de sua teoria econômica, exposta no *Projeto*<sup>5</sup>. Apesar de ter chegado a conclusões francamente psicológicas, como no trabalho de 1926 (*Inibição, sintomas e ansiedade*), seu raciocínio científico permaneceu fiel aos princípios que formulara antes de 1900. Mas é precisamente pela sua adesão irrestrita às suas idéias teóricas que o pensamento de Freud é coerente. E quando aparentemente divergimos dele, o que, na realidade fazemos não é divergir, mas seguir os passos de seus achados geniais. Poder-se-ia elocubrar dizendo que os princípios científicos coerentes de Freud compõem uma metáfora, por isso podem ser desenvolvidos.

O trabalho de 1920 não foge a esta regra. Defendendo sua teoria econômica, ele nos dá muitas pistas – como que “ao lado” – que permitem outros desenvolvimentos.

Creio não ser necessário reproduzir o trabalho de 1920, tão conhecido e discutido ele foi e é. Apenas vou citar alguns pontos para servirem de base à minha argumentação.

Para a sua proposição, Freud partiu da neurose traumática e da constatação clínica da repetição mental do trauma, coisa que, segundo o princípio do prazer, não deveria acontecer. Se era um acontecimento sofrido, por que haveria o sujeito de

5. Denomina-se, na linguagem comum, de *Projeto* o trabalho póstumo que, em português, tem o nome de *Projeto para uma Psicologia Científica*.



repeti-lo e repeti-lo? Isso estava em desacordo com o princípio do prazer. O ego, por definição (o ego de antes de 1923), procura livrar-se do que é sofrido e conservar, para si e como seu, o que é prazeroso. Se os sonhos são realização de desejos, “*estaria mais em harmonia com a natureza destes, se mostrassem ao paciente quadros de seu passado sadio ou da cura pela qual esperam*” (p.24-5).

Volta-se, a seguir, para o jogo, o brincar da criança. E diz, a respeito do célebre jogo do carretel:

*“A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, renúncia à satisfação instintual) que efetuará ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance”* (p.27). Prossegue: *“A criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmoniza-se com o princípio do prazer?”* (p.27).

Todo o exame que Freud faz, a seguir, na linha do brincar infantil ou da representação teatral nas ps. 27 e 28, é inteiramente inconclusivo, mas nunca deixa de salientar o carácter “reconstrutivo”, poder-se-ia dizer, do brincar. Basta citar duas idéias a respeito: *“Talvez se possa responder que a partida dela tinha de ser encenada como preliminar necessária a seu alegre retorno, e que neste último residia o verdadeiro propósito do jogo”*. E adiante: *“No início, achava-se numa situação passiva, era dominada pela experiência; porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel ativo”* (textos da p.27). Tanto a idéia de um “alegre retorno” da mãe, quanto de a criança assumir um “papel ativo” compõem, a meu ver, uma reconstrução da situação traumática. É como querer começar de novo, zerando a situação. Como que a dizer: “ela saiu, vou fazê-la voltar”; “ela saiu, mas voltará por força do meu desejo”. Ativamente, a criança assume as rédeas da reconstrução da situação traumática, fazendo ela o que não pôde evitar que fosse feito (a saída da mãe). E repete e repete, na esperança obsessiva de que afinal reencontrará a mãe, fazendo-a voltar. No seu brincar, ela recria a situação traumática e procura dar-lhe uma solução mais feliz. (Não é outro o sentido geral da transferência: o analisando repete as situações catastróficas vividas, na esperança de que o analista possa ser um *holding* mais efetivo para suas projeções e com isso encaminhar uma solução para seus problemas).

Prosseguiu Freud em sua caminhada intelectual: se essa repetição se impunha, é porque ela sobrepujava o princípio do prazer. Então ela era mais “forte” do que o





princípio do prazer. Mais forte, para Freud, significa que vem “antes”, é mais antiga. As tendências que são mais impositivas do que o princípio do prazer são, pois, tendências “*mais primitivas do que ele e dele independentes*” (p.29).

Dois argumentos clínicos em favor da existência de um instinto de morte parecem-me insuficientes e em desacordo com a teoria freudiana. O primeiro, o de que o sujeito aspira, afinal, a destruir-se. Só não o faz graças à deflexão do instinto de morte para “fora”. Segundo, que o impulso suicida é a satisfação do desejo de auto-eliminação.

O argumento de Freud de que o instinto de morte visa a autodestruição está em contradição com sua própria afirmativa segundo a qual não há, no inconsciente, representação da própria morte. Se no inconsciente – ou, mais precisamente, no id – houvesse uma representação da própria morte como algo absoluto e irrecorrível, nada haveria de destoante no objetivo de liquidar-se a si próprio. A cura, ou o máximo de cura psicanalítica a que o sujeito poderia aspirar, era então dar-se conta – e ficar feliz com isso – de que ele afinal vai ao encontro do desejo mais secreto de todos: eliminar-se. O tratamento analítico, ao invés de ficar gratificado por aliar-se à luta pela vida do seu analisando, fazê-lo apto para a ananke portanto, ao contrário, deveria entristecer-se ao ver seu analisando vivendo, progredindo, afastando-se do fim último e inevitável: o desejo irrecorrível de eliminar-se.

Não é isso o que fazemos todos os dias. O que o nosso analisando procura é ajuda para viver. Mesmo sem ter em mente “a ânsia de curar ou salvar”, quando o aceitamos em análise, estamos tacitamente concordando com ele. Claro, não nos cabe dizer de que modo ele deverá viver – mas deverá.

Mas o argumento clínico mais notavelmente distorcido é o que afirma que o “impulso suicida” é o demonstrativo emblemático do desejo de auto-eliminação (cf. Rosenfeld, 1988). Já faz tempo – custa crer que se tenha de repetir algo cediço! – que a psicologia da melancolia foi taxativamente estabelecida: o ataque suicida não visa ao sujeito. O ataque mortífero visa ao objeto internalizado. Claro, quem tiver dificuldade em entender o que é um “objeto internalizado” jamais poderá compreender um suicida. Quem não puder conceber um mundo interno, povoado de objetos (pessoas ou partes delas que agora estão “dentro” da mente do sujeito), quem não puder entender que esses objetos internos são alvo de projeções por parte do sujeito – então nada se poderá fazer com tal psicologia.

O argumento de Freud, que o sujeito aspira à auto-eliminação, é schopenhaueriano. Ele é originário do pessimismo filosófico alemão.

O argumento de que o suicida expressa em sua pureza o desejo de auto-eliminação é, para mim, incompreensível, à luz do que expus linhas atrás.

Contudo, é necessário destacar, no mínimo, três méritos no trabalho de Freud.





Em primeiríssimo lugar, ter chamado a atenção para o problema da agressão. Se sua teoria do instinto de morte não a resolve epistemologicamente, ela encaminha um debate imperativo sobre o tema.

Em segundo lugar, mas não menos importante, mantém viva a questão fundamental, em psicanálise, de que o ser humano é movido por algo que vem de dentro dele e que lhe é essencial, esse “algo” que a psicanálise chama de impulso ou instinto e que constitui a “nossa mitologia”, como dizia Freud. A grandeza dessa concepção, originária no iluminismo, colocou no ser humano a origem da vida, tirando-a do domínio do sobrenatural ou místico, no qual o que determinava a vida mental era a “alma”, conceito metafísico e inexplicável por métodos naturais.

Em terceiro lugar, ao acentuar a primazia do “impulso”, está enfatizando, concomitantemente, a primazia do “sujeito”. O sujeito é o impulso. Nós somos as nossas vontades e querer. A nossa vontade, no sentido nietzscheniano, nos define como pessoa. Lamentavelmente, em *O Ego e o Id*, esse carácter imperativo do impulso, definindo o próprio sujeito, caracterizando-o, perdeu-se. A nossa vontade passou a ser não mais do “Eu”, mas do “Isso”.

A teoria pulsional, devorada pela teoria das relações de objeto, obscureceu a importância do Eu, ou seja, do sujeito.

A acolhida enfática de Melanie Klein à idéia de um instinto de morte não foi ainda plenamente debatida. Talvez seus defensores não se atrevam a criticar algo sacramentado na teoria. Temem, quem sabe, derrubar todo o edifício kleiniano, de tanta e indiscutível utilidade prática. É o que sugere Paula Heimann (1962) dizendo que “*ao rechaçar o postulado de uma fonte última do instinto destrutivo (ou da agressividade inata), ficaria empobrecida a base inteira de nossos conceitos teóricos e todo o marco referencial para o trabalho psicológico*” (p.290, tradução minha).

A origem provável dessa acolhida enfática pode estar relacionada com a “quase supressão” do narcisismo primário dentro da teoria kleiniana. De fato, exaltando o objeto – que gerou o fecundo aprofundamento da teoria do narcisismo secundário, via introjeções e identificações –, “o sujeito”, em seu pleno direito, praticamente, deixou de existir. O ego primitivo de Melanie Klein confunde-se com o ego inconsciente de Freud (Klein, 1957). Isso poderia dar margem a pensar-se que nada mais resta ao *self* do que simplesmente cindir-se, pondo fora de si o que era mau para si mesmo, e tudo o mais dependerá das identificações, do objeto bom introjetado.

A Melanie Klein não escaparam essas questões, como bem se pode prever. Uma observadora sagaz como ela não deixaria passar o risco da escravização do *self* pelos objetos “bons” nele enquistados (vide *Notes on Some Schizoids Mechanisms*). Um “bom objeto” que obriga o ego a obedecê-lo, renunciando à sua própria natureza, torna-se um temível e destrutivo inimigo.





Outro problema que deixa uma série de interrogações diz com a questão da assimilação dos objetos no *self*, sobre a qual Paula Heimann (1942) chamou a atenção e que Donald Meltzer retoma no seu *Processo Analítico*. Essa assimilação descaracteriza o *self*? Ela é um acréscimo ao *self*? Ela é um instrumento de facilitação das manifestações do *self*? Baranger chama a atenção para o fato de que Freud nunca foi um entusiasta da “introjeção”. Diz Baranger que o trabalho *Luto e Melancolia* abriu um caminho que Freud não explorou com profundidade (Baranger, 1980).

O ego, para adiante do ego primitivo de M. Klein, corre o risco de ser considerado um aglomerado de objetos. Talvez pelo pouco apreço dispensado ao trabalho de Paula Heimann citado, não bem aproveitado em toda a sua dimensão metapsicológica<sup>6</sup>.

A posição depressiva, ao invés de ser um obstáculo ao desenvolvimento, obstáculo que deve ser superado, ao invés de ser a fonte de patologias graves, como a psicose maníaco-depressiva (vide M. Klein, *Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados maníaco-depressivos*), passou, em certos textos, a ser cultivada, adorada como um novo Deus. E nessa adoração, o “sujeito” desaparece, submerge, é mero figurante, onde brilha o sol do “objeto” – coisa que Freud deixa explicitado como patologia no seu trabalho sobre o ideal do ego.

Tal distorção clínico-teórica confundiu o objeto com o *self*, impedindo de ver-se claramente onde os limites de um e de outro. Assim, os ataques ao objeto internalizado e fundido ao *self* passam a ser considerados ataques ao próprio sujeito.

A dominância do objeto sobre o sujeito fez com que a teoria da reparação se centrasse sobre o objeto, muito embora Grinberg chamasse a atenção para a importância metapsicológica da reparação do próprio *self*, coisa que P. Heimann já fizera. Mas a reparação do *self* ficou quase como um aspecto marginal na teoria da reparação, deixando de lado a restauração da auto-estima, abalada e falsificada pela culpabilidade.

Essa distorção tem profundos reflexos na prática e técnica analíticas.

Penso haver um conflito epistemológico entre a concepção “finalista” do instinto e a concepção “evolutiva” da vida. Manter a vida, manter-se vivo, às vezes a qualquer preço, é mais forte do que ter prazer na vida. Quantas vezes assistimos a conflitos entre manter-se vivo a qualquer preço, tendo de enfrentar um grau maior ou menor de dor ou sofrimento. Os casos célebres de canibalismo, nem tão antigos, podem servir de exemplo: a necessidade de sobrevivência sobrepujou o escrúpulo antropofágico. Estou me referindo a um acidente com um avião que caiu nos Andes,

6. Inexplicavelmente, Donald Meltzer faz uma afirmativa equivocada, ao afirmar o oposto, ou seja, que P. Heimann não acreditava na assimilação dos objetos. Cf. *Clastrum*. Buenos Aires: Spatia, 1994, p.6. Diz P. Heimann: “(...) la actividad productiva se logra a través de un proceso que me gustaría denominar de ‘asimilación’ de los objetos internos. Mediante esta asimilación el sujeto adquiere y absorbe aquellas cualidades de los padres internalizados que mejor se avienen a su yo” (op. cit, p.567).





Paulo Martins Machado

fartamente noticiado pela imprensa e que foi objeto de um filme.

Atos de covardia, às vezes repulsiva, são narrados como exemplo desse egoísmo imperativo. O que fala mais alto é a preservação da vida e não o auto-eliminar-se. Muitos desses atos provocam os mais terríveis conflitos de consciência. Se há um prazer aqui, é o prazer de matar e não de deixar-se morrer.

Outra confusão epistemológica diz com o estabelecimento da posição esquizo-paranoide. Não é necessário imaginar-se que a volta para si próprio do impulso hostil contra o peito seja o *revertere ad locum tuum*. A psicologia da melancolia explica suficientemente bem essa volta contra o próprio sujeito em termos de introjeção do objeto no ego. Mas, obviamente, é necessário acreditar em “projeção” e “introjeção” como mecanismos inatos. Para imaginar-se o medo da morte não é necessário imaginar que seja a volta de algo interno contra o sujeito. Basta pensar que é o “medo de ser assassinado”, como dramaticamente expressam os psicóticos em relação à própria mãe. E por que não pensar que o psicótico tem razão, então? Não está ele, com sua sensibilidade exaltada, captando um desejo assassino da sua mãe, desejo que ele revidará, em meio a uma culpabilidade infinita? São conseqüências confusantes devido à linha puramente instintivista dessa argumentação (cf. Money-Kirle, 1969).

Uma psicanálise conduzida de acordo com a teoria do instinto de morte, além de cultivar o “pessimismo schopenhaueriano”, leva, consecutivamente, à adoração do objeto. Pois, “*se sou o culpado de tudo, isento inteiramente o objeto de qualquer responsabilidade*”.

Ceguei no problema do narcisismo e quase caí na antiga divisão de Freud, entre instintos do ego e instintos sexuais. Pode-se alegar que prazer e conservação da vida estão juntos aqui – efetivamente estão. A libido está toda concentrada no ego, e o objeto é deixado à deriva.

Pensando com Karl Abraham (1924), creio que o narcisismo é caracteristicamente infantil. A linha evolutiva da vida segue desde um narcisismo quase absoluto, para uma divisão – eu diria “repartição” – do amor entre o *self* e o objeto, até o ponto em que o *self* deixa de ser importante, e o objeto assume inteiramente o sentido da vida. É o caso dos nossos filhos. Há um momento em que eles passam a ser crescentemente mais importantes do que nós próprios. A esse respeito, bastaria citar o famoso “conflito de gerações”.

O ponto de vista evolutivo não pode ser ignorado. Freud diz, na p.28, do *Além do Princípio do Prazer*: “*Por outro lado, porém, é óbvio que todas as suas brincadeiras são influenciadas por um desejo que as domina o tempo todo: o desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem*”. Penso que este é o princípio que está acima e além do princípio do prazer: o impulso (desejo) de crescer e ser





adulto (como as pessoas grandes são). É claro que nem precisamos abandonar a teoria sexual de Freud para supor esse princípio. Ele está implícito e explícito no complexo de Édipo. O complexo de Édipo, além de tudo, é o vetor dos impulsos que carregam a libido para a adultez, ou seja para a fatalidade da reprodução da espécie, ainda que o sujeito se oponha a ele. A oposição psicológica dificilmente poderá impedir que o sujeito tenha gametas e, pois, capacidade reprodutiva<sup>7</sup>. O desejo de crescer é provavelmente o principal responsável pela compulsão a identificar-se com os pais. O desejo de crescer e ser adulto preside, assim, a formação do ego e do superego. Resta acrescentar que o desejo de ser grande acarreta a necessidade de considerar a agressão como um instrumento de crescimento e autonomia.

Como eu disse no início, estou citando Freud, não no seu texto explícito e principal, mas naquilo que está insinuado.

Voltando a citar Freud de 1920:

*“Os pacientes repetem na transferência todas essas situações indesejadas e situações penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade. Procuram ocasionar a interrupção do tratamento enquanto este ainda está incompleto; imaginam sentir-se desprezados mais uma vez, obrigam o médico a falar-lhes severamente e a tratá-los friamente; descobrem objetos apropriados para seu ciúme; em vez do nenê apaixonadamente desejado de sua infância, produzem um plano ou a promessa de algum grande presente, que em regra se mostra não menos irreal. (...) nenhuma lição foi apreendida da antiga experiência de que essas atividades, ao contrário, conduziram apenas ao desprazer. A despeito disso, são repetidas, sob a pressão de uma compulsão”* (op. cit., p.35).

Cada uma dessas situações marca uma catástrofe na vida do sujeito (no sentido de Bion), maior ou menor. Essas catástrofes são, de fato, uma interrupção no desenvolvimento do sujeito, ou seja, um obstáculo no seu desenvolvimento no sentido da adultez. A compulsão psíquica à adultez, fundada no orgânico, é bloqueada, mais ou menos severamente. É a vida, a própria vida, portanto Eros, que está sendo obstaculizada, porque Eros, aqui, é sinônimo de desenvolvimento. A vida deve seguir seu curso, inscrito no genoma, e cada catástrofe representa uma interrupção no desenvolvimento<sup>8</sup>.

Concorrente obrigatório do desenvolvimento é a compulsão à “integridade”

7. E ainda assim o intuito inconsciente seria o de privar o objeto de vida, tal como o fez Onan, ao lançar seu esperma no chão.

8. Freud conceitua, por exemplo, a homossexualidade (inversão) como uma parada no desenvolvimento. O caráter desenvolvimental da teoria da libido é taxativo.







Paulo Martins Machado

do sujeito, o que ficou conhecido com a “função sintética do ego”. Paradoxalmente, mesmo quando sofre perdas, o ego prefere desfazer-se de uma parte do que perder seu senso de integridade, de inteireza, de completude, como ensinou Freud. Procurar manter-se inteiro faz parte da compulsão a seguir em frente, na linha evolutiva ontogenética. Quando Freud descreve sua hipótese da existência de um “escudo protetor contra os estímulos”, deixa claro que a primeira tarefa do sujeito atingido pelo trauma inundante de estímulos é refazer o seu escudo protetor. É o empenho para dominar o estímulo, “*desenvolvendo a ansiedade cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática*” (Freud 1920, p.48), ansiedade cujo domínio, no seu trabalho de 1926, vai ser crucial na manutenção da integridade do *self*. Esse empenho não é outra coisa senão refazer a integridade da mente, do ego (do *self*), rompida e ameaçada de colapso. Essa função reconstitutiva “embora não contradiga o princípio do prazer, é sem embargo, independente dele, parecendo mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer”, imitando Freud.

Encaradas as coisas sob esse ângulo, a reparação pode ser entendida como fazendo parte desse conjunto de manifestações vitais obrigatórias, compulsórias, para “além” do princípio do prazer. Reparar, consertar a relação com o objeto, mantê-lo intacto, salvá-lo, deixa de ser um movimento aleatório, dependendo de circunstâncias fortuitas. Não. A reparação é uma imposição biopsicológica, tão poderosa quanto a força de um instinto – senão mais ainda. Porque ela se confunde com o próprio desígnio de viver. Isso talvez explique a compulsão a consertar e manter relações de objeto que deveriam ser abandonadas por inservíveis. Ou então a aderência infinda (a chamada inércia psíquica de Freud) a objetos arcaicos que, confundidos com a vida, não podem ser abandonados.

Mencionei, linhas atrás, um argumento que está em M. Klein e proveniente de Abraham. O argumento é o de que a genitalidade predispõe à reparação. É um argumento francamente “instintivista”, mas de carácter evolucionar. Certamente, origina-se na concepção de Abraham da existência de uma fase pós-ambivalente, conectada com a genitalidade, conforme explicita no seu célebre estudo sobre a teoria da libido à luz dos transtornos mentais (Abraham, 1924). De certa maneira, Donald Meltzer afina-se com esse conceito, embora numa versão estrutural, quando afirma que a reparação se origina na vivência dos pais em coito criativo (cf. *O Processo Analítico*).

A reparação do objeto interno – ou dos objetos internos, especialmente da dupla parental, como quer Meltzer – é um imperativo para que o sujeito chegue à sua meta final: a reparação do *self*. Estou apenas lembrando o que todos os manuais de psicanálise ensinam, mas enfatizo que na teoria da reparação, se não bem compreendida, poderia dar margem a uma “ideologia do objeto”.





Resta, pois, dar uma origem à agressividade humana. A maioria dos autores prefere ser reticente nesse ponto. Recentemente, Feldman (2000) propõe que se investigue mais ainda acerca desses impulsos destrutivos. Concebê-los como sendo uma forma de luta pela vida é mais coerente com o que assistimos no consultório analítico e fora dele.

Luta pela vida: esse é o ponto de vista expresso pelo próprio Freud, nos seus trabalhos antropsociológicos, *O Futuro de uma Ilusão* e particularmente no seu *Mal-Estar na Civilização*. Toda uma quantidade de normas, regras, ameaças, que o ser humano precisou estabelecer para conter a agressividade – e continua precisando. Graças ao superego, a agressividade que era originalmente dirigida para fora, para “o outro”, volta-se contra o sujeito. O preço é sua mortificação.

É possível que a deflexão para fora do instinto de morte seja apenas a leitura de um fato obrigatório: sentindo-se ameaçado de morte, o ser humano, ao nascer, “agride” o mundo externo, porque sente vir de fora essa ameaça. Quando essa ameaça localizar-se no peito, está constituída a posição esquizo-paranóide no que ela tem de fundamental<sup>9</sup>.

Vários argumentos, aqui levantados, já o tinham sido pelo belo trabalho de Money-Kirle (1969) já citado. Saliento, apenas, que o impulso a reparar é a própria expressão do viver, ao longo do ciclo vital.

O impulso a assassinar o objeto foi confundido com a auto-eliminação, dada a fusão esquizo-paranóide do self primitivo com o objeto. E talvez seja graças ao estabelecimento da posição depressiva e sua solução, via reparação, que o estrago feito no sujeito pela mortificação seja menor e então, afinal, possamos morrer a nossa própria morte. Dessa forma, “mortificação”, via superego, e “reparação”, via ego, compõem, ambas, a oscilação contrapontística da vida, no seu paradoxo belo e sombrio. □

## Summary

Killing is as antique as life. To many authors, to kill for living is a natural law and conspicuously moral when it is bordered by nature. Killing becomes unnatural when killer and victim belong to the same species. Kleinian concept on reparation

9. Essa Idéia da agressão feita por um ambiente hostil que ameaça o recém-nascido dá ênfase à teoria do trauma do nascimento de Rank, não para explicar “tudo”, derrubando a teoria sexual, mas, como o próprio Freud reconheceu, para dar uma origem à ansiedade, não só quanto à forma como ele pensava, mas também, ao seu conteúdo.





Paulo Martins Machado

imposes thinking about inborn aggression and, therefore, about the dual instinct theory of Freud, formulated in *Beyond Pleasure Principle*, in 1920. The two points of view that he bases on for his speculation – economic theories as he formulated it; and self-destruction instinct – were almost unanimously rejected. Only Melanie Klein and her colleagues have accepted it, cautiously nevertheless.

In a work by my own, reparation and its developments are approached relating to the objects. In that work I put forward two forms of reparation, namely, reparatory fantasy and reparation proper. ‘Differentiation of the super-ego from ego represents the most important characteristics of the development both of the individual and of the species’ (Freud, 1923). This sets up guilt feeling. Reparation is an obligatory development of guilt feeling. Reparation is driven by it. For reparation, dead instinct hypothesis is not necessary. On the contrary. It seems incongruous with it. Epistemologically, reparation needs only inborn aggression. I highlighted from 1920 Freud’s work what I consider contributions aside from the main issue, mainly the reconstruction character of traumatic repetition. The twofold basic ideas keeping dead instinct hypothesis, namely, self- destruction as the ultimate goal of life; and suicide, proving the urge to self-destruction, are criticized. After commenting overstatements of secondary narcissism theory as responsible for the object cult, dismissing the self, I put forward that reparation is just the life instinct in its evolutionary manifestation. Death isn’t the opposite of life; it’s a consequence of life cycle. Thus death isn’t synonym of willing to die. Reparation of internal objects is an imperative pre-condition for construction and support of the self. To kill the internal object has been confused with self-destruction, because the early fusion self-object. May be thanks to the setting up of the depressive position, and its resolution through reparation that the damage done by mortification in the individual, is controlable, at least to a certain point.

## Referências

- ABRAHAM, K. (1924). Un Breve Estudio de la Evolución de la Libido, considerada a la luz de los Transtornos Mentales in: *Psicoanálisis Clínico*. Buenos Aires: Paidós-Hormé, 1959.
- APFELBAUM, B. (1965). Ego Psychology, Psychic energy, and the hazards of quantitative explanation in Psycho-analytic theory. *Int. J. Psychoanal.*, 46: 2, 168-182.
- BARANGER, W. (1980). Validez del Concepto de objeto en la Obra de Melanie Klein in: Aportaciones al Concepto de Objeto en Psicoanálisis, Willy Baranger y col, Amorrortu, 1971, *Rev de Psicoanal.*, 34: 3, 1977.





- \_\_\_\_\_. (1968). El enfoque económico de Freud a Melanie Klein. *Rev. Psicoanal.* XXV, n.º 2, 1968, 297.
- FELDMAN, M. (2000). Some views on the Manifestation of the Death Instinct in Clinical Work. *Int. J. Psychoanal.* (2000) 81:53.
- FERRI, E. (1925). L'omicida nella psicopatologia criminale. Seconda edizione riveduta ed aumentada. Torino. Un. Tip. Tor. 1925, p.5. Citado por Machado, D. in: *Uma Definição Biológica do Crime*. Bels S.A., 1975.
- FREUD, S. (1920). Além do principio do prazer. *ESB*, 1976.
- \_\_\_\_\_. (1923). O Ego e o Id. *ESB*, 1976.
- HEIMANN, P. (1942). Una Contribución al Problema de la Sublimación y sus relaciones con los Procesos de Internalización. *Rev. de Psicoanal.*, 8: 550-567. *Int. J. Psychoanal.*, 1942.
- \_\_\_\_\_. (1962). Notas sobre la teoría de los Instintos de Vida e de Muerte in: *Desarrollos en Psicoanálisis*. Buenos Aires: *Paidós-Hormé*.
- MACHADO, D. (1975). *Uma Definição Biológica do Crime, tese inaugural*. Bels S.A., 1975. Primeira ed. reduzida, 1933.
- MACHADO, P. M. (1985). *Reparação: mecanismo e formas. Estudo Psicanalítico*, trabalho apresentado à SPPA em 4 de julho de 1985.
- KLEIN, M. (1957). Envidia y Gratiud, in: *Obras Completas*. Buenos Aires: Paidós-Hormé, 1976, cap. III, primeiro parágrafo.
- MELTZER, D. (1971). O Processo Psicanalítico da Criança ao Adulto. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- MONEY-KIRLE, R.E. (1969). Uma Contribuição Inconclusa para a Teoria do Instinto de Morte in: *Temas de Psicanálise Aplicada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- ROMANOVSKI, R. (1981). *Um Estudo sobre os Fenômenos Repetitivos. Compulsão à Repetição*, trabalho apresentado à SPPA, em 26 de outubro de 1981.
- ROSENFELD, H. (1988). A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects in *Melanie Klein Today*, vol. I, Elizabeth Spillius ed., Routledge. p.239-255. Primeira publicação *Int. J. Psychoanal.*, 52, 169-78.



Atenção montador  
a página **36** é branca





# Do *Rei Édipo* a *Antígone*: a evolução dos valores humanos

*Paulo Martins Machado\**, Porto Alegre

*O presente trabalho procura, através da leitura psicanalítica de três tragédias (Rei Édipo, Sete contra Tebas e Antígona), acompanhar a evolução do ideal de ego, desde uma estrutura perversa que rechaça o essencial feminino até o limiar da posição depressiva, na qual se percebe a consideração pela figura combinada e pelo produto do amor dos pais: os filhos. Destaca-se nesse encadeamento a luta entre os direitos do Estado e os direitos do indivíduo na organização então vigente.*

---

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, falecido em 24/01/2001.





Qualquer tentativa de estudar a evolução dos valores rastreando a História defronta-se com o problema da reconstrução dos fatos. Deparamo-nos, neste intento, não com os *fatos*, mas, sim, com a *interpretação* que lhes dá quem sobre eles se debruçou. Ainda mais se tratar-se da reconstrução de épocas recuadas, cuja fonte maior são os mitos. Então surgem as interpretações discordantes, como é lógico se esperar. Visto que a matéria que pretendo estudar diz com a evolução do superego, em especial o ideal do ego, a história sexual da humanidade é obrigatoriamente convocada, o que acarreta o aporte de preconceitos que tornam as coisas mais obscuras ainda.

Não é a finalidade deste texto comentar todos os dados da história sexual da humanidade (cf., por exemplo, a obra de Eugen Relgis, 1970). Demandaria um trabalho imenso revisar não apenas a história fática, mas a história da criação dos conceitos, ou seja, a história da evolução das mentes que se ocuparam das inter-relações humanas.

Restringindo este trabalho à Grécia clássica, ninguém melhor do que os grandes autores gregos do século V antes de Cristo para servirem de fonte de dados nessa linha. Estaremos, desse modo, visualizando como esses grandes autores conceberam as relações humanas, valendo-se dos mitos, inseridos que estavam em seu tempo, desenhando o ambiente, contrapondo-lhes sua opinião. Não quer dizer que, necessariamente, a sociedade em que viveram modificou seus costumes e ideais, como os textos sugerem; significa, antes, que, na mente desses humanistas (Sófocles, Ésquilo), a humanidade deveria percorrer o caminho proposto em seus textos. Suas proposições são metáforas descrevendo o funcionamento mental presumido, bem como seus prováveis motivos.

Certamente é *Antígone*, de Sófocles, uma das tragédias mais citadas e reproduzidas entre as tragédias gregas. Há, pelo menos, mais cinco *Antígonas*. Duas delas – a de Anouilh e a de Brecht – tomando-a como tema das pregações políticas desses autores (cf. *Antígona*, 1970), porque a essência sócio-política de *Antígone* é a luta contra a tirania, o despotismo, a luta dos valores humanos, ameaçados e amarrotados por razões do poder político. Um perfeito texto para conjecturas e pensamentos de grande alcance.

A abordagem que pretendo fazer neste ensaio não é sócio-política, mas, sim, psicanalítica. Penso que, se lermos em seqüência as tragédias *Rei Édipo*, *Sete contra Tebas* e *Antígone* – a primeira e a última, de Sofocles e a segunda, de Ésquilo – podemos apreciar a evolução do ideal do ego desde uma estrutura perversa até se atingir o limiar da posição depressiva, na qual avulta a consideração pela figura combinada e, particularmente, a consideração pelo produto do amor dos pais: os filhos.





Notável nesse encadeamento é a luta entre os direitos do Estado e os direitos do indivíduo, que, séculos depois, vai ser uma das conseqüências da filosofia hegeliana: o conflito entre o Estado – que é o direito absoluto, supremo para Hegel – e o direito dos cidadãos, um direito menor e caudatário do primeiro (vide *Encyclopedia e Dicionário Internacional*).

A leitura psicanalítica das três tragédias sugere – e esse é o ponto aqui postulado – que a origem dos direitos do Estado na organização então vigorante está assentada numa estrutura homossexual, que rechaça o essencial do feminino, incluindo particularmente a capacidade de gerar filhos. A leitura do mito da saga dos labdácidas está inextricavelmente ligada à matança dos filhos.

O estudo da sexualidade humana na Grécia incita a vários desafios. O mais proeminente deles diz da coexistência da homossexualidade com a heterossexualidade. Uma coexistência com facetas especiais. Assim, a homossexualidade tem um lugar proeminente em certas regiões, enquanto a heterossexualidade é uma espécie de pregação dos grandes escritores, particularmente dos trágicos. Às vezes sou tentado a comparar a “pregação” dos valores da família com a pregação abolicionista feita no Brasil por grandes poetas. Mais tarde me alongarei sobre isso.

Se tomarmos o *Rei Édipo*, de Sófocles, como ponto de partida da saga dos labdácidas, poderemos compreender as causas e os rumos da tragédia dessa dinastia tebana segundo a tradição mitológica.

É muito claro qual o princípio que foi violado por Laio, pai de Édipo, e qual a pena que lhe foi imposta. A pena era não poder ter filhos e, se os tivesse, a desgraça cairia sobre ele e sua geração – o que acabou ocorrendo. Essa foi a advertência que Apolo fez a Laio. Como é sabido, todo o drama dos labdácidas (a descendência tebana) tem a ver com a homossexualidade. Conforme era, pois, costume entre os dóricos, segundo Dourado (1963), Laio raptou Crísipo, filho de Pélops, com ele estabelecendo relações homossexuais<sup>1</sup>. Algo saiu errado, porque Laio foi condenado a não ter filhos e, se os tivesse, seria assassinado pela sua progênie, o que efetivamente aconteceu. Toda a genealogia foi maldita pelo crime de Laio que pode ser entendido como a matança dos filhos<sup>2</sup>. Os autores que vêm no filicídio a origem do complexo de Édipo têm aqui um forte argumento.

A inserção de *Sete contra Tebas* entre as tragédias sofocleanas<sup>3</sup> é imperativa para se compreender todo o drama da evolução das estruturas perversas. *Sete contra*

1. “A concepção dos nobres gregos a respeito da transmissão, pela prática homossexual, de sua nobreza aos adolescentes fundamentava-se em primitiva crença de que a alma do homem se constituía de secreções e excreções. Na urina, fezes, sangue e esperma residiam tremenda força vital e prodigioso poder mágico. Portanto, o dórico acreditava que, por meio do esperma, transmitia heroísmo e nobreza a seu jovem amante” (Dourado, L. A., op. Cit., loc. Cit.)

2. Arnaldo Rascovsky foi um estudioso do tema da matança dos filhos.

3. Alguns autores consideram o final de algumas versões de *Sete contra Tebas* uma inserção apócrifa.







Paulo Martins Machado

*Tebas* é a última obra de uma trilogia de Ésquilo que começa com *Laio*, seguida por *Édipo*, essas duas infelizmente perdidas. A tragédia narra a luta entre Polineices e Etéocles, ambos filhos de Édipo, quando Polineices se lança numa campanha bélica para restabelecer o que acredita serem seus direitos de posse e comando de Tebas, que, naquele momento, tem Etéocles por dirigente. Apesar de Etéocles ter salvo a cidade e destruído os exércitos invasores, ele e Polineices morrem num combate singular. A tragédia termina com o cortejo fúnebre dos dois irmãos – que, em outra versão, inclui o protesto de Antígona, pretendendo o sepultamento de Polineices.

*Sete contra Tebas* mostra os desdobramentos fraticidas do crime de Laio. Os filhos de Édipo acabam se matando, cumprindo, portanto, os desígnios da maldição e atendendo aos desejos filicidas de Laio. A traição de Polineices, argumento central da peça, pode ser entendida em vários contextos: tanto é a traição de Laio, repudiando os filhos, quanto é a do próprio Édipo, de várias maneiras traindo os seus e sua gente – ainda que sem o saber. Aplica-se tanto a Polineices, por atacar sua cidade-mãe, quanto a Etéocles, não reconhecendo os direitos do irmão. São essas ambigüidades, e muitas outras que denotam uma profunda erudição, que Hetch e Bacon (cf. *Aeschylus*) assinalam em sua brilhante “Introdução”. É o culto, acima de tudo, da pátria, das armas, da morte gloriosa pelo ideal da identificação com o herói, com suas ambigüidades, que a peça consagra.

Está longe de ser uniforme e concordante, contudo, a interpretação desse texto pelos especialistas. *Sete contra Tebas*, no texto sob a responsabilidade da Association Guillaume Budé (*Eschyle*, 1958), considera Etéocles o paradigma do herói, o rei que defende sua terra e pátria contra um traidor (Polineices) que vem atacar Tebas valendo-se de tropas estrangeiras (estranhas mesmo à Grécia), herói que não hesita em sacrificar a vida para salvar sua cidade e terra natal.

No entender de Anthony Hetch e Helen Bacon (op. cit), por outro lado, na peça esquiliana não se exalta o herói, mas sim, o contraditório entre os dois irmãos em luta e as ambigüidades conseqüentes. Toda a tragédia está perpassada de uma angústia profunda e emocionante. Dela participam o princípio da ordem e do direito (A Justiça, Dikê), a Fúria e a violência. Essas, representadas por Ares, pugnam na contenda, às vezes, uma contra a outra, às vezes, lado a lado. Condenado pelo destino de Laio, Etéocles repete seu pai Édipo, pretendendo defender seus direitos a qualquer preço, no propósito de salvar Tebas, ainda que contra seu irmão, que é tratado como traidor, e procurando decifrar os enigmas que tem pela frente ameaçado por sete inimigos. Enquanto isso, Polineices, o irmão atacante de Tebas, arma um grande exército valendo-se do auxílio de sete campeões fabulosos. Esses sete campeões sugerem a Etéocles sete enigmas, embora haja um oitavo enigma associado ao nome de Etéocles. Mas Etéocles jamais acreditou que os enigmas se referissem a ele próprio e





sim ao destino dos atacantes e à cidade de Tebas. Hetch e Bacon salientam o fato de que os argumentos de Etéocles, base para a sua peroração contra o exército atacante, servem também para Polineices. É como se os dois irmãos se enfrentassem diante de um espelho. Essas ambigüidades incluem os guardiães das sete portas de Tebas, que têm, em seus adversários, aspectos deles mesmos. É bem uma luta entre irmãos filhos do mesmo sangue. A partilha de Tebas seria o desenlace justo, mas impossível. A morte de ambos é o que os espera. Na sétima porta, os irmãos se matam. Dos filhos de Édipo, sobrevivem Antígona e Ismênia.

Certamente, um bom contingente da angústia sugerida pela peça é que sabemos, de antemão, o destino que está reservado aos dois irmãos e à própria cidade tebana.

Werner Jaeger (1996) situa-se mais perto do ponto de vista filicida, porque encontra na tragédia esquiliana o preceito trágico da lei de Sólon, o legislador ateniense, para quem os filhos tinham de pagar pelos erros dos pais. Mesmo assim, Jaeger não deixa de louvar as excelsas qualidades de Etéocles e colocar Polineices como “*uma sombra, apenas*” (p.242). Para aquele autor, a justiça (Dikê) está ao lado de Etéocles, porque Jaeger, hegelianamente, sobrepõe às injunções pessoais os altos interesses do Estado. Ele ignora o contraditório que Ésquilo assinala: no escudo de Polineices está gravada a imagem de uma mulher representando a Justiça com os dizeres: “*Eu reconduzirei este homem a recuperar sua cidade e o acesso à residência paterna*” (cf. *Les Sept contre Thèbes*, op. cit, n° 647-48-49, trad. minha).

Impossível abordar neste trabalho toda a riqueza simbólica utilizada por Ésquilo no seu drama. Nos limites que me proponho, vou salientar apenas dois aspectos interligados na peça de Ésquilo: primeiro, o fato de o coro ser totalmente feminino e, segundo, salientar um diálogo entre Etéocles e o coro. O diálogo transcorre num momento em que o coro está profundamente angustiado com o destino que ameaça a cidade, ou seja, a destruição e a escravização dos sobreviventes. Etéocles manda-o silenciar, censura as lamentações e os temores do coro que se desborda em angústia, pois vê nisso um risco de enfraquecimento do moral de suas tropas. Desesperado, porque seus apelos não são obedecidos, explode Etéocles: “*Ó Zeus, que foste tu criar em nós, criando a mulher?*” (n° 255. op. cit)<sup>4</sup>.

Notável é que a saga de Tebas não termina nas peças trágicas dos maiores autores gregos do século V. São da tradição mais firme o saque e a destruição total de Tebas pelos Epígonos, filhos dos argivos derrotados em Tebas. Todas as cidades gregas constam da lista de navios enviados a Tróia. Somente Tebas falta no catálogo

4. A versão inglesa de Hetch e Bacon é mais amena: “*O, Zeus, what a race of woman you gave us*” (*Ó, Zeus, que raça de mulheres nos proporcionaste*) – trad. minha.





de navios da *Ilíada*. É mesmo uma política de terra arrasada, que procurava não deixar nenhuma memória daquilo que foi implementado pela vida dos labdácidas. Talvez uma pobre maneira de eliminar do inconsciente das pessoas as constelações perversas sintetizadas nos filhos da cidade de Kadmo – Tebas, uma cidade maldita.

*Antígone* é o epílogo da saga dos labdácidas, a genealogia trágica. Antígone é a filha do grande rei Édipo, salvador de Tebas, tragado pela desgraça, a quem coube acompanhá-lo no exílio juntamente com sua irmã Ismênia.

A ação de *Antígone* começa após a vitória de Tebas contra os invasores derrotados. Antígone declara-se resolutamente pelo sepultamento de Polineices, morto juntamente com seu irmão Etéocles a quem se prestam todas as honras fúnebres. Mas o sepultamento de Polineices é proibido por Creonte, agora no poder, e punível com a morte, se a proibição não for obedecida. A tragédia vai culminar com a morte de Antígone, do filho de Creonte, Hemon, e de Eurídice, mulher de Creonte, preço que ele paga pelo seu ataque à mulher. A morte do filho e da mulher é uma espécie de revivescência do crime de Laio e sua conseqüente punição, agora às avessas. Foi em vão o arrependimento de Creonte: tarde demais. Antígone, Hemon e Eurídice, esposa de Creonte, estão mortos.

A interpolação de *Sete contra Tebas* não é apenas interessante; ela é imprescindível para compreender-se o drama de *Antígone*<sup>5</sup>. Aliás, a peça de Ésquilo termina, em algumas versões, com a manifestação de Antígone, determinada a sepultar Polineices. Para alguns autores esse desfecho é posticho, como disse linhas atrás, não é da autoria de Ésquilo. Apesar da ressalva, essa inserção encadeia admiravelmente bem as duas tragédias, mantendo uma unidade *para além dos seus autores*.

Há uma correlação quase absoluta entre a homossexualidade grega e o espírito militar. Na medida em que os valores – a *areté* – estavam baseados num ideal bélico, no cultivo do corpo, das armas, numa cultura em que o serviço militar era mais que obrigatório, reverenciado em nome dos heróis homéricos, em quem todo jovem devia espelhar-se, o convívio entre homens mais velhos e mais jovens facilitava e incentivava a homossexualidade. Bastaria citar o famoso Batalhão Sagrado de Tebas<sup>6</sup> (Robledo, A.G., 1993, p.387).

Werner Jaeger considera o culto da honra como o principal valor oriundo da epopéia homérica (cf. op. cit, p.25). O que contava era o valor na batalha, a intolerância com as ofensas e, principalmente, a proximidade com os deuses, ou seja, o ho-

5. Apesar de diferentes, as tragédias de Sófocles e Ésquilo têm uma linha comum, qual seja, o empenho em defender a sociedade ateniense dos valores perversos. Assim, a *Orestíada*, de Ésquilo, que condena e pune o parricídio e o matricídio.

6. "(...) *tan heroico ciertamente como infectado de pederastia*".





mem quase divino. Cria-se então a figura dos semideuses, metade divinos, metade humanos. Essa a concepção da *areté*, conceito homérico que se cristaliza no século V significando nobreza aristocrática. Essa nobreza aristocrática acompanhava-se do culto da homossexualidade, de arrogância e de crueldade, como o demonstra a saga trágica dos labdácidas. De fato, essa nobreza era o reino da perversão.

Os dramas dessas tragédias refletem a evolução dos valores, desde um culto narcísico-militar, eivado de homossexualidade, em direção ao respeito e à consideração pela mulher, ou seja, pela mãe. Enquanto, em *Rei Édipo*, a mulher é objeto do desejo, num nível perverso de sedução e crime, em *Antígone* a mulher aparece como dotada de respeitabilidade, plena de valores criativos, lutando pela vida e pela consideração do objeto. A morte de Antígone e a solidariedade do seu prometido Hémon, que resolve morrer com ela, atestam a solidariedade da dupla parental, inconformada com os propósitos narcísicos arrogantes de Creonte, que faz o pai infantilizado pela onipotência.

*Antígone* descreve a transição entre a antiga atitude mental filicida e a emergente atitude mental de proteção dos filhos. Notável nesse momento são os valores evocados. Creonte defende a honra do Estado tebano, vilipendiado pela agressão consumada de compatriotas que se aliam a estrangeiros contra Tebas. Não admite que se prestem honras fúnebres a Polineices, porque ele traiu sua própria gente, atacando Tebas, já que tebano ele próprio.

Creonte não admite ser derrotado – coisa insuportável – por uma mulher: “*Não há calamidade pior do que a rebeldia; ela é que arruina os povos, perturba as famílias e causa a derrota dos aliados em campanha. (...) Cumpre, pois, atender à ordem geral e não ceder por causa de uma mulher. Melhor fora, em caso tal, ser derribado do poder por um homem; ninguém diria, então, que as mulheres venceram*”. Essa diatribe de Creonte, ao discutir com seu filho Hemon, reprisa a censura de Etéocles ao coro feminino, conforme foi citado linhas atrás<sup>7</sup>.

Antígone está defendendo outros valores. Contesta os valores do Estado em favor dos afetivos. Quer, piedosamente, dar sepultura digna a seu irmão morto em combate fratricida. A palavra *antígone* já sugere oposição, confrontação. Terá sido acaso a escolha desse nome? Ou ele traduz a idéia de uma *contestação*, no entender do poeta? O poeta está contestando um estado de coisas em que se glorifica o poder, a dominação à custa da impiedade. Essa ânsia pelo poder não encontra obstáculos e encobre, de fato, a matança dos filhos. Antígone marca o nascimento de uma nova

7. A mulher era desvalorizada na cultura dórica. As duas versões de Afrodite o comprovam: Afrodite Urânia, a Celestial, não nasceu de pai e mãe, apenas de pai (Urano.) Afrodite Pandemia é vulgar, desprezível. Nasceu de Zeus e da ninfa Dione. A Afrodite Urânia ou Celestial é a deusa da homossexualidade (apud Robledo, op.cit.).





era, humanizada. Antígone procura situar a Dikê, o que é certo e justo, num outro patamar, mais respeitoso com a mulher e sua condição feminina.

Latente no discurso político de Creonte, transparece, de forma inequívoca, o ódio à mulher, ao seu *feminino*. O ódio que estava disfarçado, sob a capa de uma sensualidade exaltada, maníaca, em Édipo.

Parece ser uma determinação do pensamento helênico o esforço em favor da humanização – e todos os empenhos contra ela! –, uma tradição que vem desde Prometeu, o que antevê, Prometeu, que, entre outros crimes, deu ao ser humano a crença na vida eterna. Prometeu, o benfeitor da humanidade, nas palavras de Ésquilo. Prometeu, que lutou contra a tirania.

*Antígone* mostra a evolução desses valores perversos, desde uma crueldade disfarçada em justiça até um estágio mais humanizado. Essa é a mesma evolução encontrada nos seres humanos.

O *deus*, o *divino*, de uma realidade concreta, de uma presença concreta, na paideia (educação do ser humano) evolui para uma entidade abstrata. Mas, ali, como entidade abstrata (vide Platão) permaneceu. Os deuses não andavam mais pelo planeta, é verdade. O animismo chegara ao fim. Mas a religiosidade estancou o desenvolvimento filosófico, talvez não por ser *religiosa*, mas, sim, porque era *dogmaticamente ideológica*. E a idéia do divino estabeleceu-se como um valor indisputado, absoluto, o valor supremo. O notável é que, paralelamente a essa fossilização do pensamento, se desenvolveu um humanismo, poder-se-ia dizer, *para além do divino*. Essa humanização para além do divino é a marca característica notável de Sófocles, considerado o poeta humanista por excelência.

O que me chamou a atenção no evoluir desses valores é a posição da mulher, a mulher ausente no drama de Laio, Laio que viola as leis da hospitalidade seqüestrando Crísipo, com quem passa a manter uma relação homossexual. No dizer de Junito de Souza Brandão na sua *Mitologia Grega*, a mulher na Grécia era desconsiderada, ao contrário da cultura minóica, na qual ela era profundamente venerada. A deusa Palas Atenae, prezada pela sua sabedoria, era, não obstante, virgem, jamais casara, e havia nascido da coxa (ou da cabeça) de Zeus. Palas Atenae não teve mãe. A feminilidade e a capacidade para a maternidade de Palas Atenae eram altamente discutíveis. A deusa grega, por excelência, a sabedoria, protetora de Odisseus, nisso difere muito das deusas femininas de Creta, da cultura minóica.

Mas o espírito grego, ao que tudo indica, jamais foi complacente com esse estado de coisas. Parece que a educação grega, sua busca incessante do humanismo, procurou por todos os meios modificar esses valores. E penso que *Rei Édipo*, *Sete contra Tebas* e *Antígone*, se tomadas como seqüenciais, denotam o empenho nessa direção.





“A posição da mulher em qualquer civilização é um índice do avanço dessa civilização; a posição da mulher é melhor avaliada pelo cuidado dispensado a ela por ocasião do nascimento de seus filhos”. Esse notável pensamento é de Howard W. Haggard (Haagard, 1953), quando ele faz o histórico da maneira como tem sido tratada a parturiente. Um brilhante relato, altamente documentado, um acervo humanístico da maior importância.

Meltzer esclarece o porquê de ser a mulher a protagonista dessa ascensão dos valores e, pois, da ascensão concomitante da dor depressiva (cf., por exemplo, *Claustrium*, Meltzer, 1994). Esse autor mostra que o corpo da mãe (e, portanto, da mulher) é o *lugar*; o *locus*, onde transcorrem as ações fantasiadas. Esse *lugar* é, ao mesmo tempo, um espaço dentro do sujeito (os pais em coito) e um lugar fora do sujeito (a companheira, real ou fantasiada), devido a ser o corpo da mãe a sede do coito criativo dos pais. É dentro dela que estão as várias versões das fantasias do pênis paterno, protetor e vivificador. Quando a dor depressiva conduz à reparação dos pais internos em sua atividade criativa, o corpo da mulher passa a ser alvo do respeito e do cuidado, como o postula Meltzer. O notável dessa evolução do respeito pela mãe interna é a própria evolução do conhecimento. Assim como a primitiva epistemofilia só desejava saquear e apossar-se dos conteúdos do corpo materno-cidades sitiadas, a evolução conduziu ao impulso a investigar pelos caminhos da ciência. O maior respeito pelos conteúdos do interior do corpo da mãe interna fez com que se procurasse conhecê-lo – e não destruí-lo.

Aparentemente os reis medievais protegiam sua prole. Mas essa proteção era essencialmente narcísica. Era mais a continuidade do próprio rei que se buscava e não a salvaguarda da mãe e de sua progênie. A ciência e o respeito pelo corpo da mãe interna marcharam juntos desde então.

Com toda a probabilidade, o corpo da mãe interna começa a formar-se na mente da criança a partir da imagem do peito e de sua beleza inquietante. Meltzer explora proveitosamente esse conceito.

A matança dos filhos como punição pelo crime dos pais vem desde os Vedas e percorre toda a mitologia clássica grega, começando com Cronos, que os devora. Há outras alusões a tal matança, como o banquete de Tântalo oferecendo seu filho Pélops como iguaria aos deuses (cf. Junito, p.79, op. cit.). A lei filicida de Sólon, pela qual os filhos devem responder pelo crime dos pais, é bem um exemplo da institucionalização do filicídio devidamente disfarçado. Certamente é a saga labdácida, com o papel central de Édipo, a mais expressiva no que toca à matança dos filhos, pela riqueza de informação que trás. E, de fato, é a figura da mulher, da mãe, a vítima importante. É Jocasta que não teve permissão de ter sua prole com Laio; é ela que





acaba se matando, como se culpada fosse. Uma espécie de culpa de Medéia, que matou os filhos para atingir Jasão, que a abandonara. Jocasta responsabilizou-se pela sedução de Édipo?

É Antígone, filha de Jocasta e de Édipo, sobrinha de Creonte, a que acompanhou o pai no exílio, a redentora, a que salvou a humanidade com seu sacrifício, como é da tradição mítica<sup>8</sup>. A que demoliu a cultura narcísico-militar de Creonte, fazendo-o olhar para os valores das pessoas e seus sentimentos. A que fez imperar a *eunoia*, a benignidade, a bondade, no coração empedernido do chefe militar.

Não admira que seja assim, porque depende da relação respeitosa com a mãe essa mudança transcendental, mudança que não é só o respeito pelos filhos, mas, igualmente, pelo coito criativo dos pais internos, como ensina Meltzer, e do qual resultam os filhos e a ciência.

Penso que o essencial na estrutura homossexual da época grega clássica é a rejeição do *feminino* no que ele tem de mais intrínseco, ou seja, a mulher fazendo amor com um homem. O que é verdadeiramente discriminado, alijado, rejeitado, é o *feminino* no que ele tem de intrinsecamente seu, o ato do amor<sup>9</sup>. A Freud não escapou essa rejeição. Em *O Homem dos Lobos*, Freud encontra no seu paciente a fantasia de penetrar no corpo da mãe e ali copular com o pênis do pai. Dessa forma, o corpo da mãe serve apenas de *cenário* e nada mais, havendo concomitantemente a rejeição do coito amoroso dos pais. A mãe é excluída desse ato de amor.

Pela íntima relação existente entre o ato de amor dos pais e o nascimento das crianças, ciúme e inveja acoplam-se com o sadismo dirigido aos nenês que não devem, portanto, nascer. As explicações dos autores para a homossexualidade grega que dão conta de uma forma de evitar o nascimento de novas crianças podem estar relacionadas com esse acoplamento de fantasias destrutivas.

Penetrar subrepticamente, roubar, destruir, apossar-se, são as fantasias relacionadas com o interior do corpo da mãe interna no nível pré-genital e que o tornam extremamente perigoso, principalmente, como acentua M. Klein, porque ele pode ser guardado pelo pênis furioso do pai. Essa penetração pode ser feita por qualquer orifício, especialmente o orifício anal. O fascínio pelo pênis do pai determina a fantasia de degluti-lo e devorá-lo. Devido às confusões zonais, essas fantasias podem referir-

8. Todos os heróis que fizeram um bem à humanidade de alguma forma foram punidos, no geral com a morte: Orfeu, Prometeu, Moisés e Antígona. Otto Rank (1961) vê no assassinato do pai o ato heróico. Na versão passiva do herói, ele deve sofrer "*perseguições e sofrimentos que, em última instância, provêm do pai*" (op. cit., p.113). Atacando seus objetos internos (Édipo e Jocasta), Antígona se pune, dando-se o mesmo destino deles, unindo-se a eles através da morte (símbolo de um coito, para alguns analistas).

9. Platão equipara a mulher à parte mais desprezível do ser humano: sua parte irracional. Veja-se *A República*, livro X, 605 in *A República*, EUEBA, 1997, p. 587-8. Certamente esse desprezo tinha que ver com a homossexualidade defendida pelo grande pensador grego que foi Platão.





se formalmente à boca, anus, uretra, mamilos, enfim, qualquer orifício, quiçá mesmo pelos poros.

Uma pergunta que se impõe é a seguinte: de que modo, à custa de que elementos – psicológicos, biológicos, antropossociais – uma estrutura perversa infantil chega a assumir as proporções dominantes de norma social, de diretiva educacional? A sublimação desempenha algum papel nessa questão? Trata-se de um fenômeno de grupo essencialmente?

Freud, aqui, consagra sua tese do encontro do mais baixo com o mais alto da mente humana: um elemento do ego-id infantil, a estrutura perversa é acolhida como valor e transformada em ideal de vida. E por ela, como o demonstrou Saramago em sua *In Nomine Dei*, os homens escrevem, disputam, matam-se... A glorificação da agressão é um dado crucial nessa estrutura, mas só ela não explica a aquisição de seu valor social. Um regime social em que a liderança faz imperar o terror é um fator importante? São perguntas que mereceriam uma investigação mais ampla.

A teoria estrutural de Freud, que dividiu o psiquismo em id, ego e superego, permite compreender a profunda influência que os contatos sociais chegam a exercer sobre a mente. E pode fornecer subsídios importantes nesse exame. Como o superego mergulha profundamente no id, ele tem, de fato, duas fontes para a sua constituição: o cabedal pulsional, por um lado, por outro, os objetos introjetados. Freud postula a existência de uma des fusão pulsional quando há uma identificação (Freud, 1923, p. 44-45). O caráter imperativo e agressivo do superego, e particularmente do ideal do ego, possivelmente se deva a essa des fusão mediante uma exacerbação da libido narcísica. No caso dessas organizações narcísicas, como o Batalhão Sagrado de Tebas, por exemplo, parodiando Freud, poder-se-ia dizer que *o componente destrutivo entrincheirou-se no superego* (p.69, ib.) *contra os egos inimigos*.

A matança dos filhos faz parte do ideal do ego dessa fase mítica, o ideal heróico-militar baseado na homossexualidade. Ele conglo mera uma série de dados que compõe uma ideologia sagrada e deslumbradora. A matança dos filhos, ou sua contrapartida – não permitir que as crianças nasçam –, é uma espécie de acompanhante obrigatório desse ideal.

As considerações sobre as tragédias gregas são uma aplicação da psicanálise a um texto. Já tive oportunidade de discutir com um amável e competente colega, Dr. Roberto Gomes, o que considero os limites da análise aplicada. Penso que a análise aplicada não passará de uma elocubração – eventualmente verdadeira. Não temos como sabê-lo, já que o texto não responde às nossas interpretações. Porque é nas respostas do nosso analisando que estão as indicações dos caminhos que guiarão







Paulo Martins Machado

nosso labor interpretativo, alterando-o ou confirmando-o. Com essa ressalva, deixo a critério do leitor o julgamento das teses aqui defendidas. Ainda assim, penso ser possível utilizar a teoria sexual de Freud para aquilo pelo qual os homens se batem e morrem. □

## Summary

Reading the tragedies *Oedipus Rex*, *Seven against Thebes* and *Antigone* one after the other – the first and the last by Sophocles and the second by Aeschylus – it's possible to observe evolution of ego ideal from a perverse structure to the threshold of depressive position. The concern about the combined parent-figure, specially the product of their love, the children, are preeminent in this threshold. Fight between State rights and personnel rights is paramount in that sequent reading.

In that early time State rights in their origin were settled in a homosexual structure – it's the postulation made by the psychoanalytic reading of the mentioned tragedies. That homosexual structure repulsed the essential of the femininity, motherhood specially included. Offspring killing is inextricable attached to the legends and sagas of the Curse of the house of Laios.

## Referências

- AESCHYLUS. *Seven Against Thebes*. New York: Oxford University Press, 1973.  
BRANDÃO, J. de S. (1986). *Mitologia Grega*, vol. I. Petrópolis: Vozes, 2ª ed.  
DOURADO, L.A. (1963). *Homossexualismo e Delinqüência*. Rio de Janeiro: Zahar, p.18.  
ESCHYLE(1958). Tome I, *Les Sept contre Thèbes*. Paris: Societé D'Édition Les Belles Lettres, 1958.  
FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. *ESB*, Vol XIX, 1976.  
JAEGER, W.(1996). *Paideia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.  
MELTZER, D. (1994). *Clastrum. Una investigación sobre los fenómenos claustrofóbicos*. Buenos Aires: Spatia, 1992.  
PLATON. *A República*. Eudeba, 1997.  
RANK, O. (1961). *El Mito del Nacimiento del Heroe*. Buenos Aires: Paidós, 1961.  
RELGIS, E. (1970). *Historia Sexual de la Humanidad*. Buenos Aires: Merlin, 4ª ed.  
SÓFOCLES. *Antígona*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.  
SÓFOCLES; ÉSQUILO. *Rei Édipo. Antígona. Prometeu Acorrentado*. Ediouro, 17ª ed.

Porto Alegre, novembro de 2000

© Revista de Psicanálise – SPPA

48 □ Revista de Psicanálise, Vol. VIII, Nº 1, abril 2001





# Alguns comentários sobre a teoria e a técnica da psicanálise a partir da vida e obra de Miguel de Cervantes

*Juarez Guedes Cruz\**, Porto Alegre

*Alda Dorneles de Oliveira\*\**, Porto Alegre

*Tula Bisol Brum\*\**, Porto Alegre

*Nina Rosa Furtado\*\*\**, Porto Alegre

*Luisa Maria Rizzo Amaral\*\*\*\**, Porto Alegre

*Rosane Schermann Poziomczyk\*\*\*\**, Porto Alegre

*Partindo da premissa de que os instantes criativos do artista sensível se fundamentam em uma temporária suspensão do raciocínio lógico e do estabelecimento de um contato privilegiado com as profundezas do psiquismo, escolhemos três trechos da obra de Cervantes – os contos “O Ciumento” e “Diálogo de Cães” e um capítulo do Dom Quixote, “O Elmo de Mambrino” -, além de um acontecimento de sua vida literária, (o “Episódio Avellaneda”), para ilustrar algumas de nossas idéias a respeito da teoria e da técnica psicanalíticas.*

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

\*\* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

\*\*\* Graduado do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

\*\*\*\* Candidato do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



## 1. Introdução

Desde os trabalhos fundadores de Sigmund Freud, a psicanálise tem contado com a literatura como um ponto de partida e de apoio no profundo entendimento do mundo interno. Todo grande artista possui, a respeito da natureza humana, uma captação estética imediata que fica registrada em sua obra. Temos compreendido, através da prática psicanalítica, que esses instantes criativos do artista sensível se fundamentam em uma temporária e dramática suspensão do raciocínio lógico e do estabelecimento de um contato privilegiado com as profundezas do psiquismo. Assim, toda obra de arte inspirada denuncia as falsas polaridades razão/emoção, pensamento/sentimento, objetivo/subjetivo. Por isso temos tanto a aprender com os artistas. É a partir dessa premissa que resolvemos examinar, sob o ponto de vista da psicanálise, algumas das intuitivas contribuições de Miguel de Cervantes.

Em sua época, o espírito científico moderno, cartesiano, começava a desenvolver-se e, no meio intelectual, a fantasia começava a ser proscrita em favor da razão, da realidade objetiva. Por outro lado, para o povo em geral, não havia uma separação nítida entre o que era ficção (por exemplo, romances de cavalaria) e o que era história real. Cervantes, em *D. Quixote*, ao mesmo tempo em que mostra a distinção entre fantasia e realidade (exemplificadas através dos personagens D. Quixote e Sancho Pança), lança luz no poder e influência da fantasia sobre a conduta humana.

Num tempo em que o doente mental era tratado como uma fera, vítima de superstição, como se estivesse ligado ao demônio, Cervantes apresenta em sua obra a doença mental como complexa, mas passível de ser entendida em termos de motivação humana. Em *D. Quixote*, por exemplo, pode-se inferir que Cervantes percebeu que os delírios de D. Quixote podiam ser compreendidos dentro do contexto de se tratar de um nobre velho, com medo da morte que se aproximava, sentindo-se impotente e com uma depressão melancólica.

Escolhemos três trechos da obra do mestre espanhol — os contos “O ciumento”, “Diálogo de cães” e um capítulo do *D. Quixote*, “O elmo de Mambrino” —, além de um acontecimento de sua vida literária (sua surpreendente reação à publicação apócrifa do segundo volume do *Quixote* e que ficou conhecida como “Episódio Avellaneda”) para ilustrar, inspirados na personalidade e nas criaturas do grande escritor, algumas de nossas idéias a respeito da teoria e da técnica psicanalíticas.





## 2. O “Episódio Avellaneda”: *toda la gente sabra que yo no soy el Don Quijote que el habla*

Publicado em 1605, *El Ingenioso Hidalgo Don Quixote de la Mancha* tornou-se, em poucos anos, um sucesso literário: em 1613 já eram dez as edições em espanhol; em 1612 já havia sido publicada uma versão inglesa e, em 1614, surgiu a edição francesa. Em função de tal êxito, Cervantes foi pressionado por seu editor para que finalizasse um segundo volume no qual vinha trabalhando em ritmo lento. Estimulado, debruçou-se à obra para concluí-la e, em apenas dois meses, no verão de 1614, escreveu vinte e três capítulos.

É então que acontece o fato inesperado: no final de setembro de 1614, é editado em Tarragona, de autoria de um tal Alonso Fernández de Avellaneda<sup>1</sup>, um *Segundo Tomo del Ingenioso Hidalgo Don Quixote de la Mancha*. Tal impostura, obra de um aproveitador, continha, além do evidente plágio, graves ataques pessoais a Cervantes. Avellaneda, quem quer que fosse esse farsante, dedicava-se, no prefácio de seu livro apócrifo, a tecer uma série de calúnias contra o verdadeiro criador do Quixote. Após referir-se a Cervantes como velho e maneta, acusando-o de ter “*mais língua que mãos*”, declara ser o mesmo uma pessoa que enfada a todos e, por isso, carece de amigos. Além dessas ofensas, dedica-se a mais calúnias: em uma das passagens caracteriza Catalina de Salazar, esposa de Cervantes, como infiel. Abusa de um trocadilho da época, no qual “Cervantes”, originado de “*ciervo*”, era sinônimo de “marido enganado”, “chifrudo”. Além disso, em sua ficção, trata com desprezo os personagens criados por Cervantes e proporciona ao Quixote um destino extremamente infeliz: seu livro termina com a morte do cavaleiro em um hospício na cidade de Toledo.

Ignora-se a primeira reação do grande escritor a tudo isso. Mas, para os que esperaram uma resposta na vida real (uma ação na justiça, como seria cabível nos dias de hoje), restou a frustração: Cervantes não tomou qualquer providência desse tipo. A desforra deu-se exclusivamente dentro do terreno literário. Vejamos, a seguir, o teor de sua réplica:

a) Já no prólogo do segundo volume do *Quixote*, Cervantes adverte o leitor que não pretende vingar-se de Avellaneda: “...*com quanta ansiedade debes estar esperando agora, leitor ilustre ou mesmo plebeu, este prólogo, imaginando nele encontrar vingança, brigas e ofensas ao autor do segundo D. Quixote ... Mas, na ver-*

1. É muito discutida a identidade deste Avellaneda. Querem alguns que seja um tal de Gerónimo de Passamonte que, vingando-se por ter sido retratado por Cervantes como um marginal, no capítulo 22 da primeira parte, sob o nome de Ginés de Passamonte, resolve ridicularizar o herói nesse segundo e apócrifo volume. Inclusive Lope de Veja, desafeto de Cervantes, foi aventado como possível impostor.





*dade, não te darei esta satisfação; mesmo que os agravos despertem cólera nos corações mais humildes, no meu há de padecer de exceção a esta regra. Queria que o chamasse de asno, de mentecapto, e de atrevido; mas isto não me passa pelo pensamento: castigue-o o seu pecado, coma-o com seu pão e se mande”* (Cervantes, 1605-1615, p. 325).

Mais adiante, comenta o quanto se sentiu injustiçado pelas referências a “velho” e “maneta”. Declara que, obviamente, não estava entre suas capacidades aquela de deter o tempo e que seu ferimento na mão esquerda não havia sido provocado por uma reles briga de taberna, mas, isto sim, na gloriosa batalha de Lepanto. Desse ferimento tinha orgulho, não vergonha. O tom da resposta sugere, além da tristeza pelo episódio, desprezo em relação ao autor da injustiça. Vê-se que, ao invés de um revide pessoal, se limita a revidar no texto e deixa que a própria consciência do ofensor se encarregue do castigo.

b) No corpo da obra é que vai evidenciar-se a maestria literária de Cervantes, ao incluir o “Episódio Avellaneda” na própria estrutura do romance que está escrevendo: no capítulo 59 da Parte Segunda, Cervantes faz D. Quixote e Sancho, a caminho de Saragoça, entrarem em uma estalagem de beira de estrada. D. Quixote, prestes a recolher-se ao seu quarto, escuta, de um dos hóspedes, menção ao seu nome e a uma segunda parte do *Don Quijote de la Mancha*. Ao ouvir tal coisa, detém-se e põe-se a folhar o livro mencionado. E aqui se desata a criatividade de Cervantes: D. Quixote e Sancho, personagens de ficção, de dentro da obra, lêem e desmentem o *Don Quijote de Avellaneda*. Após um rápido exame, o *engenhoso fidalgo* encontra no texto várias incorreções; indignado, as critica. Toma, então, uma decisão surpreendente. Com a finalidade de desmentir o falso escritor, desiste de sua proclamada ida a Saragoça. Tal viagem havia sido anunciada no final do primeiro tomo e Avellaneda montara toda sua falsa segunda parte baseado nessa pretendida jornada. Vejamos a maneira como Cervantes faz D. Quixote expressar, na obra, sua surpreendente decisão: “...*não porei os pés em Saragoça, e assim jogarei em praça pública a mentira deste historiador moderno e toda a gente saberá que eu não sou o D. Quixote que ele pinta*” (Cervantes, 1605-1615, p.472).

### **A respeito da criatividade e do contato com a vida onírica**

Que lições a psicanálise pode aprender desse episódio? Pensamos que ele acrescenta algo ao que Meltzer discute em “A fronteira entre o sonho e as ações”, de seu livro *Vida Onírica*. No referido capítulo, Meltzer comenta que a capacidade e a possibilidade de utilizar o pensamento como uma estrutura intermediária entre o impulso e a ação diferem muito de uma pessoa para outra e que, em algumas pessoas, o





pensamento ocupa um papel tão preponderante em sua personalidade que elas chegam a, praticamente, “...substituir a ação pelo pensamento, de modo que o impulso não encontra expressão no mundo exterior” (Meltzer, 1984, p.143). Em contraste com isso, outras pessoas são de tal modo governadas pelo impulso e levadas à ação, que o pensamento quase não ocupa lugar em seu mundo mental e o que se verifica é uma valorização quase exclusiva do ato. Assim, de acordo com o papel que é dado ao pensamento, temos todo um espectro que vai desde um retraimento com relação à realidade externa (nas pessoas dominadas pelo pensamento) até um outro extremo de negação da realidade interna (naquelas personalidades governadas pela ação). Em algum ponto entre esses dois extremos, segundo Meltzer, “...encontra-se a esfera da arte e da ciência, na qual o pensamento contenta-se com atuar a serviço do conhecimento do mundo externo sem, necessariamente, buscar sua modificação” (Meltzer, 1984, p.143). Pensamos que este “Episódio Avellaneda” ilustra o que Meltzer sustenta em seu texto: Cervantes consegue lidar com uma situação no mundo externo incluindo-a no texto, borra os limites entre mundo externo e mundo interno e contém-se em sua reação, que, ao mesmo tempo, é muito eficaz. O que se torna flagrante, nesse episódio e na reação de Cervantes, é que, ao invés de ficar preso em contendas sobre autoria, o genial escritor elabora uma resposta tão engenhosa que, para o impostor Avellaneda, o “...tiro ... saiu pela culatra: permitiu a Cervantes as maravilhosas incursões intra e intertextuais que realiza em sua segunda parte do *Quixote*” (Barbosa, 1999, p.14). Assim, Cervantes consegue, através da arte e do contato com sua vida onírica, “administrar” adequadamente “...a relação existente entre a vida onírica e a ação no mundo externo, uma ação destinada a participar na criatividade do mundo mais do que destinada a modificá-lo para satisfazer as necessidades e os desejos do indivíduo” (Meltzer, 1984, p. 146). Segundo nossa opinião, isso foi possível justamente em função do trânsito livre entre mundo interno e mundo externo e concordamos com Meltzer quando afirma que “O contato com a vida onírica parece ser o antídoto contra o desvio do espectro em qualquer sentido. Temos que viver nossa vida onírica, já que ela é nossa imaginação” (Meltzer, 1984, p.149).

### **3. O Elmo de Mambrino: somos amigos porque el és el, porque yo soy yo y porque juntos los dos somos nosotros**

No capítulo 21 da primeira parte do *D. Quixote*, “Que trata da Alta Aventura e Preciosa Conquista do Elmo de Mambrino, com outras coisas acontecidas ao nosso invencível cavaleiro”, Cervantes (1605-1615, p. 203/204), a certa altura, descreve o seguinte episódio: D. Quixote está cavalgando pela estrada, acompanhado por San-





cho Pança, quando avista um homem que vem a cavalo em sua direção. Tal personagem cobre a cabeça com uma “*coisa que relampagueava como se fora de ouro*”. Apenas vê esse cavaleiro, D. Quixote exclama para Sancho:

“– ... *ai vem caminhando em nossa direção um homem que traz na cabeça o elmo de Mambrino, sobre o qual me ouviste o juramento que sabes.*  
– *Olhe Vossa Mercê bem o que diz e melhor o que faz- respondeu Sancho. (...)*  
*O que vejo ... não é senão um homem sobre um asno pardo, cor do meu, e que traz na cabeça uma coisa que reluz.*  
– *Pois este é o elmo de Mambrino – disse D. Quixote. Arreda-te para um lado e deixa-me só com ele; vais ver como eu, sem proferir palavra, por não desperdiçar tempo, concluo esta aventura e me aposso do elmo que tanto desejava.*”

Acontece que o personagem que D. Quixote planejava atacar nada mais era do que um cirurgião-barbeiro que pretendia trabalhar em uma cidade próxima e que, para proteger-se da chuva, cobrira a cabeça com uma bacia que, limpa e polida, reluzia. E foi a tal bacia que, a D. Quixote, pareceu ser o elmo de ouro. Incontinentemente ataca o infeliz:

“– *Defende-te, vilíssima criatura, ou entrega-me voluntariamente o que me é devido!*”

O barbeiro, ao ser atacado, foge deixando a bacia. D. Quixote coloca-a na cabeça e exclama:

“– *O pagão para o qual foi feito este elmo deveria possuir uma cabeça muito grande. O pior é que falta metade dele.*”

Sancho, ao ouvir tal disparate, não pode deixar de rir, e o fidalgo pergunta-lhe a causa daquele riso:

“– *Rio-me de pensar no tamanho da cabeça do pagão dono deste elmo, que se parece tanto com uma bacia de barbeiro que não noto diferença alguma.*”

D. Quixote encontra logo uma explicação: o famoso elmo teria caído nas mãos de algum indivíduo ignorante. Esse, desconhecendo o verdadeiro valor de tão preciosa peça, aproveitara metade dela para fazer uma bacia de barbeiro.



### A respeito da capacidade de *rêverie*

Como poderíamos entender a amplitude do delírio de D. Quixote, não fosse a presença *falante* de seu escudeiro Sancho Pança? E associando... como poderíamos conhecer a dimensão dos sonhos e delírios de Norbert Hanold, no conto “Gradiva”, de Wilhem Jensen, não fosse a presença de Zoé? E ampliando... como a psicanálise poderia ter surgido não fosse Freud empenhar-se na tarefa de conhecer o significado dos sonhos de Dora?

No episódio “O Elmo de Mambrino”, retirado de sua obra *El Ingenioso Hidalgo Don Quixote de La Mancha*, Sancho identifica o engano de D. Quixote e assume ele próprio a ligação com o mundo real, permanecendo fiel a sua própria percepção. Ao mesmo tempo, busca comunicar a realidade com espíritosidade, o que caracteriza sua flexibilidade para dar conta da fantasia. Cenas como essa vão se repetir inúmeras vezes, praticamente até o momento da morte de D. Quixote, quando, então, esse conseguirá recobrar sua ligação com o mundo real.

Passaram-se quase três séculos. A psicanálise vem progressivamente fundamentando a idéia de que vivemos não em um mundo, mas em dois; que também vivemos em um mundo interno e que esse é uma esfera vital tão real como o mundo exterior. Essa descoberta trouxe uma significação inteiramente nova ao conceito de fantasia: a de que as fantasias inconscientes são transações que têm lugar realmente em um mundo interno. Em consequência, era preciso dar a esse mundo interno um lugar com pleno significado, um espaço vital, quem sabe o lugar onde se gera o significado.

Para Klein (apud Meltzer, 1984), no entanto, o desenvolvimento da mente se assemelharia à abertura de uma flor quando essa goza de alimentação adequada e está livre de parasitas e depredadores. Outros, como Bion, consideravam que o desenvolvimento da mente constitui um processo complexo que deve estruturar-se passo a passo e que, portanto, não poderia comparar-se com as formas biológicas de crescimento. Bion considerou que a mãe tem que realizar certas funções para o bebê – funções mentais – para que esse possa logo aprender a realizá-las por si mesmo, mediante a internalização da figura materna. Seria como se sua mente tivesse que pensar pelo bebê, devolvendo-lhe as partes perturbadas de si mesmo em condições tais que tornem possível o aparecimento do pensamento e, em particular, dos sonhos. Observa que esta capacidade do bebê para pensar não só depende da capacidade de *rêverie* da mãe para pôr em ordem as vivências caóticas, mas também de sua disponibilidade como objeto para ser internalizado.

Não terá sido essa a função do escudeiro Sancho Pança, dando ordem ao caos e oferecendo momentaneamente sua função materna? Poderia o nosso “*caballero*”







ter feito suas andanças entre seu mundo interno e seu mundo real, não fosse a presença constante de Sancho?

Cervantes parece ter atribuído ao personagem Sancho Pança a tarefa de ser o representante de uma parte de D. Quixote que estava desligada e que, provavelmente, poria em risco sua sobrevivência, não fosse esse escudeiro ser capaz de dar conta das tendências instintivas e da necessidade de adaptação à realidade.

Helen Deutsch (1937), em seu trabalho “D. Quixote e D. Quixotismo”, diz que o trágico D. Quixote só é compreensível à luz do cômico Sancho Pança. Observa que, se o cavaleiro andante vive no idealismo do ego purificado de sua loucura, Sancho Pança faz a ponte para a realidade com uma parte cindida de D. Quixote, uma fração adaptada da realidade na qual a aceitação instintiva é preferível à negação dos instintos. Para a autora, o árido ascetismo de D. Quixote tê-lo-ia levado à morte, se não houvesse o instinto materno de Sancho Pança acompanhado a sua dor. É ele quem vai tomar conta das necessidades corporais de D. Quixote. O bondoso escudeiro se identifica com a loucura de seu amo, mas, ao mesmo tempo, trata de mantê-lo vinculado à realidade. Sancho reinstala em D. Quixote a ligação com seu mundo afetivo, do qual o fidalgo quis se desprender ao sair de sua aldeia, abandonando seus costumes. Mas reconhecemos que não é só D. Quixote quem se beneficia dessa relação. Esse oferece a Sancho a possibilidade de ampliar seus horizontes, de sonhar e de ingressar no mundo da fantasia.

D. Quixote e Sancho Pança se acompanham, cooperam entre si e se ajudam, ouvem um ao outro, respeitam seus silêncios, complementam-se.

#### **4. O ciumento: *de lo poco que hay que fiar de llaves... cuando queda la voluntad libre***

As *Novelas Exemplares* datam de 1613. Em mais uma obra Cervantes brinda-nos com sua criatividade. Para que possamos apreciá-lo desde agora, deixemos falar o escritor: “*Dei-lhes o nome de exemplares e, se observares bem, não verás nenhuma da qual não se possa tirar algum exemplo proveitoso e, se não fosse prolongar demasiadamente esse assunto, talvez eu te mostrasse o saboroso e honesto fruto que se pode obter tanto de todas juntas como de cada uma em separado*” (Cervantes, 1613, p.513).

Conta-nos ainda que foi o primeiro a novelar em língua castelhana; as que havia naquela época eram traduzidas e essas “...concebeu-as o meu talento, *pariu-as a minha pena e vão crescendo nos braços da imprensa*” (op. cit. p.514).

Em “O Ciumento”, Cervantes coloca-nos a viver a história de um fidalgo,





Carrizales, que se apaixonou por Leonora, mulher bem mais jovem e dotada de grande beleza. Quer tê-la só para si e, para isso, encerra-a numa casa sem aberturas para o mundo. Ali, somente os dois deverão viver, servidos por criadas e guardados por um escravo, atrás de uma única porta cuja chave somente esse possui. Assim vivem até o dia em que um jovem, Loaysa, tomado de curiosidade, querendo saber que mulher tão preciosa se esconde ali, arquiteta um plano para conhecê-la. Fantasiado de mendigo e utilizando-se da música que toca e canta, seduz o escravo guardião e, posteriormente, as criadas e Leonora. Alcança seu intento, mas somente ao ponto de compartilhar a mesma cama com a jovem senhora durante uma noite, sem a consumação de um ato sexual. Porém foi suficiente para que fossem vistos por Carrizales... No entanto, isso já não é o mais importante a essa altura da novela; agora vem para primeiro plano o “exemplo” que o personagem principal vive e nos transmite, “... *da desconfiança que devemos ter em chaves... quando a vontade permanece livre...*” (op. cit., p.613). Com grande sofrimento, o fidalgo decide libertar Leonora e deixá-lhe o suficiente para viver bem o resto de sua vida.

Um homem, a princípio tão dominado por ciúmes doentios, a ponto de encerrar numa casa/prisão a sua amada, tirando-lhe o direito de usufruir o mundo lá fora, no momento em que é vencido pela força da vida, o desejo humano, que derruba suas barreiras, consegue modificar sua forma de expressão do amor e libertar sua amada.

Neste pequeno texto, no íntimo desse personagem, transcorre uma evolução que sabemos que é um longo caminho no mundo interno. Porém, dessa forma e sem mais delongas, o escritor transmite sua mensagem.

### **A respeito de sublimação e criatividade**

Freud (1914) nos diz que é o instinto sexual defletido e não reprimido que está na base dos atos criativos. Assim, essa energia abandona sua meta sexual inicial e vai servir ao enriquecimento do ego. O ser humano está capacitado a expressar essa riqueza, sob as mais variadas formas, ao longo de sua vida, podendo contribuir para o desenvolvimento cultural de uma época.

A evolução do personagem Carrizales reflete a capacidade de nosso admirado escritor Cervantes na elaboração de tragédias. Com um particular senso de humor, coloca a nós leitores, através de seus personagens, numa experiência na qual vivemos as dores dos infortúnios e saímos, ao final do texto, carregados de emoção e estimulados à reflexão. Para Freud (1925), na resolução da tragédia edípica do menino, o complexo que se monta ali não é simplesmente reprimido, é despedaçado pela ameaça de castração e “...*Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas e, em parte, sublimadas...*” (Freud, 1925, p.319). Bem antes do surgimento da psicaná-



lise com os conceitos de repressão e sublimação, deixou-nos Cervantes o seu “exemplo” sobre eles.

Klein (1927) situa o desenvolvimento da capacidade de sublimar no marco da reparação contemporânea à fase depressiva, trazendo-a, portanto, para o primeiro ano de vida. Sucedendo-a, Segal (1993) preocupa-se em refletir sobre a criatividade. Formula o conceito de equações simbólicas e, ao tomar contato com a obra de Bion (1962), diz que poderíamos considerá-la um estágio transicional entre os elementos beta e alfa. Acredita que a função alfa está intimamente relacionada à função simbólica e que essa é a essência da criatividade. Ressalta o modelo desenvolvido por esse último, a relação continente/contido, como a fonte criadora do próprio aparelho mental e espaço necessário para as suas transformações. Estamos agora transitando em diferentes hipóteses sobre a fonte da capacidade criativa humana. Poderíamos fazer isso se ficássemos presos como Leonora?

Podemos pensar, como Likierman (1989), que a capacidade criativa se origina no início da vida. Esse autor acredita que, das primeiras experiências “boas” da vida, necessariamente sensoriais e estéticas – porque estamos numa época pré-conceitual – cria-se a criatividade, por assim dizer. Pensa que um desenvolvimento saudável depende da capacidade individual de transferir a experiência estética inicial para a percepção depressiva de um objeto integrado e da visão do mundo bom/mau total em termos de princípios estéticos. Assim, estamos nós invadidos pela sensação de beleza com os textos de Cervantes e tentando transmiti-la ao leitor. Porém a melhor maneira de “falar” disso com alguém é compartilhar a sensação.

Por essa via – a da sensibilidade estética – Loaysa chega com sua música ao coração de Leonora. Por essa via, somos conquistados pelo escritor. Entramos no drama de “O Ciumento”: vivemos a história de Carrizales, Leonora, Loaysa, do escravo, das escravas...e chegamos ao fim da leitura. Sair das tragédias recuperados, guardá-las no arquivo da memória para podermos lá voltar e olhá-las sob ângulos diferentes, como fontes inexauríveis de conhecimento sempre potencialmente capazes de iluminar nossas dúvidas, é um dom precioso. Num contato desse tipo, livres das chaves da repressão, ficamos fertilizados nessa terra fantástica e ainda muito desconhecida da capacidade criativa humana.

### **5. Diálogo de cães: *habla ... que yo te escucharé de muy buena gana, sin impedirte sino cuando viere ser necesario***

Um diálogo se desenrola em um local silencioso, na penumbra, em um ambiente livre de estímulos externos. B narra sua história para C. C mantém uma atitude





de escutar B, só o interrompendo em alguns momentos para estimulá-lo a se aprofundar em algum problema. No desenrolar, B começa a se inquirir, na presença de C, sobre sua verdadeira identidade, sua história. Surge também a questão de o que é fantasia e o que é realidade.

Cena de um consultório de psicanálise do século XX? Não, cena e argumento do “Diálogo de Cães”, uma das *Novelas Exemplares* escritas por Miguel de Cervantes em 1613. Nessa novela, um homem conta a outro que, enquanto convalescia em um hospital, ouviu, ao longo da noite, um diálogo entre dois cães (Cipiión e Berganza) que estavam ao lado de sua cama e achavam que ele dormia e não os escutava.

No referido diálogo, Berganza inicia a contar a Cipiión a história de sua vida: “*E ainda sobre mim, desde que tive forças para roer um osso tive vontade de falar, para dizer coisas que depositava na memória, e lá, de antigas e muitas, ou se esmo-reciam ou as esquecia. Mas agora, que tão sem pensá-lo me vejo enriquecido deste divino dom da fala, penso gozá-lo e dele me aproveitar o mais que puder, dando-me pressa em dizer tudo aquilo que recordar, mesmo que seja atropelada e confusamente (...)*” Ao que Cipiión responde: “*Seja desta maneira (...): que esta noite me contes tua vida e os dramas pelos quais tens vindo até o ponto em que agora te encontras*”. E continua adiante: “*Fala até que amanheça, ou até que sejamos notados; que eu te escutarei de muito bom grado, sem impedir-te senão quando vir a ser necessário*” (op.cit., p.665).

E, de fato, ao longo de todo o diálogo, Cipiión mantém uma atitude de escutar Berganza, só o interrompendo em alguns momentos para trazê-lo de volta a um assunto iniciado ou para encorajá-lo a se aprofundar em alguma situação, como por exemplo: “*Antes que passes adiante, Berganza, é importante que reparemos no que te disse a bruxa e averigüemos se pode ser verdade(...)*”. Adiante, Cipiión chama a atenção para o fato de que o que é dito poder ser entendido em um “sentido literal” e também em um “sentido alegórico”, o qual “*não quer dizer o que a letra soa, senão outra coisa que, ainda que diferente, lhe tenha semelhança*”. (op.cit., p. 679-80).

Cipiión vai assumindo uma atitude por vezes pedagógica, de guia. E Berganza vai nutrindo por ele admiração e confiança: “*Muito sabes, Cipiión*” ... “*estou te tendo por discreto e por amigo*” (op.cit., p.665-671). E, ao lado de Cipiión, Berganza vai lembrando de situações passadas, muitas vezes traumáticas, e passa a se perguntar sobre sua verdadeira identidade, seus pais, suas origens.

### A respeito da técnica psicanalítica

Podemos imaginar que no “Diálogo de Cães” esteja representado um modelo, intuitivo, embrionário, do que depois seria desenvolvido por Freud na técnica psica-





nalítica. Há a noção do ambiente propício para o acesso ao psiquismo do paciente (silêncio, penumbra, poucos estímulos externos), acompanhado da atitude de escuta psicanalítica, da discrição e confidencialidade por parte do analista. Há certa noção de conteúdo manifesto e conteúdo latente. Podemos pensar no desenvolvimento de uma “aliança terapêutica”. E surge, dentro desse *setting*, a possibilidade de o paciente lembrar e se dar conta de aspectos de sua vida, de sua identidade. Há um esboço de noção de inconsciente, lembranças esquecidas e a importância de torná-las conscientes.

Cabe aqui lembrar, com base em carta de Freud a Martha Bernays, que o primeiro contato de Freud com Cervantes ocorreu na sua infância, lendo o “Diálogo de Cães” em companhia de seu inseparável amigo Silberstein. Ficaram tão entusiasmados que começaram a aprender sozinhos o espanhol, fundaram a *Academia Castellhana*, da qual eram os únicos membros, e determinaram um ao outro o nome e o papel de cada um deles: Freud seria Cipión e Silberstein seria Berganza (Jones, 1953, p.174).

Grinberg e Rodríguez (1984) comentam que a atitude de Cipión, escutando, orientando, fazendo comentários ocasionais para facilitar o fluxo do material de Berganza, é muito similar à atitude adotada por Freud com suas pacientes nos *Estudos sobre Histeria*. Podemos imaginar o quanto a genial intuição de Cervantes em relação ao acesso ao funcionamento mental tenha encontrado eco no jovem Freud. E podemos imaginar também o interesse despertado em Freud pelos temas que ocupavam a obra de Cervantes, muitos dos quais hoje em dia seriam considerados tipicamente freudianos.

Cervantes tinha certa noção do interjogo entre fantasia e realidade, entre o mundo interno e o mundo externo; freqüentemente estava às voltas com a questão sobre o que é falso e o que é verdadeiro. Em “Diálogo de Cães”, já no início, os homens se perguntam se é sonho ou realidade que um deles tenha presenciado aquele diálogo; mais adiante, os próprios cães também se questionam se o que está acontecendo com eles (falarem) é sonho ou realidade. Mais no final, há uma bela passagem em que Berganza conta o que uma bruxa lhe dissera a respeito da fantasia: “*porque tudo que se passa na fantasia é tão intensamente que não há como diferenciá-lo de quando é real e verdadeiro*”; e mais: “*na fantasia passamos tudo aquilo que nos parece passar verdadeiramente*” (Cervantes, 1613, p.677-678).

Cervantes apresentava, assim, a noção do poder e da influência da fantasia na conduta humana, conferindo à fantasia, ao mundo interno, o status de uma “outra realidade”, tão real dentro do funcionamento da mente como o mundo racional, objetivo.





## 6. Considerações finais

O uso da narrativa, quando exercido com maestria, implica em sensibilidade e coragem. Sensibilidade para captar as múltiplas vozes que povoam o nosso inconsciente e coragem para abrir o peito, feito golpe de espada, não temendo o ridículo ou a exposição de sonhos de heróis e salvadores das virtudes do mundo. Conforme já mencionamos, a poderosa narrativa de Cervantes impressionou o jovem Sigmund. Gedo e Wolf, citados por Bea J. e Hernández V. (1984), assinalam como o *D. Quixote* serviu como um espelho que refletiu os conflitos da juventude de Freud, tendo, provavelmente, contribuído na criação da psicanálise.

Nos textos de Cervantes impressiona a sua capacidade de mergulhar na região onde a fantasia e a realidade estão fundidas, emergir sem enlouquecer e, através desse exercício, criar os personagens que darão forma às fantasias inconscientes relacionadas à dor depressiva e às feridas narcísicas. E, mais do que isso, esse grande mestre da novela ocidental, do hipertexto da aventura, não respeita os limites da autoria: transforma-nos em co-autores e em participantes do enredo, instiga o inconsciente e torna D. Quixote um modelo da aventura humana e de várias contingências do funcionamento mental.

Assim, no episódio “O Elmo de Mambrino”, à medida que transcorre o diálogo entre D. Quixote e Sancho, percebemos que eles vão construindo juntos um símbolo, o “*elmo/bacia*”. Da mesma forma, Carrizales, quando fala da “...*desconfiança que devemos ter em chaves quando a vontade permanece livre*”, faz das chaves um símbolo da repressão. Os símbolos formados (elementos alfa) é que permitem esse fascinante trânsito entre fantasia/realidade que caracteriza a obra de arte. Isso fica também evidenciado no criativo “Diálogo de Cães”.

Um outro paralelo importante entre esses criadores, Cervantes e Freud, e suas obras, é o fato de que os dois admiram heróis e ambos se transformam em heróis capazes de enfrentar e conquistar, com a palavra, a compreensão e o entendimento. O leitor emociona-se ao compartilhar com Cervantes essa capacidade, a maneira como ele enfrenta o impostor no “Episódio Avellaneda”. Este sentimento também surge ao ler a solução que Carrizales encontra para a traição de sua amada em “O Ciumento”.

O impacto da obra de Cervantes reside no seu talento para pensar e comunicar de forma criativa, com simplicidade e senso de humor, a experiência emocional nas relações de objeto do mundo interno, circulando livremente nesse espaço. Essa situação fica muito bem exemplificada no “Diálogo de Cães”. Neste sentido, surpreende observar a semelhança do seguinte trecho desse conto com o pressuposto de postura mental do analista durante a sessão psicanalítica: “*Habla (...) que yo te escucharé de muy buena gana, sin impedirte sino cuando viere ser necesario*”.





Deste modo, parece razoável pensar em Cervantes como um “... *antecessor cultural de Freud*” (Grinberg e Rodríguez, 1984, p.163). Sua obra exerce uma função semelhante àquela do *setting* analítico: uma espécie de palco seguro onde o escritor pode expressar, através de seus personagens, relações objetais primitivas. A leitura de sua obra sugere que o exercício literário e o texto resultante podem funcionar como continentes de aspectos dissociados da personalidade, recebendo as projeções, ressignificando-as, permitindo assim que sejam reintrojadas de forma mais integrada (Bion, 1962). Em D. Quixote, cabe ao personagem Sancho Pança exercer esse papel, o que faz com admirável habilidade. Cervantes nos mostra, com um toque de mestre, como a inter-relação entre a atividade fantasiosa de D. Quixote e as respostas encontradas no mundo real para suas aventuras a serviço de sua ambição e glória dá início ao processo curativo. Através da transformação do falso herói, gradualmente surge o homem autêntico, à medida que vai elaborando seu narcisismo através da dor do reconhecimento das suas próprias limitações, de seus conflitos internos e de suas necessidades e dependência. Neste sentido, Sancho Pança, que até certa altura não teve seus méritos valorizados por D. Quixote, vai aos poucos adquirindo autonomia, tornando-se mais integrado, e passa a ser reconhecido como necessitado. Ao lado dos sentimentos de medo e depressão despertados por esse contato com a realidade, o personagem adquire “*insight*” e habilidade para depender de um bom objeto interno. Pode, então, ficar só e sereno.

Mas, antes de chegar ao final de sua obra, Cervantes ainda tem algo para nos ensinar: em seu leito de morte, diz Quixote aos amigos que tentam encorajá-lo a retomar as defesas narcísicas e maníacas: “...*parem com esta bobagem, e tragam-me um confessor que me confesse e um escrivão que faça meu testamento, em tais situações extremas um homem não deve brincar com sua alma*”. Nesse momento, Sancho Pança, ao lado do leito, diz: “*Não morra, mas aceite o meu conselho e continue vivendo por muitos anos ainda; porque a maior loucura de um homem nesta vida é morrer sem um bom motivo, sem ser morto por ninguém, ferido apenas pelas mãos da melancolia*” (Cervantes, 1615, p.504). Esse final ambíguo confere ao Quixote as características de uma obra aberta, com possibilidade de nos aproximarmos dela e a recriarmos infinitas vezes. Ao trabalharmos com psicanálise, também nos envolvemos em uma longa narrativa. Como a de Quixote, repleta de sonhos, aventuras, fantasias, mitos e muitos personagens. Permitimo-nos enlouquecer junto com seus pacientes acompanhantes, acreditando nos moinhos e inimigos imaginários. Sofremos junto, limpamos feridas, ajudamos a levantar, enganamo-nos e caímos várias vezes. No final da jornada, cansados e esfolados, pensamos que talvez encontremos o caminho de volta. E, como Sancho Pança, junto ao leito de morte de D. Quixote, que acredita que salvou a vida de alguns pacientes da morte por melancolia e nem sequer





se apercebe que também salvou a si mesmo. Na dupla de personagens, onde ficamos? Talvez possamos concluir que nosso lugar não é estático, ora somos D. Quixote, quando temos que sonhar por nossos pacientes, ora Sancho Pança, quando temos que despertá-los.

Cervantes, ao se perceber real, mortal e elaborar a questão da transitoriedade, cria uma obra imortal. Como diz Meltzer (1988), para comunicar e ser criativo é necessário renunciar ao desejo de desvendar o interior do objeto, é preciso respeitar o mistério, o enigma da beleza do outro. Só então a criatividade surge com o exercício da imaginação e através do contato com a vida onírica. Assim nascem os personagens de Cervantes: D. Quixote, Sancho Pança, Dulcinéia, Carrizales, Leonora, Loaysa, Cipión, Berganza, todos respeitados na sua essência e privacidade, como qualquer ser humano que se considere; como na relação analítica, quando somos convidados a percorrer cada um desses personagens e compartilhar as emoções sentidas, livres das chaves da repressão, possibilitando a elaboração e a sublimação. As pessoas passam, os personagens são imortais. Investidos de vida a cada nova apresentação, utilizam a mente do leitor para reviverem mais uma vez, mais uma vez e mais uma vez ... Por isso, o escritor é antes de tudo um valente cavaleiro. Enfrenta a dor de ter que dizer e, além disso, assistir a outros apoderarem-se de sua obra, usando-a em benefício de seus interesses emocionais, já que de outra forma não ousariam mostrar-se.

Como esses magníficos personagens da literatura cervantina, formamos um “nosotros” com nossos pacientes, “...*los dos forman un nosotros que nos engloba, nos totaliza y nos obliga, porque secretamente nos impulsa a ser más hombres e a serlo mejor*” (Entralgo, 1986, p.35). □

## Summary

Considering that artist's creative moments are founded on the temporary suspension of logical reasoning and by the establishment of a privileged contact with the deepness of psyche, the authors studied two chosen extracts from Cervante's tales (“The Jealous” and “Dialog of Dogs”) and one chapter of *Don Quijote de La Mancha* (“The Mambrino's Helm”) as well as one particular passage of Cervante's own life (“The Avellaneda Incident”), in order to illustrate some of their ideas on the psychoanalytical theory and practice.







## Referências

- BARBOSA, J.A. (1999). Dimensões do Quixote. *Cult-Revista Brasileira de Literatura* (21), São Paulo: Lemos Editorial e Gráficos.
- BEA, J., Hernández, V. (1984). Don Quixote: Freud and Cervantes. *Int. J. Psychoanal.*, 65:141-154.
- BION, W.R. (1962) *Aprendiendo de la Experiencia*. Buenos Aires: Paidós, 1963.
- BLECUA, A. (1998). Prólogo do Editor. In: Cervantes (1605-1615) *Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Espasa Calpe, 1998.
- BOEHLICH, W. (org.). *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein, 1871-1881*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- CERVANTES, M. (1605-1615). El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha. In: ——— (1585-1617) *Obras Completas*. Madrid: Castalia, 1999.
- . (1613). Novelas Exemplares. In: ——— (1585-1617) *Obras Completas*. Madrid: Castalia, 1999.
- DEUTSCH, H. (1937). Don Quixote and Don Quixotism. *The Psychoanalytic Quarterly* (6), p.215-222, 1937.
- ENTRALGO, P.L. (1986). La convivencia entre Don Quijote y Sancho. *Cuadernos Hispanoamericanos*. Nº 430, Abril /1986, p.34.
- FREUD, S. (1907). Delírios e sonhos na *Gradiva*, de Jensen. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (9). Rio de Janeiro: Imago, 1ª edição, 1976.
- . (1914). Sobre o narcisismo. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (14). Rio de Janeiro: Imago 1ª edição, 1976.
- . (1925). Algumas conseqüências psíquicas das distinção anatômica entre os sexos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (19). Rio de Janeiro: Imago Ltda., 1ª edição, 1976.
- GRINBERG, L. e RODRIGUEZ, J. (1984). Influence of Cervantes on future creator of psychoanalysis. *Int. J. Psychoanalysis* (65) 155-168.
- JONES, E. (1953). *Vida y obra de Sigmund Freud*. Vol. 1, Buenos Aires: Hormé SAE, 1979.
- KLEIN, M. (1927) Criminal tendencies in normal children. In: *The writings of Melanie Klein* (1). London: The Hogart Press.
- MELTZER, D. (1984). *Vida Onírica: Una revisión de la teoría y de la técnica psicoanalítica*. Madrid: Tecnipublicaciones, 1987.
- MELTZER, D. e WILLIAMS, M.H. (1988). *La Aprehensión de la Belleza*. Buenos Aires: Spatia, 1990.
- LIKIERMAN, M. (1989) Significado clínico da experiência estética. *Rev. Bras. Psicanálise* (28) nº 2, 1994.
- SEGAL, H. (1991). Espaço mental e elementos do simbolismo. In: *Sonho, Fantasia e Arte*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

### Juarez Guedes Cruz

Rua Cesar Lombroso, 41  
90420-130 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: jgcruz@sppa.org.br



# Que inconsciente?

(Versão revisada)\*

Antonio Imbasciati\*\*, Milão

*Considerando os estudos sobre o desenvolvimento mental primitivo da criança, o autor propõe a comparação de alguns conceitos psicanalíticos com os dados com que nos chegamos às ciências cognitivas e apresenta uma série de interrogações sobre qual possa ser, hoje, o conceito de inconsciente. O autor tende a demonstrar como muitas das teorias psicanalíticas são mantidas por tradição e não por uma efetiva e atual utilidade clínica. As interrogações e as relativas argumentações convergem para indicar a essência do inconsciente em um continuum de processos simbolopoéticos, ao cabo dos quais pode-se manifestar a função que chamamos de consciência. Neste enfoque o autor prospecta uma revisão de muitos conceitos psicanalíticos tradicionais e a necessidade de que os psicanalistas esclareçam suas teorias, seja no enfrentar-se com outras ciências, seja no seu trabalho clínico, com o objetivo de usar da melhor forma possível as descobertas psicanalíticas das últimas décadas. O autor propõe, além disto, um esboço teórico próprio para enfatizar as origens e as “construções” do sistema-mente.*

\* A versão publicada no número 1 do volume VII de 2000, apresentava problemas de tradução e de revisão técnica. Esta nova versão foi re-traduzida e extensamente revisada.

\*\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica Italiana.



## 1. Por que o inconsciente? Ou por que a consciência?

O desenvolvimento psíquico inicial, no recém-nascido e no bebê, foi estudado seja pela psicanálise mais recente, seja por outras ciências psicológicas, especialmente pelas chamadas ciências cognitivas. Se compararmos alguns dados provenientes de uma matriz científica em especial mais que de outra, surgem muitas perguntas a respeito dos conceitos e das teorias que nós, psicanalistas, usamos. O objetivo deste trabalho é, pois, oferecer uma reflexão sobre a utilidade de alguns dos nossos modelos e uma especial reflexão sobre qual é, atualmente, o nosso conceito de inconsciente.

Freud parece partir da pergunta “por que o inconsciente?” e, retroativamente, através da consciência, passa a explorá-lo. A psicanálise nasceu assim, “descobriu” o inconsciente, revolucionando o apregoado, que imperava na psicologia da época, que a mente tivesse que coincidir com a consciência. Podemos, aqui, nos colocar uma primeira pergunta: até que ponto *o método* fundado por Freud condicionou a nossa concepção de inconsciente? Uma coisa é o método de pesquisa e outra é o processo que é descoberto com tal método. Em outras palavras, a exploração pelo método freudiano a partir da consciência, retroativamente, enfrentando obstáculos, significa que devemos presumir um processo psíquico contrário? Um “fluxo”, como Freud preferia imaginar, que vai do inconsciente para a consciência? E que a ela chegaria, se não encontrasse algo que o bloqueasse? E se esse “algo” não existisse, poderíamos supor que tudo chegaria à consciência sempre? A não ser que se apelasse, como remédio, à repressão primária. Creio que Freud e os primeiros psicanalistas se fizeram tais perguntas e lhes deram uma resposta, mas quem sabe, hoje, seria oportuno refazê-las à luz dos novos conhecimentos adquiridos em um século de psicanálise.

Penso que o fulcro de uma atual reproblemática consiste em esclarecer melhor quais são as modalidades, além das causas, pelas quais aconteceria a mencionada progressão, do inconsciente ao consciente, além de nos perguntarmos quanto do que observamos no desenvolvimento das crianças se mantém dentro da estrutura mental adulta, e que assim sendo se justifique a reconstrução que dela costumamos fazer na análise. Mais detalhadamente, podemos colocar-nos as seis perguntas seguintes:

1) O fato de existir uma forma de exploração, como a tradicional freudiana, ainda hoje fulcro das análises dos adultos, significa necessariamente que, ao percurso explorativo ao revés corresponda um processo psíquico contínuo que devemos conceber como procedente do inconsciente para a consciência?

2) Se pensamos que assim é, não deveríamos rever melhor as razões (ou, ainda melhor, as causas) pelas quais postulamos uma dinâmica psíquica que procede do inconsciente?





3) Esse inconsciente reconstruído através da nossa via de exploração é aquele que verdadeiramente regula a conduta e o desenvolvimento do indivíduo?

4) Quem sabe hoje não temos outras vias de exploração, além das tradicionais análises dos adultos, que nos permitam observar mais diretamente, em *statu nascendi*, esse inconsciente? Refiro-me aos vários procedimentos de observação oferecidos pelos novos settings psicanalíticos da análise de grupo, da análise de crianças e, mais ainda, das observações psicanalíticas da relação gestante/feto (ecografia) e mãe/recém-nascido (observação de bebês).

5) Essas outras vias de exploração levam-nos à mesma concepção de inconsciente que herdamos da tradição?

6) Até que ponto damos como intrínsecas da natureza “psíquica” certas estruturas – como as que encontramos nos nossos pacientes “tradicionais” –, ao invés de considerarmos *se, como, quanto*, ou mesmo *não* teriam sido elas estruturadas durante o primeiro desenvolvimento infantil?

Freud explica a “progressão vinda do inconsciente” com a teoria da libido: o fluxo energético encontra o obstáculo da repressão, e essa parece, mesmo com muitas distinções, ligada sobretudo à frustração imposta aos instintos pela realidade. Esse último aspecto evidencia-se mais em alguns epígonos de Freud. A energia contrária da repressão bloqueia o fluxo, a descarga pulsional. Os instintos alcançam a consciência somente através de “derivados”.

Hoje temos a certeza desse modelo? Temos a certeza de que é assim? Ou, pelo menos, de que é esse o melhor modo de entendermos como se desenvolve a mente? Se dermos valor explicativo a esse modelo, supondo que realmente é assim (valor explicativo de uma teoria científica), devemos sem dúvida responder que não. As supostas cargas energéticas que Freud desejava descobertas pela bioquímica no futuro (Freud, 1882-95, p.347; 1901, p.394 sg.; 1905, p.479 sg.; 521 sg.; 524 sg.; 1906, p.223 sg.; 1914, p.448; 1915, p.21; 1915-17, p.478) não se comprovaram. Se, por outro lado, esquecendo a veracidade explicativa, limitamos o valor da teoria a um simples “modelo”, válido como tal somente em nível descritivo e heurístico, também aqui temos algumas dúvidas. Muitos autores refutam explicitamente a utilidade do modelo energético e, com isso, a teoria estrutural de Freud, a “Bruxa Metapsicologia” (Fabozzi, Ortu, 1992; Imbasciati, 1998a, b; Klein G., 1976; Gill, 1976; Eagle, 1984).

Alguns propuseram uma psicanálise sem psicodinâmica (Schaefer, 1975). E, por outro lado, as atuais diretrizes, tanto as inspiradas em Bion, por exemplo, quanto aquelas, geralmente relativas à análise infantil ou às patologias graves, parecem precedentes, sem que se revele a utilidade de uma referência ao modelo pulsional

Não poderemos, então, reorientar a pergunta inicial de Freud? Por que razões



Antonio Imbasciati

devemos nos perguntar “por que o inconsciente”? Quem sabe supomos que a mente deveria ser toda consciente? Isso era o que supunham os contemporâneos de Freud, e por esta razão, hoje histórica, ele fez muito bem em colocar o problema a partir daquela pergunta. Mas hoje, no atual estado das ciências psicológicas, quando ninguém mais defende a primazia da consciência, não poderemos, com maior utilidade, nos perguntar “por que jamais a consciência”?

Com o objetivo de ilustrar a utilidade da pergunta, vamos considerar mais detalhadamente o desenvolvimento infantil. Quando, para esse, se pode começar a falar de consciência? Somente progressivamente e lentamente. A concepção energética freudiana do inconsciente parece nos levar a pensar na consciência como uma dimensão categorial (a não ser para depois falar de pré-consciência) mais do que como um continuum. A concepção tópica persiste e nos encanta pela sua simplicidade, mas, quem sabe, nos desvia da estrada. A criança torna-se consciente muito lentamente, no segundo ano de vida, paralelamente com a linguagem. Mas não estamos completamente certos de que isso aconteça com o surgimento da linguagem. Certamente a simbolização verbal parece abrir a via para um primeiro conhecimento de si, mas, quem sabe, podemos encontrá-la até antes e depois independente da linguagem.

E não seria melhor usar o termo “dar-se conta” (Imbasciati, 1989), ao invés de consciência, com todas as suas ambigüidades (a aceção de consciência moral) e a aura da antiga psicanálise?

Quando se entende que a criança “entende” o que adquiriu? Ela possui “símbolos”? Podemos chamá-los proto-símbolos. Quando, por exemplo, a criança se dá conta que existe o objeto que foi dela escondido, ela tem uma representação disto? Podemos pensar que seja “consciente”? E podemos chamá-la “representação”? Certamente a representação que a criança tem do objeto desaparecido (os psicanalistas falam, em termos afetivos e para épocas ainda mais precoces, de “objetos ausentes”) não é igual àquela do adulto.

Retrocedamos ainda mais. Quando a criança aprendeu a chamar a atenção com certos lamentos, ou a entender o chamado do adulto, o que adquiriu? Uma representação sonora? Podemos chamá-la “consciente”? Se acompanhamos o desenvolvimento infantil, a consciência nos aparece como um verdadeiro continuum, desde uma dimensão zero, difícil de estabelecer (ao nascer, ou antes ainda?), por milésimos, até chegar-se a algo que claramente revele o caráter consciente. Não nos parece uma qualidade do psíquico, mas, mais exatamente, uma tonalidade, uma cor, por assim dizer.

Mas, antes de prosseguir falando do recém-nascido, é necessário esclarecer o que se considera representação.





## 2. Representações e processos de simbolização

Geralmente atribuímos ao termo representação o conceito que se refere à representação que pode ter o adulto: representação consciente ou, pelo menos, que possa ser chamada de volta à consciência, adequada ao objeto real, adequada à específica *sensorialidade* (visual, sonora, motora, etc...). Tal conceito é adequado para definirmos as simbolizações que adquire um recém-nascido ou uma criança? Quem sabe essas são homologáveis àquelas, mas de maneira alguma iguais. As representações da criança nunca são adequadas à realidade e muitas vezes estão misturadas nas várias sensorialidades confundidas entre si, resultando mais comparáveis com as sinestesias obtidas de forma experimental que com as percepções no verdadeiro sentido. Também é assim com as percepções: na criança (mas também no adulto, como, a partir dos anos 30, os experimentalistas demonstraram) ela nunca é adequada. A percepção não é um processo automático ligado ao funcionamento neuro-sensorial. Os estudos de perceptologia indicam como é um processo “ativo”, que pressupõe funções propriamente mentais e adquiridas, em especial o fato de adquirir uma estrutura funcional que seja capaz de “ler” o *input* neural em relação a *engramas* de reconhecimento. Esses também devem ser adquiridos. Voltaremos outras vezes a esse tema.

Os vários autores, psicanalistas e não psicanalistas, definem de forma diferente a representação. Para uma resenha sobre o argumento, veja-se Fraiberg (1969) e Taylor (1987). Neste trabalho farei alguns breves comentários a respeito. Werner e Kaplan (1963), por exemplo, falam de proto-símbolos, que “apresentam” significados, e de simbolizações verdadeiras, que “representam” tanto objetos quanto significados. Os psicanalistas geralmente insistem em ressaltar que os “objetos internos” não são representações de nenhum objeto real. Mas Money Kyrle (1968), corretamente e de forma pioneira, ressaltou como os objetos internos servem à criança para representar o mundo. Então esses objetos têm um valor de representação e, portanto, cognitivo. Existe um continuum entre os objetos internos e as verdadeiras representações? Veja-se a respeito disso meus trabalhos anteriores (1991, 1994, 1998a). Sempre com alguns exemplos, Blum (1978) enfatiza como os objetos *transicionais* constituem uma fase inicial da simbolização: eles são a apresentação dos objetos internos e, ao mesmo tempo, percepção – e representação – de objetos reais. As representações pré-simbólicas tornar-se-ão, em seguida, representações. O objeto *transicional* é um objeto percebido e representado como real e, simultaneamente, fica inscrito na mente como se fosse um objeto interno. Então é uma transição entre as representações pré-simbólicas e uma representação efetiva? Então o objeto interno comporta uma proto-representação? Existe um continuum entre objetos internos, objetos *tran-*





Antonio Imbasciati

*sicionais* (mesmo aqueles menos evidentes e menos estudados) e as representações adequadas à realidade?

A maior parte dos autores psicanalistas define a representação baseada no fato de que a criança vive o objeto como se estivesse separado do “eu”. Mas isso não implica, por si só, em uma representação *sensu strictiori*, como acontece com o adulto, mas sim refere-se a algo que mais facilmente pode ser enquadrado em termos afetivos, mais precisamente como “vivência”. Mas até que ponto o “vértice afetivo” oferece um esclarecimento útil? Podemos afirmar que a vivência facilitará, quem sabe em uma etapa seguinte, a representação? Mas não são exatamente essas vivências que servem para a criança representar para si mesma o mundo? Obviamente de maneira muito distorcida, – basta pensar nas situações persecutórias da posição esquizoparanóide – de como o adulto consegue representá-lo para si. Então, são ou não são representações? Pode-se, da mesma maneira, falar de representações, quando a criança consegue “representar para si mesma” aquilo que chamamos de objeto ausente? Quando se fala em representações de objetos, o que se entende sobre a representação no sentido mais tradicional? E Hanna Segal, que tipo de representações diferentes ela subentende, quando fala (1957, 1978) de equações simbólicas, ao invés de equivalências?

Voltemos ao nosso recém-nascido, ainda mais no início do seu desenvolvimento. Quando ele “reconhece” um objeto que lhe mostram, parece ter uma representação visual que lhe permite esse reconhecimento. É uma representação efetiva? Esse traço mnêmico é adequado para as qualidades formais do objeto? Ou, quem sabe, trata-se de um tipo de representação do objeto, mas totalmente inadequada para aquelas formas, de modo que se torna difícil para o adulto imaginar o quanto seja disforme ou lábil? E ainda: quando uma criança mostra que se tornou capaz de pegar (intencionalmente, não pelo reflexo de apreensão) e manter na mão um objeto, o que adquiriu? Um esquema motor, digamos. Piaget falou de inteligência sensório-motora. Podemos chamar esse algo que ela adquiriu de representação? Independente do fato de a criança ter alguma representação daquele objeto, devemos convir que, mesmo assim, ela adquiriu uma pequena parte dos movimentos coordenados necessários para pegá-lo. Essa pequena parte de um *pattern* motor pode ser chamada de representação? Certamente essas “proto-representações” não podem ser consideradas conscientes.

Mais ainda, quando a criança aprende o controle esfinteriano, o que está adquirindo? Quando aprende a engatinhar, não é porque estabilizou na memória um esquema seqüencial daquelas coordenações de vários setores musculares que antes não podia usar? Essa é uma representação? Obviamente não é consciente. Todo o desenvolvimento da motricidade procede através de aprendizados. As vias neurais já





estão todas maduras nos primeiros dias após o nascimento, mas não é esse amadurecimento que determina o desenvolvimento; esse ocorre através de um aprendizado funcional. Por isso se chama psicomotor. Então é necessário que a mente construa dentro de si as bases correspondentes. Mesmo essas podem-se dizer representações? E ainda, nas primeiras semanas de vida, quando o recém-nascido aprende a seguir o olhar dos outros, o que adquiriu?

O *excursus* que prospectei sobre os precursores da representação entendida *sensu strictiori* o que nos diz do surgimento do “dar-se conta” e, em um quadro de *ressistemização* teórica, a respeito do continuum entre o inconsciente e a consciência? As observações relativas a recém-nascidos e crianças normais não parecem indicar travas ou bloqueios concebidos a partir do modelo da repressão, que se oporia a *vis naturalis* de um desenvolvimento baseado em uma “natureza” (que chamamos de instinto ou pulsão?); ao contrário, quantas dificuldades para progredir utilizando a experiência na criação de novas funções, de novos símbolos! Ou de novas funções *simbolopoéticas*, isto é, funções que permitem processos de simbolização ainda mais articulados. E já não é a inscrição, na mente, de tais novas funções por si só um novo símbolo? As dificuldades que observamos no desenvolvimento aparecem mais como dificuldades *no* desenvolver-se que como dificuldades *para o* desenvolvimento. E um desenvolver-se em um certo modo que, eventualmente, definiremos como patológico, mais do que outro, que, na enorme variabilidade entre os indivíduos, julgaremos como parte da normalidade.

Vemos então que o que era inconsciente, isto é, indiferenciado, parece articular-se progressivamente, assumindo maior clareza, melhor, ficando mais adequado à realidade, ou seja, à possibilidade de desenvolver “operações inteligentes”. Tudo segundo a perspectiva anterógrada, por aprendizagem, em vez da retrospectiva análoga à que “descobre” o desenvolvimento inconsciente partindo da introspecção adulta consciente. O que é a consciência, então? Por que e como se chega a ela? Ou antes, com que modalidades e variabilidades entre os indivíduos se chega ao que o adulto sente como introspecção consciente?

Vejamos, ainda, alguns precursores do pensamento na criança com menos de um ano. Quando ela aprende, com os gestos ou com a mímica, a expressar algo, o que adquiriu? Um tipo de representação tanto do seu estado interno quanto do modo de expressá-lo em um *pattern* (motor, sonoro) que possa ser “lido” pelos cuidadores? Sobre isso existem todos os estudos de Brazelton (1990) e aqueles, ligados à psicanálise, de Lichtenberg (1989). Quando a criança aprende as conexões entre as coisas (objetos primeiro, depois fatos), parece adquirir uma certa representação precursora da causalidade, algo que antecede a aquisição verbal dos verbos, isto é, uma representação pré-verbal não só dos objetos – por exemplo, a que ocorre no reconheci-







Antonio Imbasciati

mento desses –, mas dos verbos, ou seja, das conexões entre as coisas. A ação é antes de tudo concebida como simples conexão e essa quase sempre é reversível: *como e sou comido*. Só posteriormente se adquire o sentido da transitividade, isto é, uma capacidade de distinguir o ativo e o passivo. Sabemos que isso é correlacionado com a separação “eu”/ objetos.

Como chamamos a todos esses “símbolos”? Esquemas adquiridos? *Patterns*? Representações? Funções de simbolização?

É necessário refletir como, na maioria das vezes, pensamos na simbolização somente para os estágios mais evoluídos e não para certas funções primitivas que nos parecem intrínsecas, quase ontologicamente, à mente e não adquiridas. Por exemplo, quando Bick nos fala (1968, 1975) da necessidade de adquirir uma idéia elementar de um espaço para poder se sentir contido e, então, conter uma primeira idéia de um “eu” (e depois de uma “mente”), quem sabe não nos fala de uma primeira aquisição simbólica? Paradoxalmente trata-se de uma aquisição que permitirá uma primeira simbolização de um “eu”. Quando Bleger (1967) se refere ao “núcleo aglutinado”, nos introduz na descrição de uma experiência muito primitiva (anterior à posição esquizoparanóide) sobre a qual estamos trabalhosamente construindo as bases para as primeiras simbolizações. A indiferenciação, de que nos falam ele e outros autores com outros termos e conceitos, nos diz que, para que possa nascer um aparelho mental, é necessária uma primeira diferenciação de um “dentro” e de um “fora” (que, a seguir, nos permitirá aquela entre um eu e um não-eu e, ainda depois, aquela entre o “eu” e um “objeto”). Mas essa primeira diferenciação, que acontece em um estado indiferenciado, não é ela mesma uma aquisição que devemos chamar de simbolização?

Assim também a descrição de Winnicott a respeito da transformação do *holding* materno em um espaço que é assumido como próprio (primeiro corporalmente e depois mentalmente) pela criança e que lhe servirá para sentir-se contida, para ter limites (e depois um “eu”) nos fala das primeiras aquisições que, ainda que chame-mos de pré-simbólicas, não podem ser excluídas do que, com um termo mais amplo, chamamos de simbolopose, ou, pelo menos, início da simbolopose (construção de processos simbólicos). Geralmente todos os estudos de psicanálise infantil (gostaria de citar aqui os trabalhos de Ferro, 1966, e de Vallino, 1990) mostram-nos, através da descoberta de uma falta (patologia do déficit) de alguma capacidade muito elementar, como, no início da vida mental, não existem as diferenciações que são os pressupostos *sobre os quais* podem se desenvolver processos simbólicos. Mas não são elas próprias, essas diferenciações primárias, aquisições de funções da experiência (*corpóreo-relacional*), ou seja, processos de simbolização primordial? Quantas vezes chamamos de cisão uma ainda não ocorrida diferenciação ou integração? Esse uso





impróprio do termo cisão não é talvez o uso indevido de um modelo *adultomorfo*?

E, para concluir o título do parágrafo, o que aprendemos com a psicanálise infantil, com a observação do recém-nascido, com a observação do feto (Negri, 1993) não nos diz algo sobre a representação em uma época anterior àquela em que podemos falar de objetos internos? Além disso, estamos acostumados a considerar que as representações dos objetos seguem, no processo evolutivo, a formação do objeto interno. Dentro desse enfoque, o que acontece com o conceito original de inconsciente? E que sentido teria falar de pulsões e repressões ?

### 3. A cadeia de significantes

Independente de como nomeamos todas as diferentes simbolizações de que falamos brevemente, começa a delinear-se um modelo de base: um aprendizado (através da experiência, entendamos, e não um imprimir-se passivo dos eventos externos na mente<sup>1</sup> e, acrescentemos, aprendizagem relacional) produz uma aquisição que torna possível ainda um aprendizado ulterior específico (condicionado pelo primeiro), uma função simbolizadora permitindo conceber ainda uma outra posteriormente. Como chamamos essas aquisições? Se a palavra representação parecer restrita, podemos chamá-las significantes. Começa, então, a surgir uma cadeia, progressivamente articulada e ramificada (quem sabe em rede) de significantes. Também podemos chamá-los de vivências, mas, creio que, com esse termo, não levaremos em conta o fato de que esses têm a função de significadores – significantes, então – para significar a realidade; ou melhor dizendo, têm a função de unidades de leitura que permitem à estrutura funcional a leitura da multiplicidade dos *inputs* recolhidos e transmitidos pelas vias sensoriais; uma leitura, cabe acrescentar, que é em função da qualidade das unidades de leitura significantes que possui naquele momento a estrutura funcional;

1. Permanece na nossa cultura, até científica, a errada e obsoleta concepção do aprendizado entendido como o *imprimir-se* da experiência sobre uma estrutura biológica, concebida como uma chapa fotográfica. Igualmente permanece a idéia que o traço mnêmico seja, ele também, um tipo de reprodução do fato ou dos objetos percebidos e que assim permaneça quase estaticamente. Tal concepção (conforme o princípio da constância de Katz, 1946, também conforme Imbasciati, 1994, 1998) vê a mente como um tipo de aparelho fonofoto-reprodutor. Ao contrário, a aprendizagem é um processo ativo operado pelas funções mentais constituídas naquele momento. Essa resposta psicofisiológica dá razão ao aprender “pela” experiência, de memória bioniana: não se aprende a experiência em quanto tal, mas *pela* experiência, por aquele tanto que as funções mentais naquele momento ativadas - ou seja, as funções por sua vez aprendidas - permitem. As afirmações bionianas são amplamente esclarecidas também pelos estudos da psicologia experimental. Assim o traço mnêmico é o resultado, continuamente remanejado (reserva mnêmica funcional, dinâmica, não como um lugar para estocar), das aprendizagens. As próprias funções mentais, ou seja, as funções de simbolização, são aprendidas. Traço, então, significa, sobretudo, traço de funções mentais.





Antonio Imbasciati

leitura que, portanto, não corresponde necessariamente ao que chamamos de leitura do real. Por outro lado, sem uma leitura feita por algum significante, os *inputs* permaneceriam sem nenhum significado e não poderiam nem ser memorizados. Os potenciais ativados nos receptores perder-se-iam na rede neural.

Muitos autores (não psicanalistas) falam da aquisição de esquemas cognitivos. Eu acho que poderíamos chamá-los também de proto-representações, para unificar o conceito de aquisição de esquemas funcionais com o de aquisição de representações que representam os objetos da realidade. Naturalmente, usando o termo representações, devemos levar em conta que serão representadas, na mente, não somente formas de objetos concretos, mas formas de operações, esquemas operacionais, ou cognitivos como queiramos chamar. Quem sabe, também podemos dizer traços funcionais de “operações inteligentes”, a não ser em referência aos traços daquelas funcionalidades avaliadas como patológicas. Para todas essas aquisições também é necessário pressupor traços mnêmicos correspondentes (conforme a nota 1 precedente). Tudo em uma progressão, portanto, uma permite constituir uma outra. Constituir ou construir?

Prefiro o segundo termo (1998), para ressaltar o processo ativo, de autocrescimento das funções mentais: a mente como construção progressiva de símbolos sempre mais complexos, simbolopoesis, no sentido que a aquisição de um símbolo torna possível a gênese – a *poiesis* – do próximo e condiciona a sua qualidade. Nesse quadro, como colocamos o inconsciente? E a consciência? Ou melhor, como os concebemos?

Quando se fala de objetos internos, onde os colocamos no quadro acima? Diz-se que os objetos internos não são representação de nenhum objeto real. Mesmo assim eles têm um valor de representação, servem à criança para representar “de certa forma” o mundo, o *seu* mundo. Penso que é muito pouco heurístico catalogar como “afetivos” os objetos internos, separando-os, de tal forma, do que sabemos sobre as representações como funções cognitivas. Não podemos mais, no atual estado das ciências psicológicas, separar afeto e cognição, a não ser para permitir uma *reificação* da concepção freudiana de libido e de pulsão consideradas como “energia” e, então, vistas quase como “substância”, afetiva mais precisamente, que distinguiria o afeto da cognição e que interviria no desenvolvimento cognitivo, de outro modo preestabelecido biologicamente. Seria essa, talvez, a concepção subentendida no pensamento de Freud? Um desenvolvimento cognitivo ligado ao biológico, modulado pela energia pulsional, dependendo de que a experiência do real frustrasse ou permitisse a descarga instintiva? Ou, quem sabe, essa é uma falsa concepção pós-freudiana que se difundiu entre os psicanalistas?

Penso que deveríamos esclarecer melhor as descobertas dispersas, mas muito





numerosas, descobertas que em cem anos de psicanálise foram acumuladas, esclarecê-las em uma sistematização mais orgânica e compará-las com aquelas de outras ciências psicológicas. A experiência não é exatamente um filtro colocado pela realidade em um fluxo biológico; a experiência é uma oportunidade que permite a organização dos *inputs* numa “construção” de estruturas mentais. Aprender através da experiência significa que um conjunto de funções, adquiridas em um certo momento<sup>2</sup>, permite um certo tipo de aprendizado através da própria experiência. A grade bioniana é ligada a uma concepção de construção progressiva de funções. E provavelmente podemos assumir que a *diacronia* do desenvolvimento infantil permaneça e se repita na sincronia do funcionamento mental evoluído. Então a consciência se prospecta como uma dimensão que surge gradualmente, direcionada ao terminal, por assim dizer, dos processos simbolopoéticos.

O inconsciente, então, estaria nos significantes com forma menos definida, menos diferenciados, nos quais podemos imaginar menos ramificada e menos diferenciada a articulação das diferentes cadeias simbólicas. Se, porém, considerarmos útil adotar esse modelo de uma simbolopoesse progressivamente diferenciada, articulada, ramificada, desde os significantes com forma menos definida a outros com “mais forma”, configuramos o inconsciente como a própria simbolopoesse, pelo menos na maior parte de sua extensão. Podemos, então, nos perguntar o quanto esta palavra – inconsciente – não *poderia* – e não *deveria* – ser reformulada.

É apropriado usar a palavra inconsciente como substantivo? É útil usá-la como adjetivo qualificativo, ou qualitativo? É oportuno usá-la assim freqüentemente, quase um deus *ex-machina* como às vezes fazemos, para indicar os processos internos mais indiferenciados? Quem sabe mais primitivos? Não seria mais útil servir-se mais de termos como “vivências” (primárias) e indicar mais simplesmente “processos”, “funções”, “*engramas*”, ou outros? Não se prospecta, no quadro apresentado, uma nova visão de inconsciente? Ou melhor, não existe mais a necessidade histórica de ressaltar, como no tempo de Freud, o não dar-se conta do mental. Devemos, portanto, nos interrogar sobre como conceber e melhor descrever, de um lado, o desenvolver-se de uma “mente” e, de outro, o “dar-se conta”. Ou melhor, quanto e como é mais útil descrever, no desenvolvimento, aquelas características ou aqueles fenômenos que parecem fazer o indivíduo se aproximar do que até agora denominamos consciência. Creio que ainda se deve indagar muito sobre essa característica tão específica do ser humano. Provavelmente ainda se tem muito para reformular, pretendendo uma melhor compreensão sobre a extrema variabilidade entre os indivíduos, que en-

2. Permanece em aberto o problema de como acontece a primeira aquisição de alguma função, que permita, posteriormente, usar a experiência para construir sucessivas funções (Imbasciati, 1994, 1998). Quanto ao “quando”, estamos certamente no período fetal.





contramos clinicando, sobre a capacidade do sujeito de ter acesso às suas partes internas.

#### 4. Traço mnêmico do afeto?

O que é, então, o inconsciente freudiano? Quais conceitos e termos hoje nos são mais úteis? A que inconsciente estamos acostumados na profissão? Ao concebido por analogia ao mundo das “paixões” do adulto, indagadas pelo vértice retrospectivo da primeira psicanálise? A análise é arqueologia ou construção? Freud já se colocara o problema. Se a análise é construção, deveremos considerar não simplesmente a reconstrução que pensamos fazer no trabalho analítico, mas a construção com a qual foi construída originalmente aquela mente. Quem sabe a teoria energético-pulsional nos transtornou. O inconsciente que vemos nas crianças combina com esse último enfoque? Especialmente em crianças com menos de um ano de vida?

Falemos de angústias, mais amplamente de afetos: o quanto nós usamos esses termos, tomados da clínica do adulto, de maneira imprópria? O conceito de afeto é tirado de uma psicologia da consciência, postulando-se depois o afeto inconsciente. Em um velho mas interessante artigo publicado no *International Journal*, Pulver (1971) ressaltava que, para Freud, “*affects must be conscious*”: o afeto inconsciente é um conceito que Freud derivou por necessidade lógica (indevida analogia da teoria com a clínica?) daquele de pulsão, assim como o inconsciente está, para Freud, indissolúvelmente ligado ao conceito de repressão (repressão primária, chega a postular) e ao conceito de energia.

De qualquer forma que se queira ver Freud, quando nós falamos de afetos inconscientes, fazemos uma inferência: do consciente (do adulto) a algo que não o é e que, quem sabe, com a análise, se tornará. O que distingue o afeto de outros processos mentais é somente a tonalidade diferente, afetiva, portanto, e a introspecção com a qual o adulto vive alguns de seus processos mentais em relação a outros que se apresentam, contrariamente, mais ascéticos e simples, como “cognitivos”. Se isso acontece na consciência, o que acontece por trás do “dar-se conta” é realmente de uma natureza que se pode distinguir e individualizar como afetiva? E, se a interferência pode ser útil no atendimento dos adultos, o quanto é oportuno falar com tais conceitos e termos, considerando as crianças? Sobretudo se elas têm menos de um ano de vida. O que são, ao invés disso, nas crianças pequenas, esses “afetos”? Têm, quem sabe, razão aqueles autores (Plutchick, 1980) que os chamam de esquemas cognitivos primários. O que sabemos, nós adultos, do que experimenta uma criança de poucas semanas para indicá-lo com o termo afeto? É uma analogia *adultomorfa*, sobre a qual sabemos somente por inferências; cabe mais nos atermos exclusivamen-





te a essas e, se necessário, aperfeiçoá-las. E mais ainda: por que “experimenta”? O termo se refere a um “dar-se conta” que o recém-nascido ainda não possui.

Certamente o que chamamos afeto é o modo como a criança se orienta no mundo. Tem, então, a ver com a representação? Sobretudo se usamos esse último termo em senso lato, ou se usamos (como eu já faço nos meus trabalhos) o termo de proto-representação, ou se ressaltamos o valor representacional dos objetos internos (1991). Pode-se, então, falar de afetos, e igualmente de objetos internos, em termos de traços mnêmicos? Se o afeto é uma ligação, se o objeto interno é gerado na relação, quer dizer que ambos têm a ver com um aprendizado através da experiência. São, então, aprendizados; terão, pois, um “registro”. O afeto aprendido!? O traço do afeto!? O objeto interno aprendido!? Isso pode com frequência espantar muitos analistas. Se esse espanto acontece, devemos nos interrogar a respeito dele, visto que a lição bioniana, e a de tantos outros autores, aconteceu há um bom tempo.

Ainda existem velhos preconceitos sobre o que seja um traço mnêmico. Um traço não é uma impressão fiel da realidade externa na interna, mas sim qualquer modificação das possibilidades funcionais que acontece na estrutura mental após um aprendizado. Tal concepção encontra-se em sintonia com os atuais estudos das ciências cognitivas, combinada com o fato de que a memorização acontece segundo um código bioquímico, em contínua metabolização.

As perguntas recém feitas sobre o modo de conceber os afetos também podem ser usadas no que se refere à angústia e às “fantasias”. Até que ponto, ao concebermos a “*phantasy*” kleiniana, transpomos impropriamente a experiência do “dar-se conta” do adulto? É sobre o modelo da “*fantasy*”, a imaginação, que se postulou uma “*phantasy*”. Até que ponto esse conceito está, além disso, muito impregnado de teoria? Não seria mais útil usar, aqui também, outros termos? Por exemplo, proto-representações, esquemas cognitivos, esquemas operacionais, modos de representar conexões entre objetos internos. Mas, neste caso, deveremos nos acostumar a conceber diversamente o mesmo objeto interno: não tanto como objeto de afetos (os quais, sendo afetos inconscientes, seriam somente derivados lógicos da postulação teórica das pulsões), mas enquanto representações *sui generis*, ou proto-representações, diferentes de qualquer representação de objetos reais e tendo, mesmo assim, na funcionalidade da mente, um importante papel representacional.

Sou levado a pensar que o foco colocado pelos psicanalistas sobre o aspecto afetivo dos objetos internos, independente de uma devida atenção ao seu valor de representação, pode ser devido ao fato de que durante um bom tempo – quem sabe muito – nossa fixação na teoria das pulsões tem sido paralela à persistência (inconsciente?) de uma idéia da afetividade como “algo” substancialmente diferente dos processos mentais que conduzem à percepção, à representação, ao aprendizado, à





Antonio Imbasciati

memória, em uma palavra, à cognição. Essa persistência não é, quem sabe, devida a uma simplista e indevida analogia com a experiência de “dar-se conta” do adulto?<sup>3</sup> Que o objeto interno seja objeto de amor (ou, pelo menos, de afeto) é consequência, não causa, do fato de esse ser tão importante na elaboração dos processos mentais, ou seja, na simbolopoeia entendida como aqui foi descrita.

É por uma simbolopoeia que se cria a capacidade de amar, não por uma qualquer suposta força natural ou por uma consequência que parece lógica somente para o adulto. Trata-se de uma simbolopoeia muito mais complexa do que a que estamos acostumados a conceber, que faz com que uma proto-representação do objeto se torne objeto de amor. Em certos conhecimentos errôneos (*misconceptions*), aos quais estamos acostumados, existe, segundo meu parecer, uma fixação excessiva em uma teoria, creio eu, que entrou em colusão com preconceitos da psicologia dos séculos passados.

Pensar que o objeto interno seja, por si só, um objeto de amor (ou, pelo menos, de afetos) significa concebê-lo projetando nele a realidade do objeto externo (a mãe adulta que ama a sua criança) que geralmente está no centro da experiência que o origina. Mas o amor, no recém-nascido, ou outro afeto são vivências que nós lhe atribuímos *adultomorficamente*. É discutível chamar de afetos os acontecimentos mentais que ocorrem com o recém-nascido. Ao contrário, a pregnância do objeto interno é devida ao fato de que esse é uma primeira construção mental (*endopsíquica*, embora gerada pela experiência) de fundamental importância para todos os sucessivos processos simbolopoéticos: é a “causa” deles. Por isso é importante que o analista possa imaginá-la. Atribuir-lhe uma etiqueta de “afetiva” comporta, além do *adultomorfismo*, o risco de colocar em segundo plano o papel cognitivo do modulador para a construção das sucessivas estruturas mentais – inconscientes obviamente. O fato de que, depois, o objeto interno da criança se torne a base sobre a qual o sujeito construirá sucessivamente a sua capacidade de amar é algo que faz parte da progressiva simbolopoeia, mas não é uma qualidade intrínseca do objeto interno. E que esse se torne a base para qualquer outro evento afetivo do adulto obedece ao princípio geral que cada função adulta se apóia em operações protomentais, aquelas mesmas que se fazem “sentir” quando o adulto “sente” afetos.<sup>4</sup>

Cada conceito, e cada termo que a ciência com o passar do tempo vai formulando, está necessariamente ligado a, ou pelo menos está impregnado de, alguma

3. Além de, obviamente, a ignorância sobre os processos cognitivos primários, atribuídos simploriamente a propriedades intrínsecas da estrutura biológica. A assim chamada maturação neurológica é fruto da experiência: o aprendizado incide não somente sobre a estrutura funcional, mas também sobre a anatômica; a estrutura histológica do cérebro depende das aprendizagens.

4. Sobre esses argumentos a discussão é muito mais complexa do que se pode resumir em um artigo. Sugiro alguns dos meus textos (1991, 1998).





teoria. Um grau de “parentesco”, todavia, deveria ser suficientemente elástico para permitir aos cientistas vislumbrarem novas e mais úteis teorias, abandonando as velhas. Em cada ciência as teorias mudam. São as descobertas que ficam e da mesma forma o método, que, porém, se transforma e se aperfeiçoa. A distinção entre as descobertas, o método e a teoria, que aqui não caberia retomar (sugiro os meus trabalhos de 1993, 1994, 1998), é de vital importância para o progresso de uma ciência. Sou da opinião que, em psicanálise, devido ao fascínio da grandiosa obra do mestre, os psicanalistas ficaram excessivamente ligados à sua teoria e conseqüentemente limitados para desenvolverem o método e fomentarem as descobertas e a formulação de novas teorias, que, conseqüentemente, favorecessem seja o método, sejam as descobertas. Uma teoria não é nem verdadeira, nem falsa: é somente útil em um certo período de cada ciência. Uma ligação excessiva com as teorias já formuladas impede a pesquisa. O quanto os psicanalistas ficaram prisioneiros da teoria energético-pulsional? O mesmo discurso também poderia ser dirigido a outras teorizações sucessivas, por exemplo, certas formulações kleinianas.

Se esclarecermos algumas ambigüidades de conceitos, certas diferenças no uso dos mesmos termos e seus referenciais teóricos, poderemos entender melhor clinicamente alguns fenômenos ou acontecimentos mentais que poderiam ter sido ofuscados pelo uso não claro dos conceitos e dos termos. Por exemplo, poderemos entender melhor, formulando conceitos novos e abandonando (decisivamente!) os velhos, a essência de certas vivências infantis, dos recém-nascidos, que permanecem escondidas mesmo no adulto. Assim, Bollas (1987, 1992) introduziu o conceito do “conhecido não pensado” e do “estado de ser”, para nos fazer entender melhor certas situações clínicas dos adultos muitas vezes relacionadas a patologias, se não graves, pelo menos pouco acessíveis à análise, sendo tais análises ainda pouco dotadas de instrumentos adequados. Muitos autores ressaltaram como se pode especificar uma patologia do déficit em contraposição à clássica, do conflito (seria necessário perguntar se, em uma nova visão como a que estou pesquisando, o conceito de conflito conserva ainda a importância que lhe demos), e descreveram estados mentais “assimbólicos” (ou pouco simbolizados) e, portanto, inefáveis, impossíveis de exprimir com as palavras que, nos adultos, descrevem os afetos, difíceis, pois, de captar, pelo analista, a não ser que o mesmo aperfeiçoe a sua capacidade de viver e enfrentar a contratransferência. Talvez acontecimentos mentais como aqueles dos poucos exemplos acima mencionados poderiam ser melhor captados, se contássemos com um vocabulário técnico menos equivocado, com uma evocação mais clara dos conceitos e teorias, permitindo assim uma maior flexibilidade em relação aos esquemas teóricos seguidos até então. Citei Bollas, mas muitos autores poderiam ser citados sobre essa temática, Bleger (1967) e o próprio Bion, entre outros.







Nesse quadro, a que ponto atrapalha a teoria tradicional do inconsciente? Os mencionados conceitos de Bollas, por exemplo, podem ser enquadrados na visão tradicional do inconsciente e da repressão? Segundo meu parecer, não, porquanto são melhor captados no quadro do desenvolvimento simbolopoético como estou tentando descrever. Note-se aqui, como Bollas também afirma (1992 p.72 ed. It.) que temos necessidade de uma “teoria da recepção”, ao invés de uma teoria da repressão, ou seja, como é necessário conhecer as modalidades com as quais as experiências são recebidas, para serem elaboradas e estruturarem o inconsciente e como, a respeito do “conhecido não pensado”, devemos nos acostumar a considerar, nas análises, mais que os bloqueios e as repressões, a necessidade, intrínseca dos processos inconsciente, de “eludir uma consciência prematura” (p.97).

Talvez sejamos prisioneiros das teorias e dos conceitos que, além de não mais serem úteis, são paralisantes, quando se trata da nossa acolhida aos progressos feitos pela psicanálise nos últimos cinquenta anos. Conceitos, além disso, que hoje se encontram superados em relação ao progresso das outras ciências psicológicas. Não há somente a psicanálise, mas, pelo menos, umas trinta disciplinas psicológicas diversas, que, junto com as neurológicas, fizeram grandes progressos. Já falei brevemente sobre os preconceitos a respeito do conceito de traço mnêmico e fiz uma menção rápida a respeito daquele de percepção que aqui me parece útil retomar.

Permaneceu (nos psicanalistas, quem sabe?) o costume de considerar a percepção como um processo automático, dependente dos órgãos sensoriais e também do amadurecimento neurobiológico<sup>5</sup>. Tais usos hoje se traduzem em um verdadeiro preconceito anticientífico. A percepção parece automática na consciência do adulto. Na realidade essa é uma leitura de configurações aferentes (*inputs* sensoriais), feita somente quando existem no aparelho mental de quem vai perceber certas funções que tornam tal leitura possível. E é em relação ao tipo de tais funções de elaboração que resulta um certo tipo de percepção. Para que tais funções operem é indispensável que, no “sistemamente”, estejam disponíveis unidades de leitura correspondentes, ou seja, certas “representações”. Se, como no infante, essas não têm a forma daquelas que permitem as assim chamadas percepções do real (na realidade uma percepção completa e fielmente realista nunca existe, nem nos adultos, como é demonstrado pelos clássicos estudos de perceptologia a partir daqueles sobre as ilusões ótico-geométricas), teremos uma leitura deformada, logo, uma percepção totalmente diferente, que, porém, não podemos chamar de anormal, enquanto fisiológica e em idade evolutiva e na processualidade interna adulta.

5. É oportuno notar, junto com a aceção científica de percepção, como também na nossa linguagem especializada continuamos usando o termo percepção mesmo naquela aceção da língua italiana que a liga à introspecção e à intuição. Essa última aceção, hoje, está totalmente fora da linguagem das ciências psicológicas.





A percepção é um processo ativo, de montagem de todos os *inputs*, segundo certas configurações “construídas” por funções correspondentes aprendidas progressivamente. Cada uma dessas funções depende das precedentes e está conectada às subsequentes, de um modo funcional de “construção” progressiva. Cada função é detectada pela existência de um traço: traços de funções, não de objetos; traços de programas funcionais, que operam em sincrônica sucessão em cada ato perceptivo. Em relação às funções que tenham sido aprendidas e em relação às unidades de leitura que tenham sido armazenadas à disposição da função, teremos uma leitura diferente dos *inputs* e, então, uma percepção diferente. Se temos em mente esse esquema, temos uma idéia melhor de como os objetos internos descritos pela psicanálise são unidades de leitura para a percepção do mundo. É óbvio que essa percepção é totalmente “inadequada à realidade”, isto é, totalmente diferente daquela do adulto, assim como é óbvio que essas unidades de leitura não são representações da realidade: a leitura resultante é completamente *sui generis*. Então devemos nos despir do preconceito que diz que *perceber* significa *perceber a realidade* e que, quando isso não acontece, algo incomodou ou interferiu nos mecanismos biológicos, gerando a alucinação. Isso que chamamos de alucinação do recém-nascido é o seu modo habitual de perceber. O que devemos nos perguntar não é o porquê da alucinação, mas como a criança maior chegará a perceber de forma adequada o real.

Em termos de simbolização, ou melhor, de simbolopoesia, a capacidade de percepção é uma aquisição progressiva de símbolos e de modalidades de processá-los em relação aos *inputs*: é, então, adquirida, progressivamente, uma capacidade de fazer certas montagens, isto é, de ler de modo correspondente ( com correspondentes representações que servem como significantes para outros tantos significados) a miríade de *inputs* das mais variadas sensorialidades. Uma “análise da percepção” mais detalhada (vejam outros trabalhos meus: 1994, pp-384-387; 1998, pp-47-52 e 86-89) pode ser útil não somente como integração teórica entre psicanálise e outras ciências psicológicas, mas também, a meu ver, para a própria clínica psicanalítica. Sobretudo pela compreensão de muitas patologias infantis, dos *déficits* intelectuais não orgânicos e, em geral, para todas as patologias ditas de *déficit*, mesmo nos adultos. Diz-se que as patologias de conflito estão desaparecendo na população atual dos pacientes, com o crescimento das patologias de *déficit*, ou que, de certa forma, a patologia dos pacientes está mudando. Mas estamos seguros que mudou a patologia ou, ao contrário, mudou o nosso modo de compreender o funcionamento mental de quem sofre? E estamos certos de poder falar de “quem sofre”, mais do que de “quem não consegue”?

Ou seja, falar de quem não conseguiu construir um funcionamento mental suficientemente comparável ao que encontramos em outros, ou, pelo menos, àquele que seria desejável ou bom. Acho que uma visão construtivista da mente pode não ser





Antonio Imbasciati

simplesmente integrada por outras ciências psicológicas, mas também fundamentada em um modo especificamente psicanalítico. Em meu último texto, “Nascimento e Construção da mente” (1998), fiz esta tentativa.

## 5. O inconsciente como “simbolopoesa”

Pela perspectiva que tentei delinear, simbolopoesa parece constituir-se em todo o desenvolvimento mental, o construir-se progressivo de uma estrutura funcional capaz de elaborar, de modo específico para cada um, a experiência. Uma tal construção aparece com maior evidência, quando se consideram os primeiros dois anos de vida, mas mesmo assim subsiste ainda nos anos subsequentes, por toda a vida do homem, até que o exercício do pensamento gere outras capacidades de pensar. Poderíamos dizer que simbolopoesa é o desenvolvimento do intelecto, sendo o que, até o momento, chamamos de desenvolvimento afetivo a base da inteligência, base condicionante, de cuja estrutura dependerá a qualidade da construção de todas as subsequentes. Isso, não porque os afetos modulariam um processo que de outra forma seria predeterminado organicamente, como no fundo parece levar a pensar a formulação energético-pulsional, mas sim porque os afetos *são* as primeiras construções de funções mentais, as primeiras a serem aprendidas e a servirem de estrutura para as subsequentes. Dessas depende o que, da experiência, será usado para a construção de todo o sistema-mente.

Creio que possa ser útil para os psicanalistas falar de inteligência – e melhor seria, quem sabe, reintroduzir o velho termo intelecto – sob um novo vértice, diferente daquele da psicologia antiga, do qual inevitavelmente falava Freud. Não existe motivo para separar afeto e cognição: a distinção é relevante somente na consciência, lúcida, de um adulto e, muitas vezes, é necessário que esse adulto seja suficientemente culto para notá-la. Então ela aparece como distinção, por vezes espúria, de dois *epifenômenos* distinguíveis somente em certas condições, quem sabe dependendo de que cadeias de significantes estejam prevalentemente operando, se aquelas mais “basais” (diremos funções mais primitivas ou indiferenciadas?), ou aquelas mais sofisticadas.

Não existe pensamento consciente sem pensamento inconsciente, nos diz Bion, nem mesmo para o cálculo algébrico como sugere a sua grade. Apliquemos profundamente esta intuição! O inconsciente, então, é o próprio pensamento humano, pelo menos na sua essência, e todo o pensamento é simbolopoesa e como tal todo o inconsciente. Em algum “terminal” de alguma cadeia simbolopoética, surge de algum modo a consciência. Quem sabe com ela cessa a simbolopoesa?! Quem sabe essa





serve para ver, retrospectivamente, algum resto da simbolopoesse que percorremos. Quanto mais tivermos presente que o nosso pensamento, a nossa própria mente, são inconscientes, menos teremos a necessidade de usar o adjetivo “inconsciente”. Quanto ao que chamamos de consciência, se tivermos conhecimento do quanto funcionamos sem estarmos cientes dela, tanto menos teremos necessidade de nomeá-la.

Podemos novamente nos perguntar por que a consciência emerge: ela é o instrumento que permite ao ser humano refletir sobre si mesmo, “olhar-se”. A pergunta sobre como ela surge pode, por outro lado, nos levar a indagar melhor sobre a progressão simbolopoética. Existem sujeitos capazes de olhar dentro de si, outros que se revelam quase completamente incapazes de fazê-lo. Já falei do conceito de *alexitimia* e nos referimos a sujeitos muito “defendidos”. Poderemos questionar melhor a natureza das defesas, se, abandonando os esquemas teóricos comuns, houvesse a possibilidade de enquadrá-los na perspectiva das cadeias simbolopoéticas. Para alguns indivíduos, a capacidade de olharem para si próprios é setorial: uma pessoa pode ter grandes capacidades introspectivas, mas ser cego e surdo para algumas das suas áreas. Definimos essas áreas como cindidas: o que aconteceu no desenvolvimento simbolopoético? Pode essa interrogação nos levar a formularmos de modo diferente o conceito de cisão e, mais em geral, o de defesa?

Esse conceito liga-se, de fato, a uma concepção dinâmica dos afetos. Defendemo-nos com uma “força” contra uma outra força que nos ameaça, estamos próximos de assumir o conceito de força como básico. Estamos, pois, na psicodinâmica e, portanto, no modelo pulsional. A teoria energético-pulsional, como teoria explicativa, permaneceu sem ser demonstrada. Ela ainda nos é útil como modelo heurístico? Como metáfora para a clínica? No modelo existe sempre a idéia de “forças” em oposição entre si. Essa idéia nos é útil em nossa profissão?

Temo que, chegando a este ponto, alguém possa exclamar: “Em suma, se acabamos com os conceitos de conflito, de defesa, de repressão, o que sobra da psicanálise?” E mesmo assim, a psicanálise é, depois de cem anos, muito mais que o conjunto desses conceitos aos quais somos tão afeiçoados. Falar de despedaçamento dos conceitos fundamentais da psicanálise, como por vezes ouvi, soa, então, como anunciar uma heresia. Há décadas, ilustres autores, depois de terem criticado a teoria pulsional, propuseram uma “psicanálise sem psicodinâmica” (Schaefer, 1975). Veja-se a respeito a bela matéria elaborada por Fabozzi e Ortu (1996).

Vamos tentar considerar o que até agora enquadrámos como conflito, defesa, repressão<sup>6</sup> e também cisão em um esquema diferente: no da simbolopoesse como aqui foi descrita. Nas cadeias e nas redes dos significantes nas quais cada um desses gera

6. George Klein definiu (1976) a repressão como “estrutura cognitivo-afetiva cindida que exerce uma influência seletiva sobre o comportamento”.



outros ulteriores (*poiesis*), pode-se encontrar transformações que aumentam o poder significativo – de certa forma, então, o “sentido” do sistema –, a sua eficiência, a sua continuidade, a sua capacidade de produzir outros símbolos, e outras que, ao contrário, diminuem o sentido, que o confundem, que pervertem os significados com significantes aparentemente contínuos, que criam fraturas, hiatos, contradições, diminuições de ritmo, paradas e isso em todo o sistema da significação interna. Isso parece pouco para os psicanalistas? Os ratos enlouquecem, se colocados dentro de um sistema contraditório. Por que os homens não deveriam enlouquecer? As mensagens contraditórias esquizofrenogênicas na comunicação interpessoal, sobre as quais muito escreveram os autores da Escola Sistêmica e, por vezes, até alguns psicanalistas, o contraste entre mensagens opostas (mensagens e metagensagens) de que fala a Pragmática da Comunicação Humana é altamente patogênico. Quando, segundo o meu parecer, cultivam e contagiam uma potencial contradição interior, inserida no desenvolvimento das cadeias e das articulações da progressiva simbolização, elas introduzem “mentiras” na simbolopoesis, zonas isoladas da rede de comunicação intrapsíquica (cisões), que provocam um “tilt” nesse enorme e maravilhoso computador que é o Sistema-Mente. Esses “defeitos” na construção simbolopoética, ou seja, na estrutura mental, podem fazer com que partes inteiras do sistema se obscureçam, permaneçam isoladas, ou desapareçam, como em um computador se destroem programas inteiros, que aconteçam eventos que podem ser definidos como implosões, autocanibalismo (termo usado por Bollas), ou, segundo a expressão introduzida por mim (1981) e que continuo a usar, de autonomia.

Creio que podemos deixar de lado o conceito de repressão. Esse parece exclusivamente teórico e, além disto, ligado a uma teoria que não é mais útil. Resistência é, ao contrário, um conceito clínico. Os de conflito e de defesa estão a meio do caminho entre a clínica e a teoria. Dentro de um enfoque teórico diferente, não poderemos concebê-los como contradições do sistema de significação? E a defesa, ou melhor, se nos limitarmos à prática, a resistência não pode ser concebida como a intrínseca dificuldade de uma construção malfeita que precisa “ser reestruturada”?

Eu já recordei como Bollas ressaltou, na análise do conhecido não pensado, a necessidade para o paciente de “eludir uma consciência prematura” e de experimentar antes disso novos estados de ser. Então, a consciência não é aquela estrutura que se alcança, se retiramos os obstáculos que imaginamos com a teoria da repressão. A construção simbolopoética que estamos refazendo com a análise deve respeitar uma evolução gradual própria, começando pela construção das estruturas mais elementares. É impossível ter-se o conhecimento (ou ele é falso!) se as várias passagens anteriores a essa são descontínuas ou mistificadoras, e não se pode chegar a observar o conhecido não pensado, se antes não se construiu, através da re-experimentação de





estados de ser, um espaço interno para pensar. Também faz pouco sentido classificá-lo como inconsciente. A necessidade de eludir uma consciência prematura indica, para mim, o fato intrínseco da progressão simbolopoética, que cada significante construído deve estar em continuidade com o precedente e com os sucessivos. Ou então poderemos ter aquelas análises em que o paciente parece ter aprendido todos os insights possíveis com palavras, mas, infelizmente, não muda. A falta de continuidade e as contradições constituem e explicam a patologia, assim como falsas passagens, verdadeiros saltos na progressão simbolopoética estão na base de certas patologias, perversas, ou de um falso eu, ou iatrogênicas da análise. Quem sabe a noção de contradição dentro do sistema de significação, ou a de interrupção, de “buraco”, de vazio, nos parecem insuficientes para entendermos certos fatos patológicos, porque as comparamos com o mito fascinante das forças *infernas*\* (infernas, não simplesmente internas) personificadas pelas pulsões. Creio que tal subavaliação das incongruências seja devida ao fato de que a mente adulta (relativamente “sã”) está acostumada a intelectualizar a contradição, a esterilizá-la, separando-a da vivência. Quem, por outro lado, a vive sem perceber é exatamente quem está psiquicamente mal: o indivíduo patológico, que, muitas vezes, também é *logopático*, ou seja, – limitando-se à etimologia – sofre porque não pode nos dizer o quanto sofre. Conseqüentemente temos dificuldade em entendê-lo, ainda mais se não estamos suficientemente equipados.

O que inferimos como conflito pelo tratamento é, quem sabe, o nosso modo mais fácil e tradicional de dar forma compreensível à contradição dentro do sistema protomental. Presumir o desenvolvimento mental como simbolopoesia e o funcionamento mental como atividade do sistema de significação nesse construto, quer dizer, segundo o meu parecer, dispor-se a escutar, entender, inferir, seguir as articulações dos significantes, dos protomentais, sobretudo, e de vislumbrar as passagens de uma “má construção”. Quer dizer, segundo penso, focar por que a capacidade de um indivíduo de olhar para dentro de si pode ser tão variada, diferente, descontínua. Digamos pelo velho modo: “entender os meandros do inconsciente”. Através da resistência? Usando um conceito mais abrangente, apropriado ao nosso enfoque, como aquele por mim denominado “permeabilidade intrapsíquica” (1983), poderemos reformular a resistência como dificuldade, maior ou menor dos indivíduos, de serem impermeáveis ao fato de que os significantes mais diferentes entrem em contato com os sucessivos. Os tipos de progressão simbolopoética podem originar a construção de sistemas nos quais cada significante tem continuidade, quase contato, com os sucessivos e outros, ao contrário, nos quais existem fraturas, descontinuidade, segregações, reviravoltas de significado. Creio que entre essas duas polaridades se encontra

\* Forças infernais, em italiano, dizem-se “infernas”. (N. do T.).





Antonio Imbasciati

o grau com o qual o indivíduo pode ser mais ou menos, ou setorialmente, permeável, ou seja, capaz de olhar para dentro de si. E, em contrapartida, o grau com o qual o analista pode ser permeável e, nessa medida, ajudar o paciente a se tornar, ele também, mais permeável. Isso acontece na medida em que o analista tem a sua disposição bagagem suficiente e adequada para entender melhor que o paciente a impermeabilidade, quer dizer, a captar as passagens da simbolopoesse nas quais o paciente “não conseguiu”, nas quais ele “sofreu” e pelas quais ele se tornou “*logopático*”.

Do ponto de vista do paciente, por capacidade de olhar para dentro de si (olhar, digo, não ver) entendo não tanto o dar-se conta de significados que antes não percebia (essa é, se o for, uma “construção” posterior, que, por outro lado, sempre corre o risco de ser de condescendência verbal com as “palavras” do analista) e sim de aumentar a sua comunicação intrapsíquica da qual não se dava conta. Trata-se de algo que eu colocaria ao lado do que Bollas (1992) chama de “elaboração do idioma”, referindo-o ao “estado de ser”, que pode ser captado pelo analista bem equipado (contratransferência) e, dessa forma, em condição de tornar o próprio paciente capaz de elaborá-lo. Quem sabe, na medida em que um analista é capaz de trabalhar na permeabilidade intrapsíquica, a sua e a do paciente, poderá ser capaz de diminuir os riscos de um prematuro e excessivo conhecimento verbal (sobre o qual eu falava acima) e chegar aos momentos geradores (“criação”, descreve Bollas, como negativo do trauma) da análise, aqueles momentos nos quais, além das palavras, das interpretações e do conhecimento, o paciente se transforma e se encaminha para a geração de um movimento e de uma mudança analítica fundamental e, quem sabe, com sorte, regenerar um novo gerador simbolopoético. □

## Summary

Taking into consideration some studies on the origin and development of the mind in babies, the author proposes a comparison between some psychoanalytic concepts and data from experimental cognitive sciences. He also states a series of questions about our nowadays concept of unconscious. The author tries to demonstrate how some of our psychoanalytic theories are still preserved owing to the tradition, and not for their effective clinical utility in our days. The questions and its argumentation tend to point how the unconscious essence can be identified in a *continuum* of symbols production (*symbolopoiesis*), at which terminus, sometimes, may appear that function which we call conscience. In this frame, the author proposes a revision of some traditional psychoanalytic concepts and points out how psychoanalysts may usefully clarify their theories by confronting them with other





sciences or in clinical work. Such a clarification may be useful in order to deepen the use of last decades psychoanalytic discoveries. Besides, the author proposes his own theoretical outline by which the origins and *the construction* of the mind-system may be framed.

## Referências

- BICK, E. (1968). The experience of the skin in early object relation. *Int. J. Psychoanal.*, 49:484-486.
- . (1975). Ulteriori considerazioni sulla funzione della pelle nelle prime relazioni oggettuali. *Rivista di Psicoan.*, 1984:341-355.
- BLEGER, J. (1967). *Simbiosis y ambigüedad, estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.
- BLUM, H.P. (1978). Symbolic processes and symbol formation. *Int. J. Psychoanal.*, 59:455-471.
- BOLLAS, C. (1987). *The Shadow of the Object*. London: Free Associations.
- . (1992). *Being a Character. Psychoanalysis and Self Experience*, New York: Straus & Giroux.
- BRAZELTON, T.B. & CRAMER, B.G. (1990). *The earliest relationship*. Massachussets: Addison Wesley.
- EAGLE, M. (1984). *Recent developments in psychoanalysis: a critical evaluation*. New York: McGraw Hill.
- FABOZZI, P. & ORTU, F. (1996). *Al di là della metapsicologia*. Roma: Il Pensiero Scientifico.
- FERRO, A. (1996). *Nella stanza d'analisi* Milano: Raffaello Cortina.
- FRAIBERG, S. (1969). Libidinal object constancy and mental representation. *Psychoanal. Study Child.*, 24:9-47.
- FREUD, S. (1882-95). Studien über Hysterie. *S.E.* 2.
- . (1901). Bruchstück einer Hysterie-Analyse. *S.E.* 7.
- . (1905). Drei Abhandlungen zur sexualtheorie. *S.E.* 7.
- . (1906). Meine Ansichten über die Rolle der Sexualität in der Ätiologie der Neurose. *S.E.* 7.
- . (1914). Zur Einföhrung der Narzissmus. *S.E.* 14.
- . (1915). Metapsychologie. *S.E.* 14.
- . (1915-17). Vorlesungen zur Einföhrung in die Psychoanalyse. *S.E.* 16.
- GILL, M.M. (1976). Metapsychology is not Psychology. In: Gill, M. M. & Holtzman, P.S. *Psychology versus Metapsychology*. New York: IUP.
- KATZ, D. (1946). *Gestaltpsychologie*. Basel: Benno Schwabe.
- KLEIN, G. (1976). *Psychoanalytic Theory*. New York: IUP.
- IMBASCATI, A. (1983). *Sviluppo psicosessuale e sviluppo cognitivo*. Roma: Il Pensiero Scientifico.
- . (1989). *La consapevolezza*. Roma: Borla.
- . (1991). *Affetto e rappresentazione*. Milano: Angeli.
- . (1993). *Psicologia Medica*. Napoli: Idelson Liviana.
- . (1994). *Fondamenti psicoanalitici della psicologia clinica*. Torino: Utet Libreria.
- . (1998a). *Nascita e costruzione della mente*. Torino: Utet Libreria.
- . (1998b). *Identità dell'analista e fantasma della teoria*. Rivista di Psicoanalisi.
- IMBASCATI, A. & Calorio D. (1981). *Il Protomentale*. Torino: Boringhieri.
- LICHTENBERG, J.D. (1989). *Psychoanalysis and motivation*. New York: Analytic Press.
- MARTY, P. & DE M'UZAN, M. (1963). La pensée opératoire. *Rev. Française Psychanal.*, 27(Suppl):1345-1356.







Antonio Imbasciati

---

- NEGRI, R. (1993). *Il neonato in terapia intensiva*. Milano: Raffaello Cortina.
- NEMIAH, J.C. (1977). Alexitymia. Theoretical considerations. *Psychother Psychosomatic*, 28:199-206.
- NEMIAH, J.C. & Sifneos, P.E. (1970). Affects and fantasy in patients with psychosomatic disorders. In: *Modern Trends in Psychosomatic Medicine*, ed. O. Hill. London: Butterworths.
- PLUTCHIK, R. (1980). A general psychoevolutionary theory of Emotion. In: Plutchik, R. & Kellermann, A. *Emotion, Theory, Research and experience*. New York: Academic Press, 1980-1983. 3 v..
- PULVER, S.E. (1971). Can Affects be unconscious? *Int. J. Psychoanal.*, 52:347-354.
- SEGAL, M. (1957). Notes on Symbol Formation. *Int. J. Psychoanal.*, 38:391-397.
- . (1978). On Symbolism. In: *Introduction to the work of Melanie Klein*. London: Hogarth Press.
- SCHAEFER, R. (1975). Psychoanalysis without Psychodynamics. *Int. J. Psychoanal.*, 56:41-58.
- TAYLOR, G.J. (1987). *Psychosomatic Medicine and Contemporary Psychoanalysis*. New York: IUP.
- VALLINO, D. (1998). *Raccontami una storia*. Milano: Raffaello Cortina.
- WERNER, H. & KAPLAN, B. (1963). *Symbol formation*. New York: Wiley & Sons.

Traduções de **Cláudia Antonini** e **Sônia Langlands** (Rio de Janeiro)  
Revisão técnica de **Ruggero Levy**

**Antonio Imbasciati**

Via Celio, 2  
20148 – Milão – Itália  
[www.alfapi.com/imbasciati](http://www.alfapi.com/imbasciati)

© Revista de Psicanálise – SPPA





# Seção Especial: Bion comentado – Parte 3

---





Atenção montador  
a página **90** é branca





# Um seminário realizado em Paris, 10 de julho de 1978\*

*Wilfred R. Bion*



---

\* Esse seminário, realizado em 1978, em Paris, por Wilfred Bion, foi traduzido do francês para o inglês pela Sra. Francesca Bion e divulgado no site da Internet da Sociedade Britânica de Psicanálise, não tendo sido publicado em inglês ou português em qualquer periódico ou livro. Apresentamos a tradução do referido material, cedido pela Sra. Bion, a quem agradecemos a gentileza e estímulo, bem como ao Dr. Arnaldo Chuster por ter sugerido sua publicação.

---

Revista de Psicanálise, Vol. VIII, Nº 1, abril 2001 □ 91





Wilfred R. Bion

---

## Introdução por Francesca Bion

Este seminário ocorreu em Paris, em 10 de Julho de 1978, organizado pelo Dr. Salomon Resnik e publicado em 1986 na *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*. Não foi publicado anteriormente em inglês, e sou grata ao Dr. Luis Goyena por ter gentilmente me enviado uma cópia do texto transcrito.

## O Seminário

Wilfred Bion – Eu devo explicar por que tenho que falar em inglês. Isso se deve, em parte, ao fato de eu não falar francês, embora conheça pelo menos o francês ensinado nas escolas públicas inglesas e que não é o que vocês entenderiam. Além desse há outros motivos que se tornarão mais claros à medida que formos evoluindo em nossa discussão.

Eu gostaria que vocês a encarassem como se fosse uma conferência de trabalho, na qual todos nós estamos envolvidos com o problema da conferência em si. Por exemplo, um jovem rapaz de vinte e cinco anos queixa-se de ter uma vida familiar insatisfatória. Eu não tenho certeza quanto a que família ele se refere e, no curso de uma discussão preliminar, lhe pergunto qual a sua idade e ele diz : quarenta e dois. Quarenta e dois? Mas eu disse vinte e cinco agora mesmo. À medida que eu o observo mais detalhadamente, percebo marcas em seu rosto e, a cada passo, penso que ele mais parece ter sessenta e dois do que quarenta e dois ou vinte e cinco. Bem, qual é a sua idade?

A primeira questão que lhes coloco é a seguinte: vocês o tomariam, ou não como paciente? Eu não estou sugerindo o que necessitam dizer ao paciente, a mim ou a qualquer outra pessoa, mas o que dizem a vocês mesmos. Se quisessem anotar a primeira impressão, agora, seria talvez interessante fazerem para vocês mesmos uma anotação com um “sim ou não”. Portanto, para responder essa pergunta, eu proponho usar-se um procedimento em que penso num “vértice” a partir do qual eu poderia formar alguma impressão a respeito de eu poder querer, ou não, ver esse paciente novamente.

Suponham vocês que tenham entrado numa livraria, tenham pego um livro, folhado algumas páginas e lido justamente o que eu recém disse. Vocês guardariam o livro e passariam para outro? Ou gostariam de folhar mais algumas páginas, antes de decidirem se iriam lê-lo ou não? Então aqui está a minha segunda pergunta: estão interessados nessa história, querem ler algo mais sobre ela?





Um seminário realizado em Paris, em 10 de julho de 1978

Eu vou tentar outra coisa: suponham que isto fosse um trecho de música que estivessem ouvindo. Esse tipo de música lhes interessaria? Vocês decidiriam ir a um concerto ouvir o restante do trecho da música? Ou decidiriam que esse não era o seu tipo de música? Esse é o outro vértice. É claro que, na realidade, nós não dispomos de tanto tempo, mas aqui podemos jogar este joguinho.

Mudando o vértice novamente, suponham que estivessem passando por um edifício e vissem no chão uma tonalidade de cores vindas da luz que passa através de um canto de uma janela. Heredia, no poema *Vitral* (reproduzido abaixo), descreve as efígies nos túmulos: elas não podem ver, não podem ouvir, mas, com seus olhos de pedra, vêem essas cores espalhadas no chão. À medida que o paciente está falando comigo, e a luz recai sobre essa conversa, que cores vocês vêem? Vocês gostam delas? Gostariam de passar mais tempo ali? Gostariam de estudar essa janela por meio da qual a luz do sol penetra, para descobrirem que tipo de desenho há no seu vidro? Eu não vou dar mais sugestões, porque gostaria que pensassem em vários vértices que pudessem empregar quando confrontados não com um livro, não com uma pintura, não com uma janela, mas com uma pessoa. Que tipo de sombra ela lança na mente de vocês?

Voltando à situação analítica, será que devemos dizer a esse paciente para ele vir novamente? Será que devemos, como se assim fosse, abrir outra página do livro, ou ouvir mais alguns compassos de música, ou devemos parar ali? Cada um de nós deve responder essa pergunta sozinho. Eu não estou lhes pedindo para terem um vértice psiquiátrico nesse momento, é muito cedo. Vocês somente trocaram algumas frases (de diálogo) e tiveram somente alguns momentos para verem esse homem e se sentem inclinados a dizer: “Bem, é melhor que eu o veja amanhã, ou na semana que vem”, ou, “Eu gostaria de vê-lo novamente dentro de um mês”? Ninguém pode lhes dizer o que fazer, porque ninguém sabe que tipo de pessoa vocês são ou do que são capazes.

Outro motivo pelo qual eu falo em inglês é este: estou familiarizado com expressões tais como verde de inveja, amarelo de ciúmes, preto de desespero, vermelho de ódio. Vocês pensam dessa maneira? Se assim for, quais são as cores que vêem nesta conversa? Com que cores pintariam esta conversa? Podem dizer que não são pintores, mas é muito importante que saibam quem ou o que vocês são. Esta é uma razão por que nós defendemos a idéia de que as pessoas devem passar por uma análise, para que possam se acostumar com quem elas mesmas são. É muito pouco provável que vocês já o tenham descoberto. Então, apesar de que a tendência possa ser a de dizerem que não pintam, eu digo que vocês o fazem. Tirem, pois, suas cores para fora, não escrevam anotações a respeito desta história, façam alguns tracejados sobre o papel, usem algumas cores simples como azul, preto, amarelo, verde e, então, olhem

Revista de Psicanálise, Vol. VIII, Nº 1, abril 2001 □ 93





Wilfred R. Bion

para isso, assim terão uma idéia de qual foi o impacto do paciente em vocês. Se fossem músicos, que tipo de música comporiam? Se fossem escritores, que língua escolheriam? Francês? Francês como é falado em Paris, ou o do Midi, ou o da Turena? Então, ao ouvirem a conversa entre vocês e o paciente, que idioma está sendo falado, seja por ele, seja por vocês, ou por ambos?

Questão levantada por participantes do seminário – *É interessante salientarmos que, em francês, dizemos “amarelo de inveja”, ao invés de verde.*

WB – Por isso é tão importante saber não qual é o idioma falado na França ou na Inglaterra, – essas delimitações geográficas não são de maior importância, quando o que está em questão é a mente, ou o caráter, ou a personalidade –, mas tomar emprestada a linguagem dos pintores, músicos e assim por diante e usá-la neste tema extraordinário de que estamos nos ocupando.

Q – *O sr. pensa que nós somos capazes de escolher o vértice?*

WB – Sim, e quanto mais você souber a seu respeito, mais saberá qual é o vértice a escolher para poder olhar o problema. Por exemplo, olhando para esse homem que eu tentei descrever, você o escolheria para acompanhá-lo a escalar montanhas? Você o escolheria como um do seu time no “Tour de France”? Não demos importância à psicanálise ou à psiquiatria neste momento. Existe algo para o que você o escolheria? Gostemos disso ou não, a escolha é uma coisa arbitrária, porque a análise deve ser feita por cada um de nós sozinho, é um trabalho solitário.

Nós nos acostumamos com a idéia de que a psicanálise é uma tentativa de fazer uma abordagem científica da personalidade humana. É uma visão que acrescenta uma grande importância aos fatos, à verdade, à coisa real. Se isso é assim, então há várias pessoas que são cientistas sem uma categorização científica. Um pintor, por exemplo, pode acreditar que uma pintura deve ser fiel à realidade, deveria lhe mostrar algum aspecto da realidade que de outra forma você não perceberia. Ele não é um psicanalista, mas ele pinta uma pintura. Olhe para essa pintura e, então, você poderá ver como uma árvore ou um rosto parecem ser. Se um autor escreve sobre personagens imaginários como Falstaff, Lear, Othello, Macbeth, eles devem nos lembrar pessoas reais. Será que o último artigo científico que você leu no *International Journal of Psycho-Analysis* lhe faz lembrar de pessoas reais ou não?

Q – *O sr. está sugerindo que a experiência analítica pode ser desumanizadora?*





Um seminário realizado em Paris, em 10 de julho de 1978

WB – Eu penso que há um grande perigo de que isso ocorra. Eu tomo contato com muito do que se pensa ser psicanálise científica, mas que não me faz lembrar nada a não ser monotonia. A situação na sala de atendimento, a relação entre essas duas pessoas, poderia ser vista como as brasas de uma lareira. Existe aí alguma fagulha que pode ser soprada até se tornar uma chama? Nesse pouquinho que descrevi, nós teríamos que examinar, observar os escombros mentais, dedicar cuidados a eles, fragmentos do que nos foi ensinado, fragmentos do que aprendemos, fragmentos do que foi ensinado ao paciente. Na análise, uma pessoa vê todos esses escombros. O que aconteceu com o rosto de um homem de quarenta e dois anos? Por que ele parece vinte e cinco ou sessenta e dois? Por que ele diz que tem quarenta e dois? Tudo isso faz parte dos fragmentos. Será que essas partes se juntam? Você seria capaz de juntá-las para que fizessem sentido?

Q – *(uma referência inaudível à experiência psicótica)*

WB – A idéia de que seja uma experiência psicótica é muito cerebral. Na análise nos preocupamos com algo que pode, em última instância, se expressar em termos cerebrais, porém essa não é a maneira como isso parece ser para nós, analistas praticantes. Eis um motivo pelo qual devemos nos reconciliar com o fato de que os pacientes não chegam a nós com pequenos rótulos amarrados neles dizendo “maníaco”, ou “depressivo”, ou “maníaco-depressivo”, ou “esquizofrênico”. Se eles, de fato, vêm com tais rótulos, nós devemos tê-los em conta como pedaços a mais de fragmentos. Eu não quero dizer, por chamá-los de fragmentos, que não sejam merecedores de atenção, mas que são algo que deve ser observado e examinado minuciosamente com bastante cuidado, caso contrário vocês podem estar jogando fora a fagulha vital e necessária. Não podemos nos dar ao luxo de deixar de lado conjeturas imaginárias baseadas no fato de não serem científicas. Podem dessa maneira jogar fora a semente de uma planta, só porque não é a semente de um carvalho, ou um lírio, somente um pedaço de lixo. Isso se aplica a tudo o que acontece na sua sala de atendimento.

Mas eu sugiro que valeria a pena considerar isso não como a sua sala de atendimento, mas como seu atelier. Que tipo de artista você é? Um ceramista? Um pintor? Um músico? Um escritor? Na minha experiência uma grande quantidade de analistas não sabe realmente que tipo de artistas eles são.

Q – *E se eles não forem artistas?*

WB – Então eles estão na profissão errada. Eu não sei que trabalho lhes serviria, porque, mesmo que não sejam psicanalistas, precisam ser artistas durante a pró-

Revista de Psicanálise, Vol. VIII, Nº 1, abril 2001 □ 95







Wilfred R. Bion

pria vida. Um matemático pode ver que uma fórmula algébrica é algo bonito, um músico pode ouvir um manuscrito que tenha simplesmente traços pretos em papel branco. Mesmo fazendo uso da linguagem que eu conheço melhor, não consigo lhe dizer o que é “um artista”, prefiro que você vá além dessa palavra tão inadequada e veja o que eu estou tentando lhe transmitir através dela. Certamente não é alguém que pode iludir seus olhos, para fazê-lo pensar que existe uma árvore lá, quando não existe, mas alguém que tornou você capaz de ver que realmente lá há uma árvore com suas raízes, mesmo que essas estejam debaixo da terra.

Eu sugiro que, por trás desse homem de quarenta e dois anos, se esconde uma pessoa e essa pessoa tem raízes, um inconsciente que, tal como as raízes de uma árvore, está escondido da visão. Não somente existem galhos que estão ramificados e têm veios, mas, por baixo da superfície, há raízes. Então, quando essa pessoa vem à sua sala, o que você vê? Eu não estou simplesmente perguntando o que você vê com os seus olhos, mas também o que a sua intuição lhe permite ver.

*Q – Quando o sr. relaciona as raízes da árvore com o inconsciente, o sr. tem uma imagem de algo que pode ser experienciado como raízes do inconsciente, ou o inconsciente como as raízes?*

*WB – Não. “O inconsciente” é simplesmente uma dessas palavras inventadas por Freud numa tentativa de chamar a atenção para algo que realmente existe. Mas, como sempre, nos prendemos na palavra e então ocorrem essas intermináveis e cansativas discussões, para mim, sobre a teoria kleiniana, a teoria de Abraham e todos os tipos de teorias.*

Eu não posso estar interessado nelas, porque obscurecem o fato de que existe algo, pelo que eu sei, que de fato é a mente humana, ou a personalidade. Não creio que alguém já tenha descoberto como aquele caráter humano ou a personalidade pode ser descrita, mesmo que um bom pintor de retratos possa pintar algo que mostre não somente a cor da pele ou a forma da pessoa. Um artista, na Inglaterra, pintou um retrato de Winston Churchill. Sua esposa detestou tanto a pintura que a destruiu. E, mesmo assim, muitas pessoas acharam-no um muito bom retrato. O artista Graham Sutherland não era um psicanalista, não nessa categoria, nessa faixa, mas ele era um analista ou não? Da mesma maneira, vocês podem me dizer: “Ah sim, mas eu não sou Cézanne, eu não sou Sutherland”. Eu não quero lisonjeá-los, mas tudo o que posso dizer é: como vocês sabem que não o são? Vocês já estiveram em seus ateliers e já descobriram que tipo de artistas são?





Um seminário realizado em Paris, em 10 de julho de 1978

Q – *O sr. poderia dizer algo sobre o que descreveu como uma situação catástrofica?*

WB – A palavra “catástrofe” também deve ser entendida à luz de algo que vai na direção oposta. Eu penso nela como se estivesse “se desmontando”, o que é algo muito próximo da metáfora “romper”.

Na situação analítica, o analista está preocupado em tentar tornar consciente, em tentar fazer o paciente dar-se conta de algo que ele passou a maior parte da sua vida tentando tornar inconsciente. Há duas pessoas na sala que estão juntas na mesma hora, no mesmo lugar, mas em direções que as fazem pensar de maneira diferente. Elas poderiam concordar, se o analista consentisse em ficar perturbado e atingido pelo mesmo tipo de neurose ou de psicose do paciente, mas normalmente se supõe que o analista não perca a sua capacidade de dar-se conta do mundo real, mesmo que ele esteja dando atenção a um mundo cuja realidade tem uma forma diferente. O exemplo mais simples que eu posso dar é este: nós estamos num estado mental que é conhecido como acordado ou consciente e dando-nos conta de que algo está acontecendo, assim nós pensamos. Mas, quando dormimos, estamos num estado mental diferente. Essa divisão entre o dia e a valiosa capacidade de irmos dormir, tanto quanto a valiosa capacidade de sermos capazes de acordar, esse “casamento” frequentemente parece não se dar de maneira harmoniosa. Por exemplo, os pacientes podem admitir que tiveram um sonho, mas não o levam a sério; eles não se sentem dispostos a contar onde foram durante o sonho, ou o que viram. Ele dizem: “Ah, eu só sonhei”.

Eu não sei por que eles “somente sonharam”. Se o fruto do carvalho dissesse: “Ah, eles são somente raízes”, o que você pensaria? Apesar de tudo, mesmo um fruto estando numa árvore tem algo a ver com as raízes. Então, quem é essa pessoa para concluir sobre um paciente que “somente sonhou isto”? Freud considerava que os sonhos deveriam ser tratados com respeito. Eu penso que essa é a parte mais importante de seu trabalho, mas eu não acredito que tenhamos chegado nem perto de colhermos os frutos que tratar os sonhos com respeito pode nos permitir.

Q – *(Perguntas a respeito do significado dos termos “desmontar” [breaking down] e “romper” [breaking up] – expressão idiomática que significa enlouquecer. Não existem equivalentes diretos em francês.)*

WB – O que o paciente lhe diz quando ele acha que está enlouquecendo? Você deve descobrir através do paciente o que isso significa. Quando ele diz que ele está enlouquecendo, presumivelmente é com isso que um colapso se parece e é assim que

Revista de Psicanálise, Vol. VIII, Nº 1, abril 2001 □ 97





Wilfred R. Bion

soa. Você não precisa acreditar que o diagnóstico do paciente está correto, mas pode olhar para esse quadro, você mesmo, e ver o que ele chama “enlouquecimento”. Então você tem uma oportunidade de usar os seus sentidos, para lhe dizer o que essa palavra significa e, também, em que linguagem o paciente está falando. Não cabe dizer que ele está falando em inglês ou em francês, isso é muito pouco, muito inadequado.

*Q – É a especificidade da língua o que se desenvolve no “atelier”?*

WB – Sim, e a especificidade do que o analista faz. As pinturas de Cézanne da Montaigne Sainte Victoire não são as mesmas que seriam as minhas, se eu lhes tirasse fotos. Qual é a diferença? Você tem que olhar para as pinturas para descobri-lo; elas são a única língua que Cézanne podia falar, para me transmitir o que eu devo ser capaz de ver, se eu olhar para a montanha.

Seus pacientes não são realmente bons artistas, mas geralmente sabem como é sentir os seus próprios sentimentos. Quando eles tentam dizer-lhe, não têm um vocabulário muito amplo. Então você ouve o que eles dizem, olha para o que eles são, compara os dois e forma as suas próprias conclusões sobre o que de fato está acontecendo, – para usar a língua inglesa – estariam “breaking up” (brigando, cortando relações), “breaking down” (enlouquecendo), ou “breaking through” (libertando-se).

O paciente está normalmente descrevendo algo que eu tenho certeza que existe: dor mental. Quando é algo físico, você pode perguntar-lhe: “Que tipo de dor é esta”? Com o tipo de pacientes que nós temos, devemos ser capazes de reconhecer os diferentes nomes que são dados à dor: ansioso, assustado, apavorado, constrangido, envergonhado, e assim por diante. São todas diferentes variedades de dor. Se você estivesse tentando pintá-las, teria que usar diferentes tonalidades de cor, mas os psicanalistas têm que inventar a língua; o nosso material não é visível, não é palpável.

Algumas vezes um paciente não parece ser capaz de se comunicar e deseja segurar a sua mão para ter uma maneira física de se comunicar. A maioria dos analistas restringe-se à comunicação verbal. Esse é um método de comunicação que só recentemente foi descoberto – não é muito bom, porém é dos melhores que conhecemos.

*Q – Recentemente eu tive um paciente que não achava ser necessário falar para se comunicar comigo.*

WB – Tais pacientes não podem realmente entender as possibilidades da comunicação verbal. Eles entendem as possibilidades de serem capazes de evacuar sua





Um seminário realizado em Paris, em 10 de julho de 1978

urina, suas fezes e até sua respiração. Então, quando falam, eles se dão conta da atividade muscular de expulsão, porém não se apercebem da qualidade mental do pensamento.

*Q – Isso confirma a minha experiência com um paciente. Uma vez esse paciente se assustou com um amigo chamado Pierre\*. Ele pensou que ele era muito duro (frase inaudível), parecido com atirar pedras para fora de sua boca.*

*WB – É muito difícil ter-se qualquer impressão, a não ser que você esteja com o paciente. Uma possibilidade é que ele esteja impressionado pelo movimento muscular. Desta forma teria medo de que poderia ou perder uma parte de sua personalidade, se falasse, ou machucar o analista com essas pedras; poderia dizer coisas que machucassem muito, coisas ásperas, insultos. Até mesmo poder-se-ia fazer uma conjectura racional de que ele teme que, se for espontâneo, ou se agir de maneira natural, ele dirá coisas que insultariam, que deixariam o analista muito zangado.*

*Quando esse paciente fala com o analista, que aspecto dele mesmo está sendo expresso? Poderia estar se dando conta do crescimento de um cálculo renal, muito antes que qualquer coisa aparecesse no Raio X, ou antes mesmo de ser apalpado fisicamente? Assim, quanto mais as idéias forem aceitas ou ocorrer nossa resposta às associações livres do paciente, pode haver esta complicação: um sintoma corporal, um sintoma químico, a formação de cálculos, aparecer antes na mente do que de qualquer outra forma. A pergunta é a seguinte, pois: o que deve ser dito ao paciente? Como você transforma seus pensamentos, sentimentos, idéias sobre o que está se apresentando para você numa linguagem verbal que o paciente possa entender e que também possa estar certa? É um problema bem difícil, e eu não vejo nenhuma forma de responder a isso, a não ser que você esteja na sua sala de atendimento.*

*Q – Eu me pergunto se é isso que acontece com crianças também.....( frase inaudível)*

*WB – É difícil saber onde está a origem da dor. As crianças hoje em dia são freqüentemente muito sensíveis ao que está acontecendo; elas sabem muito sobre suas escolas, seus professores, a cidade ou a metrópole ou o país onde vivem. No entanto não é a mesma coisa que nós sabemos como adultos. Assim, quando contam algo, você pode estar razoavelmente certo de que a informação é bem precisa, porém a experiência de vida delas não é grande; não viveram o tempo suficiente para pode-*

\* Atente-se para o fato de que o nome próprio "Pierre" significa pedra em francês. (N. da R.)





Wilfred R. Bion

rem entender o que seu conhecimento, ou os seus sentidos estão lhes dizendo. Pode ser perfeitamente natural para uma criança ser leal a seus contemporâneos e não querer passar informação a alguém que seja de uma geração diferente da sua. Então existe uma divisão que não se dá simplesmente entre o inconsciente da pessoa e o seu consciente, mesmo que seja parecido com isso; é uma divisão entre o que a criança faz você recordar de você como criança e o que você é hoje. Você pode ter esquecido que a criança que você foi um dia era leal a outros meninos e meninas e não contava aos seus pais as coisas que sabia e que não achava tais coisas perigosas, porque a criança que você foi não tinha experiência suficiente para saber que essas coisas eram perigosas.

Então você tem esse problema que em parte tem a ver com você mesmo, em parte tem a ver com a criança real que vem a você, mas também tem a ver com o que eu descrevi como “a moda” (*“the vogue”*). Eu não estou falando sobre a maneira, somente sobre uma manifestação passageira da moda, mas da moda por si mesma – aquela força que existe sempre e é muito poderosa.

Eu penso que nós abandonamos a entrevista do homem de quarenta e dois anos por um tempo meio longo. Aqui nós podemos discutir o problema longamente, mas não podemos fazê-lo na sala de atendimento. A pergunta é a seguinte: por que ele me faz lembrar um homem jovem de vinte e cinco anos? E por que, na medida em que eu o olho, ele me faz lembrar um homem de sessenta e dois anos? A estas alturas me pergunto se ele tem algum filho. Será que ele o faria parecer mais jovem ou mais velho? Eu acho que eu gostaria de vê-lo em outro dia, então talvez pudesse descobrir se ele é casado ou não, ou, caso for assim, se ele e sua parceira tiveram filhos. Eu estou acostumado com a idéia de conflito mental, mas será que existem conflitos físicos? Será que uma pessoa pode parecer vinte e cinco anos e sessenta e dois ao mesmo tempo, mas não quarenta e dois? Quais os músculos corporais que estão sendo usados? Alguns deles são as cordas vocais, porém o que mais? E sua pele? E a respeito das marcas ou da falta delas em seu rosto? Como é que isso ocorre? Será que nós como psicanalistas devemos nos aperceber do conflito físico tanto quanto do conflito mental?

Eu me lembro de um paciente que sempre cooperava muito. Depois de um tempo, receio que depois de um tempo longo demais, tornou-se claro para mim que ele era o único paciente que não mudava a aparência do divã; quando ia embora, era quase como se ninguém tivesse se deitado nele. Então me ocorreu que ele deitava exatamente no mesmo lugar toda a vez que vinha, o que me fez pensar que isso era um tipo de catalepsia, uma catalepsia mental. Eu nunca poderia dizer com honestidade que ele tivera um sono, eu nunca poderia dizer com honestidade que ele estava acordado, ele estava entre as duas coisas, ele não estava inconsciente. Como será que





Um seminário realizado em Paris, em 10 de julho de 1978

fazia para viver nesse exato estado mental? Fisicamente podia deitar exatamente na mesma posição no divã; tinha se tornado claro, porém, que ele fazia a mesma coisa mentalmente.

*Q – Há dois pontos que eu gostaria de salientar. Primeiro, aqui em Paris existem reclamações de que não há discussão sobre a escolha de pacientes. Segundo, me foi dito muitas vezes que os pacientes querem parar a análise, no entanto, seus analistas não querem desmamá-los.*

WB – Eu me apoiaria numa expressão que acho útil, tomando emprestada uma terminologia dos matemáticos: “iniciativa absoluta”. Por “absoluta” eu quero dizer em qualquer direção – seja a iniciativa de ir para trás ou a iniciativa de ir para a frente. O ponto importante é o da iniciativa e não a direção. Isso me parece estar muito próximo a algo fundamental e básico, mesmo de maneira física, quase como as funções ou os impulsos que nascem quando as adrenais se tornam ativas, tornando possível lutar ou fugir, correr em direção ao perigo ou correr dele. Eu digo “iniciativa” para dar a esse um lugar neutro entre os dois. Quem dá à luz uma criança? A mãe ou o feto a termo? Será que o feto a termo dá, de alguma maneira, sinais de que ele já permaneceu o suficiente dentro de sua mãe? Ou será que a mãe dá sinais de que ela já chegou ao seu limite de carregar esse peso com ela? Isso significa colocar esse assunto de maneira pictográfica. Vamos começar novamente. Será que o paciente quer ver o analista, ou será que o analista quer ver o paciente? Eu penso que a situação de catalepsia de fato representa um tipo de refúgio: você não faz nada.

No outro dia eu ouvi um relato interessante sobre um paciente que parecia ter mencionado o dia 14 de Julho. Ele aparentemente falara muito, porém nada sobre a queda da Bastilha ou das pessoas dançando nas ruas comemorando o feriado. Isso me parece algo como olhar um raio X no qual você pode ver os pulmões, mas por que está nublado nessa parte? Por que você não consegue ver as costelas com clareza? Qual é o problema nessa história? Estar ciente do que está errado no que lhe está sendo contado. O que falta? Você somente ouviu o começo e teria quase, com certeza, que ver o paciente outra vez. Mas, quando você faz isso, você também está começando a análise e pode vir a descobrir que não quer continuar com esse paciente, mas esse paciente quer continuar com você. Você tem que estar ciente que isso pode ocorrer a qualquer momento. A mesma coisa se aplica ao seu atelier; você pode não ter decidido que tipo de artista quer ser, mas, na medida em que percebe no que é bom, pode querer fazer o “melhor de um mau negócio”, como nós dizemos, e decidir-se a descobrir o que pode fazer com o que você tem no seu atelier.

É muito importante estar ciente de que talvez você possa nunca ficar satisfeito

Revista de Psicanálise, Vol. VIII, Nº 1, abril 2001 □ 101





Wilfred R. Bion

---

com a sua carreira analítica, sentir que está se restringido ao que é chamado de uma “abordagem científica”. Você tem que ter a oportunidade de sentir que a interpretação que está dando é linda, ou que a resposta do paciente a sua interpretação é linda. Esse elemento estético da beleza torna tolerável uma situação muito difícil. É muito importante ter coragem de pensar ou sentir qualquer coisa que você de fato pensa ou sente, não importa o quanto não seja científico. □

Tradução do francês para o inglês por Francesca Bion  
Setembro de 1999.

### **Vitrail**

Cette verrière a vu dames et hauts barons  
Étincelants d’azur, d’or, de flamme et de nacre,  
Incliner, sous la dextre auguste qui consacre,  
L’orgueil de leurs cimiers et de leurs chaperons;

Lorsqu’ils allaient, au bruit du cor ou des clairons  
Ayant le glaive au poing, le gerfaut ou le sacre,  
Vers la plaine ou le bois, Byzance ou Saint-Jean d’Acre,  
Partir pour la croisade ou le vol des hérons.

Aujourd’hui, les seigneurs auprès des châtelaines,  
Avec le lévrier à leurs longues poulaines,  
S’allongent aux carreaux de marbre blanc et noir;

Ils gisent là sans voix, sans geste et sans ouié,  
Et de leurs yeux de pierre ils regardent sans voir  
La rose du vitrail toujours épanouie.

Heredia

Copyright © 2000 Francesca Bion

Tradução para o português de **Karina Brodski**  
Revisão técnica de **Anette Blaya Luz** e **Jussara S. Dal Zot**

---

102 □ Revista de Psicanálise, Vol. VIII, Nº 1, abril 2001





# Comentários sobre a conferência de Bion em Paris

*Arnaldo Chuster\*, Rio de Janeiro*



---

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

---

Revista de Psicanálise, Vol. VIII, Nº 1, abril 2001 □ 103







Destaco na conferência uma espécie de desafio de pensamento: a conexão entre as atividades do psicanalista e do artista e que provoca de imediato um interesse estranho e que não é apenas uma questão teórica. O artista e o psicanalista despertam um no outro uma inquietação. Bion sugere que devemos olhar para essa inquietação e constatar como ambos, assim como os cientistas, são curiosos de todas as dimensões do mundo e desse modo não conseguem manter-se indiferentes às interpretações que produzem nos vários domínios do processo social-histórico.

A mudança de vértice é parte intrínseca do trabalho de psicanalista, que não pode ignorar o lugar da arte no domínio da linguagem e da palavra. Tampouco o artista está isento da inquietação produzida pela psicanálise desde os primórdios do século XX. Ambos deparam-se com o sentimento de que algo sempre escapa às interpretações, e este algo é justamente aquilo que constitui a essência da arte e o vigor da obra, bem como o objeto da psicanálise e sua prática. Dizer neste ponto que se trata simplesmente do inconsciente não basta. Soa simples para um assunto que é extremamente complexo. É preciso destacar que o psicanalista deveria tentar retratar seu analisando como se fosse um artista, e o artista de algum modo vem retratando o que a psicanálise encontra na clínica. Creio que mencionar Shakespeare é suficiente para essa tese. Não há superioridade lógica no psicanalista ou no cientista em relação ao artista. O que existe é apenas uma diversidade lógica.

Pelo vértice filosófico, poder-se-ia dizer que a temática de Bion o aproxima da melhor tradição do conceito kantiano de verdade, democraticamente inacessível para todos. Nem artista, nem cientista, nem psicanalista a possuem – no máximo conseguem usar a imaginação produtora em seu lugar. Poder-se-ia também dizer que ele se aproxima do mesmo paralelismo disjuntivo adotado por Spinoza para dispor sobre a relação entre a sanidade e a loucura. Não há ilogicidade na loucura, nem logicidade na sanidade, apenas trata-se de estados que possuem uma lógica paralela, disjuntiva, à suposição de “normalidade”. Não é preciso ir muito longe para deduzirmos que estamos diante de uma ética trágica, que, nos desdobramentos da investigação sobre a interação entre as partes psicóticas e as partes não psicóticas da personalidade, realiza a transposição do conceito vazio filosófico de verdade para a prática intuitiva psicanalítica e faz emergir, no início da década de 60, uma teoria do pensar e, com ela, uma ética de pensamento psicanalítico que vai se desdobrando nos textos seguintes.

Podemos acompanhar sua presença e evolução em todas as conferências da década de 70: Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Nova Iorque, Roma. Em Paris não é diferente. O método de apresentação de Bion é inconfundível. Ele exige que seus interlocutores e ouvintes não o tomem como professor, como homem





de saber, como líder de uma escola, mas como um psicanalista com suas dúvidas e incertezas, com toda indecibilidade e incompletude das interpretações e, sobretudo, deparando-se com a complexidade que o campo da psicanálise nos impõe.

Ele parte do fragmento de um caso. Trata-se de um paciente que se apresenta para uma entrevista inicial. É significativo que não ouvimos falar do paciente sem ouvirmos simultaneamente do psicanalista. Quanto ao paciente, ele sugere-nos a imagem de um poliedro, uma figura multifacetada, que, de acordo com o ângulo observado, mostra uma faceta diferente de idade. Quantos anos tem o paciente, se cada faceta revela uma idade diferente?

Obviamente Bion não irá se deter em buscar uma determinação exata, mas ressaltar o fato de que a observação analítica é em si mesma uma visão multifacetada, cujo correspondente na linguagem só pode ser um, a saber, o mito. Daí a pergunta se transforma: qual é o mito particular do paciente que fala a partir de idades diferentes e presentes na mesma pessoa? É na criação desse mito que se instala a mobilidade da relação analítica.

Sabemos que Freud colocou o mito de Édipo como elemento nuclear da neurose e fez dele a base para investigar os sentimentos de amor, ódio, ciúmes, rivalidade, que estão presentes nos aspectos essenciais do desenvolvimento sexual. As investigações subseqüentes foram enriquecidas por importantes contribuições que se referem ao conteúdo sexual do drama e às interações entre os pares ativo/passivo, masoquismo/sadismo, libidinal/agressivo, indivíduo/cena primária. Com Melanie Klein, o mito passa a ser investigado desde as relações mais precoces da vida mental. Valiosas contribuições surgiram também a partir do campo semiótico e lingüístico, sobretudo com Lacan.

Bion aproximou-se por um vértice que encara aqueles elementos que foram deslocados pela ênfase psicanalítica no sexual. Sem excluir a importância essencial da sexualidade, assinalou na função narrativa do mito os elementos arrogância, curiosidade e estupidez que atuam contra o saber, propondo com eles captar no mito a presença da parte psicótica da personalidade. Desta forma, destaca que o vínculo K (a sede de saber) é tão essencial ao ser humano como o amor (vínculo L) e o ódio (vínculo H).

Para Bion, o mito de Édipo é base do aparelho de aprendizado desde os primórdios do desenvolvimento mental. Há uma pré-concepção edípica que opera como precursora de uma importante função da personalidade na descoberta ou no conhecimento da realidade psíquica. Esta pré-concepção conduzirá à investigação da relação com os pais reais ou substitutos. Por isto Bion postula *o mito de Édipo privado* formado por elementos-alfa e sugere que é um importante fator na *função psicanalítica da personalidade*.





Arnaldo Chuster

Posso acrescentar que o *mito de Édipo privado* (*private Oedipus myth*) atende ao princípio ético-estético da singularidade, funda o crescimento mental e pode sofrer ataques destrutivos da parte psicótica da personalidade, quando então encontraremos os sentimentos de inveja, voracidade, sadismo, articulados através da arrogância dos personagens que se opõem ao conhecimento. As conseqüências do ataque incidem sempre sobre o *learning apparatus*, a intuição, e impedem o desenvolvimento da função psicanalítica da personalidade.

Cabe notar que o elemento fundamental na conexão estabelecida por Bion entre o artista e o psicanalista é sempre a criação, isto é, a capacidade de escutar o que não está diretamente dado no material do analisando. Os termos imaginação e imaginário devem ser aqui pensados em conjunto. A imaginação (imagem-em-ação) não é apenas a capacidade de combinar elementos já dados para produzir um outro; é a capacidade de colocar uma nova forma. Utiliza-se de elementos que aí estavam, mas a forma, enquanto tal, é nova.

Sem dúvida, Bion nos confronta com a imaginação radical, a imaginação produtora. Não a capacidade de ver “figuras”, ou se ver num “espelho”, mas a capacidade de estabelecer o que não é e ver alguma coisa mais além do senso comum.

Os aspectos criativos da mente, resultantes ou representantes da função psicanalítica da personalidade, revelam-se na radicalidade de um outro conceito que Bion nos traz na parte final de sua obra: o conceito de *cesura*. Embora não mencionado diretamente na conferência, está implícito na forma de apresentação. Em qualquer momento, se não nos deixarmos impressionar pelos elementos da memória, do desejo, da necessidade de compreensão e da impressão sensorial, nossa mente recupera a plasticidade de movimento transitando pela cisão temporal, estabelecendo vínculos insuspeitados, criando conjecturas, enfim, exercendo a imaginação. Tudo é metafórico. Sendo assim, o psicanalista pode entender que o nascimento psíquico pode libertar-se da idéia do nascimento físico e perceber que “*a palavra catástrofe* (alusiva ao conceito de mudança catastrófica e transformação em O) *deve ser entendida à luz de algo que vai na direção oposta... breaking down é também muito próximo da metáfora breaking up*”. □

**Arnaldo Chuster**

Rua Visconde do Pirajá, 547/1010 – Ipanema  
22410-003 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA

106 □ Revista de Psicanálise, Vol. VIII, Nº 1, abril 2001





# Material clínico

---





Atenção montador  
a página **108** é branca





# Questões de identidade na psicoterapia de um adolescente adotivo de origem racial mista\*

*Margaret Rustin\*\**, Londres



---

\* Apresentado em Seminário Temático, ocorrido na SBPSP, em 26/09/2000.

\*\* Consultora, psicoterapeuta de crianças. Organizadora-tutora da formação em psicoterapeuta de crianças da Tavistock Clinic, de Londres. Diretora dos Estudos de Pós Graduação da Tavistock Clinic.





Margaret Rustin

Vou falar a respeito do meu trabalho com Matthew. Nele, um foco central foram suas lutas para tirar a limpo questões de identidade que são características das tarefas do desenvolvimento de todos os adolescentes e específicas à sua história particular como filho adotivo.

Primeiro darei um breve relato da sua história inicial, sobre a qual se conhece mais do que o habitualmente nos casos de crianças que começaram suas vidas em circunstâncias confusas, caóticas e de privação por razões que logo ficarão claras. Ele é filho de uma mãe solteira, branca, da Dinamarca. O pai é um negro caribenho, que sumiu antes do seu nascimento. Não ficou claro quem exatamente era ele, dado que a mãe parece ter-se envolvido com um grupo de marinheiros e engravidado nessa ocasião. Quando Matthew nasceu, a mãe estava morando com outro namorado. Houve um breve casamento que deu a Matthew seu sobrenome. Esse casamento se desfez, e suas lembranças são de dois outros homens com quem ela vivia na época em que ele foi tomado sob custódia com a idade de quatro anos. A mãe tinha uma existência muito precária. Viciou-se em heroína, mas usava muitas outras drogas e com frequência era incapaz de cuidar de si mesma ou de Matthew. Ele se lembra de ter sido hospitalizado por subnutrição, quando tinha dois anos e meio, e de resistir às tentativas da mãe de vesti-lo com roupas velhas molhadas recolhidas da rua. Quando Matthew estava perto de completar quatro anos, ambos foram enviados para passar uma noite com uma família que havia oferecido ajuda a uma agência que buscava reabilitar drogaditos sem teto. Essa família envolveu-se muito com Matthew e sua mãe de início, tentando ajudá-los e apoiá-los e, posteriormente, oferecendo-se como pais adotivos<sup>1</sup> legais para o menino, quando se convenceram da improbabilidade de a vida dilapidada da mãe abrir-se para mudanças e de que isso estava tendo efeitos devastadores sobre Matthew. Esse arranjo foi confirmado pelo tribunal, e Matthew tornou-se filho adotivo dessa família desde então. A lei dinamarquesa aproxima muito esse arranjo mais rápido da nossa noção de adoção, e Matthew sempre se refere a si próprio como adotado.

A família que o recebeu era composta de pais brancos, profissionais de classe média, e dos seus três filhos naturais, dois meninos mais velhos do que ele e uma menina um pouco mais nova. Logo após a decisão do juizado, o pai foi requisitado por sua firma a que se mudasse para Londres por um período. Uma agência de serviço social dinamarquesa, responsável pela adoção, entrou em contato com a Tavistock antes de a família chegar à Inglaterra, com um pedido de tratamento para Matthew. Negociações muito complexas com essa agência e uma avaliação de Matthew e da

1. Na verdade como *foster parents*, uma categoria um tanto diferente de pais adotivos que não temos no Brasil. Por isso, na tradução desse artigo optou-se por chamar essa família de adotiva. (N. do T.)





família levaram à decisão de oferecer-lhe psicoterapia intensiva, aceita pela família e pela assistente social. Foi também oferecido um trabalho regular com os pais, e encontros de revisão com a assistente social ocorreram anualmente.

Descreverei, a seguir, brevemente, sua primeira experiência de terapia. Pode ser que alguns de vocês conheçam o sucinto relato feito por sua terapeuta e publicado em *Psicoterapia com crianças com privação grave*, editado por M. Boston e R. Szur, Routledge Kegan Paul. Começou o tratamento quando tinha sete anos e meio. Sofria de asma e de doenças frequentes, pesadelos terríficos e de muitas ansiedades em relação à escola, mas o mais importante era o seu desejo incessante de ir viver com a mãe. Não podia entender ou aceitar a impossibilidade disso, e os pais adotivos ficavam atormentados pela rejeição implícita de seus esforços amorosos, na medida em que ele repetidamente perguntava: “Por que eu não posso viver com minha mãe?” Sua terapeuta tinha a impressão de ele ser um menininho muito disponível, cheio de imaginação e desejoso de compartilhar suas ansiedades, mas ela se defrontava, da mesma forma que a família adotiva, com os efeitos debilitantes da idealização que ele fazia da mãe. Na sua mente, ele tinha uma relação protetora com a mãe; na fantasia ele era o príncipe rico que salvaria uma princesa abandonada ou aprisionada; acusava, assim, a família adotiva de separá-lo dela. Parecia haver diversos fatores que davam sustentação a essa idealização: se Matthew abrisse mão dela, ele teria que se confrontar com a dor do seu abandono parcial quando tinha quatro anos e reconhecer o triste quadro da mãe acompanharia esse conhecimento. A idealização lhe servia como uma defesa razoavelmente bem-sucedida contra as ansiedades primitivas de ser devorado e despedaçado, que eram documentadas no seu brincar através de histórias de horror de proporções cósmicas e nos seus sonhos assustadores. De modo mais problemático, o apego a essa idealização, na qual tanto dele estava investido, protegia-o dos riscos da dependência genuína em relação à família adotiva ou à terapeuta. Acresciam-se a isso as delícias sedutoras de uma crença em uma reunião com a mãe baseada no seu papel de príncipe salvador que lhe permitia evadir-se de todas as dores edipianas de ter que defrontar-se com sua rivalidade com o pai pela mãe e com a mãe pelo pai, na família adotiva, e com a rivalidade com os irmãos, que era agudamente penosa para ele, pois se sentia, e assim permaneceu ao longo de toda a sua infância, muito atingido pelo status diferencial entre filhos naturais e filhos adotivos. Ele não podia, naturalmente, nem mesmo fingir ser uma das crianças da família, de nenhuma das formas mais habituais, por conta da sua pele negra. O sentimento torturado de si mesmo como um *outsider* parece tê-lo empurrado de volta para as fantasias idílicas de reunião com a mãe.

O trabalho na terapia capacitou-o, pouco a pouco, a encarar alguns fatos acerca da vida da mãe. Nas visitas que ele lhe fazia, pôde ver que ela vivia em uma







Margaret Rustin

desordem terrível, era doente, não conseguia dormir e tomava muitas pílulas. Mas a admissão da realidade confrontava-o com sua própria raiva pelo fracasso da mãe em tomar conta dele, e ele ficou aterrorizado com a fúria vulcânica que poderia irromper. Um desejo de tomar conta dela foi também evocado de modo poderoso. Não conseguia falar da raiva que sentia com os pais adotivos e lutava para proteger a imagem materna e localizar a responsabilidade em alguma outra parte: “Ela não sabia que estava me dando coisas ruins”, “Alguém lhe deu essas pílulas”, dizia. Uma visita particularmente tenebrosa culminou com ela seguindo-o até o aeroporto, agarrando-se a ele fisicamente, dando-lhe hashish, que depois ele foi visto cuspidando, de tal forma que ele e o pai adotivo perderam o avião.

A batalha na terapia para ajudar Matthew a reintegrar sua compreensão repetidamente negada dos problemas da mãe foi terrivelmente dolorosa tanto para a criança quanto para a terapeuta. A terapeuta sentia que tirava dele aquilo que ele mais amava (isto é, a imagem idealizada da mãe), e ele sentia que ela o forçava a ter que agüentar sentimentos insuportáveis. Também importante, e isso é central para os problemas que ele enfrentou mais adiante, era a imagem que tinha do pai caribenho desaparecido antes do seu nascimento: o pai os havia perdido, a ele e à mãe, e ainda os procurava. Essa imagem de um pai desamparado e desesperado, vagando à deriva, tinha o contraponto de imagens de figuras masculinas violentas, drogadas e assassinas. Uma visita ao Museu Madame Toussaud produziu pesadelos horríveis, e ele explicou que sempre ficava muito quieto na cama, de forma que, se assassinos entrassem no seu quarto, não perceberiam que ele estava lá.

A sensação que Matthew tinha de diferença, alienação e isolamento dentro da família adotiva era algo sobre o qual só podia falar de uma maneira muito incomum para um menino da sua idade, e suas formulações eram comoventes, por exemplo: “Eu não me encaixo bem nesta família. Eu sabia, antes de vir para a Tavistock, que eu não combinava com esta família”. Tinha consciência dos efeitos traumáticos da separação da mãe. A seu próprio respeito podia dizer: “Algumas pessoas param de crescer aos três ou quatro anos de idade e elas parecem esquisitas”. Comparava-se com outras crianças: “As outras crianças dizem ‘Vou fazer tal coisa com a mamãe’, ou ‘Vou fazer tal coisa com o papai’, mas eu não posso dizer isso.”

A terapia de Matthew, que durou quatro anos, possibilitou-lhe voltar-se mais para a família adotiva e, quando ela acabou, ele parecia estar saindo-se bem na sua vida externa. No entanto, sobrou na mente da terapeuta uma idéia de que ele poderia precisar novamente de mais ajuda mais adiante na adolescência. Eu acredito que a renegociação de um senso de self de uma criança sob o impacto de diferentes estágios de desenvolvimento é um fator com implicações significativas para o apoio pós-adoção.





Havia encontros periódicos de revisão com a terapeuta ao longo dos anos, ocasiões em que, por vezes, Matthew parecia estar pedindo mais. Quanto à terapia, porém, nunca deu em nada até pouco antes do seu aniversário de dezesseis anos. Foi-me, então, solicitado que o visse para entender melhor seu pedido de mais ajuda. Matthew havia pedido um terapeuta homem, mas não foi possível encontrar uma vaga que fosse adequada. Quando veio ver-me, deparei-me com um jovem alto, bem constituído, de pele morena clara e cabelo crespo afro, que dava a impressão de um gigante meigo. Ele se mostrava distante e pouco à vontade. Falou bastante, mas a entrevista foi pontuada por discordar de forma muito polida com quase qualquer comentário ou formulação que eu oferecesse, enquanto ao mesmo tempo transmitia um sentimento de necessidade, fazendo-me experimentar uma enorme pressão para que o entendesse direito, o que eu manifestamente não conseguia. A essência da situação era que queria que eu soubesse que ele precisava de ajuda, pois contou-me sobre um número bem grande de áreas de dificuldade na sua vida presente, mas também que ele não podia aceitar essa ajuda. A única coisa que eu fiz que pareceu certa foi descrever esse impasse e responder a ele aceitando sua necessidade adolescente de tirar as coisas a limpo sozinho e propor que combinássemos de nos encontrar dentro de seis meses para ver como estava se saindo nessa tarefa. Isso pareceu agradar-lhe, e quis que eu assumisse a responsabilidade de marcar a data. Quando nos encontramos novamente, seguiu-se uma seqüência muito parecida: a gama de problemas havia mudado um pouco, mas a mensagem paradoxal era a mesma. Ofereci um novo encontro para dentro de seis meses, o qual ele aceitou. Nessas alturas eu tinha um sentimento forte de que eu acabaria tendo um paciente, mas que era extremamente importante esperar, segurando esse elo tão frouxo, até que ele próprio estivesse pronto para se aproximar.

Na terceira sessão o padrão mudou. No mesmo dia em que eu havia escrito uma carta oferecendo-lhe a data do retorno, chegou uma mensagem para uma psicóloga minha colega, com quem ele tivera contatos a respeito de um processo de orientação vocacional, de que Matthew queria psicoterapia. A isso se seguiu uma série de negociações enormemente complicadas quanto ao horário da entrevista; eu recebia solicitações para um dia e hora particulares de uma forma completamente irrealista, mas no fim das contas ele acabou concordando com algo que eu pude lhe oferecer.

Dessa vez tivemos um tipo de conversa diferente: Matthew viera para dizer, sem nenhum rodeio, que estava enalhado. Na realidade ele não havia feito nenhum progresso em solucionar seus vários problemas e decidira que agora era urgente conseguir ajuda para isso. Havia um sentimento palpável de ansiedade sobre o tempo passando e o desperdício. Estava com 17 anos. Tinha-se saído mal nos exames do fim do ginásio, ele, um menino inteligente em termos de Q.I., mas ia decididamente mal





Margaret Rustin

na escola. Não se sentia bem com isso, nem quanto às suas más perspectivas em comparação com as dos irmãos, sua falta de amigos, seus conflitos improdutivos com a mãe adotiva, sua consciência de que deveria estar agindo para conseguir uma independência e sua humilhante sensação de imobilidade. Eu disse que podia lhe oferecer uma sessão semanal, e discutimos se sentia que seria suficiente – ele tivera mais no período anterior de terapia, quatro vezes por semana durante a maior parte do tempo. Acrescentei que, caso isso se revelasse uma dificuldade real, mais adiante eu poderia conseguir aumentar o número de sessões. Se preferisse, ofereci-me para encontrar um colega que pudesse, no momento, lhe dar mais de uma sessão. Aceitou a vaga comigo. Disse-lhe também que achava que ele devia usar o divã quando começássemos, a fim de fazer a transição desses encontros iniciais comigo para um compromisso com uma terapia em curso e em reconhecimento da diferença que haveria no trabalho que iríamos fazer e o trabalho anterior, quando criança, com sua outra terapeuta. Concordou.

E assim começamos a trabalhar. Devo, agora, fornecer alguns eventos importantes da sua vida nesse tempo decorrido. No ano seguinte ao término da terapia, sua mãe morreu por conta de uma forma complexa de hepatite. Matthew contou-me que o fígado da mãe tinha sido completamente destruído pelo uso abusivo de drogas. Mais ou menos na mesma ocasião, os pais adotivos separaram-se. Houvera um relacionamento difícil durante um certo tempo. O pai voltou para o país de origem, e a mãe ficou em Londres com as crianças. O arranjo doméstico no momento era, portanto, a mãe adotiva, seu namorado, Matthew e a irmã menor, os mais velhos permanecendo fora de casa a maior parte do tempo.

Nas primeiras sessões, ele me introduziu pouco a pouco no seu mundo. O que estava mais perto da superfície era o conflito adolescente com a mãe. Havia brigas amargas a respeito de fumar, com que frequência ele deveria sair de noite e a que horas deveria voltar. Num certo plano tudo isso soava absolutamente típico de qualquer rebelde *teenage*. No entanto, não era bem assim: o que estava em jogo era muito mais que isso, porque Matthew sentia que a ameaça implícita era sempre de que seria expulso de casa definitivamente. Seu julgamento se achava provavelmente distorcido pela sua própria poderosa sensação de que deveria começar a se preparar para sair. Isso ele também me colocou diretamente no início: explicou que estaria em Londres por mais dois anos. Depois esperava voltar para a Dinamarca. Achei que ele estava tentando circunscrever o quantum de ligação que poderia vir a estabelecer comigo, para estruturá-la cuidadosamente desde o começo, de modo que ele fosse capaz de partir. Havia certamente algum problema pelo lado da mãe também; ela talvez estivesse aterrorizada com o fato de ele fumar, pois sentia isso como o primeiro passo em direção às drogas e à adição. Mas, apesar de todas as brigas em casa, havia calor entre





eles; Matthew dava-se conta de não querer magoá-la e de desejar sair de casa de um jeito bom. Bem mais difíceis eram suas relações com o resto da família. Ele sentia-se muito diminuído pelos irmãos, alvo de zombaria por causa de suas idéias, não levado a sério, não tratado como um igual. “As conversas param quando eu entro”, dizia. Via-se como uma criança esquisita, que não sabia expressar-se direito, que roupas usar ou como comer, em alguns níveis ainda a criança pobre recolhida das ruas.

Nos primeiros meses de nosso trabalho, Matthew revelou vários conflitos e confusões importantes de identidade. Ele tinha consciência de algumas dessas questões, e eu farei menção a elas primeiro. O velho tema de se ele era uma criança digna, uma criança de família, com direitos e perspectivas iguais, mantinha-se como uma ferida aberta. Muitas sessões lidaram com seus sentimentos de exclusão e sua tendência a uma interpretação paranóide dos altos e baixos da vida familiar. Pudemos explorar um fracasso seu, de longa data, de se posicionar, devido à extrema ansiedade de rejeição, que sempre o deixava com medo de expressar qualquer raiva e que o levou a um conluio com o tratamento abusivo por parte dos irmãos. Esse conluio autodestrutivo agora lhe causava repulsa. Isso também se ligava ao desempenho acadêmico relativamente fraco.

Os professores sempre se mostravam firmemente confiantes de que ele poderia fazer um trabalho muito melhor, enquanto Matthew oscilava entre uma superioridade intelectual bastante arrogante, grande desespero com o que ele efetivamente realizava e imensos problemas para concentrar-se e pôr-se a trabalhar. Realmente essa foi uma área em que a terapia parece ter feito uma diferença de verdade: ele estava estudando para o Baccalaureat Internacional, parte do plano de continuar sua educação após o colegial na Dinamarca e não na Inglaterra. De fato, ele saiu-se bem (e até melhor que os irmãos) nos exames finais, o que fez uma tremenda diferença para seu sentimento de status dentro da família.

Uma segunda fonte de ansiedade era sua confusão quanto a seu gênero e natureza sexual. Os irmãos o provocavam dizendo que ele devia ser homossexual, já que não tinha namorada, e ele ficava atormentado com isso. Tentava provar sua normalidade arranjando namoradas que pudesse exibir. Ele, então, as mantinha a uma grande distância, quando pareciam ser percebidas como pessoas por seus próprios méritos, mas ou a relação não decolava, ou mergulhava em um relacionamento sexual que parecia não ter nenhum calor ou sentimento pessoal, deixando-o tão solitário como sempre. Pouco a pouco começou a falar de sua atração por rapazes. Ele não podia decidir se queria uma amizade ou uma ligação sexual, ou como essas duas coisas poderiam ser ligadas, mas, à medida que foi ficando menos assustado com descobri-lo, arrumou coragem para explorar o que poderia acontecer. Voltarei mais adiante a esse tema.





Margaret Rustin

Outras preocupações conscientes incluíam suas filiações políticas e a zombaria e desaprovação da família a esse respeito. Veio a definir-se como socialista e filiou-se à seita trotskista, pronto a canalizar suas energias em atividade. Ele certamente vivenciou um sentimento de pertencer ao partido, mas, ao mesmo tempo que apreciava a maneira como sua filiação estruturava as brigas que tinha em casa e o senso de superioridade moral que ela fomentava, ficava aborrecido tanto pela evidência da sua própria falta de esforço consistente quanto pela recorrente consciência de que seu sentimento de solidão parecia pouco atenuado por toda essa atividade. Havia também a questão de a que lugar pertencia geograficamente, Londres ou Dinamarca, e com qual família: a mãe e os irmãos adotivos, ou o pai adotivo e a madrasta, ou os parentes da sua mãe natural com quem mantivera um relacionamento. Pensava bastante em todos esses cenários e ficava muito atrapalhado com as transições de um para outro, coisa que ele me fez experienciar de modo muito vívido, na medida em que todo os seus planos de visitas à Dinamarca eram feitos em cima da hora e suas ausências da terapia não podiam nunca ser pensadas com antecedência. Era, contudo, notável ser ele completamente incapaz de ficar até o final de cada período comigo ou voltar para uma primeira sessão depois de uma interrupção de férias. As viagens para lá e para cá vieram a ser ligadas ao seu senso de não ter uma casa em relação a mim, evocado por quaisquer discontinuidades na terapia. Mensagens sobre suas ausências sempre chegavam depois do evento, se é que vinham. Parecia que, durante anos, a preocupação e incerteza com relação a elos quebrados tinham que ser registradas na minha mente e ficavam fora do alcance de Matthew. Houve oportunidades de abordar isso, na medida em que ele foi-se aproximando de decisões sobre o que fazer quando a escola acabasse. Voltarei a isso também.

Vocês terão notado que ainda não me referi a sentimentos de identidade racial, por não ter sido algo com que estivesse conscientemente preocupado durante muito tempo. Eu, contudo, preocupava-me muito: embora não falasse absolutamente nada a respeito, ou respondesse por palavras a qualquer coisa que eu dissesse sobre esse tema, por um bom período, seu comportamento deixava claro quão crucial era. Por exemplo, envolveu-se com seu grupo político em colar cartazes na área de Notting Hill, com detalhes de reuniões e demonstrações que resultaram em três deles serem presos e levados para a delegacia de polícia. Descreveu os eventos muito assustadores que lá se deram: ser mantido preso por horas, não ter permissão de entrar em contato com a mãe e ameaças e interrogatórios muito intimidantes por parte dos policiais.

Na medida em que eu ouvia o seu relato, que foi feito vagarosamente e com grande detalhe, sem qualquer pista do resultado até que a história se completasse, fui invadida pela ansiedade quanto ao tratamento que recebeu em uma delegacia de po-





lícia onde as relações com a população negra têm sido com frequência muito precárias. Senti medo que ele revelasse maus tratos. Senti também uma justificada revolta pela indignidade e absurdo dos procedimentos e cheia de suspeita de que a acusação (colar cartazes) estava sendo utilizada como desculpa para prender e molestar ativistas negros e elevar as estatísticas de prisões efetuadas pela delegacia. Eu poderia ter sentido isso por minha própria conta ao ouvir a história, mas os sentimentos extremamente intensos em mim despertados fizeram-me suspeitar que eu estava carregando uma carga dupla: minha própria resposta e mais a ansiedade não mencionada de Matthew sobre o tratamento de negros nas delegacias de polícia no meio da noite. Ele não fez nenhuma referência a sua cor ou ao impacto que deve ter ocorrido na delegacia, quando a mãe branca finalmente apareceu na manhã seguinte para levá-lo para casa.

As primeiras indicações de interesse pela própria negritude apareceram um pouco mais tarde, quando decidi que queria trançar o cabelo bastante longo em uma loja em Brixton. Ele brincara muitas vezes com as mechas de cabelo, quando estava no divã, puxando os cachos apertados no seu comprimento máximo e enrolando-os nos dedos, de um jeito muito parecido com o que crianças pequenas frequentemente brincam com os próprios cabelos ou bebês com o cabelo da mãe, mas de modo algum com o modo como os adolescentes, de maneira muito consciente, se arrumam.

Em uma semana, contou-me uma visita que não dera certo para fazer o cabelo: calculou mal a viagem, perdeu-se e chegou tarde demais. Transmitiu a imagem de um menino pequeno perdido e vagando por Brixton, e eu novamente me senti assustada por ele e achei que era muito penoso perceber que não tinha ninguém que o acompanhasse. Quando conseguiu fazer o cabelo, o que ele queria me contar era como tinha doído, quanto custara e em quantas horas o trabalho fora feito. Na verdade sua cabeça ainda lhe doía pelo fato de o cabelo ter sido trançado tão forte. Parecia uma criança a quem tinham infligido um penteado que ela não queria e não um adolescente orgulhoso ou desafiador testando uma identificação rasta.

Foi só em fins do segundo ano de terapia que consegui juntar alguma energia para explorar a diferença racial. Ele tinha continuado a me fornecer evidências da sua importância, por exemplo, entrando para um centro estudantil negro na escola. Mas quaisquer observações exploratórias da minha parte eram postas de lado, havendo uma negação completa de que pudesse ser de algum interesse para ele o fato de que nós dois fôssemos de cor diferente. Eu não conseguia encontrar nenhum caminho para explorar a idéia de que ele pudesse ter sentimentos sobre a diferença na nossa experiência de nós mesmos no mundo com respeito a essa dimensão e me sentia bastante estúpida por trazer à baila tais “irrelevâncias”. Ele, tampouco, nunca deixara claro qual a cor da pele das suas namoradas. No entanto, presumia que eu conhecesse





Margaret Rustin

esses detalhes, mas, quando eu tentava discutir o que significava o fato de ele me deixar no escuro quanto a isso, dava a entender que já me havia contado, o tempo todo descartando o assunto. O meio para despertar seu interesse foi o trabalho artístico ao qual ele se dedicava bastante. Descreveu-me as pinturas e esculturas em que vinha trabalhando e que estavam ligadas à arte africana. Esse desenvolvimento atingiu um clímax, quando me trouxe toda a sua pasta do Baccalaureat para mostrar-me seu projeto em artes, que se centrava no artista Rivera e incluía muitos auto-retratos que chamavam a atenção para as características negras de Matthew. Havia um texto seu eloqüente sobre rostos negros e citações cuidadosamente transcritas em que ele parecia colocar-se numa tradição de artistas negros explorando seus corpos com orgulho, conscientes das imagens denegridas cuja hegemonia eles estavam questionando.

Gostaria de descrever material de sessões dos últimos seis meses de nosso trabalho juntos, que diz respeito a diversos desses temas e também esclarece como era possível trabalhar alguns desses assuntos através de uma reflexão sobre o relacionamento que tivemos um com o outro. Por essa época, depois de dois anos e meio de trabalho, havia uma convicção sobre a relevância das minhas interpretações da transferência. Isso se seguiu a um longo período, durante o qual Matthew parecia absorver intelectualmente os elos que eu fazia para, em seguida, dizer algo com o sentido de “e daí?”, o que, algumas vezes, me fazia sentir que ele precisava que eu dissesse mais do que eu podia dizer, o que me deixava esmagada.

Dessa vez Matthew estava envolvido em testar a sua homossexualidade e muito desejoso de falar sobre isso. Começou uma sessão referindo-se a uma conversa com Robin, um namorado recente que havia subitamente terminado o relacionamento deles. Os dois terminaram sentindo que eram amigos, disse. Não havia, no entanto, sentimento algum na sua voz sem tonalidade. Prosseguiu contando uma relação sexual de apenas uma noite<sup>2</sup>: “Parece que eu não senti nada”. Comentei seu jeito distante de falar sobre acontecimentos que deveriam ter um significado emocional, e ele voltou a Robin, acrescentando que também não sentia nada por ele. O outro queria que o relacionamento recomeçasse, mas Matthew lhe dissera que deveriam ser apenas amigos, ou acabariam odiando-se.

Falou de um jeito glacial e desdenhoso sobre Robin, mas observou que ele, talvez, parecesse cruel, na medida em que Robin estava tão envolvido e tinha declarado que o amava. Na verdade, acrescentou, recentemente duas pessoas lhe haviam dito que nunca haviam experimentado sentimentos tão intensos por alguém quanto

2. *One-night stand* – relação sexual de uma noite só, avulsa, sem compromisso; algo como o ficar da linguagem adolescente atual. (N. do T.)





por ele, coisa que ele não podia compreender de jeito nenhum. Disse-lhe que ele estava nos apresentando a uma parte sua muito fria, que dava a impressão de não ter sentimentos, e que o preocupava o fato de ele não sentir nada, enquanto a outra pessoa sentia tão fortemente. De início Matthew parecia não conseguir acompanhar e perguntou o que eu queria dizer com isso. Esperei, interrogando-me se ele de fato não o compreendia tanto quanto dava a entender; ele, por fim, sugeriu que talvez eu quisesse me referir a uma parte fria do seu caráter, com o que eu concordei. Ajuntou que não era tanto que se sentisse frio, mas que não sentia nada. “Vazio?”, indaguei. “Mm”, respondeu. Falou então mais sobre Robim, que era o gerente de um bar gay, e a transa de uma só noite, dizendo que se sentia um pouco culpado, mas que não havia mágoas de nenhum dos lados, ambos sabiam que seria daquele jeito.

Puxava os cachos, enquanto falava. Eu estava pensando no seu pai natural, talvez a relação sexual de uma noite só, origem da vida de Matthew, e me sentindo muito preocupada quanto aos riscos que ele poderia estar correndo em relação à aids. Em outras palavras, nessas alturas eu estava sentindo muita coisa, ao passo que ele, aparentemente, se mantinha tranqüilo. Acrescentou que isso era como a situação entre ele e a mãe: ela ficava muito chateada e ele parecia não sentir nada. Sugeri que esse tema recorrente de uma pessoa morta para os sentimentos, enquanto a outra se sentia assoberbada talvez tivesse ressonância nele. Perguntou o significado dessa palavra, expliquei-lhe com o termo “eco” e ele concordou. (Havia exemplos ocasionais de ele não compreender certas palavras que eu esperava que fizessem parte do seu vocabulário sofisticado. Penso que eram, provavelmente, termos usados com relação a metáforas e desconfio que eu os tenha escolhido com bastante precisão. Seria essa uma maneira pela qual ele afirmava uma diferença e distância do meu meio cultural?)

Perguntei-lhe se podia me dar um exemplo do que estava pensando sobre ele e a mãe. Depois de um momento, começou a me contar uma história. Alguns meses atrás, Joe, o namorado dela, dera-lhe dez libras para comprar um presente para o dia das mães. Ele também tinha um pouco de dinheiro. Foi ao mercado de Swiss Cottage onde viu uma bolsa – disse isso apontando para uma pasta pesada e bem fora de moda – e sentiu que tinha que comprá-la. Estava pensando em si mesmo como o estudante de história que vai à universidade e que precisa carregar sua história consigo em uma bolsa como essa. Ela custava dez libras. Ele, então, comprou-a com o dinheiro de Joe e mais uma caixinha de bombons para a mãe, com três doces requintados, de gosto forte. (Tenho certeza de que esse episódio nos recorda com facilidade a todos nós a tendência a sentirmos uma mistura de carência e voracidade, quando damos presentes uns aos outros, e a solução muito comum de comprar algo para nós mesmos, para, ao mesmo tempo, diluir esse mal-estar). Quando voltou para casa, contou-o para Joe,







Margaret Rustin

que ficou bravo e exigiu as dez libras de volta. Matthew disse o.k. e, nesse ponto da história, fez uma pausa, quase se contorcendo: “Ah! é embaraçoso quando me lembro do que eu fiz”. Mas continuou: “Peguei o cartão do banco da minha mãe, fui ao caixa eletrônico e tirei o dinheiro para dar a Joe. Quando contei a ela o que eu tinha feito e disse que eu pagaria de volta, houve uma briga tremenda. Ela e Joe ficaram muito aborrecidos e bravos.”

Disse-lhe que alguma coisa importante acontecera, enquanto ele me contava isso, porque ele tinha chegado a sentir algo de modo muito forte no momento em que falara do seu embaraço; assim, não era mais a pessoa que não sentia nada. Reconheceu-o, e, quando estava a ponto de contar outro incidente, acrescentei-lhe que julgava que deveríamos nos deter para pensar sobre o que ele dissera que eu considerava importante. Falei sobre Joe como uma pessoa-pai, que ele achava que o estava ajudando a fazer alguma coisa legal para a mãe e sobre o seu próprio sentimento imperativo de uma necessidade imediata da bolsa, um impulso como a necessidade urgente de um menino muito pequeno por algo, talvez como uma criança querendo doces. Explorei a idéia da bolsa de que ele precisava para conter a sua história como uma referência tanto ao seu próprio passado pessoal quanto ao seu interesse acadêmico. Matthew, então, indagou se o seu plano de estudar história teria o sentido de ajudá-lo a se recuperar da própria história. Respondi-lhe que nós poderíamos explorar juntos essa idéia e falei da reversão ocorrida nesse incidente – ele ganha o presente grande e adulto, mas a mãe ganha os doces. “Como uma menininha,” disse pensativamente. Continuei: “Deve ser duro alguém se sentir como a criança que quer ou precisa de alguma coisa e não tem os recursos. “Ele preferiria ser o adulto que podia evitar tais desapontamentos, comentei. Falou da crença de que os adultos deveriam ser fortes e ter os pés no chão, mas sua experiência era de que muitas vezes eles não o eram e ele se sentia mais crescido do que eles. Falei-lhe que, ao me contar a história, ele percebera que tinha podido encarar seus próprios sentimentos de criança pequena de vergonha pelo seu comportamento, porque me via como um adulto-de-pés-no-chão, que não ficaria cheia de sentimentos desesperados ou muito aborrecida ou brava com ele, ao contrário, seria capaz de conversar sobre a sua parte que era um menininho carente que sentia não ter nada e que não podia agüentar que uma outra pessoa tivesse alguma coisa. Ele juntou que eu queria dizer ciúmes e eu concordei que era um tipo de ciúmes.

Começou, a seguir, a me contar que, na última sexta-feira, preparara o jantar para a mãe e Joe. Primeiro se ocupou das compras, depois fez arroz e berinjela recheada com cenoura e montes de temperos e outras coisas. Saiu-se mesmo muito bem. Era uma refeição vegetariana, mas foi um sucesso de verdade, e ele se sentiu ótimo com isso. Agora há de fazê-lo cada sexta-feira – quer aprender a cozinhar





direito – para eles e quem mais lá estiver. Comentei o fato de que ele falara “mamãe” quase que pela primeira vez, uma ligação calorosa e afetuosa em vez das referências frias e formais a “minha mãe”. Ele expressou intensa surpresa. Sugeri que seu desejo de ser capaz de fazer coisas-de-mamãe, de cozinhar uma refeição de que as pessoas gostassem, que desse prazer, estava ligado com sua mudança, hoje, na sessão - a parte fria dele sendo contrabalançada por uma parte muito mais quente que está se sentindo ligada a uma eu-mamãe que tem esperanças de que ele aprenda coisas, se torne vivo para os sentimentos, se aqueça. De modo um pouco hesitante, perguntou: “É assim que você vê?” Falei que ele estava se indagando se eu tinha sido capaz de manter vivas as esperanças de vê-lo desabrochar com o tempo. Lembrou-se de que, muitas vezes, era chamado de zumbi, dos 14 aos 16 anos, sempre com uma expressão séria, nunca manifestando sentimentos. Ele admirava muito pessoas que pudessem expressar sentimentos, mas achava que havia uma diferença entre “infantil” e “como uma criança”: sua mãe e irmã eram como “criança”, podiam ficar bravas de verdade e rir de verdade, o que ele julgava tão difícil, a coisa “infantil” era trancar todos os seus sentimentos enquanto o melhor seria poder expressá-los. Eu observei-lhe que ele estava feliz de poder encarar sua vergonha de menino pequeno e de encontrar coragem de atravessar a história toda comigo e não a suprimir e que ele se sentia chateado com ele mesmo, porém mais vivo. Ele, então, falou (já era quase hora de encerrarmos) de como tinha sido legal aquela transa que se dera na noite depois daquele jantar; fora tão gostoso. Senti isso como um ataque terrível às suas relações com a família e à nossa intimidade dentro da sessão e lhe disse que ele estava equacionando o bom jantar como uma relação sexual de uma noite só, mas que eu não achava que isso estava bem certo. Parecia-me que o jantar caloroso, esperançoso, estava representando o seu self esperançoso, mais generoso, não vazio, e que o sexo sem sentimento lhe dava um lugar onde pôr sua parte fria e cruel. Isso se ligava ao fim da sessão, que o deixava sentindo-se preocupado de perder contato com seus sentimentos mais vivos. Matthew disse, então, em uma imensa generalização, uma paródia chocante de uma interpretação psicanalítica: “Parece que há uma parte pessimista também em mim”. Assinalei-lhe que a generalização parecia ter tirado a vida do que eu dissera e que eu preferia ficar com a minha descrição como sendo a verdade aonde nós havíamos chegado nesse momento particular. Ele o aceitou.

Essa troca importantíssima foi retomada nas sessões seguintes, na medida em que ele tinha passado a se interessar pela idéia de que lhe faltavam algumas coisas básicas. Deu como exemplos não compreender conceitos matemáticos, não ser capaz de manter relacionamentos, nem de viver seu engajamento político. Talvez a matemática pareça anômala, mas eu a entendia como uma referência às concepções de ligações e relações básicas (somar, subtrair, etc.) com as quais ele não podia lidar. Ele





Margaret Rustin

ligava isso também com sua incapacidade de fazer desenho com modelo vivo. Isso levou-o a falar sobre a linda modelo que deviam desenhar. Falou longamente de como observou sua roupa, a troca de olhares que deram e da sua fascinação e excitação, enquanto a via sair. Nesse momento acrescentou que, claro, existia alguma coisa a mais com um homem, algo extra. Sugeriu que ele estava nos mostrando como se afastava do objeto de seu desejo, atacando sua admiração e interesse por ele, no momento de perdê-lo, na medida em que a moça saía da sala, e, agora, ao nos aproximarmos do fim da sessão e ele vendo-me como alguém que parte. Ficou pensativo e disse: “Isso é muito complexo”.

Material desse tipo deixou claro que seus sentimentos homossexuais eram muito estimulados por qualquer perda da atenção de uma mulher e que a sua excitação com homens tinha o intuito de ser uma reprovação e uma punição a qualquer mulher que o expusesse aos medos de abandono.

Surgiu uma crise no meio do nosso último período de trabalho. Matthew estava terminando um curso básico de artes que havia escolhido para fazer durante um ano depois de deixar o colégio e antes de ir para a universidade para estudar história. Essa fora uma solução realmente criativa para sua típica incerteza diante de escolhas - durante muito tempo se preocupava em não escolher uma matéria às custas das outras e sentir que isso tinha sido uma traição. Tinha, desse modo, conseguido abrir espaço para ambos os entusiasmos. Contudo, estaria deixando Londres em setembro para o curso na universidade, e a terapia iria acabar, na medida em que estaria longe dali. No meio do período, ele começou a falar em partir, assim que o tempo da escola de artes terminasse, seguindo-se a uma semana de férias com o pai na Dinamarca, perdendo, desse modo, o último mês de terapia. Era uma repetição extrema do padrão das faltas anteriores às férias, mas dessa vez estava sendo conversada, e eu pude discutir sua necessidade de ser o primeiro a partir e suas ansiedades de se poderia alguma vez haver um final feliz na sua vida. Foi capaz de escutar e de compreender e declarou, depois de muito trabalho, que ficaria durante o mês de julho. A maneira direta com que anunciou essa mudança mental foi uma mudança tão grande quanto a mudança de plano, pois ela reconhecia diretamente o seguinte: “Alguma coisa aconteceu entre nós na sessão hoje e isso faz diferença.”

Mostrou-me, então, um novo desenvolvimento surpreendente, quando explicou que ele e a irmã estavam encarregados da casa, enquanto a mãe se encontrava de férias. A casa da família é, em parte, usada como um pequeno negócio familiar, um hotelzinho *bed and breakfast*. Têm que limpá-la, fazer café da manhã para todos os hóspedes (até um máximo de 10), e ele cuidar do jardim enquanto a irmã se ocupa das roupas. Não havia dúvida de que ele, agora, se sentia como um membro pleno da família e que estava descrevendo um relacionamento transformado com a irmã, e





pensei o quanto esse trabalho doméstico devia envolver uma cooperação e interdependência bastante complexas. Prosseguiu descrevendo a despedida da mãe e de Joe, que viajavam para a França: ele passou o dia em casa ajudando, e todos jantaram juntos. Teve, então, o cuidado de beijar a mãe três vezes, do jeito dinamarquês, e de beijar Joe. A mãe normalmente gosta de dar dois beijos rápidos e aí sai sem emoção. Joe não costuma nem beijar nem abraçar, tratou-se, portanto, de uma verdadeira iniciativa da parte de Matthew. As ansiedades com relação a deixar a casa e a terminar a terapia seguiram-se a esse momento emocional, no qual ele estava reivindicando seu lugar na família e também compartilhando generosamente comigo a grande mudança que vinha ocorrendo.

Isso foi consolidado na semana seguinte, quando falou de como sentia saudades dos pais, da sua tristeza porque eles não iriam poder vir para a abertura da exposição da escola de artes onde seu trabalho estava exposto e do seu prazer na nova dimensão do relacionamento com a irmã de quem ele agora se sentia muito próximo. Já não era mais a criança de segunda classe, eternamente na beira da família de verdade, cujas crianças “pareciam direitas”. Comentou o relacionamento de dois anos da irmã com um namorado em contraste com a incapacidade dele de fazer qualquer coisa durar, e discutimos a tolerância dela aos altos e baixos em comparação com o jeito dele de tudo ou nada.

Liguei esses estados extremos de alternar envolvimento e completo desinteresse com os seus sentimentos sobre o estado da mãe quando ele era pequeno. Eu estava pensando no provável ciclo de estados associado ao uso de drogas. Ele ficou espantado, mas não se sentiu incrédulo com essa ligação e, quando eu a expliquei mais, ele pareceu fascinado. Isso levou a duas lembranças da infância, um acontecimento muito raro.

A primeira era dele fugindo com a mãe. Ambos encontravam-se na praia com amigos, e a mãe o ensinava a nadar. Era maravilhoso, mas o tempo todo esperavam a polícia, porque supostamente ele deveria estar vivendo com a família adotiva. A polícia derrubou a porta e levou-o de volta. Depois disso ele viu menos a mãe e aí veio para a Inglaterra e a viu ainda menos. Falei-lhe da sua dificuldade de acreditar que se pudesse ter a confiança de que um sentimento maravilhoso de felicidade pudesse perdurar e como essa lembrança nos ajudava a compreender por que se sentia impedido a antes realizar sua fuga; ele tinha sentido muito fortemente que seria melhor não ficar aqui até o final. Matthew respondeu com uma outra lembrança. Ele e a mãe estavam no apartamento de Cory, um dos namorados da mãe, quando Matthew tinha entre dois e três anos. Ela estava provocando Cory, puxando briga, ele sabia disso. A mãe derrubou um copo, Cory ficou bravo, e Matthew lembrou-se de que queria sair da sala, pois sabia que haveria violência. Lembra-se, também, de Cory em cima da





Margaret Rustin

mãe; eles faziam sexo – ela dizia a Cory para ter cuidado, alguma coisa com seu sangue menstrual. Ele, Matthew, estava numa cadeira, tentando virar uma bola, de olhos fechados. Conversamos sobre suas confusões de menino pequeno entre sexo e luta, não sabendo o que era que não queria ver e seu sentimento de não haver ninguém lá, quando ele era pequeno, para perceber sua aflição e seu medo. Sentia que, agora, era importante dividir comigo essas imagens confusas e aterradoras. Bem no final do nosso trabalho conjunto, essas antigas lembranças estavam ganhando vida para ele, porque agora ele tinha a esperança de que chegar perto não precisa misturar-se com raiva e crueldade como ele tão profundamente acreditava.

Na penúltima sessão, Matthew falou de um quadro seu que chamara de “Cortando o cordão umbilical com a família”. Houve muitas associações com isso, mas parecia sugerir também que o cordão podia ser cortado, porque o bebê era viável, estava pronto para viver fora do útero, da família e da terapia. Esse bebê tinha uma família; essa era, claramente, a família adotiva que lhe proporcionava esse sentimento de pertencer a ela. Tendo encontrado sua família, ele podia, agora, abordar a questão de separar-se dela. Essas novas noções de uma capacidade de ligação mais verdadeira foram repetidamente ameaçadas pela parte cínica “e daí?” de Matthew, que saltava toda vez que a separação surgia no horizonte, ficando claro que esse seria um permanente ponto de vulnerabilidade para ele.

Na última sessão, pela primeira vez em três anos, Matthew falou da sua primeira experiência de terapia: “Quando eu estava com a Dra. K, eu tinha uma gaveta de brinquedos só para mim, tintas e outras coisas. Lembro de algumas sessões quando eu só jogava tudo pela sala e no final ela é que tinha que limpar tudo.” Exploramos a maneira como os materiais artísticos, no presente, tornaram-se muito importantes nas suas idéias sobre como vai se manter em contato consigo mesmo, porque sua arte o capacita a expressar as coisas e a separá-las e não simplesmente atirar tudo em volta. Dessa vez ele não me larga, eu fazendo sozinha toda a limpeza da sua bagunça emocional. Mais adiante disse: “Foi diferente com a Dra K. Quando eu parei de vir, foi o caos. Meu pai foi embora, eu estava muito difícil com minha mãe, havia brigas o tempo todo. Mas aí eu voltei aqui, e esses três anos têm sido muito bons.”

Gostaria de fazer alguns comentários para esclarecer o que eu penso que estava acontecendo com o senso de identidade de Matthew ao longo desse período. No plano mais profundo, a identidade baseia-se no padrão interno das nossas identificações, nosso relacionamento com nossos objetos internos em termos psicanalíticos. A terapia ofereceu a Matthew a possibilidade de retrabalhar essas identificações. Isso tornou possível diferentes relacionamentos na sua vida atual em casa e fora de casa. Matthew e todas as crianças adotivas têm a complexidade adicional de que a relação com os pais naturais faz parte do quadro. Ele sentia que fazia parte de duas famílias





muito diferentes. Numa, a família natural, Matthew via a mãe como incapaz de tomar conta dele ou dela e o pai como ou ausente, até mesmo completamente inconsciente da sua existência, ou não confiável por causa da violência com a mãe. Ele havia mantido vínculos com a família natural mais ampla, aqui incluindo seus avós, e esse contato ajudou-o a estabelecer a realidade à qual pertencia. Na outra família, a família adotiva, a mãe era sentida como confiável, mas preferindo seus próprios filhos, e o pai era visto como crítico e como alguém que o abandonava. A maior aproximação com Joe, o namorado da mãe, era evidência externa do crescimento de uma figura paterna interna mais benigna.

A identidade sexual de Matthew foi profundamente influenciada por essas percepções. Seu lado homossexual expressa seu medo de uma heterossexualidade cruel. Ele sempre tivera medo de que o ato sexual levaria a uma gravidez para a qual não estaria preparado e que uma garota poderia aprisioná-lo desse modo com responsabilidades com que ele não poderia arcar. Mas também continha elementos de submissão masoquista que o punham em perigo, e isso se devia a sua identificação com a mãe, que sofrera tantos abusos que ficara viciada neles, através do sexo e das drogas.

Quando nós encerramos o trabalho, o equilíbrio entre as tendências homossexuais e heterossexuais permanecia muito fluido, mas Matthew tinha algum alcance da dinâmica emocional ativada nessas escolhas. Fica claro que o trabalho na terapia se voltava para a elucidação da base dos seus sentimentos sexuais e que o conflito subjacente tinha sido explorado em termos de se a sua aproximação de um parceiro sexual estava baseada em sentimentos amorosos ou de ódio por si mesmo e pela outra pessoa.

O desenvolvimento surpreendente, na última etapa, da sua capacidade para ligações imaginativas, que se contrapunham à parte “e daí?” da sua personalidade, estava ligado à recuperação de lembranças perdidas, permitindo que muitos buracos fossem desse modo preenchidos. Em vez de ter uma mente que deixava as coisas caírem com facilidade, segundo o modelo da mente da mãe estragada pelas drogas, havia uma mente que funcionava bem, que podia juntar e guardar seus pensamentos e lembranças e refletir sobre eles. A melhora no seu funcionamento mental apareceu, de início, no seu trabalho acadêmico e tinha a ver com a resistência à idéia de ser de segunda classe, aquele que tem que fracassar e vivenciar o denegrimento nas mãos dos irmãos bem-sucedidos. Nas últimas sessões, essa nova capacitação para o pensamento ficou associada à experiência emocional. O que se sentia no consultório era que cada um de nós adquirira uma dimensão extra, posto que antes eu muitas vezes me sentira despojada por sua incompreensão do sentido emocional.

Enquanto nos despedíamos, notei que o menino que fora atormentado por não





Margaret Rustin

---

saber o que vestir e tinha experimentado uma dúzia de estilos diferentes de cabelo, parecia confortável nas suas roupas, apresentava um corte de cabelo que lhe caía bem e era um jovem atraente. □

Tradução de **Liana Pinto Chaves, São Paulo**

**Margaret Rustin**

Children and Family Department, Tavistock Clinic  
120, Belsize Lane  
London N.W 3 5BA – England

© Revista de Psicanálise – SPPA





# Comentário sobre o material clínico de Margaret Rustin

*Marlene Silveira Araujo\**, Porto Alegre



---

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

Revista de Psicanálise, Vol. VIII, Nº 1, abril 2001 □ 127







Marlene Silveira Araujo

O material clínico que nos apresenta a Dra. Rustin é riquíssimo e pode ser discutido sob vários ângulos, abrindo um interessante leque que vai, pouco a pouco, se revelando diante de nós, suscitando hipóteses interessantes acerca do psiquismo profundo de Matthew.

O trabalho levanta questões as quais, cada uma, por si só, constitui um desafio para os que trabalham com crianças e adolescentes. Nesta apresentação nos deparamos com adoção, perdas precoces, conflitos com a identidade e a adolescência com suas peculiaridades.

A autora privilegia a luta de seu paciente em busca de sua identidade, destacando que, além de ser essa uma tarefa normal na adolescência, mais complexa se torna para Matthew, por ser uma criança adotiva.

O início de vida de Matthew é impactante. É impressionante sua lembrança quando contava dois anos e meio e quatro anos. Isso nos remete a uma questão muito discutida sobre a participação da criança em situações traumáticas importantes, em estágios precoces do seu desenvolvimento, cujas lembranças permanecem vivas em sua memória, podendo verbalizá-las durante seus tratamentos psicoterápicos.

A solução encontrada nos casos de adoção repousa em razões conscientes que encobrem inúmeros processos emocionais, determinando um interjogo de condutas, quase sempre conflitantes.

Parece que, diante da patologia grave da mãe de Matthew e sua incapacidade de cuidá-lo, entregá-lo a uma família substituta seria o melhor. Essa medida judicial visa a levar a criança a ter uma vida feliz, mas contém, no seu interior, um relacionamento entre duas partes. Uma, em que se ressalta a bondade e a capacidade de doação dos pais adotivos e a outra (do adotado), cuja tarefa é ser grato e poder aproveitar tudo que lhe está sendo oferecido.

Matthew chega aos sete anos e meio com doenças freqüentes, pesadelos terríveis e ansiedade frente à escola. É comovente a luta do menino para recuperar a mãe e sua inconformidade com essa separação.

A dinâmica do funcionamento mental de Matthew é amplamente descrita, e o trabalho psicoterápico aponta bem os objetivos da terapeuta no tratamento. São destacadas, também, as dificuldades contratransferenciais tão comuns nesses casos. Entendo que o foco desse tratamento era adaptá-lo à família adotiva e fazê-lo aceitar as razões pelas quais não podia viver com a mãe.

Concordo com a terapeuta de Matthew que a terapia o ajudou muito, mas, certamente, ele precisaria de mais ajuda. Sabe-se da peculiar configuração do complexo de Édipo em crianças adotadas, o funcionamento do superego e as dificuldades para o estabelecimento das identificações.





Penso que essa terapia e essa terapeuta tiveram um lugar de destaque para Matthew, embora ele não possa dizê-lo. Considero que se formou um vínculo seguro e constante que lhe permitiu voltar (a seu modo), testando a nova terapeuta para recomeçar o tratamento. Considerei muito adequada, como técnica de abordagem, a capacidade de esperar da D<sup>a</sup> Rustin, até que ele estivesse pronto. Matthew buscou, também, um terapeuta-pai, mas aceitou a terapeuta-mãe. Na verdade, penso que isso não era importante, pois Matthew queria alguém que quisesse ficar com ele. Dessa forma, aceita as condições e se compromete a trabalhar. Há também nessa atitude um aspecto de submissão à analista, temendo perdê-la.

Tenho dúvidas sobre a imposição do divã como marcador da diferença do trabalho terapêutico que passaria a fazer. Penso que o divã, como elemento do setting, não faria diferença. Seria como o número de sessões, que deveria ser mais, embora fosse possível apenas uma. Para mim, o que interessava naquele momento era a disponibilidade da analista em querer tratá-lo e a aceitação de Matthew de sua ajuda. Tanto é assim que Matthew mergulha no tratamento retomando o fio condutor em que havia parado. Deparamo-nos, agora, como nos conta a autora, com um adolescente e seus conflitos e uma boa capacidade de observação que lhe permite trazer, nas sessões, seus sentimentos e dificuldades, produto, certamente, do tratamento anterior.

Quanto às questões da identidade, penso que são, como diz a autora, uma importante fonte de ansiedade, e todos os que trabalham com adolescentes nos vemos às voltas com os aspectos homossexuais dos pacientes jovens. Matthew tinha todos os motivos para não se relacionar bem, manter-se isolado e sentir-se excluído. O primeiro tratamento não resolveu esses conflitos.

Matthew tinha perdas importantes e lutos recentes, ainda não elaborados. Gostei da expressão da autora, “ferida aberta”. Ele não tem pai nem mãe. A figura masculina abandona-o duas vezes (o pai biológico e o pai adotivo). A figura feminina desperta-lhe sentimentos ambivalentes de amor e ódio, dando lugar ao aparecimento, certamente, de fantasias incestuosas. O fato de a analista ser do sexo feminino facilita, a meu ver, o surgimento de seus desejos homossexuais. Através da relação transferencial com a terapeuta-mãe, ele se anima a experimentar o amor pelo pai castrador. Um analista homem talvez estimulasse suas fantasias homossexuais de forma mais intensa e até pudesse levá-lo a fugir da terapia pelo pânico homossexual. Olhando por esse ângulo, o fato de não ter sido possível conseguir hora com analista homem tranqüilizou-o, aceitando, então, a terapeuta do sexo feminino.

Considero que a análise das fantasias homossexuais é fundamental em uma análise de adolescente para que, verdadeiramente, estabeleça sua identidade sexual e defina sua escolha objetal. Quase sempre essa é uma tarefa difícil e perigosa pelo





Marlene Silveira Araujo

incremento das atuações, muitas vezes de risco, deixando os terapeutas muito angustiados.

O trabalho de Matthew para abandonar os modelos parentais e chegar a ser ele mesmo é bem descrito pela Dra. Rustin. A partir daí, então, volta-se para sua negritude, enfrenta-se com a discriminação e assume identidade própria. Vê-se claramente o desenvolvimento da transferência, que, apesar da resistência, é trabalhada pela analista.

Não vejo outra forma de tratar Matthew, se não for através da análise, sobretudo analisando a transferência. Pergunto-me se é possível fazê-lo com apenas uma sessão por semana – não fica claro, no relato, se o número de sessões aumentou posteriormente.

Apesar dos muitos e interessantes aspectos que esse caso contém para serem discutidos, não poderei abrangê-los na totalidade, mas quero comentar o final do tratamento, que ainda não me parece ser um término, mas uma interrupção, em função da ida de Matthew para a Dinamarca. Essa é outra questão importante no tratamento dos adolescentes, a escolha profissional. É novamente um período em direção à individuação e requer um reordenamento dos modelos identificatórios.

Penso que Matthew concluiu outra etapa do seu processo analítico. Ele e sua analista realizaram uma trajetória na qual fica evidente o descongelamento afetivo, uma preocupação genuína com os objetos e sua capacidade de reparação.

Matthew parece ter encontrado uma família e poder confiar nos objetos. Interessante o que diz a Dra. Rustin sobre não poder se separar daquilo que não existe. O primeiro tratamento parece ter tido esse objetivo e conseguiu alcançá-lo. Considero-o um tratamento psicoterápico cuja conclusão não buscou uma mudança psíquica, nem resolução de conflitos psíquicos.

É admirável a possibilidade que Matthew tem de se ligar, e isso provavelmente se deve a sua primitiva relação com sua mãe biológica. De fato, Matthew quer ser um estudante de história e ele parece que a vem estudando há muito tempo. Sua escolha profissional é bem adequada a suas necessidades internas de conhecer e reconstruir sua história, buscando sua identidade. Teve a sorte de encontrar quem quisesse ouvi-la e organizá-la. Matthew teve uma mãe que, por ser doente, não pôde cuidá-lo nem ajudá-lo a pensar. Ele teve que renunciar à idealização dessa figura materna, enfrentando o sofrimento e aceitando a realidade. Como sua vida, talvez seu tratamento tenha de ser feito por etapas, à medida que se capacite para pensar e refletir sobre suas lembranças.

Para finalizar, agradeço à Dra. Margaret Rustin pela oportunidade de estudar um caso tão instigante e, sobretudo, porque este material levanta questões relevantes no tratamento de crianças e adolescentes, tais como as seguintes:





- Quem é o nosso paciente? A criança, os pais, ou ambos?
- Indicação de tratamento: psicoterapia ou psicanálise?
- Objetivos do tratamento com crianças.
- Condições de alta num tratamento de crianças e adolescentes.
- Dificuldades contratransferenciais.
- Técnica psicanalítica com adolescentes.
- O que determina o processo analítico desenvolvido pelo paciente:
  - a) o número de sessões?
  - b) o trabalho na transferência?
  - c) a constatação de que está havendo mudança psíquica?

**Marlene Silveira Araujo**

Av. Taquara, 596/301

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

E-mail: beija\_flor@conex.com.br



Atenção montador

a página **132** é branca





# Cinema e Psicanálise

---





Atenção montador  
a página **134** é branca





# Deus e o Diabo na terra dos astros: a psicanálise e os psicanalistas no cinema americano\*

*Paulo Fonseca\*\*, Porto Alegre*



---

\* Os presentes comentários dizem respeito à abordagem cinematográfica da psicanálise e dos psicanalistas como são (en)quadrados no cinema americano. Embora não apresentando uma diferença substancial, o cinema europeu, por exemplo, tem características distintas, que não estão focalizadas aqui.  
\*\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.







Paulo Fonseca

*“... efeitos particulares podem ser induzidos pelo fato de o espectador ser enganado quanto ao real tamanho do que é mostrado”.*

Rudolf Arnheim

*“Chutada nas costelas, a imprensa diz ‘arte’, quando ‘uff’ seria mais apropriado”.*

Pauline Kael

Em termos genéricos, Deus e Diabo são expressões limites para a representação exaltada do bem e do mal, ambas designando valores absolutos, porém complementares em termos de amor e ódio. Na visão psicanalítica, por seus aspectos construtivos e destrutivos, nos remetem à equivalência com as pulsões primárias de vida e de morte. Outrossim, quando os qualificativos diabólico e divino são aplicados a um mesmo objeto, fica evidenciado que a percepção está matizada pelas distorções projetivas do observador, dependendo da angulação afetiva vigente no momento. E com frequência pode ser observado um movimento pendular que classifica hoje como “deus” o “diabo” de amanhã e vice-versa, de acordo com a visão parcial de objetos também parciais com o valor do todo. Até que, quem sabe, se torne possível uma integração e uma conseqüente avaliação mais serena dos fenômenos.

O título que escolhi para o presente artigo parafraseia o do filme de Glauber Rocha, e penso que se justifica, pois o retrato da psicanálise e dos psicanalistas no cinema americano tem seguido, até o momento, esse roteiro e essa ordem de representantes do bem e do mal. A passagem de uma apreciação para a outra tem sido feita de modo nem sempre gradual, mas, nas últimas décadas, com raríssimas exceções, mantém-se estável uma apreciação negativa da profissão e dos profissionais da área.

De início, todavia, cabe uma ressalva: ao longo do texto, refiro-me à psicanálise e aos psicanalistas, quando talvez o melhor seria dizer os psicanalistas e a psicanálise, e, sendo ainda mais preciso, os psicanalistas enquanto no exercício de seu ofício psicanalítico. Isso porque entendo que a psicanálise, desde que introduzida por Freud, vem-se constituindo em uma lente para a visualização do mundo e, nesse sentido, faz parte do entendimento decodificador do século e de suas manifestações e, dentre essas, exponencialmente, o cinema. As noções psicanalíticas estando infiltradas em cada fotograma, em cada enquadramento, em toda a *nuance e*, de forma ineludível, independentemente até da vontade consciente do realizador e mesmo denunciando as motivações secretas que o animam.

Feita a ressalva, passo a um esboço histórico.





## I. 1930/1965 *Let there be light* (Faça-se a luz)

*Mundos em guerra,  
E em noites sem lua,  
O psicanalista em safari*

Em filmes do período anterior à Segunda Guerra Mundial, percebe-se uma abordagem um tanto confusa da psicanálise como tema no cinema americano. A começar pelo aparente (?) desconhecimento quanto ao que precisamente caracterizaria o método analítico. O mais frequente é a psicanálise ser integrante de comédias, nas quais os psicanalistas empregam técnicas de hipnose.

Emblemática desse estado inicial é a comédia musical *Carefree* (Dance comigo), na qual é sublinhada a utilização de gravadores para o registro das sessões, o profissional sempre com uma caderneta para anotações, a presença de um auxiliar de enfermagem paramentado no consultório... até mesmo uma sala com equipamentos para anestesia. O personagem do psicanalista, interpretado por Fred Astaire, explica para a futura paciente que o consciente está na frente, apontando para a testa, enquanto que na região da nuca está o subconsciente – “*como uma selva*”...etc. E, mais adiante, que o importante é alcançar o subconsciente, daí a hipnose, a anestesia e, pasmem, um soco no queixo da paciente!

De qualquer forma, desde o início ficam assinalados alguns pontos fadados a se tornarem recorrentes nas representações fílmicas da psicanálise e dos psicanalistas:

- 1) os psicanalistas fazem anotações ou gravações;
- 2) fumam cachimbo (e vestem casacos de tweed, de preferência com couro nos cotovelos);
- 3) os tratamentos são de curta duração (no filme referido, uma semana);
- 4) caso a dupla paciente-analista seja de sexos diferentes, desenvolve-se um provável relacionamento amoroso; se a analista for mulher, isso vai ocorrer quase que invariavelmente.

Avaliando-se hoje, percebe-se que as versões iniciais apresentam, de forma um tanto ingênua, um temor reverencial pelo poder mágico de influência que a psicanálise teria sobre o comportamento do paciente e suas decisões. Ela é divulgada de forma um tanto ambígua, na medida em que são enfatizados os riscos que estariam assumindo os possíveis pacientes, tanto pelo próprio método, que propõe o adentrar-se por uma território desconhecido (“*como uma selva*”), como pelas implicações de





Paulo Fonseca

sugestionamento e influência por parte dos terapeutas, que tudo registram. (Fica no ar, também, uma certa possibilidade de futuras chantagens... o que virá a ser tema de posteriores filmes policiais, por exemplo, *Whirlpool* – A ladra).

Durante a época da guerra, a psicanálise passa a ser valorizada nos Estados Unidos pelo papel que ela desempenha tanto nas frentes de batalha, ao tratar os casos de fadiga de guerra e neurose traumática (por exemplo, o documentário *Let there be light*, de John Huston), quanto pelo atendimento da população civil, principalmente junto às mulheres, no ambiente das cidades. Profissionais da área dão suporte ao contingente feminino para que, de um lado execute tarefas até então exclusivamente masculinas e, do outro, como esposas, mães, namoradas... expectantes dos soldados no *front*, a eles possam dar um suporte emocional na retaguarda (por exemplo, *Since you went away* – Desde que partiste).

Essa é considerada a época de ouro do cinema americano, com os seus melodramas (os denominados “filmes de mulheres”) dominados por figuras femininas fortes, fálicas (Bette Davis, Joan Crawford). Neles são oferecidos modelos de mulheres desenvoltas, decididas e independentes, podendo enfrentar desafios e exigências de trabalho, mesmo em circunstâncias adversas. Mas não só isso – também elas dispendo de capacidade de renúncia e tolerância. A mentalidade vigente e veiculada de forma estereotipada nos filmes é a de que a realização pessoal da mulher, em termos afetivos, só poderá ser alcançada caso ela renuncie a sua carreira profissional e venha a assumir um papel de subordinação ao homem que ama. A ele e somente a ele cabe a liderança. Essa tese, que já havia sido apresentada em vários filmes anteriores, passa agora também a ser a formulação reiterada pelos personagens dos psicanalistas (por exemplo, *Lady in the dark* – A mulher que não sabia amar). Nesse filme, também, em um tratamento relâmpago, uma bem-sucedida executiva de uma revista de modas designa para chefiar um projeto importante um colega de trabalho que costumava criticá-la por ser dominadora e pelo qual se apaixona. Com isso... alta curada.

A mensagem, em termos esquemáticos, é a seguinte: precisa-se do trabalho das mulheres nas fábricas, devido à evidente escassez de mão-de-obra masculina. E é importante que elas sejam competentes e desenvoltas, para bem desempenharem suas tarefas. Mas tão logo os homens voltem da guerra, elas devem devolver a eles os cargos e funções e recolher-se ao “lar-doce-lar”, para que possam novamente vir a se dedicar aos filhos e às tarefas domésticas... E, ao assim fazer, ficarão satisfeitas e realizadas pelo amor! Lembrem-se: “*Por que querer a lua?... já temos as estrelas!...*”

Essa última é a frase de encerramento romântico do filme *Now, Voyager* (A Estranha Passageira), filme que considero emblemático dessa época. Exemplo clássico em que uma gorducha, hirsuta e mal vestida Bette Davis vive submetida a uma mãe tirânica e experimenta uma metamorfose após um não muito longo tempo de





tratamento com um terapeuta (deduz-se que é um psicanalista). Em poucos minutos de filme, a personagem muda de postura e de personalidade e de manequim e de penteado e de guarda-roupa.; faz por fim um cruzeiro marítimo até Buenos Aires, encontrando na viagem um homem casado com quem vive um caso de amor. É para ele (Paul Henreid) que diz as palavras de renúncia “lua-estrelas” antes referidas.

Imagine-se quantos casos não terão sido carreados aos divãs psicanalíticos com tal propaganda, em 1942! (A propósito, personagens masculinos também por vezes são obrigados a realizar renúncias. Vide a frase “*sempre teremos Paris*”, dita por Bogart, ao despedir-se de sua amada, Ingrid Bergman, que parte com seu marido – o mesmo ator Paul Henreid –, que ao invés de navio, agora vai viajar de avião, com o visto de Rick, de *Casablanca*). Parafraseando, ele poderia dizer: “Por que querer viajar para os States... já temos Paris!...”

Nos primeiros anos após a guerra, ocorre, na sociedade americana, uma intensa valorização da psicanálise, e o cinema passa a divulgar esse fato em uma série de películas, assim, filmes que, ao abordarem os temas de doença mental e de interações psiquiátricas, enfatizam os resultados terapêuticos alcançados com a aplicação de procedimentos compreensivo-dinâmicos introduzidos pela psicanálise (por exemplo, *David and Lisa* – David e Lisa, *The snake pit* – Na cova das serpentes). Já os que focalizam os tratamentos em consultórios mostram técnicas mais aproximadas às reconhecidas como psicanalíticas, descontando as compreensíveis concessões cinematográficas para efeitos dramáticos. O filme mais representativo de tal categoria é *The three faces of Eve* – As três máscaras de Eva, que relata o tratamento de um caso de múltipla personalidade e que tem sua resolução por meio de uma catarse que acompanha o resgate de uma lembrança traumática da infância da paciente.

A psicanálise também se torna um tema recorrente no cinema por seu efeito narrativo, já que o método analítico, no qual alguém fala a outra pessoa sobre seus problemas e seu passado, se presta à utilização dos recursos cinematográficos de *flashback* e outros que propiciam um fluxo seqüencial sem a necessidade, julgada tediosa, de uma voz que narre os acontecimentos. Mas, a esse respeito, pode-se comparar a pálida versão americana do filme *The man who loved women* – Meu problema com as mulheres, de Blake Edwards, com o criativo original francês *L’homme qui aimait les femmes* – O homem que amava as mulheres, dirigido por François Truffaut. Nesse último, o personagem, à medida que datilografa as lembranças de seus relacionamentos com mulheres, fala sozinho, em voz alta. Na versão americana, o personagem, de forma pasteurizada, relata suas lembranças a uma analista. (Acertaram – ele e a terapeuta vêm a ter um envolvimento amoroso, *comme d’habitude*).

Tal recurso narrativo, por sua vez, permite que os personagens/ pacientes possam ser delineados com uma dimensão humana mais abrangente, ao mesmo tempo





Paulo Fonseca

que fica permitida a abordagem cinematográfica de alguns temas ligados à sexualidade e usualmente vetados pela censura.

É a época áurea do denominado *film noir*, que se notabiliza pela qualidade de sua fotografia, privilegiando os contrastes do claro-escuro, e pela utilização, em seus roteiros, de personagens também eles claro-escuros e com um perfil psicológico próximo ao dos pacientes que buscam (ou deveriam buscar) tratamento analítico. Em tais histórias policiais, quando um psicanalista faz parte do roteiro, o mais das vezes ele emprega, de maneira engenhosa, suas capacidades dedutivas para elucidar tramas intrincadas, funcionando como um *double* de detetive. (Isso quando ele próprio não é o inventivo criminoso).

Tais habilidades detetivescas são alardeadas por Hitchcock no filme *Spellbound* (Quando fala o coração). Nele, a psicanalista interpretada por Ingrid Bergman, auxiliada por seu ex-analista, emprega noções clássicas de psicanálise, para interpretar um sonho com imagens surrealistas (executadas por Salvador Dali) e passo a passo vai montando um quebra-cabeças que, ao contrário, salva a cabeça do seu amado (Gregory Peck). É claro, tem um envolvimento amoroso com seu paciente, no percurso. E mais, hoje podemos dizer, o assassino era o psiquiatra diretor da clínica.

Como sempre, o tom dominante, nessa como em outras películas da época, segue sendo o de uma consideração respeitosa pelo psicanalista e sua ciência, e essa abordagem, com pequenas oscilações (como no caso, de um terapeuta assassino) mantém-se até meados dos anos sessenta, quando passa a experimentar modificações importantes.

No esquemático segundo período do esboço histórico, a seguir considerado, torna-se evidente uma mudança significativa quanto à representação da psicanálise e dos psicanalistas, o que penso justificar a utilização do título escolhido para o presente artigo.

## II. 1965/2000 *Let there be darkness* (Faça-se a escuridão)

*Sexo saudável,  
Lua de mel,  
E outras histórias de vampiros.*

Sabemos que uma alteração de abordagem e representação tem vários componentes, e muitos deles são, com frequência, citados como exemplificando uma abrangente reformulação de visão do mundo, configurada pelo advento do pós-modernismo e seus questionamentos. Dentre esses, a valorização crescente das influências





sociais na construção do sujeito e sua trajetória. Nesse enfoque, a psicanálise passa a ser criticada pela valorização, considerada abusiva, que dispensa ao detalhamento do individual e da dupla nos consultórios, abstraídos de um universo dinâmico, com forças múltiplas e intensas, que agem e interagem e moldam respostas a questões por elas próprias formuladas, em um ritmo e com um alcance inimagináveis há bem pouco tempo. Tais novas realidades contrapondo-se às explicações costumeiras, centradas em um conflito muito inicial do ser humano.

Essa crítica passa a colocar em dúvida não só a força e a importância desses primeiros contatos, dos tempos iniciais, na construção do mundo interno do sujeito. Ela transborda, agora, as dúvidas quanto à validade do conceito de mundo interno e passa a questionar a existência e importância do próprio inconsciente.

Um outro elemento, daí decorrente, e que passa a influenciar, de forma ampla, a representação cinematográfica, consiste no surgimento ruidoso de críticas a conceitos teóricos psicanalíticos por suas implicações. Nessas condições, passam ambos, psicanálise e psicanalistas, a serem responsabilizados por coonestar com arranjos culturais de sofridas repercussões para grupos humanos. Por exemplo, a visão da mulher e do feminino, as críticas centradas principalmente no entendimento de que, como são examinadas pela psicanálise, as questões femininas se prestam, muitas vezes, a fornecer um cunho científico a teorias explicativas que vêm justificando a sujeição da mulher ao jugo cultural e historicamente determinado do paternalismo. Assim, a teoria da inveja do pênis, a mulher visualizada como um homem castrado... abalizando todo um movimento histórico de sufocação.

Nesses termos, de revolucionário dos costumes do início do século XX ao longo do tempo, e principalmente nas últimas três décadas, cada vez mais fica registrado e comentado o papel “adaptativo” da psicanálise, sendo ela acusada de estar a serviço do *establishment* e, pois, da manutenção de estruturas sociais e culturais viciadas. Como a religião, a psicanálise passa também a ser atacada por seu papel de acomodação apaziguadora.

Assim, a própria eficiência terapêutica, na abordagem de situações traumáticas, festejada à época da Segunda Guerra e veiculada por filmes e documentários para atrair um grande contingente de adesões aos tratamentos psicanalíticos, passa, agora, a ser encarada por seu enfoque complementar, o outro prato da balança consistindo em enfatizar o efeito readaptativo de tais tratamentos que, primordialmente, visam a uma espécie de reciclagem rápida para possibilitar o retorno do paciente-soldado aos campos de batalha. O psicanalista, sob esse vértice, não sendo mais do que um mecânico especializado para reparar uma peça avariada, a fim de que essa possa ser reintegrada à engrenagem (por exemplo, *Captain Newman, M.D.* – Pavilhão Sete, calcado nas experiências do então psiquiatra Ralph Greenson no tratamen-





Paulo Fonseca

to de casos de fadiga de combate). Digno de nota, no filme, é o reiterado olhar de encantamento e devoção por parte da enfermeira para com o psiquiatra, Gregory Peck, como um aplauso mudo às suas condutas profissionais com os pacientes internados.

No cinema, as expectativas desmedidas são alardeadas, muitas delas através de imagens românticas, que propõem um mundo também romantizado, sublinhado por pungentes músicas de fundo. Como já referi, a própria interação paciente-analista e muito especialmente, se é do sexo feminino, a figura do terapeuta usualmente é retratada, nos filmes americanos, com um envolvimento erotizado. A terapeuta, como uma gueixa, empenha-se para o bem-estar do seu paciente e, assim fazendo, despertando-o para a vida, liberando-o de angústias... para ao final, ela própria, analista, vir a ser “curada” pelo amor do seu paciente. Entendo que tal visão reedita uma fantasia de evidente conotação edípica: ali estão referidos a figura da mãe protetora e disponível e o paciente-filho, dela dependente e a ela solicitando auxílio e orientação ante os problemas que o afligem. Tais problemas, em última análise, podendo ser remontados à figura do pai como clássico representante da realidade que leva à separação.

Penso que tal situação pode ser entendida se levarmos em conta o caráter secreto do que se passa na sala fechada do consultório, como o quarto dos pais, e a curiosidade que isso desperta no excluído, nele acionando desejos de participar da cena primária aí sugerida. Nessa condição, de o paciente homem se encontrar em tratamento com uma analista mulher, repete-se a situação infantil, mas a visão cinematográfica é primordialmente a do sonhador: ele agora vai realizar o sonho edípico e confirmar a crença fantasiosa de que somente ele se constitui no parceiro ideal para um romance de vida que “mais parece um filme”, cheio de emoção, de música ... e “fogo na lareira” em *close up*.

O paciente “curar” equivale a uma castração da analista fálica, poderosa e temida. Assim, a situação de dependência infantil do homem fragilizado ante a figura materna não somente é negada, mas também é deslocada para a mulher terapeuta. O falo restaurador e “curativo” é de posse do paciente e a terapeuta será por ele “curada”. Dessa maneira não fica ameaçada a supremacia masculina, mas, ao contrário, mantém-se assegurada a soberania patriarcal. Isso também explica a preponderância significativa de relatos cinematográficos que encenam deslizes éticos por parte de terapeutas mulheres, fato que as estatísticas não confirmam, em absoluto. Mas, apesar das evidências, a versão cinematográfica mais persistente segue sendo aquela que visualiza a dupla nos consultórios como casais românticos e que, ao assim fazer, confirma o famoso comentário, reconhecido por todo cinéfilo, do personagem analista-didata em “Quando fala o coração” dizendo para sua ex-analisanda, a psicanalista interpretada por Ingrid Bergman: “As mulheres são as melhores psicanalistas. Até



*que se apaixonam, quando, então, tornam-se as melhores pacientes.”*

Mas essa visão um tanto ingênua do “casal cinematográfico” terapeuta-paciente nos últimos anos tem dado lugar a uma distinta elocução e a uma correspondente antagônica leitura. Agora não mais ingênua, mas empregando uma sofisticação travestida de ingenuidade e a serviço de uma ideologia. A construção equivocada que tenta sujeitar a fantasia universal, mobilizada pela situação transferencial, a uma fórmula reducionista, passa a ser utilizada para se constituir em elemento de descrédito da psicanálise como profissão enganosa e veicular a imagem dos psicanalistas como profissionais lúbricos e não confiáveis, exclusivamente interessados em vantagens pecuniárias e em poder. A tese defendida é a de que a psicanálise, em sua essência, é ineficaz e não dispõe de méritos outros que não sejam os que apontam para os conhecidos roteiros do “amor” e do relacionamento sexual.

Mas, mesmo aí, pode ser detectada a decepção dos próprios artesãos da fantasia, quando se deparam com a evolução de tais “romances”, por eles propagandeados como tão atraentes. Apesar dos roteiros, das músicas e dos cenários sedutores, também eles não perduram. Tais duplas “não vivem felizes para sempre...”

É compreensível que, na ótica narrativa empregada pelo cinema, o relato fidedigno de uma análise não seria atraente. John Huston, em sua autobiografia *Um Livro Aberto*, chega a comentar que o fracasso de bilheteria de seu filme *Freud, além da alma*, deve-se muito à falta de um “sexo saudável, do tipo Marilyn Monroe” (que havia sido cogitada para desempenhar o papel de uma paciente-síntese das iniciais de Freud).

No cinema, mas também para alguns não só nos filmes, os resultados valiosos que podem ser obtidos em análises, por suas repercussões na vida do sujeito e em sua órbita de ação (família, relacionamentos e trabalho), passam a ser desconsiderados por não serem o suficiente “cinematográficos”, nem tão instantâneos e dramáticos como as filmadas curas catárticas, em geral seguidas de uma crise de pranto liberador e apoio compassivo por parte do terapeuta. A reiterada formulação cinematográfica, por seus valores dramáticos de narrativa, com o uso de *flashbacks*, movimentos de câmera, etc., fornece um deslindamento da trama como o terceiro movimento de uma sinfonia ou o clímax de uma peça teatral (por exemplo, *Ordinary people* – Gente como a gente, *Good Will Hunting* – O gênio indomável, *The three faces of Eve* – As três máscaras de Eva, *The Prince of Tides* – O Príncipe das marés).

De início, percebe-se serem bem-vindas, aos olhos dos psicanalistas, as expectativas alardeadas pelas imagens dos filmes, propondo a psicanálise como uma panacéia capaz de explicar e solucionar todos os problemas. (Com a exceção, quem sabe, apenas daqueles problemas entendidos como de única e estrita responsabilidade dos próprios pacientes problematizados ...). E a postura arrogante e dogmática







Paulo Fonseca

decorrente dessa visão, advogando um entendimento onipotente e simplificado, por vezes simplista, muitas vezes simplório. (Representativa disso é a cena de *Stardust memories* – Memórias, de Woody Allen, em que o médico, em uma imagem onírica, enfrenta um monstro assassino dizendo: “*Sou um psicanalista – Aqui está meu cachimbo...*”). Tais ridicularizações satíricas prestam-se à desidealização, mas na borda limite do denegramento.

A propósito, com relação aos filmes de monstros, aqui uma curiosidade: alguns analistas pensam que tal gênero cinematográfico pode ser entendido como expressão de ansiedades ligadas à pubescência (assim, os pêlos que surgem pelo corpo – o lobisomem; a eclosão dos impulsos sexuais e agressivos – o médico e o monstro; a menstruação vinculada aos filmes de vampiro). Com esse enfoque, as funções que se contrapõem aos monstros, como “o psicanalista e seu cachimbo”, passam, também elas, a se constituir em expressão de movimentos repressivos que clamam por acomodação social e bom comportamento.

Mas, por mais envaidecedora que possa ser aos profissionais a valorização cinematográfica inicial, essa idealização também se constitui em uma percepção equivocada e distanciada da realidade, não representando uma distorção menor do que a do quadro de desvalorização a seguir apresentado, pintado com tintas sombrias. O que, aliás, está bem de acordo com a noção psicanalítica que entende a idealização como defesa contra angústias de teor persecutório. De forma resumida, podemos entender que a mudança de abordagem da psicanálise e do psicanalista no cinema é um produto multideterminado e que das múltiplas vertentes tanto participam o paciente, suas expectativas e suas decepções, quanto o analista, suas posturas e sua crença de estar de posse de uma visão do mundo e de uma verdade explicativa global dos fenômenos.

Nesse contexto, torna-se então compreensível que o fim da “lua-de-mel” do cinema com a psicanálise e com os psicanalistas decorra da própria passagem do tempo e do que ela propicia, em termos de uma perspectiva de distanciamento que possibilite avaliação crítica: os cerca de vinte e poucos anos (em 1965) passados desde a vigência das expectativas mágicas até os decepcionantes resultados alcançados na terra dos astros e estrelas do cinema.

Registre-se, e isso se constitui em dado de significativa importância, que a clientela ligada ao mundo cinematográfico tem sido apontada como notoriamente constituída de personalidades com traços psicológicos narcisísticos, histéricos, instáveis e exibicionistas e que, tendo como escopo de vida fabricar um mundo de fantasias e irrealidades, acabam vivendo e acreditando nessas irrealidades e se nutrindo dessas fantasias, em uma cultura narcisística que tudo e todos permeia. Ante a decepção com os resultados, é de certa forma natural que, como defesa antidepressiva,





recuem para um funcionamento paranóide e passem a acusar os analistas de tê-los enganado e de estarem eles próprios, terapeutas, enganados. Ao mesmo tempo tal funcionamento também serve à função de depreciação, pela inveja que provoca sua crença persistente no suposto poder mágico do terapeuta ou, usando as palavras de Pauline Kael (2000, p.106), ante a frustração pela “*vida que estavam tão ocupados em sonhar, que jamais viveram*”.

Fredric Jameson, em seu livro *As marcas do visível* (1995), refere que Alfred Hitchcock considera ser uma luta por controle a relação entre autor e espectador. E que o casamento, assim como o assassinato, se constituem em duas metáforas chave dessa relação. E Glenn Gabbard (1999, p.242), por sua vez, cita Woody Allen, que, em 1982, ao comentar seu filme *Memórias* e a relação de amor e ódio entre a audiência e a celebridade, poucos dias após o assassinato de John Lennon, diz o seguinte: “*Isso é o que acontece com as celebridades – um dia as pessoas te amam, no dia seguinte querem te matar. E a celebridade também sente desta maneira para com a platéia... e imagina que o fã fará com ele o que, de fato, ele deseja fazer com o fã. Mas as pessoas não querem escutar sobre isso – isso é uma verdade desagradável para dramatizar*”. Em ambos os comentários está evidenciado o assinalamento das forças interativas de amor e ódio, e sabemos, via situação analítica, onde tais forças estão presentes em *status nascendi*, que, para com elas lidar, são mobilizadas defesas primitivas de teor projetivo, por parte de ambos, paciente e analista, autor e público, celebridades e fãs...

Assim, por exemplo, podemos entender que a análise e o analista, ao serem atacados e desvalorizados nos filmes, sofram um equivalente de castração punitiva, sejam “lobotomizados”, bem como, com frequência, sejam acusados nos filmes, por identificação projetiva, de serem capazes de atos de sadismo e de violentas punições retaliadoras (por exemplo, *Frances, One flew over the cuckoo’s nest* – Um estranho no ninho<sup>1</sup>). Igualmente podemos entender que o analista, em seu consultório, ao estar lidando com celebridades, algumas de renome mundial, possa ficar por elas fascinado e ter acionado o seu próprio narcisismo. E que, assim, o adequado andamento das análises passe a ficar ameaçado ora pelo estabelecimento de conluios de teor narcisista, ora por possíveis ataques invejosos contra os pacientes, por parte do analista, quando esse faz uso indevido da ascendência sobre eles, já que, para as celebridades-pacientes, ele, analista, representa uma criação transferencial idealizada.

1. Embora não descartando a possibilidade de desvios, primordialmente éticos, que pervertem o emprego de recursos terapêuticos como instrumentos para sujeição do paciente, penso que tais casos, felizmente, longe de se constituírem em amostragem significativa, constituem uma lamentável exceção.





Paulo Fonseca

### III. *Tender was the night* – Suave era a noite

*Indicava-se água-com-açúcar,  
Curas eram catárticas  
E havia listas de espera... Lembram?*

A psicanálise tem e sempre teve como um dos seus pólos de atração os problemas pessoais daqueles que a elegem como profissão. E uma das constantes da técnica psicanalítica consiste na proposição de manter, tanto quanto possível, esse anonimato, a pessoa real do analista fora do escrutínio. O cinema, ao apresentar o analista como um profissional competente e capaz de empatia, em geral não examina os aspectos de sua vida pessoal. Nesses termos, fica facilitada uma certa aura de mistério que convida à curiosidade e à idealização. Mas isso não é de estranhar, já que, na vida real, também tem sido aconselhável (e aconselhado) ao analista manter discrição sobre sua vida pessoal; se, por um lado, tais cuidados se destinam a não contaminar o *setting*, por outro favorecem que nele ocorram idealizações por parte dos pacientes.

De certa forma fica assim estabelecida uma convenção cinematográfica: quando o cinema se propõe a apresentar o personagem do analista de uma forma positiva ou favorável, para obter tais resultados, em geral, se restringe às cenas de seu trabalho em consultório ou em hospitais. E quando pretende apontá-lo com problemas (por vezes bem maiores que os dos pacientes aos seus cuidados), em geral enfoca a vida pessoal do analista em ângulos de seu relacionamento familiar. Isso será utilizado para ridicularizá-lo em comédias (*Oh, men! Oh, women!* – Os noivos de minha noiva, *Deconstructing Harry* – Desconstruindo Harry), ou em dramas (*Equus*, *The Cobweb* – Paixões sem freios), apresentando o personagem analista com dificuldades emocionais e interpessoais com tintas carregadas.

Nesse sentido, utilizo o comentário de um personagem do filme *Suave é a noite* (1962). O analista tenta dissuadir seu ex-analisando da intenção de casar com uma paciente internada em sua clínica psiquiátrica de luxo: “*Você não pode ser ambos, amante e psiquiatra, para a mesma mulher. Você não pode ser um guia, um médico, um deus e um marido. Porque, quando ela descobrir que casou com um ser humano, um ser humano falível... choque, desastre... para um ou para outro, ou para ambos*” (citado por Gabbard, 1999, p.93).

Emprego esse comentário no contexto que iniciei a abordar aqui. Mais do que enfocá-lo como um alerta para cuidados éticos, penso que podemos empregá-lo como balizador dos limites de relacionamento do cinema com a psicanálise e com o psicanalista. Mesmo no período chamado por alguns de “época de ouro”, em que a imagem do psicanalista é exaltada (mais ou menos de 1945 a 1965), já se pode observar





em tal aconselhamento, em um filme datado de 1962, que o analista só pode ser idealizado (“um deus”) ou, mais realisticamente, visto como um profissional respeitável (“um guia, um médico”), caso seus problemas não sejam abordados de forma mais detida, para não possibilitar que passe a ser percebido como “um ser humano falível”.

Por mais de uma década, desde a implantação do modismo pós-guerra da idealização da análise e de seu poder de cura de problemas e dos analistas como guias para o encontro da felicidade, o *staff* cinematográfico, em todos os escalões, aproxima-se, esperançoso, dos divãs. Os diretores, roteiristas, produtores, atores, atrizes, cenaristas, músicos, críticos ... e seus familiares.

Como em um grande cassino, fazem-se as apostas: “*Vamos pagar para sermos melhores. Vamos mudar e ser felizes...*” A psicanálise como panacéia e os analistas como guardiões das chaves do reino.

Mas agora, passado algum tempo, instala-se a decepção (“*um choque, um desastre... para um ou para outro... ou para ambos*”), ao se constatar que os prêmios pagos pelo jogo não fazem jus às expectativas e nem mesmo aos valores apostados. Por um lado, porque muitas daquelas patologias não podem ser resolvidas com aquele “jogo” e, por outro, menos ainda daquela forma cinematográfica, tão sedutora e rápida.

Mas, como já assinalado, para isso também muito contribuem os próprios analistas. Já que, como produto dessa época de expectativas ilusórias, em vários aspectos, ao se apresentarem como profissionais disponíveis para o atendimento da clientela cinematográfica, muitos passam a se alimentar do brilho dos artistas que os procuram e ficam fascinados com a proposta cintilante das “estrelas”, do mundo de festas e de adulação. E, em consequência, por estarem inebriados, suas condutas se afastam de critérios e cuidados basilares.

Uma pequena amostragem disso é referida com mais detalhes no livro *Hollywood no divã*, de Stephen Farber e Marc Green (1993): O filme *Spellbound* (Quando fala o coração), dirigido por Hitchcock, é ainda um dos mais marcantes títulos a abordar o tema da psicanálise no cinema americano. O produtor do filme é David O. Selznick e, nos créditos finais, é apontada uma curiosidade: sua analista May Romm é apresentada como consultora psiquiátrica do filme. Após alguns meses, começa a analisar também a esposa de Selznick (Irene) e sua cunhada (Edie), ambas filhas de Louis B. Mayer, da MGM. Após o divórcio de David e Irene, ela passa a analisar, durante alguns anos, a nova esposa dele, a atriz Jennifer Jones. E quando o pai de suas duas pacientes, Irene e Edie, enviuva, tenta cortejá-lo ... mas não obtém sucesso em sua empreitada.

Coincidindo com o afrouxamento dos cuidados técnicos de neutralidade, ocorre



Paulo Fonseca

a passagem relativamente gradual de uma postura respeitosa para com os analistas, retratando sua autoridade e firmeza temperadas com compaixão e um genuíno interesse humano, para uma outra angulação, que apresenta a firmeza e a autoridade como sinais de sadismo e crueldade e o interesse humano como um mero artifício de sedução.

Conforme assinalo no início, tal ocorre em uma época de mudanças de visão de mundo em uma série de aspectos e com variados questionamentos – época do surgimento de movimentos de antipsiquiatria, das reivindicações feministas, protestos contra a guerra do Vietnã, comoção da sociedade americana pelo assassinato de John Kennedy, episódios que abalam a visão romântica do mundo para a qual sempre desempenham um papel significativo as (ir)realidades propostas nos filmes “água-com-açúcar” americanos.

As regras de causa e efeito vistas como singelas e lineares experimentam sofridas ampliações. Sim, seguem existindo correlações, mas os efeitos, agora vistos como produtos de uma causalidade complexa e múltipla, exigem que sejam incluídos nas equações fatores de realidade antes desconsiderados. E a psicanálise passa a ser questionada por essas complexidades de visão do mundo e criticada como ultrapassada e retrógrada. No que diz respeito ao cinema americano, que continua norteado por fórmulas esquemáticas e a usar um enfoque que persiste simplista, tais questionamentos à psicanálise se reduzem apenas a uma mudança de sinal: o objeto (parcial) que era sentido como total e idealizado passa a ser visto como objeto mau, também com características de totalidade, não sendo reconhecido tratar-se ainda de uma visão parcializada e de que estar em foco um dos aspectos não significa que o outro deixe de existir. Dito em outras palavras, o papel do cinema como duplo espelho que por um lado retrata a sociedade, passa a mostrar as críticas que ela faz à psicanálise e aos psicanalistas. Por outro lado, o papel de construtor de imagens influenciadoras da sociedade segue retratando a psicanálise mediante fórmulas e clichês, apenas agora privilegiando a outra face da mesma moeda. Em ambos os reflexos, a psicanálise resulta apresentada de forma desfavorável.

Nessa configuração de duplo espelho, a clientela rica e famosa (e “formadora de opinião”), magoada por terem sido apontados, nos consultórios, e de forma continuada, suas falhas, suas patologias e seus componentes narcisísticos dolorosamente imutáveis, decide autorizar seus desejos de vingança.

Para o ataque, quais suas armas? Os diretores, mediante filmes-denúncia, passarão a “psicanalisar” o outro do citado “choque e desastre”. E os analistas sairão da penumbra protetora da neutralidade opaca e terão seus distúrbios ampliados em tela cinemascópio e, agora, com som estereofônico. Para tanto, contarão “com uma pequena ajuda de meus amigos”, como diz a canção dos Beatles. Assim, no filme de Paul





Mazursky, *Down and out in Beverly Hills* – Um vagabundo na alta roda, o ex-analista na vida real do diretor faz, no filme, o papel de um analista que submete à análise ... o cãozinho de estimação dos personagens.

Do mesmo diretor, em *An unmarried woman* – Uma mulher descasada, a terapeuta da personagem é também uma analista na vida real e interpreta a si própria. Em uma dada cena do filme, ela apresenta sua acompanhante à paciente, em uma atividade social, como sendo a sua namorada... A tese parece ser a de que a homossexualidade “humaniza” o/a profissional.

Os roteiristas, de forma continuada, passarão a se esmerar em seus textos, de forma a apresentar os terapeutas como personagens que merecem ser atacados ou até mortos (por exemplo, *Frances, Dressed to kill* – Vestida para matar), pois assim ficam validados os ataques, sem mobilizar culpas. A música será utilizada para sublinhar caricaturas risíveis ou para enfatizar aspectos sombrios, antes encobertos, e os atores e atrizes emprestarão seus corpos e expressões para ilustrar, progressivamente, mais do que a simples falibilidade humana, antes negada e ocultada.

Em filmes recentes, tem sido enfatizado que o poder curativo e/ou transformador é exercido pelo paciente (por exemplo, *Duet for one* – Sede de amar, *Don Juan de Marco*). Nesses filmes são retratados terapeutas que estão vivenciando um período de crise, com uma caracterizada redução de libido sexual e perda de efetividade clínica, equivalendo à já referida castração da mulher fálica nos casos de terapeuta feminina. Ao longo do tratamento (conta-nos o filme), tais pacientes permitem ao *soi-disant* terapeuta que ele possa recuperar ambas as potencialidades para poder, então, como um rotundo Marlon Brando em *Don Juan de Marco*, sair dançando com a esposa pela praia.

Ou, atingindo um nível de ainda mais desbragada caricatura, o paciente torna-se um terapeuta eficiente, enquanto o analista sai de cena em uma camisa de força... (*What about Bob?* – Nosso querido Bob).

Ainda no que diz respeito às curas catárticas, elas seguem sendo dramatizadas com todos os ingredientes habituais, mas, em uma observação mais detida, tornam-se aparentes algumas diferenças significativas. E utilizo para ilustração dois filmes relativamente recentes: *Ordinary people* – Gente como a gente, de 1980, e *Good Will Hunting* – O Gênio Indomável, de 1997. Em ambos estão assinalados tratamentos de teor analítico. As figuras dos analistas têm características comuns – pessoas simpáticas, informais, com salas de atendimento bagunçadas ... Em ambos, a cura e o conseqüente término do tratamento são alcançados por meio da descoberta do trauma (cinematograficamente único) causador de toda a doença. E, em ambos, tal conscientização libera uma irrupção emocional lacrimosa por parte do paciente, seguida do abraço reassegurador e amigo do psicanalista. Mas no filme mais recente, de 1997,





Paulo Fonseca

está proposta a indagação de quem, da dupla, realmente exerce o “poder curativo”. Nesse filme o psicanalista é mostrado como sofrendo as conseqüências de sua neurose e, ao final do tratamento (do paciente?), as repercussões terapêuticas mais chamativas ocorrem nele, psicanalista. A propósito, a cura catártica é acionada na cena em que o terapeuta repete várias vezes ao paciente: “*não é sua culpa...*”, “*não é sua culpa...*”, “*não é sua culpa...*”.

Tal fato sugere alguns questionamentos: o tratamento como uma absolvição... de que a “cura” está em o paciente não ser ou não se sentir responsável... que as culpas que sente são descabidas... e, nesse caso, a frase reiterada “*não é sua culpa*” poderia ser substituída por “*ocê é (foi) vítima...?*” (No filme *Uma mulher descasada*, a propósito, a referida analista – *doublé* de artista – fazendo papel de analista, em um dado momento, indaga à sua paciente: “*Por que não tira umas férias de suas culpas...?*”)

Nessa situação, o nosso “filme” poderia iniciar com as palavras introdutórias de um dos personagens de *The Truman Show* – Truman, o show da vida: “*Não é uma falsificação. Nada no show é uma falsificação. Apenas é ... algo controlado*”. Ou, como diz Woody Allen, em *Memórias* (1980): “*Você não pode controlar a vida. Só a arte você pode controlar... Arte e masturbação. Duas coisas nas quais sou um expert absoluto*”.

#### IV. *Sunset Boulevard* (Boulevard do Crepúsculo)

*O ódio também tem seu preço:  
Hollywood vestida para matar.  
(E o suspeito segue sendo o mordomo?)*

E o cortejo usual, com raras exceções passa a ser de psicanalistas desonestos, sedutores, corruptos, gananciosos (por exemplo, *That touch of mink* – Carícias de luxo). Nesse filme, o paciente, que é consultor financeiro de uma firma, comenta sobre informações sigilosas que irão provocar altas no mercado de ações. O analista, então, pé ante pé, sai da poltrona sem que o paciente perceba e, por telefone, em uma sala contígua, concretiza aplicações financeiras. Feito isso, volta, cautelosamente para sua poltrona. O paciente nada percebe...

E segue o cortejo: analistas drogados, assassinos. Assim, em *Sisters* – Irmãs diabólicas, o analista se apaixona, digamos “loucamente”, por uma de duas irmãs siamesas e mata uma delas para ficar com a outra... Em *Dressed to kill* – Vestida para Matar, por sua vez, o psicanalista à noite se traveste e assassina uma de suas pacien-





tes pelo fato de ela, durante o dia, ter tentado seduzir seu “lado-homem”. E até canibais! Já que, em *The silence of the lambs* – O silêncio dos inocentes, o notório psicanalista Hannibal Lecter passa a comer (literalmente) seus pacientes e outros desafortunados. Embora essas duas últimas caracterizações, pelo seu exagero caricatural, sejam menos perniciosas, em meu entender, como mensagem antianalítica do que, por exemplo, o filme *Lovesick* – O amor tem seu preço, escrito e dirigido por Marshall Brickmann e que nos cartazes é apresentado como “uma comédia para os incuravelmente românticos”.

Brickmann, nascido no Rio de Janeiro, escreveu com Woody Allen vários textos famosos: *Sleeper* – O Dorminhoco, *Manhattan*, *Manhattan murder mystery* – Misterioso assassinato em Manhattan e o premiado *Annie Hall* – Noivo neurótico, noiva nervosa. Nesse último é contada a clássica piada do paciente que fala ao seu analista que seu irmão está louco, pois pensa ser uma galinha. “*Traga-o aqui*”, diz o médico. Responde o paciente: “*Pensei em trazê-lo, mas... preciso dos ovos.*”

Penso que essa piada diz muito. Por exemplo, informa que a loucura do sujeito só é reconhecida em um outro, embora próximo, como um irmão. Que ele até cogita em trazê-lo para o tratamento, mas desiste, porque, nesse arranjo projetivo de identificações, usufrui de aspectos que, em certo nível, julga vantajosos. Na verdade sabemos que os ovos, na aparência de alimentos, são mentiras-venenos que o entorpecem. Com isso, é mantido prisioneiro de uma parte destrutiva de sua personalidade, de uma estrutura sádica interna que impõe sua tirania sob disfarces e racionalizações que reforçam a exigência maníaca de tiradas cômicas (que, por sua vez, proporcionam aplausos e adulação...) e que sufocam, por um tempo, a depressão e o desespero. “*Nenhum dia se passa sem que eu não considere seriamente a possibilidade de suicídio*”. Essa frase também é de Woody Allen, em 1986, aos cinquenta e um anos de idade, falando ao crítico Roger Ebert e citada em uma biografia recente (Meade, M., 2000, p.35).

Allen, com seu humor “cerebral”, segue realizando sátiras não ofensivas, compondo, a partir de sua longa experiência pessoal com tratamentos analíticos, sua *persona* cinematográfica de um neurótico profissional, que desafia nos filmes suas caricaturais inseguranças, fobias e autodepreciações. Mas que também se mostra capaz de um distanciamento crítico que lhe permite uma visão da psicanálise e dos psicanalistas com um misto de ironia e compaixão pelas falhas humanas. Brickman, no entanto, em *Lovesick*, realiza uma comédia (?) linear, tendenciosa e sem leveza.

Penso valer a pena fazer algumas referências um pouco menos sintéticas ao roteiro desse filme, para ressaltar alguns desses ataques que são contrabandeados sob uma embalagem romântica ... incuravelmente.

Mais do que narrar um envolvimento afetivo e sexual de um analista (Dudley







Moore) com uma jovem paciente (Elizabeth McGovern), situação tão freqüentemente roteirizada nos filmes, que até se tornou um *cliché*, esse relato fílmico apresenta algumas características especiais. Senão, vejamos.

1. Logo no início do filme, o analista fantasia aproximar-se da paciente para beijá-la, em plena entrevista de avaliação. Surge, então, o “espírito” de Freud (interpretado por Alec Guinness), que passa a alertá-lo, como um superego benevolente, sobre a contratransferência.

2. O analista e a paciente mantêm a primeira relação sexual. O “espírito” de Freud senta, volta-se para a câmera e dirige-se à platéia dos cinemas, dizendo: “*É muito simples. Sempre que nós, humanos, passamos a nos sentir melhores que os macacos ou os coelhos ou as águias ... a mãe natureza dá um passo a frente e nos lembra o que realmente somos: animais. E esta é a minha grande lição, aceitem ou não*”. E volta-se para assistir ao coito dos amantes.

3. Com dúvidas quanto à situação ética decorrente de seu envolvimento com a paciente, o analista procura examinar o assunto com seu ex-analista. Deita-se no divã e começa a falar. Mas o didata dorme na poltrona e não o escuta.

4. Em certo momento, o analista discute com a amante, em um bar, suas dúvidas quanto ao seu relacionamento e cita os termos transferência e contratransferência. Nesse *setting*, tais conceitos tornam-se artificiais e inconseqüentes, se comparados com “*a verdade do seu amor*”. Mais adiante, emprega outros jargões ridículos e equivocados, do tipo “*you tem inveja do meu pênis*”, etc.

5. Um dos pacientes do analista, que costuma manter-se em permanente silêncio nas sessões, por três anos deitado no divã, tem sua sessão interrompida pelo telefone que toca. O analista atende e começa a falar ao telefone com sua amante. O paciente, angustiado com a situação, começa a relatar um sonho “edipiano” para atrair a atenção do terapeuta: “*Tive um sonho ontem à noite – estava tendo relações sexuais com minha mãe e meu pai tirava fotografias*”. O analista diz para ele, mecanicamente: “*Um ótimo pensamento para guardar na sua mente*”. E segue falando ao telefone. O paciente, ansioso: “*E aí eu soltei as asas e voei pela sala, como um morcego*”... O analista, terminada a ligação telefônica, volta-se para o paciente com uma expressão compungida e diz: “*Lamento muito, fulano ...*” E a seguir sai correndo em busca de um táxi para encontrar sua amada.

6. Uma outra paciente, depressiva, fala sobre o seu dia a dia sem novidades ... e o analista a interrompe, pede que se sente e olhe para ele e diz que ela está perdendo o seu tempo, que é melhor ela fazer outra coisa ao invés de vir às sessões. A paciente, perplexa, indaga o que poderia fazer. E ele responde: “*Dar uma caminhada ... (e com um sorriso) “ Por que não arrumar um amante?...”*”

7. Ao final do filme, aparece novamente o “espírito” de Freud que indaga ao





analista como esse está-se sentindo. Ante a resposta de que está muito bem, Freud então se despede e diz que vai para o México, nas montanhas. Que lá estão fazendo experiências com substâncias de plantas naturais, remédios, cogumelos, sonhos em grupo, psicoterapias, religião ... tudo isso junto. E que quer se informar melhor, pois achou isso tudo *muito* interessante. E afirma: “*É o futuro!*” O analista lhe pergunta: “*E quanto aos pacientes no divã?*” Freud responde, com uma expressão de certo enfado, voltando-se para o divã: “*Foi apenas um interessante pequeno experimento... É tudo*”. E acrescenta, sério: “*Nunca pretendi mesmo que isso se transformasse numa indústria ...*”. E com esse comentário cáustico, perversamente atribuído ao fundador da psicanálise, o “espírito” de Freud se despede.

8. O analista, então, sai também para encontrar-se com sua amada no parque. E caminham, de mãos dadas, rumo ao horizonte. The end.

(Observação: o diretor do filme declara-se extremamente surpreso ao tomar conhecimento de protestos por parte de sociedades psicanalíticas americanas).

Penso que o importante é assinalar que, empregando amostragens parciais de pequenas cenas, frases, gestos, expressões, é montado, de forma perversa, um painel de figuras não confiáveis que resultem em a psicanálise e os psicanalistas virem a ser descartáveis.

E ao longo de mais de trinta anos, têm sido oferecidas, ao público norte-americano, propostas terapêuticas psicológicas alternativas que se afastam das abordagens freudianas do inconsciente e que mesmo as questionam, na medida em que propõem técnicas de aconselhamento, técnicas grupais, de auto-ajuda ... similares às experiências que o “espírito” de Freud julga interessantes em *Lovesick*. De certa forma, os terapeutas são apresentados como gurus de seitas, atraentes exatamente por proporem gratificações imediatas, autoperdão, um certo misticismo e “curas pelo amor”. Veja-se *Bob, Carol, Ted and Alice*. Esse filme, coincidentemente (?) de Paul Mazursky), traz em suas cenas finais os dois casais do título, sorridentes, deitados aparentemente despidos, numa mesma cama... E depois saem contentes pela rua, ao som da música *What the world needs now is love, sweet love...*, de Burt Bacharach. Sem comentários.

Tais “terapias” são alardeadas como forças liberadoras que se contrapõem à “ortodoxia psicanalítica”, vista como um instrumento castratório de pessoas que ousam questionar as convenções. Nas palavras de Farber e Green (1993:306), “*ao invés de curar o narcisismo, elas, ao contrário, ativamente o encorajam*”. Algo assimilado ao “*eu preciso dos ovos*” de Woody Allen.

Na linha de frente para tais propósitos, têm estado alguns grupos que dispõem de grandes poderes: o econômico e o de criatividade artística (que, no meio cinematográfico, é alegado que possa até suplantar o primeiro). Entre esses, notoriamente,





Paulo Fonseca

os denominados "politicamente corretos" grupo feminista e grupo *gay*.

O grupo feminista, como já foi assinalado, apossou-se do direito revisionista quanto ao entendimento equivocado de uma época, entendimento esse que havia sido pouco questionado nos escritos de Freud. Desde então, vem, de forma enfática e por vezes beligerante, propondo sua "defesa da mulher", mas permitindo também defesas inflamadas de desvios, apresentando-os como normais.

O grupo *gay*, por sua vez, sempre dispôs de enorme influência nos meios teatral e cinematográfico e, após longos anos de uma posição envergonhada que levava muitos de seus componentes a buscarem tratamento com psicanalistas que propunham renúncia à conduta homossexual como condição para a análise, ante a fragilidade dos resultados obtidos, passaram a protestar com os meios à sua disposição.

Os recentes atos de protesto que ocorreram nos Estados Unidos contra a exposição dedicada à vida e à obra de Freud, organizada pela Biblioteca do Congresso, em Washington, D.C., caracterizaram-se pela extremada virulência dos ataques, que quase levaram a cancelamento dos eventos. Desenvolveram-se como um movimento articulado, que os jornais, alguns com certa surpresa, noticiaram ter sido liderado exatamente pelos dois grupos referidos acima. Caso levamos em conta os vários aspectos assinalados no texto, mais do que deixarem de ser surpreendentes, penso que tais protestos, incluindo os cinematográficos, tema do presente artigo, se tornam bastante coerentes e compreensíveis.

E a decepção queixosa que entendemos ainda denunciar um lamento e um anseio pela ilusão, aquela, tão atraente e que parecia tão próxima e possível ..., agora dá lugar a uma dureza implacável que propõe um revide, com um progressivo conteúdo ideológico – a ideologia do "desmascaramento". Como se dissessem: "*Agora não seremos mais nós os pacientes! E os holofotes serão desviados do divã e da voz sem face para focar a poltrona e dar uma face e um corpo ao psicanalista – aquele 'guia, médico, deus'... E vamos vê-lo como sempre foi e vamos mostrá-lo como até agora não o quisemos ver*".

Na verdade, sabemos todos que a psicanálise e os psicanalistas sempre assumiram posições que mobilizam ataques, isso desde Freud, por se disporem à abordagem e investigação de aspectos dos sujeitos por eles considerados sombrios, vergonhosos ou proibidos... As resistências que se opõem à ventilação de tais características mostram-se potencialmente capazes de, por sua vez, acionar nos próprios psicanalistas, conflitos e defesas para evitarem o abalo das crenças ilusórias de teor narcisístico que, em algum nível, estão presentes em todos nós.

Mas, apesar de se constituir em alvo preferencial de críticas e ataques, a psicanálise tem sobrevivido, e acredito que os tremores (e temores) vigentes serão igualmente ultrapassados e que a ciência psicanalítica e os psicanalistas continuarão sua





trajetória de aprendizados, incorporando contribuições de outras áreas do conhecimento, mas se atendo aos seus princípios constitutivos basilares. Nas palavras de Freud (1926), “*a psicanálise, pelo menos, jamais fecha a porta a uma nova verdade*”. Nessa afirmativa, entendo ficar aludido que tais possíveis verdades novas poderão ser imprevisíveis e, com frequência, incômodas. Mas que ao psicanalista são requeridas uma tolerância calcada na busca do entendimento, uma disponibilidade atenta para aprender e humildade para corrigir traçados e refazer trajetórias, quando necessário.

Penso que poderia ficar por aqui.

No entanto, para finalizar e ser fidedigno com a exposição de como a psicanálise vem sendo mostrada no cinema, ocorre-me utilizar, como alegoria, as cenas finais do filme *Sunset Boulevard* – Crepúsculo do Deuses, de Billy Wilder. Esse filme não tem personagens de psicanalistas em seu roteiro. Narra a história de uma estrela do cinema – Norma Desmond (interpretada por Gloria Swanson), que vive reclusa em sua mansão, mantendo o sonho de um retorno improvável às telas. Sonho esse alimentado por cartas de supostos fãs, na verdade escritas por seu atual motorista, mordomo e ex-marido (interpretado por Erich Von Stroheim). Ao final do filme, após ter assassinado o amante, em seu estado delirante, ela imagina que os repórteres com suas câmeras e os policiais que tumultuam sua casa sejam fãs excitados pelo seu retorno triunfal a um *set* de filmagens.

Nesses termos, e com esse quadro em mente, de uma desfocada paródia ao mesmo tempo grotesca e amarga, e valendo-me das cenas de impacto que concluem o filme, proponho ao leitor que sigamos escutando o discurso revanchista:

“Ao contrário do ex-marido que ainda tenta ajudá-la a conservar seu mundo de ilusões, porém ainda mantendo, como ele, uma expressão de tristeza e pena por nós todos, vamos, como Erich Von Stroheims, ao som da trilha sonora de Franz Waxman, empregar os recursos cinematográficos que a ajudaram a crescer, para agora alcançarmos um outro fim – o de desmistificá-la. E, assim, dar início ao Crepúsculo dos Deuses:

Lá vem a Psicanálise/Glória Swanson... Silêncio!  
Para registrar a descida inglória de uma estrela insana ...

LUZES! CÂMERAS! AÇÃO!” □





Paulo Fonseca

## Referências

- ARNHEIM, R. *Film as art*. London: University of California Press, 1984.
- FARBER, S. & GREEN, M. *Hollywood on the couch. A candid look at the overheated love affair between psychiatrists and moviemakers*. New York: William Morrow and Company, Inc. 1993.
- FONSECA, P. O masculino e o feminino no cinema, ontem e hoje. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, vol. V, nº 2 (set.1998) . Porto Alegre: SPPA, 1998, pgs.201-217.
- FREUD, S. Entrevista concedida ao jornalista George Sylvester Viereck em 1926. Tradução de Paulo César Souza, agosto de 2000.
- GABBARD, G.O. & GABBARD, K. *Psyquiatry and the cinema*. London: American Psychiatry Press, Inc. 1999.
- HUSTON, J. *Um livro aberto. (Autobiografia)*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- JAMESON, F. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- KAEL, Pauline. *Criando Kane e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MEADE, M. *The unruly life of Woody Allen. (A Biography)*. New York : Scribner, 2000.

## Referências fílmicas (na ordem de aparecimento no texto, com indicação do Diretor)

- \*Deus e o Diabo na terra do sol (1963) – Glauber Rocha
- Carefree*/Dance comigo (1938) – Marc Sandrich
- Whirlpool*/A Ladra (1949) – Otto Preminger
- Let there be light*/documentário (1943-1945) – John Huston
- Since you went away*/Desde que partiste (1944) – John Cromwell
- Lady in the dark*/A mulher que não sabia amar (1944)-Mitchell Leisen
- Now, Voyager*/A Estranha Passageira (1942) – Irving Rapper
- \**Casablanca*/Casablanca (1942) – Michael Curtiz
- David and Lisa*/David e Lisa (1962) – Frank Perry
- The snake pit*/Na cova das serpentes (1948) – Anatole Litvak
- The three faces of Eve*/As três máscaras de Eva (1957) – Nunnally Johnson
- The man who loved women*/Meu problema com as mulheres (1984) – Blake Edwards
- \**L'homme qui aimait les femmes*/O homem que amava as mulheres (1977) – François Truffaut
- Spellbound*/Quando fala o coração (1945) – Alfred Hitchcock
- Captain Newman, M. D.*/Pavilhão Sete (1963) – David Miller
- Ordinary people*/Gente como a gente (1980) – Robert Redford
- Good Will Hunting*/O gênio indomável (1997) – Gus Van Sant
- The prince of tides*/O príncipe das marés (1991) – Barbra Streisand
- Freud*/Freud, além da alma (1962) – John Huston
- Stardust Memories*/Memórias (1980) – Woody Allen
- Frances*/idem (1982) – Graeme Clifford
- One flew over the cuckoo's nest*/Um estranho no ninho (1975) – Milos Forman
- Tender is the night*/Suave é a noite (1962) – Henry King
- Oh, men! Oh, women!*/Os noivos de minha noiva (1957) – Nunnally Johnson
- Deconstructing Harry*/Desconstruindo Harry (1997) – Woody Allen
- Equus*/idem (1977) – Sidney Lumet





Deus e o Diabo na terra dos astros: a psicanálise e os psicanalistas no cinema americano

*The Cobweb*/Paixões sem freios (1954) – Vincente Minelli  
*Down and out in Beverly Hills*/Um vagabundo na alta roda (1986) – Paul Mazursky  
*An unmarried woman*/Uma mulher descasada (1978) – Paul Mazursky  
*Dressed to kill*/Vestida para matar (1980) – Brian DePalma  
*Duet for one*/Sede de amar (1986) – Andrei Konchalovski  
*Don Juan de Marco*/idem (1995) – Jeremy Leven  
*What about Bob?*/Nosso querido Bob (1991) – Frank Oz  
\**The Truman Show*/Truman, o show da vida (1998) – Peter Weir  
*That touch of mink*/Carícias de luxo (1962) – Delbert Mann  
*Sisters*/Irmãs diabólicas (1973) – Brian DePalma  
*The silence of the lambs*/O silêncio dos inocentes (1990) – Jonathan Demme  
*Lovesick*/O amor tem seu preço (1983) – Marshall Brickman  
\**Sleeper*/Dorminhoco (1973) – Woody Allen  
*Manhattan*/idem (1979) – Woody Allen  
*Manhattan murder mystery*/Misterioso assassinato em Manhattan (1993) – Woody Allen  
*Annie Hall*/Noivo neurótico, noiva nervosa (1977) – Woody Allen  
*Bob, Carol, Ted and Alice*/Bob e Carol, Ted e Alice (1969) – Paul Mazursky  
\**Sunset Boulevard*/Crepúsculo dos Deuses (1950) – Billy Wilder

(Os títulos assinalados com \* não referem psicanálise ou psicanalistas em seus roteiros).

**Paulo Fonseca**

Av. Carlos Gomes, 281/603  
90480-003 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: rsf4206@pro.via-rs.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA



Atenção montador  
a página **158** é branca





# Entrevista

---







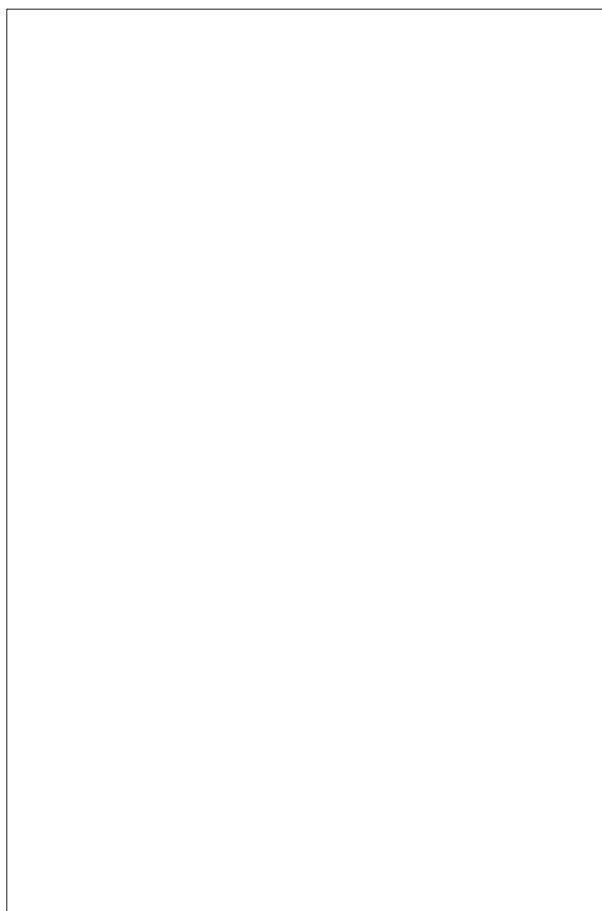
Atenção montador  
a página **160** é branca





# Entrevista com Rómulo Lander\*

*Entrevista concedida aos membros da comissão de redação da Revista de Psicanálise da SPPA, em 07/09/2000, em Gramado, Brasil.\*\**



\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Caracas.

\*\* Presentes: Jussara S. Dal Zot, Viviane Mondrzak, Carmem E. Keidann, Anette B. Luz, Patrícia F. Lago, José Carlos Calich, Paulo Oscar Teitelbaum, Paulo Seganfredo e César L.S. Brito.



RP – *Estamos no dia 07 de setembro, em Gramado, por ocasião do XXIII Congresso da FEPAL, com a presença do Dr. Rômulo Lander, psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica de Caracas, que está conosco para uma entrevista para a Revista da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.*

*É com muito prazer que temos aqui o Dr. Rômulo, que vai nos contar sobre sua trajetória pessoal e algumas questões teóricas de nosso interesse. Começaremos com uma pergunta geral. Tradicionalmente costumamos iniciar dando ao entrevistado a oportunidade de falar sobre sua atividade como psicanalista e, nesse sentido, gostaríamos de ouvi-lo a respeito de como foi a sua formação e quais as principais influências teóricas, psicanalíticas e de outros ramos da ciência e da cultura que o ajudaram a construir seu pensamento psicanalítico.*

RL – Muito obrigado por este convite. Tenho a honra de poder expressar todas estas idéias sobre as quais vamos conversar hoje. A pergunta refere-se à minha formação. A minha formação vem da medicina, o que já é um problema. O médico faz a especialização em psiquiatria, que eu fiz, e da psiquiatria passa à psicanálise. Mas a experiência de ser médico deixa uma marca na formação, na maneira de pensar que o modelo médico imprime para a aproximação ao paciente. E isso é um problema, porque, desse modelo médico, passamos para a formação psiquiátrica, que insiste cada vez mais no diagnóstico fenomenológico das entidades clínicas, na importância do diagnóstico para um tratamento apropriado, etc. Esse caminho para a psicanálise, que é o da maioria até 1985, é um problema. Nós, como médicos, e na formação psicanalítica, temos que, de alguma forma, resgatar-nos desse modelo de pensar, pelo qual há uma doença, que requer um diagnóstico preciso, que originará o tratamento adequado. Sair desse modelo para pensar em outro é um esforço que não precisa ser feito pelos analistas que chegam à formação psicanalítica por outro caminho que não o da escola de medicina. Ao mesmo tempo, a marca da escola de medicina tem seus benefícios, porque faz com que tenhamos uma experiência em primeira mão com a morte, experiência que não a têm as pessoas que vêm da sociologia, da psicologia ou, inclusive, da filosofia. Nós, como médicos, temos uma relação com a morte que ajuda muito na possibilidade de um pensamento abstrato.

Depois da formação médica e psiquiátrica, fiz formação psicanalítica. Em Caracas, onde a fiz, os didatas vinham de Buenos Aires, também de Londres e alguns de Paris. Então, a formação era muito kleiniana, e eu simpatizei muito com as idéias de Klein. Eram os anos 60 e 70, quando o kleinianismo na América Latina era muito forte. Nossa formação é baseada primeiro em Freud, lemos muito Freud durante quatro anos. Para minha surpresa, descobri existirem institutos de psicanálise que lêem





Freud durante um semestre, mais nada! Estudam outros pensadores, mas, Freud, em um semestre. Surpreendo-me, porque Freud é a base de tudo, e nossa formação contém Freud durante quatro anos. Klein é como se fosse uma especialização.

Quando eu terminei a formação, não existia uma biografia de Klein. A de Grosskurth apareceu nos anos 80. Assim, não existia uma biografia, e eu, como candidato, ocupei-me em buscar toda informação que encontrava para tentar entender a vida de Klein. Escrevi um primeiro livrinho que se chamava *La vida y la obra de Klein*, pelo interesse na biografia dela. Esse livro é muito elementar, principalmente para candidatos, pessoas que querem ter uma visão global da sua obra. Posteriormente saíram as outras biografias.

A seguir, passei a Bion, que muda a maneira de pensar, porque Bion é outra coisa. É incrível, é um ar diferente. Foi possível estudar Bion livremente depois de sair do instituto, já como analista egresso, estando fora da dificuldade e do paradoxo que significa a formação, que é livre e não é livre.

Lacan não era conhecido em Caracas. Conheci os seus ensinamentos quando emigraram da Argentina para lá dois ou três analistas que liam Lacan. Estou falando dos anos 1974, 1975 e 1976. Comecei, assim, pouco a pouco, a estudá-lo e, em 1978, ingressei em um grupo de leitura que chamamos Grupo de Estudo de Lacan. Dos membros desse grupo, a metade saiu da Sociedade para unir-se ao movimento lacaniano oficial. Eu não me uni a esse movimento, fiquei na IPA. Isso sempre provocava muitas perguntas sobre o porquê de eu permanecer na IPA e não mudar para a escola que estavam fundando, uma escola nova, sendo tão interessado na obra de Lacan e tão aficionado a ela. Era a primeira escola latino-americana lacaniana oficial, porque, quando ele estava vivo, na América Latina não existia escola de Lacan. Havia núcleos de estudos, mas não filiados a ele estavam os lacano-americanos, que são muito numerosos e muito produtivos.

Foi, então, para Caracas, Diana Ravinovich, que vivia em Buenos Aires e tinha contato pessoal com Lacan, e criou-se a escola lacaniana. Chamava-se “O campo freudiano de Caracas”, a primeira escola em Caracas, mas à qual eu não me uni. Por quê? Eu não me uni e fico na IPA pelo seguinte motivo: entendo que uma coisa é a obra de Lacan, os textos de Lacan, os ensinamentos de Lacan, e outra coisa é a política de Lacan. A política de Lacan dirigida por Miller é uma política muito autoritária, na qual os seminários ministrados por eles são a palavra final, e temos que aprender o conceito tal como disse o texto de Miller. Se tivermos uma idéia diferente, se eu acredito que o pequeno A é um pouco diferente do que ele disse, não existe espaço, quer dizer que não estudei bem, tenho que estudá-lo outra vez para aprender bem a lição. Ou seja: clone. É uma clonagem, e isso não me interessa. Então, encontro mais liberdade para estudar Lacan fora da instituição lacaniana do que dentro, o





que não me parece nada raro. Lacan mesmo disse que as instituições dificultavam a criatividade, porque colocavam uma série de restrições. Assim, eu fico fora e tenho a liberdade de dizer o que quero, de pensar como quiser, mesmo que seja o que chamam disparates e não lhes agrada. Podemos até inventar teorias, porque estamos fora, não seria possível estando dentro.

Quando falo isso, os da escola oficial não concordam comigo, dizem que não, que dentro também podem inventar, podem criar, mas a experiência mostra que não é verdade e que poderiam estar limitados no seu ensinamento. Portanto, tenho o ensinamento de Lacan a partir de grupos de estudos, grupos de leitura fora das instituições lacanianas. O Grupo de Estudos Lacanianos de Caracas traz professores de Paris para dar seminários que ora são abertos, ora são fechados. Algumas vezes é proibido, por escrito, que alguém da IPA assista a eles. E é proibido que lhes vendam os livros e os seminários, devem ser comprados escondidos. Mas, passa o tempo e, em dois ou três anos, muda a política e dizem que sim, os da IPA podem ir. Então, participamos desses seminário que são de três dias: sexta, sábado e domingo. Eu assistia a eles sempre que era permitido e me enriquecia muitíssimo. Mas há temporadas em que são proibidos. O mesmo com os livros: há ocasiões em que podem ser comprados e outras não. Atualmente, de 1995 para cá, é mais fácil, já que os seminários de Lacan foram publicados em outras instituições e são vendidos livremente. Mas são muito difíceis de encontrar, mesmo em livraria, deve-se ir especificamente à escola para comprá-los porque houve um processo jurídico. Lacan, quando morreu, deixou os direitos de publicação de todos seus trabalhos escritos e por escrever para Miller. E Miller entrou com ações em Paris contra todos que publicaram seminários e os recolheu das livrarias. Então, aqueles exemplares que conseguimos hoje têm o cuidado de não informar nada sobre quem os fez, nem onde foram impressos ou quem é o responsável, como se fossem obra de um fantasma. Permitem a leitura, porém. Ou seja, houve uma tentativa de controle dos textos que se reduz progressivamente, pois saem em inglês assim como em espanhol. Mas não é fácil encontrá-los.

Fáceis de encontrar são os textos de analistas que estudaram Lacan e escrevem com seu nome e sobrenome sobre um tema, David Nasio, ou Joël Dor, por exemplo. Os textos de Lacan que podem ser encontrados sobre os escritos são o *Escrito 1*, o *Escrito 2* e os *Seminários oficiais de Miller*, editados pela Paidós. São seis seminários saltados: o 14, o 1, o 2, o 3, o da *Psicose* e o da *Transferência*, que ainda não está em espanhol. Os demais, embora com dificuldades, são encontrados.

RP – *O sr. está se detendo mais no estudo de Lacan. Nessa linha, uma das perguntas que gostaríamos de lhe fazer diz respeito às grandes discussões em relação a Lacan. São frequentemente referidas aquelas relacionadas à técnica, a aspec-*





*tos da técnica. Entre elas citaríamos algumas: a compreensão e manejo da transferência, o tempo diferenciado das sessões e o intelectualismo na formulação das interpretações oferecidas ao paciente. Na sua opinião, tais críticas se justificam?*

RL – São três temas diferentes, todos estão relacionados à técnica, mas diferentes e com muitas controvérsias. O primeiro tema, o da transferência, Lacan dá-lhe muita importância. Existe um seminário de um ano inteiro chamado “A transferência” em que ele propõe seu pensamento sobre a transferência. Segundo ele, tudo na sessão psicanalítica transcorre atravessado pela transferência, o que, no fundo, é freudiano. É uma colocação freudiana, e Lacan a resgata. Ele insiste que a transferência é um fenômeno inconsciente, não é um fenômeno da consciência, não é a reação consciente de simpatia que temos com o outro. A transferência é o início da ação do inconsciente, portanto, um fenômeno do inconsciente; vamos detectar a transferência através de seus efeitos. Às vezes, é necessário revisar a sessão, na supervisão, para podermos detectar os efeitos da transferência. O problema, para Lacan, em relação à transferência, que vem desde os anos 60, está relacionado com um abuso da interpretação transferencial que ocorria nos anos 50 e 60. Havia, pelo menos na América Latina - talvez a Argentina tenha sua explicação de por que isso aconteceu, uma posição segundo a qual o ensino da interpretação da transferência definia, praticamente, a validade do ato analítico. Ou seja, a sessão não é analítica se não é interpretada na transferência. Então, a leitura é que essa sessão é um pouco psicoterápica, porque não se interpreta a transferência. Chega-se a um ponto de abuso em que a qualificação do ato como analítico é dada pela interpretação transferencial. Aí há um excesso e mais ainda quando dizem: “A interpretação transferencial tem que ser aqui e agora comigo”. O que resulta também em um exagero, um abuso. Chega-se ao perigo de banalizar a transferência, todo o tempo trabalhando dessa maneira, e Lacan toma uma posição, pois não concorda com isso. Diz que a transferência está permanente na sessão, mas, quando vamos abordar a transferência? Quando será interpretada a transferência? Ele, aí, volta a ser freudiano, porque Freud dizia que a transferência deve ser interpretada quando se faz obstáculo, quando há resistência. Então, Lacan quer que a transferência seja interpretada fundamentalmente quando há obstáculo, através da resistência, através da angústia. Hoje vemos a necessidade de concentrar o trabalho na transferência, na interpretação da transferência quando há atos excessivos, passagens ao ato ou *acting outs* que são obstáculos ao trabalho. Quando há resistência de determinado tipo, que é obstáculo ao trabalho, então se utiliza a interpretação transferencial.

Muitas vezes foi dito que os lacanianos não interpretam a transferência. Não é correto. Interpretam a transferência. Ocorre que os lacanianos consideram sumamen-





te valioso o instrumento da interpretação da transferência para banalizá-lo. É necessário, então, ter cuidado, usá-la quando for realmente de grande utilidade. Portanto, pode haver sessões que são analíticas, sem que nelas haja interpretação da transferência. Segue sendo uma sessão analítica. Ou seja, a sessão será classificada como analítica não pela interpretação da transferência, mas por outra idéia. Essa outra idéia é a que Lacan propõe: que o ato é analítico quando o analista ocupa um lugar no ato analítico e ocupa uma posição. Seria necessário definir qual é esse lugar e qual é essa posição que irá classificar como analítico o ato. Ele diz, então, que o lugar é o da escuta privilegiada, que é uma escuta em que não existe um preconceito, em que não há um pré-julgamento, uma idéia pré-formada. Isso coincide com o que Freud chamava “atenção flutuante” e com o que Bion chamava “sem memória, sem desejo”, às vezes também “ponto zero”. É a mesma idéia, que o analista deve estar aberto para uma escuta sem pré-julgamento. Esse é o lugar; se uma pessoa em uma sessão ocupa esse lugar de escuta sem pré-julgamento, está ocupando o lugar analítico. Mas tem que ocupar também a posição. A posição é quando o analista intervém, e, quando intervém, tem que intervir de certa forma. A intervenção tem que estar situada dentro do que Lacan chama “um sujeito castrado”, ou seja, o analista ocupa o lugar de sujeito castrado, o que significa que o analista não é possuidor da verdade. Quando escutamos o material e acreditamos que encontramos um sentido, esse sentido que encontramos é uma hipótese, não é a verdade. Então, sugerimos uma proposta aberta. Essa maneira de trabalhar colocando-se como uma pessoa que não tem a certeza, que não tem a convicção de que sua verdade é a que deve ser transmitida, ele a chama de “sujeito castrado”. Essa é a posição. Se o sujeito analista ocupa o lugar e a posição, é ato, é analítico. Portanto, a sessão analítica não é definida pela interpretação da transferência, mas sim pelo lugar na posição.

A outra pergunta é sobre a duração da sessão. Esse é um ponto muito delicado. Para nós, na IPA, uma sessão dura 50 minutos ou 45 minutos, como o modelo francês, mas tem um tempo amplo e é fixo. E é aqui onde está o problema, porque alguém pode perguntar-se qual é o benefício de a sessão ter um tempo fixo. Vamos dizer 50 minutos universais. Por que não deixar o tempo livre? Por que tem que ser fixo, o enquadre de tempo fixo? Lacan introduziu o corte de sessão, quando ele estava trabalhando com pacientes obsessivos. Ele pensava que o paciente obsessivo ritualiza o processo e, ritualizando-o, neutraliza a efetividade do analista. As intervenções do analista pela ordem simbólica passavam a ser sem efeito. Isso é de conhecimento de todos. É verdade, isso ocorre com o obstáculo da estrutura obsessiva, que não dá abertura. Então, ele propunha desordenar, tirar a sacralização que faz o obsessivo, e a única forma era cortando-o, surpreendendo-o, mas não com o simbólico, com a palavra, no que o obsessivo é rei, mas com o ato. Então, com o ato ele parava, interrompia





a sessão do obsessivo e produzia um desconcerto, e nesse desconcerto é onde é possível o trabalho analítico. Mas isso é com o obsessivo e é somente naqueles em que o processo tranca. Isso, porém, se expandiu para aquilo que eles chamam de “la escansión”, a pontuação, introduzir uma pontuação na sessão não com palavras, mas com atos. O ato faz o analista, ao dizer “terminou a sessão”, e põe-lhe um ponto. A isso chamam de “escansión”.

Eles consideram que o problema de conseguir que o analisando descubra algo é um obstáculo muito complicado. Acreditamos na ilusão do analista de que é a interpretação escutada pelo analisando que vai produzir um efeito nele, o efeito de colocá-lo a pensar, o efeito de, talvez, descobrir algo e dali, talvez, produzir novo material e alguma mudança através do efeito da interpretação. Isso é o que mais ou menos nós queremos.

Mas ele disse que desatar, colocar para funcionar o pensamento do novo no analisando não se dá somente através da interpretação, que muitas vezes se faz sem efeito. Então, a pessoa vai produzindo seu material, o analista entende o que vai acontecendo, encontra um sentido e tem a opção de interpretar ou de cortar a sessão, produzindo o que eles chamam uma divisão subjetiva no analisando. O analisando fica surpreso, não entende por que cortaram a sessão, fica em falta, muitas vezes chateado e pensando: “Bom, será que eu disse alguma coisa? Será que aconteceu alguma coisa?” e começa a descobrir.

Os lacanianos pensam que esse método tem uma eficácia maior do que a eficácia que tem o simbólico. Mas eu acredito que esse método, principalmente nos últimos dez anos, foi sendo exagerado. Antes, o corte era a qualquer momento da sessão, não se sabia se aconteceria aos 5, ou aos 50 ou aos 70 minutos, porque não existe um tempo fixo. Resulta que, nos últimos anos, a sessão não dura mais que 15 minutos. Ou seja, não é um corte da sessão, é uma sessão curta, que é outra coisa, uma sessão de 15 minutos. E hoje existe a chamada sessão ultracurta, que é de 2, 3 minutos. Poderia existir uma sessão grande, supostamente, porque existe uma abertura do foco. Mas, o que é curioso é que os pacientes estão esperando 15 minutos, e os horários são marcados de 15 em 15 minutos, ou seja, é sessão curta.

Eles colocam que sim, que existe um corte de sessão, que existe a sessão curta e que existe a ultracurta, dependendo de como será o trabalho. Conheço dois analisandos que utilizaram a sessão ultracurta, e eu lhes pergunto, com meu espanto, que utilidade tem 2 minutos, 3 minutos. São pessoas que estiveram em análise muitos anos, com diferentes analistas e estão em reanálise, são analistas e encontram uma exposição muito exata, uma intervenção e um corte. Disseram-me que o acham útil, sim, mas eu não faço esse trabalho.

Eu trabalho com pacientes normais, não são unicamente candidatos. Não te-







nho o consultório cheio de candidatos, não é o nosso estilo na Sociedade, limitamos o número de candidatos a dois por analista. Por quê? Para que tenhamos uma experiência aberta e o didata não tenha toda a clientela de candidatos, evitando os conchavos, o controle do poder, evitando danos ao didata. Tudo isso é protegido com o limite de 2 candidatos por analista. Os restantes, no meu consultório, são pessoas que necessitam de ajuda.

Eu penso que o modelo dos 50 minutos, no qual ambos estamos submetidos à mesma regulamentação de tempo, no qual não existe uma arbitrariedade da minha parte de decidir quando vou cortar, permite poder ler as projeções com muito mais facilidade. Estamos combinados, ambos, que são 50 minutos. É como uma limpeza do campo, para o meu estilo de trabalho. Assim, não utilizo o corte. Acredito que, para utilizá-lo com sentido e utilidade, necessitaria de uma experiência subjetiva. Ou seja, teria que me analisar outra vez. Eu me analisei três vezes, mas teria necessidade de uma quarta com corte, para ver como o corte funcionaria comigo, então poderia usá-lo. Mas eu não fiz isso, eu não o uso.

*RP – Poderíamos pensar que as preocupações que tinha Lacan são muito parecidas com as de Bion, inclusive com os cortes. Não os cortes de tempo, mas sim o câmbio de vértices. A mudança de vértice seria o equivalente ao corte de tempo, sem ser autoritário e interromper uma sessão. São preocupações semelhantes para não ficar caricata a interpretação da transferência e para se evitar a mesmice, as sessões repetidas, iguais e sem surpresa. O sr. conheceu Lacan pessoalmente?*

RL – Sim, tive a oportunidade de conhecê-lo, já muito velho, quando ele fez o último seminário, em Caracas. Eu, infelizmente, não falo francês e, quando o conheci, ele tinha 80 anos, estava doente. Ele permaneceu doente durante os últimos três anos de sua vida, com dano cerebral, arteriosclerose muito grave. Quando chegou em Caracas, estava inteiro ainda, mas o seminário que apresentou foi de duas páginas, e teve que lê-lo muito acompanhado e muito protegido. Faleceu no ano seguinte. Foi em julho e morreu em setembro. Assim, não conheci Lacan sadio e combativo, mas um homem de 80 anos, já doente.

Com relação a Bion, um comentário. Eu encontro muitas semelhanças, inclusive na terceira parte da pergunta técnica sobre o intelectualismo e isso dos vértices. Bion também se preocupava muito com a sugestão, com o poder de sugestão que dá a transferência. A transferência outorga ao analista um poder, e qualquer coisa que digamos tem um poder, uma força de sugestão muito grande. Então, nas construções, existe o perigo de que sejam construções para influenciar na opinião. Bion via muitos problemas nisso e insistia na brevidade, em demonstrar um vértice e, a partir dali,





que o analisando trabalhasse. Lacan também. A questão da intelectualização, ou do excessivo hermetismo da interpretação, depende muito da personalidade do analista. Existem analistas lacanianos que são muito breves e herméticos, da mesma forma que alguns analistas bionianos que conheci e que são tão breves que caem dentro da categoria do budismo: com uma palavra dizem tudo, dizem tubarão e já está. Tubarão é um peixe, é um peixe perigoso, tubarão pode ser uma equipe de futebol, pode ser uma bandeira, e ficamos pensando. Produz um estímulo, às vezes com muitos sentidos, mas isso é muito próprio da característica da personalidade do analista. Existem outros bionianos que não são tão budistas. São um pouco mais amplos, sem ser excessiva a sua intervenção, mas têm interesse de que seja transmitido qual é o vértice. Os lacanianos do mesmo modo. Existem alguns muito breves, que vão pelo lado da gramática, da lingüística e encontram a semelhança entre uma letra e outra e deixam isso aí. E existem outros que não levam por esse lado, que são breves, muito pontuais, mas têm uma idéia para transmitir. Depende, portanto, não tanto de uma teoria laciana ou bioniana, mas de como o analista, com sua personalidade, veicula a teoria.

RP – *Para retomar a questão do corte, o sr. acha que, dentro da técnica que habitualmente utilizamos, o silêncio do analista também possuiria uma equivalência, de uma outra maneira, com o corte da sessão?*

RL – Penso que sim. O silêncio tem uma lógica, o momento da escuta, no qual o analista ocupa esse lugar de escuta privilegiada. É um momento de silêncio. Mas me refiro a um outro momento de silêncio, que é quando o material está sendo produzido e há um ponto de angústia, em que o analisando espera que digamos o que ele quer, ou espera, ou acredita que vamos dizer. Nesse momento é quando temos a opção. O silêncio, nesse momento, tem uma função. Pode ser uma função de corte, porque deixa o analisando em perplexidade. O analista também pode dizer algo, mas dizer algo quando o analisando não espera, algo que o surpreenda. Nesse momento, o analisando perguntará: “O que você diz”? Ele sabe que foi surpreendido, foi dito algo quando não esperava e que, então, o faz pensar. Temos que agüentar a angústia, sustentar a angústia do analisando.

RP – *Estes seriam cortes funcionais da sessão, que não implicariam necessariamente na passagem ao ato do analista, que pode ser visto como um acting de cortar.*

RL – Efetivamente, um ato funcional, não um ato temporal, não no tempo de sessão.





RP – *Dr. Rômulo, gostaríamos de especificar um pouco mais. Estamos falando de técnica. Gostaríamos de saber, de tudo o que o sr. estudou de Lacan, o que encontrou e pessoalmente utiliza no seu trabalho clínico diário, do ponto de vista técnico. O sr. se considera um analista lacaniano?*

RL – Muitas vezes, quando apresento trabalhos que têm um título ou uma síntese, um resumo como “A teoria do desejo”, “O significante” ou “A lógica do outro”, me dizem: “Então este trabalho é lacaniano”, ou “Você é lacaniano”. Não sou lacaniano, porque não pertenço às organizações lacanianas. Eu sou estudioso da obra de Lacan, sou interessado na obra de Lacan, mas não sou lacaniano. Sou um analista da IPA.

A IPA exige dos seus membros uma orientação em relação à técnica, principalmente na formação dos institutos. Existe uma regulamentação que, se somos analistas da IPA, estamos obrigados a respeitar. Ao menos dentro da instituição de formação, não é assim na clínica particular. No consultório, cada analista vai exercer seu ato analítico como ele acha que deve ser, tem toda a liberdade de fazê-lo. Mas no instituto, quando vai ensinar ou transmitir a psicanálise, se for da IPA, tem que fazer quatro sessões, tem que haver um respeito ao enquadre, não pode haver cortes, etc. Portanto, quando me perguntam se sou lacaniano, respondo que não, sou um estudioso da obra de Lacan.

O estudo de Lacan não é inofensivo, é como o de Bion. Aquele que estuda Bion não fica assim como quem leu qualquer coisa. O estudo da obra de Lacan, assim como o estudo da obra de Bion, produz efeitos naquele que a estuda. Ocorrem mudanças na maneira de ver o fenômeno humano, de ver o fenômeno analítico, a prática analítica. Quanto à pergunta sobre que efeitos podemos ver na prática, por exemplo, na utilização da interpretação, seu conceito, se considerarmos a interpretação como um dos instrumentos fundamentais da nossa prática, quando lemos Lacan, ficamos atravessados por um ensinamento. Percebemos, então, que a interpretação pode ser submetida a um questionamento, por exemplo, quem interpreta? É o analista que interpreta ou é o analisando? Essa pergunta serve para três ou quatro meses de trabalho de discussão, porque é a primeira aproximação. Dizemos que aquele que interpreta é o analista. É nosso instrumento de trabalho, e decidimos esse momento no qual vamos interpretar. Decidimos o que será interpretado. Portanto, aquele que interpreta é o analista. Mas é como tudo, meia verdade. Só meia verdade, porque o argumento contrário também é válido: que não é possível que nós, como analistas, acreditemos que a interpretação vem de nós, porque nós pronunciamos e sai dos lábios do analista a interpretação. Aquilo, porém, que o analisando escuta e processa não é o mesmo que dissemos. Portanto, se perguntamos ao analisando o que ouviu,





ele diz outra coisa. Então, essa é a interpretação, não aquela que fizemos. Essa é a minha, é para mim, e posso contá-la para outra pessoa: interpretei isso. Mas o analisando vai construir outra interpretação. Então, podemos dizer o contrário, podemos dizer que a interpretação surge, não é pronunciada, mas surge na psique do analisando. Essa interpretação que surge na psique do analisando faz efeitos no analisando. Mas, depois, quando vem o emergente, quando vem aquilo que será dito após ter ouvido ou ter construído sua própria interpretação, esse produzirá efeitos no analista. Podemos dizer que teremos efeitos da interpretação que foi construída no analisando. Esse tipo de formas de entender um instrumento de trabalho tão elementar, tão diário como a interpretação, surge como consequência dos questionamentos que faz Lacan. Também os faz Bion, embora Bion menos na técnica e mais na teoria.

*RP – Então, como o sr. mesmo disse, sofre uma influência permanente do seu estudo de Lacan durante seu trabalho. Todo o estudo de Lacan está em processo, está sempre sendo utilizado. Existe algum tipo de princípio técnico em especial que aproveita da obra de Lacan, o sr. aplica algo específico, ou trata-se mais do modelo de funcionamento da mente?*

*RL – A pergunta é difícil, tenho que pensar um pouco, elaborar falando. Lacan diz que o psicanalista precisa de interlocutores, porque sempre estamos muito calados na sessão. Mas o nosso trabalho precisa ser feito com interlocutores e isso em grupos de estudo, o tempo todo. Ele os chamava de cartéis e tinha toda uma lógica dos cartéis.*

Inicialmente eu diria que não lembro, não acredito que haja algum preceito técnico especial que venha dos ensinamentos de Lacan. O único é o mesmo que apresenta Freud pelo qual, nós como analistas temos que despojar-nos de todo preconceito, de toda espécie de juízo moral frente a uma situação, deixá-lo do lado de fora para podermos entrar em sessão e ouvirmos o material com certo estado de inocência. Mas isso não é Lacan, isso é Freud. A outra coisa é a forma de intervenção, de como intervimos, que depende muito da personalidade. Às vezes meus pacientes acham que sou muito exagerado, me dizem isso e é verdade. Mas é um estilo, e eles se acostumaram a que exista um pouco de exagero. Falo pouco, escuto mais, principalmente nas patologias narcisistas. Esse é um ponto muito importante. Houve uma mudança em mim. Antes eu pensava que, na prática, não importava o diagnóstico psicopatológico psicanalítico e que a oferta de escuta e de intervenção era igual, fosse com uma pessoa neurótica ou com uma pessoa com uma patologia narcisista mais grave. Pensava que tudo dependia da história pessoal, mas que não havia uma diferença fundamental se a pessoa tinha a patologia de um tipo ou de outro. Eu traba-





lhava mais ou menos assim.

Após muitos anos e depois de ler muito Lacan, estou de acordo que isso não é possível. Existem patologias nas quais, pelo diagnóstico psicopatológico, já sabemos que devemos evitar determinadas coisas, porque não serão suportadas, e deve-se trabalhar somente com outros aspectos. Por exemplo, se trabalhamos com um neurótico: o que é um neurótico? Não iremos definir o neurótico pela sintomatologia, mas pela estrutura. Então, qual é a estrutura do neurótico? Não vamos entrar nisso, mas supondo que exista uma estrutura neurótica em sessão, que usa fundamentalmente a repressão, neste caso, o trabalho analítico pode ser mais *standard*, no sentido de que alguém escuta o material e faz uma marcação muito clara dos elementos que existem. Mesmo que sejam elementos de violência, repressão, ódio, morte, ataque, isso pode ser sentido, e a pessoa entende e trabalha. Mas, às vezes, temos uma estrutura aparentemente neurótica, ou uma estrutura, vamos dizer, psicótica sem clínica, porém, com uma sintomatologia que compense a estrutura psicótica (nós a chamamos de sintomatologia *grapa*<sup>1</sup>: sem o sintoma, desmorona-se). Em alguns casos com angústias muito primitivas, relações de objeto muito instáveis, não temos certeza se a estrutura é psicótica ou neurótica, porque a aparência é igual. Então, é necessário tomar cuidado ao intervir com a interpretação onde existem conteúdos de violência, agressão, destruição, porque pode produzir um efeito que se chamava antes *reversão da perspectiva*. Ou seja, em uma pessoa muito interessada e muito colaboradora no processo, ocorre uma mudança, transformando-se em uma pessoa intolerante, agressiva, violenta, com a qual não temos espaço para dizer nada, porque qualquer coisa é tomada como um ataque. Devemos ter cautela, em função de diferença estrutural, nessas estruturas que têm um aspecto de patologias narcisistas, um aspecto, uma fachada, mas que são, no fundo, estruturas psicóticas. Se a estrutura é psicótica, é muito mais útil a simples escuta, o “holding”, agüentar, agüentar e ouvir, de forma que a própria pessoa ouvindo-se, e tendo um “holding”, se beneficie mais do que com a tentativa de apontar-lhe coisas que vão relevar elementos que produzirão uma desordem. Muitas vezes, o diagnóstico tarda meses, e quando o percebemos é porque já está instalada a reversão da perspectiva. Isso no aspecto dos efeitos na técnica.

RP – *Com sua passagem por Melanie Klein, Bion e depois Lacan, talvez o sr. possa nos ajudar muito. Temos um percurso mais ou menos semelhante, passamos por Freud, Klein, e todos estão familiarizados com Bion também, mas não com Lacan. O sr. poderia dar-nos uma visão panorâmica, ou seja, o que em Lacan lhe chama a atenção que não é encontrado na teoria kleiniana ou bioniana?*

1. Grampo, peça de metal que serve para ligar duas coisas. (N. da R.T.)





RL – A pergunta é muito difícil. Lacan dizia que era freudiano, e todo seu ensinamento está fundamentado em Freud, encontramos nele citações textuais de Freud. Lacan é freudiano, portanto. Pergunta: Lacan é kleiniano? Ele dizia que a obra de Klein, que ele conhecia, estava reunida, organizada, ordenada no eixo imaginário, e que se relacionava ou se referia a esse período inicial da constituição do sujeito, na relação mãe e filho. Todas as contribuições kleinianas estão nesse eixo de contribuição. Os lacanianos atuais são violentamente anti-Klein, Lacan não. Se Winnicott ia à casa de Lacan quando viajava de Londres a Paris, Klein não fazia isso, não se socializava, não viajava, estava muito perseguida, muito machucada, então a protegiam. Era muito protegida, porque a machucavam. Winnicott não, tinha liberdade e não se sentia machucado. Os lacanianos pós Lacan são muito violentos em uma posição anti-Klein. Por quê? O que ouvi não se refere à teoria de Klein, refere-se à prática dos pós-kleinianos. São muito centrados em um clichê do seio. Após 1960, na apresentação de trabalhos, de casos clínicos e do que os analisados kleinianos e pós-kleinianos falam das interpretações do analista kleiniano, tudo é seio, seio bom, seio mau, a inveja do seio. Esse tipo de interpretação enfurece os lacanianos de hoje. Então, existe como que uma confrontação entre os lacanianos e os kleinianos, na medida em que os pós-kleinianos praticam a interpretação de uma maneira muito concreta. Eles têm um argumento que eu compreendo. Dizem que assim como Bion utiliza a metáfora, de maneira restrita, para evitar a sugestão e para evitar a construção por uma metáfora muito breve, eles também usam a metáfora do seio. É válido. Mas o que se escuta dos pacientes, ou dos analisados, é que estão inconformes, que às vezes não entendem que tudo se reduza a uma relação boa ou a uma relação má, ou a uma relação de inveja com o seio que gratifica, o seio que frustra, etc. É no que encontrei maior violência nas confrontações. Mas a teoria kleiniana, a que é encontrada nos seus 52 escritos, os escritos de Klein, não tem problema. São escritos que contribuem para a compreensão do desenvolvimento inicial da psique no eixo imaginário.

Com Bion é diferente. Bion e Lacan nunca se encontraram, não tiveram encontros pessoais, e a obra de Bion é pouco citada por Lacan. Mas a obra de Bion tem muita semelhança com a de Lacan na sua forma de trabalho, em seus vértices e nas suas metáforas. A pergunta colocava, porém, o que existe de diferente. A formulação dos *matema* e das apresentações matemáticas não os diferencia, porque Bion tinha muita simpatia por conseguir a fração matemática, por exemplo, na grade, para ordenar o material de sessão. Portanto nisso não existe muita diferença. O único é que são idéias diferentes. Mas estão baseadas na orientação matemática gráfica, *matemas*, etc. Portanto, somente se encontra diferença, é o que penso, no conteúdo das idéias. Bion morreu de maneira precoce. Quanto a Lacan, seguiu produzindo até 1978, e as suas produções estão relacionadas com outros temas diferentes dos de Bion, mesmo





quando existe uma semelhança no último tema que Lacan trabalhou. Ele trabalhou, no final de sua vida, a ordem do real e do absoluto. Bion também trabalhou o “O” como um objeto enigmático que coincide com o real, mas parece que Lacan é mais frutífero. Existem mais páginas, mais idéias. Os pós-lacanianos, devemos admitir, seguem gerando novas idéias. Lacan terminou, e isto é novo, há o pós-laciano. Miller é um homem, do ponto de vista de sua capacidade, criativo, muito criativo e muito produtivo. É impressionante como a cada ano produz novas idéias. Não é fácil ser produtivo em psicanálise; o que fazemos é tentar entender o que outros disseram e tentar entender e apresentá-lo de outra maneira. Mas não existe nada novo, idéias inéditas. Excetuando-se Klein, Bion e Lacan, todos os outros, sinto muito, somos o que chamam de beneficiados dos que conseguiram novidade. Winnicott muito pouco, ele alimenta-se muito de Klein e um pouco de Bion. O que acontece é que Winnicott tem uma linguagem mais poética, mais novelística, algo de maternal que tem muito atrativo, *appeal*, mas as idéias de Winnicott, o continente contido e a *rêverie*, são Bion. O processo de introjeção/projeção e a capacidade da mãe de continência, o “holding”, tudo isso é Klein e Bion.

Mas, quando vejo os textos de Miller, eu compro esses livros, leio-os e fico muito surpreso. Não sou seu amigo, parece-me um homem muito difícil, porém, isso não elimina que ele seja um pensador. É impressionante, há idéias muito, muito boas. Como pode inventar tanto? Eu respondo, para minha tranquilidade e para dormir em paz, que Miller vem da filosofia, ele não vem da escola de medicina.

*RP – O sr. abordou a evolução do pensamento laciano e também a evolução do pensamento kleiniano y bioniano. Existe alguma possibilidade de encontro entre essas evoluções das escolas? Há uma possibilidade de integração entre o pensamento pós-laciano e entre o pensamento pós-freudiano, pós-bioniano, no sentido mais amplo? O sr. acha que rumam para um encontro, ou está havendo uma tendência a que as escolas se distanciem? Gostaríamos de saber qual é a sua idéia, já que o sr. conhece as duas grandes escolas, o que não é comum.*

RL – Eu penso que a possível conjugação vai ocorrer, ou pode ocorrer, na psique de cada analista. Cada analista vai pegar um pouco daqui e dali e fará sua fusão. Por exemplo, eu tenho muita simpatia, como vimos, por diferentes pensadores. Entretanto, as escolas entre si, sua produção é independente. Por exemplo, não é possível que os lacianos trabalhem com os bionianos. Não, não é possível, eles têm linhas de produção diferentes. Nós, os consumidores, podemos pegar de cada um, é isso que eu penso.

Creio que um dos temas muito delicados é o tema da pesquisa em psicanálise.





A pesquisa é uma forma de enriquecimento, mas se apresenta no mundo da consciência. Então, como iremos beneficiar os analistas com muitas e grandes pesquisas, já que trabalhamos mais o inconsciente? Que utilidade têm? Portanto apresenta-se como um dilema e, às vezes, como um conflito. Os franceses da IPA, por exemplo, são contra e estão muito em desacordo que se favoreça ou se invista dinheiro da IPA em pesquisas, porque consideram que isso não é psicanálise. Por outro lado, uma parte muito importante da IPA, os norte-americanos e alguns alemães e ingleses, pelo contrário, pensam que da pesquisa irá surgir um futuro. São posições diferentes que eu diria que chocam, chega a haver crise.

Minha posição é que a proposta estrutural não pode estar divorciada da proposta fenomenológica, do que é a clínica fenomenológica. São propostas diferentes, mas que se alimentam uma da outra. A proposta estrutural surge do observável, do fenomenológico. As pesquisas que caem dentro do campo do fenomenológico podem oferecer informação que necessitará uma maneira de ser entendida. O entendimento da idéia que resulte da pesquisa há de requerer uma proposta estrutural que dê conta dos resultados da pesquisa. Não acredito que se possa pensar em um dos dois, numa posição de escolha. Penso que são complementares. Acredito que existe espaço para que os pesquisadores se enriqueçam com o que propõem os estruturalistas, e que os estruturalistas se enriqueçam com evidências da fenomenologia trazidas pela pesquisa. Portanto, eu não vejo o *clash*<sup>2</sup>. Minha maneira de entender o *clash* político dos interesses franceses, dos interesses de outros grupos, é que está relacionado com o tempo que lhe é dado nas plenárias, se as plenárias são mais de pesquisa ou são mais de estruturalismo, de propostas estruturalistas francesas. Se houvesse uma forma de equilibrá-lo, não estariam brigando tanto.

RP – Dr. Rômulo, foi uma satisfação ouvi-lo e é lamentável que a entrevista seja tão curta. Realmente poderíamos ficar conversando por muito tempo, mas vamos ter que fazer um corte. Queremos agradecer-lhe muito em nome da Revista e pedir-lhe uma permissão formal para que possamos publicar essa entrevista e, na eventualidade de fazermos uma publicação, um livro de entrevistas, que essa possa fazer parte desse livro.

RL – Obrigado a vocês e parabênizo a Revista por ter esse espaço que permite entrevistar diferentes tipos de pessoas, nesta oportunidade dentro do encontro da FEPAL. É algo que pensei, inclusive, ou considereei quando estava em Barcelona. Eu levei uma espécie de proposta de que se utilizasse o Congresso Internacional para

2. Conflito ou colisão. (N. da R.T.)







Entrevista com Rômulo Lander

---

entrevistas que pudessem ser transmitidas por satélite a todas as outras sociedades. Então, une-se um pouco o Congresso com os que não vieram. E também entrevistas mais breves sobre diferentes pessoas que fizeram uma conferência, ou com duas pessoas que debateram algo, por dez minutos. Assim vamos tentando. Nos assustamos porque acreditamos que o satélite custa muito dinheiro, mas a transmissão não é cara e a festa se paga com tickets. Vendem-se 50 cadeiras e com isso se paga a recepção.

Muito obrigado, foram muito amáveis em passar este tempo comigo e os parabéns novamente por esta abertura. □

Transcrição e tradução de **Sonia Kahl – Traduzca**

Revisão técnica de **Carmem E. Keidann, Magali Fischer e Patrícia F. Lago**

© Revista de Psicanálise – SPPA





## **Normas Gerais de Publicação de Trabalhos\*** **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**

---

1. Os artigos publicados na *Revista de Psicanálise da SPPA* devem ajustar-se ao que se segue:

- a. O artigo deve ser inédito (excetuam-se trabalhos publicados em anais de Congressos, Simpósios, Mesas Redondas ou Boletins de circulação interna de Sociedades Psicanalíticas locais), quanto a publicações científicas de porte.
- b. O artigo não pode infringir nenhuma norma ética e todos os esforços devem ser feitos de modo a proteger a identidade dos pacientes mencionados em relatos clínicos.
- c. O artigo deve respeitar as normas que regem os direitos autorais.
- d. O artigo não deve conter nenhum material que possa ser considerado ofensivo ou difamatório.
- e. O autor deve estar ciente de que, ao publicar o artigo na *Revista de Psicanálise da SPPA*, ele estará transferindo automaticamente o "copyright" para essa, salvo as exceções previstas pela lei, isto é, fica vedada sua reprodução, ainda que parcial, sem a devida autorização da *Revista*.
- f. O artigo não deve estar sendo encaminhado simultaneamente para outra publicação sem o conhecimento explícito e confirmação por escrito do Editor. A *Revista* normalmente não colocará obstáculos à divulgação do artigo em outra publicação, desde que informada previamente. Quaisquer violações dessas regras, que impliquem em ações legais, serão de responsabilidade exclusiva do autor.
- g. Os conceitos emitidos são da inteira responsabilidade do autor.

2. Os originais deverão obedecer às seguintes exigências mínimas:

- a. Serão entregues, em quatro cópias e disquete, à Editoria da *Revista*, cujo endereço é o da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre – Rua General Andrade Neves, 14, 8º andar, conj. 802A – 90010-210 - Porto Alegre - RS.

---

\* Baseada nas normas e recomendações do *International Journal of Psychoanalysis* e da *Revista Brasileira de Psicanálise*.





b. O artigo deverá adequar-se às dimensões deste tipo de publicação. Sugere-se, que, sem comprometer a clareza do texto, sua extensão não ultrapasse as 20 páginas datilografadas, em espaço duplo, em papel formato ofício. Tabelas, gráficos, desenhos e outras ilustrações sob forma de cópias fotográficas devem ser enviadas em duplicatas de tamanho adequado. O conteúdo total de ilustrações não deverá exceder  $\frac{1}{4}$  do espaço ocupado pelo artigo; as ilustrações em excesso, se aprovadas, terão seu custo indenizado pelo autor, que será previamente informado.

Solicitamos que os artigos sejam entregues em disquete, observando-se o seguinte: os arquivos devem ser gerados no *Word for Windows* ou formato texto (\*.TXT), com a identificação do autor e título do trabalho.

c. Os trabalhos deverão conter, em sua estrutura: Título, Resumo em português e inglês e Referências. A forma de apresentação da discussão dos conteúdos ficará a critério do autor.

d. O resumo deverá ter em torno de 150 palavras e ser capaz de comunicar, ao leitor em potencial, os pontos principais que o autor deseja expressar.

e. O nome do autor deve constar no canto esquerdo, logo abaixo do título, esse indicando a que Sociedade ou Grupo de Estudos pertence, com o correspondente "status".

f. O endereço do autor deverá ser mencionado após as Referências.

3. As Referências deverão incluir os trabalhos estritamente relevantes e necessários, sem se acumular, desnecessariamente, vasta bibliografia. As referências, no decorrer do texto, serão dadas citando-se o nome do autor seguido do ano de publicação entre parênteses, como, por exemplo, Freud (1918) ou (Freud, 1918). Se dois co-autores são citados, os dois nomes deverão ser mencionados, por exemplo Marty & de M'Uzan (1963) ou (Marty & de M'Uzan, 1963). Se houver mais de dois autores, a referência no texto indicará o primeiro, por exemplo: Rodrigues et al. (1983) ou (Rodrigues et al., 1983).

A referência completa das obras citadas figurará na lista das Referências, colocada no final do artigo, lista essa que deverá corresponder exatamente às obras citadas, sem referências suplementares. Os autores serão mencionados em ordem alfabética e suas obras pela ordem cronológica da publicação. (Para as obras de Freud, as datas correspondentes são indicadas entre parênteses na *Standard Edition*). Se vári-





as obras foram publicadas no mesmo ano, deve-se acrescentar à data de publicação as letras a, b, c, etc.

Quando um autor é citado individualmente e também como co-autor, serão citadas antes as obras em que ele é o único autor, seguidas das publicações em que ele é co-autor.

Os nomes dos autores não serão repetidos, mas indicados por um traço.

Os títulos dos livros e das revistas serão grifados, sendo que as palavras mais significativas serão escritas com a primeira letra maiúscula, o lugar da publicação e o nome do Editor serão igualmente indicados. Se uma referência é dada a partir de outra edição que não a original, a data da edição utilizada deverá figurar no final da referência.

Nos títulos dos artigos (e igualmente nas obras de Freud) somente a primeira palavra figurará em letra maiúscula. O título do artigo será seguido da abreviação grifada do título da revista, do número do volume e dos números da primeira e da última página. Para as abreviações dos títulos das revistas, poder-se-ão consultar os números anteriores ou, no caso de dúvida, citar o nome por extenso.

Nos exemplos seguintes, podem-se observar a utilização das letras maiúsculas, a pontuação, os dados e sua ordem de apresentação:

- BOWLBY, J. (1963). *Attachment and Loss*, Volume 1. New York: Basic Books.
- \_\_\_\_\_ (1979). Psychoanalysis as art and science. *Int. Rev. Psychoanal.*, 6: 3-14.
- FREUD, S. (1905). Three essays on the theory of sexuality. *E.S.B.* 7.
- \_\_\_\_\_ (1914). Narcisismo: Uma introdução. *E.S.B.* vol. 14, Rio de Janeiro: Imago.
- HOLZMAN, P. S & GARDNER, R. W. (1960). Levelling and repression. *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 59: 151-155.
- KHAN, M. M. R. (1960). Regression and integration in the analytic setting. In : *The Privacy of the Self*. London: Hogarth Press, 1974, p. 136-167.
- \_\_\_\_\_ (1967). From selectiveness to shared living. In: *The Human Dimension in Psychoanalytic Practice*, ed. K. A. Frank. New York: Grune & Stratton, p. 115-122.
- SUTHERLAND, J. D. ed. (1958). *Psycho-Analysis and Contemporary Thought*. London: Hogarth Press.
- WALLERSTEIN, R. S. (1972). The future of psychoanalytic education. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 21: 591-606.





(Foram propositalmente utilizados os exemplos mencionados no *International Journal of Psycho-Analysis* com o objetivo de apresentar as Referências brasileiras padronizadas de acordo com as normas internacionalmente aceitas.)

**Citações literais:** Quando se tratar de citações literais, além de checá-las cuidadosamente quanto à sua fidedignidade, indicar o número da página de onde foram retiradas. As *inserções* que forem feitas no texto original serão indicadas dentro de ( ), como, por exemplo: “ele (Freud) sugeriu que...”. Itálicos no original serão assinalados, sublinhando-se as palavras no texto datilografado. Ênfase adicional, no texto, também será indicada por sublinhado da parte em questão, acrescentando-se “grifos meus”, entre ( ), no final da citação. Usar reticências para indicar omissões no texto citado, por exemplo: “considerou-se... que assim foi o caso”.

**Nota:** O autor que desejar obter separatas de seu artigo publicado deverá, na ocasião em que for informado oficialmente pela *Revista* que seu artigo será publicado, informar à Secretaria da *Revista*. Essa obterá, da gráfica, um orçamento para sua confecção que será submetido ao autor para aprovação.

## Procedimentos de avaliação

- Todo artigo entregue para publicação será avaliado através de critérios padronizados por, pelo menos, três membros do Comitê Científico da *Revista de Psicanálise da SPPA*.
- O nome do avaliador será mantido sob rigoroso sigilo pela *Revista*, recomendando-se que o mesmo procedimento seja adotado pelo próprio avaliador.
- Sendo o artigo recomendado pela maioria dos avaliadores, será considerado, em princípio, aprovado para publicação. A decisão final quanto à data de sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

Artigos que não forem publicados num período de (6) seis meses, a partir da data de sua aprovação, serão oferecidos de volta ao seu autor, para que esse tenha a liberdade de submetê-lo a uma outra publicação.





# Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Pedidos de assinatura:

Encaminhar este cupom para a secretaria da

## **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802-A

90010-210 – Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 224-3340

Valor da assinatura: R\$ 45,00 – Vol. I/1994  
R\$ 45,00 – Vol. II/1995  
R\$ 55,00 – Vol. III/1996  
R\$ 60,00 – Vol. IV/1997  
R\$ 60,00 – Vol. V/1998  
R\$ 60,00 – Vol. VI/1999  
R\$ 60,00 – Vol. VII/2000  
R\$ 60,00 – Vol. VIII/2001  
R\$ 20,00 – Número avulso

NOME .....

ENDEREÇO .....

CEP..... CIDADE..... TELEFONE .....

(Cheque cruzado, nominal à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre ou, se o preferir, solicite o envio de um DOC para pagamento bancário).

